31 de Março de 1916 ⊱⊰ E. U. do Brasil ⊱⊰ E. de S. Paulo ⊱⊰ N.º 42

REVISTA

— do —

Centro de Sciencias, Letras e Artes

— de —

CAMPINAS

ORGAM TRIMESTRAL DO INSTITUTO

Redactor-gerente: ***Alberto Faria***

ANNO XV — FASC. I

Summario

I — *Esboços de biographia e critica:* VI, Graça Aranha	Mario de Alencar
II — *Sete annos de pastor...*	João Ribeiro
III — *O patriota errado*	A. Amoroso Lima
IV — *A moderna concepção da materia*	Annibal Freitas
V — *Versos antigos: A Humanidade*	Ruy Barbosa
VI — *Guerra aos homens*	Afranio Peixoto
VII — *Amor descoberto*	Alberto Faria
VIII — *Aspectos d'antanho*	A. d'Escragnolle Taunay
IX — *Epistola*	Amadeu Amaral
X — *Pesquisas documentaes* (início da instrucção publica official em Campinas)	
XI — Noticiario.	

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao CENTRO DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES.

CAMPINAS — Rua da Conceição — CAIXA, 76.

1916
TYP. DA CASA GENOUD
CAMPINAS

THE UNIVERSITY

OF ILLINOIS

LIBRARY

056
CEN
v.15

056
CEN
v.15

ANNO XV. CAMPINAS, — Est. de S. Paulo — Brasil. N. 42

REVISTA DO CENTRO DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

(ORGAM TRIMESTRAL)

O CENTRO não se responsabiliza pelas opiniões de seus collaboradores, concedendo-lhes toda a liberdade.

Esta revista, orgam do CENTRO DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES, é assignada na séde social, em **Campinas,** á rua da Conceição. Caixa Postal, 76.

DIRECTORIA

Presidente — **dr. Carlos Stevenson**
Vice-Presidente — **dr. Julio de Arruda**
Secretario Geral — **Erasmo Braga**
1.º Secretario — **Annibal Freitas**
2.º » — **Henrique Serra**
Thesoureiro — **João Nogueira Ferraz**
Orador — **dr. Antão de Moraes**

31 de Março de 1916

Assignatura annual . . . 5$000
Numero avulso . . . . . 2$000

Annuncio de 1 pagina . . 8$000
" " ½ " . . 5$000
" " ¼ " . . 3$000

REDACTOR-GERENTE — **ALBERTO FARIA**

Commissões auxiliares

DE MATHEMATICA E ASTRONOMIA

Drs. José Augusto Quirino dos Santos, Antonio Rodrigues Alves Pereira e Mariano Montisanti.

DE ENGENHARIA

Drs. Francisco Paes Leme de Monlevade, Manoel da Rosa Martins e Horacio Antonio Costa.

DE PHYSICA E CHIMICA

Prof.or Annibal Freitas, Drs. Guilherme Bolliger e Eugenio Decourt

DE ZOOLOGIA E BOTANICA

Prof.or Paulo Decourt, Adolpho Hempel e Dr. José Barbosa de Barros.

DE AGRICULTURA E ZOOTECHNIA

Dr. Candido Ferreira de Camargo, Joaquim Egydio de Sousa Aranha e João Franco de Andrade.

DE GEOGRAPHIA, HISTORIA E DEMOGRAPHIA

Prof.es Jorge Nogueira Ferraz, Floriano P. de Azevedo Marques e dr. Alfredo Monteiro de Carvalho e Silva.

DE SCIENCIAS MEDICAS

Drs. Francisco Betim Paes Leme, Celso da Silveira Rezende e Antonio de Arruda Camargo.

DE SCIENCIAS SOCIAES E ECONOMICAS

Drs. Heitor Teixeira Penteado, Everardo Toledo Bandeira de Mello e Victor Brenneisen.

DE SCIENCIAS JURIDICAS

Drs. Antonio Alvares Lobo, Servilio de Abreu Soares e Omar Simões Magro.

DE LITERATURA

Dr. Thomaz Alves Filho, Alberto Faria e Benedicto Octavio.

DE PHILOLOGIA

Alberto Faria e prof.es Basilio de Magalhães e dr. Ernesto Kuhlmann.

DE ARTE

Dr. Joaquim Alvaro de Sousa Camargo, Octavio Netto e Ruy Martins Ferreira.

DE BIBLIOTHECA E MUSEU

Dr. Salustiano Penteado, Erasmo Braga e Henrique Serra.

DE JUSTIÇA, LEGISLAÇÃO E CONTAS

Dr. Tito Joaquim de Lemos, Gustavo Robbe e Ernesto de Sousa Lima.

DE SYNDICANCIA

Comm. Jeronymo de Campos Freire, Antão de Paula Sousa e Paulo Decourt.

DE ESCRIPTURAÇÃO TECHNICA

Felix da Cunha, Oscar de Paula e Adalberto de Oliveira Maia.

503907

PROGRAMME

Cette Société d'encouragement pour la culture des Sciences, des Belles Lettres et des Arts, fondée à Campinas, après avoir fait appel à tous les esprits éclairés du Brésil, a été inaugurée le 31 Octobre 1901.

Le programme qu'elle prétend suivre est le suivant:

I — Encourager, chez ses associés, l'étude et le développement des branches ci-dessus indiquées, en réservant ses soins spéciaux aux sciences naturelles.

II — Développer le goût de l'étude, de l'idiome portugais et de la littérature, traditions, *folklore* (légendes) et poésies nationâles.

III — Étudier l'Art au Brésil, même chez les indiens, depuis sa découverte jusqu'à nos jours; accompagner l'évolution artistique nationale et étrangère.

IV — Inspirer le goût de ces études et de leurs applications, de façon qu'elles puissent contribuer, soit directement, soit indirectement, au progrès du Brésil.

V. — Stimuler les excursions scientifiques; en décrire les résultats et les recherches; élaborer des mémoires sur les études et observations faites.

VI. — Maintenir une Bibliothèque et un Musée à l'usage des membres de la Société.

VII. — Faire des conférences sur les matières ci-dessus indiquées, et s'occuper de tous les sujets qui aient pour but le développement économique et social du Brésil

VIII. — Publier tous les trimestres une Revue qui sera le fidèle rapporteur de la vie officielle du "Centre"

IX. — Tenir des réunions hebdomadaires, où il sera traité des intérêts de la Societé et de son développement.

X. — Entretenir des relations scientifiques suivies avec les Sociétés congénères, tant au Brésil qu'à l'étranger.

XI. — S'occuper de tout ce qui a rapport à la médecine en général, mais spécialement à celle qui se rattache à la région de cet Etat.

XII. — Vulgariser l'étude des maladies de plantes et d'animaux; répandre des conseils prophylatiques et des moyens de combattre ces maladies.

XIII. — Propager l'enseignement des sciences naturelles, afin qu'il devienne effectif dans toutes les écoles du Brésil.

XIV. — Employer tous les efforts pour obtenir la promulgation et la mise en exécution de lois rurales et forestières et de toutes mesures qui auraient trait à la protection et à la conservation de la Flore.

XV. — Tâcher d'obtenir toutes les mesures officielles, tendantes à la conservation de la Faune et à la réglementation de la chasse et de la pêche.

XVI. — Contribuer à la diffusion scientifique des richesses naturelles du Brésil et, en particulier, de celles de l'Etat de S. Paul.

XVII. — Donner des soirées artistiques et littéraires dont le but sera de propager et de maintenir le goût pour l'Art et la Littérature.

XVIII. — Permettre l'entrée libre de la Bibliothèque et du Musée à la jeunesse studieuse presentée par un associé.

XIX — S'occuper d'investigations historiques et géographiques en général, et spécialement des recherches de même nature se rapportant au Brésil.

XX. — Contribuer aux progrès de l'Agriculture et de l'Elevage au Brésil.

O Centro tem por fins:

1 — Promover entre os socios o estudo e o desenvolvimento de todos os ramos das Sciencias, das Letras e das Artes, com especialidade das Sciencias Naturaes.

2 — Procurar despertar o gosto pelos estudos da lingua vernacula, e egualmente pelas tradições, fabulario e poesias nacionaes.

3 — Estudar a arte no Brasil, inclusivé a indigena, desde os primeiros tempos historicos até os nossos dias, acompanhando de perto as evoluções no paiz e no extrangeiro.

4 — Desenvolver no Estado o interesse por taes estudos e suas applicações que, directa ou indirectamente, possam concorrer para o progresso patrio.

5 — Promover excursões scientificas, descrevendo seus resultados, e elaborando memorias dos estudos e observações feitas.

6 — Manter o museu e uma biblitheca para uso dos socios.

7 — Realizar conferencias, tornando publico o interesse pelas Sciencias, Letras e Artes, e debatendo questões que digam com o desenvolvimento economico e social do Brasil.

8 — Publicar, de tres em tres meses, esta Revista, servindo de repositorio de todos os actos do «Centro».

9 — Celebrar reuniões semanaes afim de manter constante a acção que constitue o programma social.

10 — Entreter assidua correspondencia com os institutos congeneres nacionaes e extrangeiros.

11 — Tratar de assumptos de medicina em geral, com especialidade daquelles que mais interessem ao Estado de S. Paulo

12 — Vulgarizar o estudo das molestias de animaes e plantas, indicando os meios de as debellar.

13 — Fazer propaganda para tornar effectivo o ensino das Sciencias Naturaes em todas os escolas do país.

14 — Esforçar-se pela adopção e execução de leis florestaes e ruraes attinentes á conservação do clima e da flora do país.

15 — Pugnar pela conservação da fauna e pela regulamentação da caça e pesca.

16 — Contribuir para tornar scientificamente conhecidas as riquezas naturaes do Brasil, particularmente as do Estado de S. Paulo.

17 — Realizar opportunamente saráus artistico-literarios, ou puramente artisticos, com o fim de manter o gosto pelas letras e pelas artes.

18 — Franquear a Bibliotheca e o Museu á mocidade estudiosa, mediante apresentação de um socio.

19 — Fazer estudos historicos e geographicos de caracter universal, e particularmente do Brasil.

20 — Trabalhar para o melhoramento da agricultura e da creação em geral no Brasil.

ESBOÇOS DE BIOGRAPHIA E CRITICA

(PARA UMA ENCYCLOPEDIA)

GRAÇA ARANHA (José Pereira da) — (1869). — Brasileiro; escriptor. Filho do jornalista Themistocles Aranha, nasceu no Maranhão. Formou-se em direito na Faculdade de Recife, aos 18 annos de edade. Foi juiz municipal no Espirito Santo, procurador da Republica, advogado e professor de direito no Rio de Janeiro. Fez parte da missão de arbitramento dos limites do Brasil e Goyana Inglesa, como secretario de Joaquim Nabuco, e entrou para a diplomacia, sendo ministro em Haya, cargo em que se aposentou. E' membro fundador da Academia Brasileira.

Seu primeiro trabalho publicado foi a introducção erudita ao livro de Fausto Cardoso — O MONISMO NO DIREITO (1894). A *Revista brasileira*, que surgiu em 1895, dirigida por José Verissimo, foi talvez o factor decisivo para a expressão intellectual de Graça Aranha; attrahindo-o pela amizade do director para o convivio com os principaes escriptores, deu-lhe o toque de vida ao talento literario. Ali escreveu *O pharol maranhense* (1896), estudo no genero carlyleano, como lhe chamou Machado de Assis; um artigo de critica á HISTORIA DO DIREITO NACIONAL, de Martins Junior (1896); *A Revista brasileira e o anonymato na imprensa* (1897) e, ainda em 1897, os contos *Nevoas do passado* e *Immolação*, sob o pseudonymo de *Flavia do Amaral*. Era o pseudonymo um meio engenhoso de ouvir aos escriptores amigos um juizo sincero; obteve-o, como podia ambicionar, no louvor com que replicavam aos reparos d'elle proprio. Só depois revelou a alguns amigos o segredo do pseudonymo, e o projecto de um romance, que devia ser CHANAAN, e ao qual incorporou aquelles contos.

A literatura actual do Brasil, conferencia que fez em Buenos-Aires, publicada na *Revista brasileira* em 1898, é um dos seus melhores trabalhos.

CHANAAN (1902) foi uma estréa triumphal. Consagrado pela critica e louvor de José Verissimo, discutido nos jornaes e até no parlamento, como expressão do problema social que fórma um dos fios da ardidura do romance, teve extraordinario exito de edição, e levou a todo o Brasil o renome de um novo e grande escriptor. Foi logo traduzido para o espanhol em folhetins de *La nación*, da capital argentina, e alguns annos depois para o francês com prefacio do Conde de Prozor.

A seguinte obra de Graça Aranha, em fórma dramatica, PEDRO MALAZARTE, publicada nove annos depois, escripta em francês e em português, representada em Paris, apreciada por criticos franceses eminentes, nenhum exito de estima teve entre os leitores brasileiros; ao contrario, foi para os admiradores do escriptor uma decepção, ainda mais realçada pelo exuberante contentamento do autor. A decepção era fundada, mas não menos a confiança d'elle no seu ponto de vista de creador de symbolo premeditado. Para a comprehensão de arte dessa especie, o criterio é todo subjectivo; e é difficil estabelecer-se entre autor e leitores a correlação de entendimento de symbolos artificiaes, ao envez do que succede aos que se originam, não de um proposito individual, mas da communhão dos sentimentos de todos. Dotado de intelligencia subtil e de vibrante imaginação, que o capacitam para as mais extranhas abstracções e lhe arroubam o espirito até o mysticismo, ao passo que lhe é escasso o dom de phantasia, o autor do PEDRO MALAZARTE assiste á sua obra como a concebeu, figurada nas suas intenções e completa na representação symbolica, incapaz de ver-lhe as deficiencias; tal como um musico, admirado da propria inspiração, que delineou em vagos signaes de pauta, apenas perceptiveis aos

olhos alheios. PEDRO MALAZARTE ficou sendo o esboço de obra só mentalmente realizada.

CHANAAN, concebida tambem como obra symbolica, é ainda um romance de idéas e, em não pequena parte, de costumes, e tem para compensar seus defeitos qualidades excellentes. São indecisos o plano e a composição, e póde-se rastrear-lhe a estructura parcellada, superposta, e as falhas de construcção. As figuras principaes são personificações quasi abstractas, inconsistentes, sem nervo humano, vehiculos de tendencias, ou idéas geraes. Mas ao lado ha uma realidade sentida, ha personagens secundarias bem copiadas de memoria da experiencia pessoal do escriptor. Os dialogos são excessivos e tumidos de dissertações; mas ha quadros e scenas de sobriedade perfeita. Si o tom geral da linguagem é emphatico e pomposo, algumas narrativas são de uma singelesa discreta. Arrasta-se o entrecho, servido de digressões e desvanece-se num final nebuloso e extravagante, do mais desabalado mysticismo; mas a impressão de conjuncto, entre as restricções do inacabado, é de admiração do engenho brilhante, tão apto para as idéalizações philosophicas como para a expressão do lyrismo dithyrambico, e que se compraz no que elle proprio caracterizou algures como a feição do gosto brasileiro, a *sensualidade da phrase*. E' o que sobretudo perturba e domina a maioria dos leitores. Ha, porém, os que lhe preferem outras paginas como as daquella *Literatura actual do Brasil*, em que a intelligencia de Graça Aranha, desannuveada de mysticismo, desprendida dos arroubos lyricos, despreoccupada de ficções, apresenta-se limpida e penetrante, numa fórma sincera e quasi simples, como espirito affin de Joaquim Nabuco, o artista que elle talvez mais admirou.

Mario de Alencar,
da Academia brasileira de letras.

Sete annos de pastor...

Meu caro Alberto Faria,

Você, como eu, tem cuidadoso interesse pela historia comparada das literaturas e, muito mais do que eu, tem colhido fructos preciosos nesta seara.

Quero, pois, communicar-lhe uma pequenina *trouvaille*, que não é minha, mas aproveita a um caso curioso de nossas letras e applica-se ao texto do mais bello soneto da lingua e poesia portuguesa.

D'ahi, o interesse que empresto á sua divulgação.

> Sete annos de pastor Jacob servia
> Labão, pae de Rachel, serrana bella,
> Mas não servia ao pae, servia a ella,
> Que a ella só por premio pretendia
>
> Os dias na esperança de um só dia
> Passava contentando-se com vêl-a...

São sabidas as variantes desta joia. E apontada é a problematica fonte de inspiração, em versos inteiramente inferiores:

> gran padre scherrito
> Che non si pente e d'aver non gl'incresce
> sette e sett'anni per Rachel servito.,

palavras de Petrarca, as quaes nem de longe podem comparar-se á obra prima de Camões, mórmente pelo fecho:

> Começou a servir outros sete annos,
> Dizendo: mais servira, se não fôra
> Para tão longo amor tão curta a vida!

Este lindissimo terceto nada deve á fonte petrarqueana, algo, porém, ao Genesis: *videbantur illi pauci dies præ amoris magnitudine* — pareceram-lhe poucos os dias quando comparados á grandeza de seu amor.

Carolina Michaëlis, cuja erudição assombrosa é de todos nós reconhecida e admirada, já por duas vezes tratou do soneto do poeta maximo. Excusado se torna acceder que tudo revolveu e descutiu, e della é, além de outras, a indicação de Petrarca, que acima citei; as innumeras variantes, falsas attribuições, parodias, glossas e imitações, castelhanas e portuguesas, não escaparam á critica da eminente romanista. (1)

Entretanto, uma observação passou-lhe despercebida. O conteudo da peça famosa arrima-se num erro de interpretação do texto biblico. O erro parece já arraigado em todas

(1) Na revista *Circulo camoneano*, I, e depois em edição mais completa na *Revue hispanique*, t. XXII, a proposito dos 237 sonetos de varias origens segundo mss. da Bibl. Nac. de Madrid e publicados no t. XVIII da mesma revista. Possuo um exemplar deste, e por gentileza de sua autora ainda as *Notas aos sonetos*, em *separata*. O de Camões figura sob o n. 99.

as literaturas, e devido apenas a uma equivocação literal.

Os poetas, como toda a gente, suppõem que Jacob servira sete annos e que lhe deram Lia, e que serviu mais sete annos, e só então obteve Rachel.

Sette e sett'anni per Rachel,

diz o italiano. E, por seu turno, o português tambem o diz:

Começou a servir *outros sete annos,*
Dizendo: mais servira, se não fôra
Para tão longo amor tão curta a vida!

Dest'arte, é evidente dos textos poeticos que Rachel só foi obtida após *quatorze annos*, e assim se explica a allusão á *curta vida* para tão desmedido prazo.

Ora, o texto do Genesis diz cousa differente. Vamos analysal-o pouco a pouco, accentuando em commentarios os passos mais pertinentes á amorosa constancia do patriarcha.

Servivit ergò Jacob pro Rachel *septem annis:* et videbantur illi pauci dies præ amoris magnitudine.	Jacob serviu, por causa de Rachel, por *sete annos* e estes lhe pareciam poucos dias pela grandeza de seu amor por ella.

Está aqui evidente o numero de annos que Jacob serviu a Labão para obter a mão de Rachel *(pro Rachel)*. Ao cabo d'este tempo Jacob reclama a esposa promettida. E, então, ordenou Labão as bodas, e á noite introduziu furtivamente Lia na camara de Jacob. Este sentindo-se ludibriado,

V. 25. Dixit ad soceram suum: quid est quod facere voluisti? non nè pro Rachel servivi tibi? quare imposuiti mihi?	Disse a seu sogro: que é isto que me quizeste fazer? Acaso, eu não te servi por amor de Rachel? porque me enganaste?

Labão explica o propositado engano: não era costume (V. 26), diz elle, casar primeiramente as filhas mais moças; e Lia era a mais velha, devia ser a primeira.

E Labão disse mais a Jacob que, si este conviesse *em servir outros sete annos*, teria a posse desejada de Rachel.

Aqui é que bate o ponto. O erro commum consiste na affirmativa de que a posse de Rachel se realizou outros *sete annos* depois, o que fez o nosso poeta lamentar a brevidade da vida para tão longo amor, e suggeriu a Petrarca a formula expressiva:

sette e sett'anni . . . . .

Mas, o texto do Genesis declara que as bodas de Lia se consummaram, e que *sete dias depois* Jacob convolava a novas nupcias com Rachel, mediante o só compromisso de servir mais sete annos a Labão.

Não foi, pois, necessario que se exgottasse o prazo dos longos quatorze annos, mas apenas o de uma semana:

V. 27. Imple *hebdomadam dierum* hujus copulæ: et hanc quoque dabo tibi pro opere quo *serviturus es mihi septem annis aliis.*	Acaba a *semana* de bodas com esta: e depois dar-te-ei aquella (Rachel) pelo trabalho de que ainda *me has de servir por mais sete annos.*

E ainda mais explicitamente se conta no versiculo seguinte:

Aquievit placito: et *hebdomada transacta,* Rachel duxit uxorem.	Jacob concordou com o ajuste, e *passada uma semana* desposou Rachel.

Em resumo, Jacob esperou apenas sete annos e sete dias.

D'onde vem, pois, o erro, que parece já arraigado em todas as literaturas? Talvez de que nos textos hebreus *hebdomada* tambem se entendia um septennato de annos ou uma semana de annos, como por exemplo na *setenta semanas* da predicção de Daniel (70×7=490) sobre a vinda do Messias. A palavra grega *hebdomas* adoptada pelos gregos e pelos medicos e technicos latinos sempre figura nos textos sagrados desde a versão dos *Setenta.*

Mas no texto do Genesis a interpretação, que ahi se declara tratar de uma semana de dias *(hebdomada dierum,* do versiculo 27), exclue outra exégese mais latitudinaria. E que razão temos para admittir um sentido figurado? Como poderiamos mudar uma *semana de dias*, textualmente, em sete annos?

Encontrei a refutação deste pequeno erro, que tambem corre em lingua francêsa, num curioso livro, ERREURS SCOLAIRES, do mathematico Tarnier.

Abençoado deslise que gerou um dos mais estimados primores da literatura!

E como se respondia, andando, áquelles pyrrhonicos que negavam o movimento; bem podemos rèsponder a todas as sabias exégeses, só com repetir as palavras immortaes:

Sete annos de pastor Jacob servia
Labão, pae de Rachel, serrana bella;
Mas não servia ao pae, servia a ella,
Que a ella só por premio pretendia.

Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vêl-a,
Porém, o pae, usando de cautela,
Em lugar de Rachel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe era negada assim sua pastora,
Como se a não tivera merecida,

Começou a servir outros sete annos,
Dizendo: mais serviria se não fôra
Para tão longo amor tão curta a vida!

Não sei si Você achará algum merito nas linhas que escrevi; apenas aproveitei uma correcção applicando-a a uma das mais formosas producções da lyrica portuguesa, mas com o desconsolo arido de que nada valem erros diante da emoção d'arte, eternamente superior á sciencia humana.

João Ribeiro,
da Academia brasileira de letras.

O patriota erradio

Sempre peregrino, sempre patriota.

AUGUSTO DE LIMA.

Affonso Arinos viveu itinerante. Si lhe doeu a falta de um lar, compensou-a seu grande amor pelas viajens. Pesava-lhe a monotonia dos mesmos horizontes, e o anseio ancestral da raça pelo desconhecido afogueava-lhe a imaginação.

A vizinhança do mar creou, outr'óra, os povos conquistadores, e explica, hoje, a melancolia da nossa gente: os que viajam trazem a saudade do que viram; os que ficam têm a saudade do que não puderam ver. Assim dilacerados, como deixaremos de ser um povo triste?

Arinos tinha nos olhos a melancolia dos viajantes, essa doce magoa, que nos punge sem razão, em meio das melhores alegrias. Quantas vezes, entre nós, não viveu elle longos momentos ausentes! E o pendor pelas viajens vinha-lhe de criança. Aos tres annos de edade, fez cem leguas a cavallo, no collo dos tropeiros, de Paracatú á capital goiana, e pouco mais tarde, sendo de novo enviado á sua cidade natal, para cursar as aulas do velho Manuel Caldeira Brant, e já depois de caminhadas dez leguas, conspirou, pela manhã cedo, com seu irmão Afranio, sellando os cavallos e desamparando a comitiva, a sós, por aquelle sertão feio!

Seguiu assim viajando toda a vida... Nem morto cessou a sua longa peregrinação! Si lhe não permittiam as circumstancias partir, quedava horas a decifrar mappas e a ler guias. Possuia collecções completas de GUIDES JOANNE, TARIDE, BAEDEKER, e outros quantos surgissem no genero; e assim lhe não era desconhecida a mais recatada obra d'arte de um museu provincial. Não appetecia as viajens de trem; ou o automovel pelos caminhos maravilhosos de França, ou a mula estradeira pelas picadas dos chapadões nativos. Ver um país pelas janellas de um compartimento, em estrada de ferro, póde ser commodo, ou util; mas não é, de longe, conhecer um país. Para isso, é preciso o contacto com as aldeias, os accidentes á beira das estradas, a conversa com o camponez curvado sobre a terra, e que alça a cabeça para excommungar o progresso, que lhe matta os cães e lhe empoeira as vestes de ver a Deus!

E as noites nos albergues bretões, ao crepitar das achas na chaminé, discutindo se môlhos de peixe com o cozinheiro, emquanto o grande oceano traiçoeiro ronca lá fóra! E, de manhã, o passeio pela *petite ville*, cujas pedras nos dizem, pela penna de Anatole France: «chacune de nous vous apporte un bienfait, vous enseigne un devoir». Era esse genero de viajens, lentas e cultas, que deliciava Arinos.

Por vezes, passava-lhe em mente o anseio das grandes evocações: e partia para Roma, para a Grecia, para Constantinopla, a reviver o passado. Ahi era o melhor dos guias, reconstituindo batalhas, levantando templos do solo em ruinas, contando a poesia tragica do mar violeta. Breve iria realizar um dos seus maiores desejos: uma dilatada peregrinação á India, á China, ao Japão, com volta pelo transsiberiano. Era a volupia sempre crescente do desconhecido, a ansia de Geoffroy de Rudel!

Mas, quer percorrendo a Corne d'Or, quer batido pelos ventos do cabo Sunium, quer na religiosa placidez de Oxford, jamais lhe esqueceu a patria! Era um recordar constante e prompto ás menores evocações. Por varias vezes o acompanhei ao longo do Sena, no *quai Voltaire*, ou no *quai Malaquais*, a esquadrinhar algum livro raro sobre o Brasil, na caixa de um daquelles classicos alfarrabistas; e disse-me que assim o fazia, porque Eduardo Prado reunira a maior parte de sua admiravel bibliotheca, investigando os *sebos* do Sena.

Quando demais lhe pungia a saudade da paisagem natal, vinha retemperar, na solidão dos sertões, os nervos exgottados pela vida do velho mundo. Ouvi-o dizer a Alberto de Oliveira: «O que me leva ao sertão é o Silencio! Quando, a cem leguas da estrada de ferro, longe dos caminhos e das villas, armo a barraca em meio á chã, e quedo-me deitado num couro, a ouvir o Silencio sinto-me sem desejos e perfeitamente feliz!» E como nelle a obra literaria foi a con-

sequencia mais espontanea da sua personalidade, o balsamo que os sertões lhe deitavam n'alma era a mais pura inspiração de sua penna de estheta.

Affonso Arinos foi menos um patriota de raciocinio do que um brasileiro de sentimento. Elle foi, sobretudo, um regionalista, mas que pelas fulgurações de seu espirito irradiou sobre todo o Brasil. Não me parece, por exemplo, que a Amazonia o impressionasse mais do que literariamente; tinha a alma demasiado delicada para affeiçôar os lagos que apodrecem, as ilhas que se deslocam, as pororócas que roncam. E, por outro lado, nunca foi ao Sul, nem tentou conhecer o Centro. Elle comprehendeu que, para a grandeza da Grande Patria, só o amor da Pequena Patria póde ser util e fecundo. A materia brasileira só poderá nascer da materia regional. Politicamente, é a formula dos modernos reaccionarios franceses: «republica municipal, federação provincial e monarchia nacional».

Arinos amou a sua provincia de Minas de um amor ternamente filial, e, si nelle palpitava sobre tudo o poeta, nem por isso deixou de contribuir, com suas viajens, para o melhor conhecimento da geographia provincial. E' frisante o seguinte facto: o rio Preto, affluente do Paracatú, tributario, por sua vez, do S. Francisco, sempre passou, entre geographos, por um rio innavegavel para grandes embarcações. Aires do Casal, que sempre se refere á navegabilidade dos rios, cala-se em relação a esse rio Preto (Chor. Bras., I, 384). Wappaeus, que, no dizer de Capistrano de Abreu, foi para a geração do meado do seculo XIX o que Casal tinha sido para a do principio, declara o seguinte: «São tambem navegaveis *a canôa* outros affluentes do Paracatú; o Prata na extensão de 133 kil., o rio Preto e o rio do Somno *na de 66 kil.* cada um». (Geogr. phys. do Brasil, p. 116). Milliet de St. Adolphe, no seu Diccionario geographico, apesar de sempre consignar a navegabilidade dos rios (I-293, 336, *etc;* II-213, 247, *etc.)*, referindo-se ao rio Preto, chama-o — «*ribeirão* da Provincia de Minas Geraes» — sem mais nada (II-369). Finalmente, Halfeld, a mais perfeita autoridade em explorações na bacia de S. Francisco, diz: «o rio Preto, tributario do Paracatú, é navegavel, *por canôas*, na extensão de *dez leguas*, barra acima» (Expl. no rio S. Francisco — 7). Pois bem; Affonso Arinos, no anno de 1913, subiu o rio Preto *em grande lancha a vapor*, numa extensão de *trinta leguas da barra*, indo atracar aos fundos da fazenda de um seu velho tio. Foi tal o acontecimento da chegada da embarcação a um logar dantes só navegado por canôas e ajoujos, que, de dez leguas em redor, vinham familias inteiras «ouvir o apito do vapor»! E assim vai a poesia servindo á sciencia!

Essa predilecção de Arinos pelas excursões no interior ia de par com um grande amor pelos simples. A um coração sem meandros commovia a sinceridade da alma popular. Elle amou, sem rebuços, o povo humilimo do Brasil, exaltado na sua admiravel conferencia sobre a *Unidade da Patria*. E esse amor extendia-se á producção espontanea da imaginação popular. Os rapsodos anonymos eram, para elle, os verdadeiros poetas, cuja obra suprema brotou sob o céo da Attica: a Iliada. Os menestreis da Provença e os violeiros de Paracatú reuniam o seu louvor despeado. Com que largo sorriso de admiração, falava no Manéco do Riachão, ou no Antoninho Farinha Secca! E quantas vezes o vi, a cavallo numa cadeira, em confabulações musico-poeticas com o Pernambuco, a ver si este reproduzia os cantos peculiarissimos dos cateretês caipiras. E contou-me elle que uma das suas maiores sensações de arte espontanea, talvez a mais pura, foi no S. Francisco.

Era noite morta; o luar punha escamas de prata nas aguas placidas do rio. Insomne, collocara-se á proa do vaporzinho, que lentamente cortava a superficie «como uma asa de garça». Pouco depois, attrahido tambem pelo espectaculo, foi chegando um caboclinho magro, com uma taquara na mão. Talhou ali mesmo no ramo uma avena rustica e, qual Pan tropical, pôz-se a modular em sua frauta canções agrestes. A melodia começou a animar o silencio e falou á imaginação de Arinos. Na lu-

minosa nevoa, que cobria as elevações, parecia-lhe ver os numes das montanhas em rondas bailando. De cada pau-d'arco em flor, uma virgem debruçada sorria, com os cabellos de ouro arrastando na corrente. Olhos accesos de féras, attrahidas pela harmonia daquelle novo Orpheu, espiavam das margens, e as cristas de gallo, crescendo da relva, estrelada de pyrilampos, extendiam seu manto de purpura quasi a tocar a embarcação, indicando assim a submissão da soberana natureza, ante a melodia augusta do filho humilimo das selvas. Foi uma noite de sonho!

E já que estamos no sertão, seja-me permittido, para terminar, dizer outro episodio da vida selvajem de Arinos. Uma tarde, depois de um dia de sol, do mais ardente sol do sertão, o céo começou a cobrir-se de negro. Não havia nas redondezas um tugurio, uma palhoça, um rancho siquer, que abrigasse a tropa. Resolveram então, Arinos e os camaradas, armar barracas na propria chã, ao sopé de pequeno comoro, a cujas faldas corria um riacho de aguas crystalinas. Tão claras eram ellas, que se podia ver o colorido dos pedrouços, formando-lhe o leito. Armadas as barracas, abrigados caminheiros e camaradas, roncou a tormenta. E toda a noite, uivando por arrancar dos espéques as lonas frageis, o vento rodou; e a chuva inundava a terra. Pela madrugada amainou o tempo, e, quando a aurora córou o horizonte, Arinos saiu a ver os estragos, e a apreciar a torrente impetuosa de lama em que, seguramente, se teria convertido o paradisiaco riacho da vespera. Qual não foi o seu espanto, ao observar-lhe as aguas tranquillas, mais tumidas, por certo, mas tão immaculadas como elle as vira ao recolher-se. A enxurrada, côando pelo leito petreo das nascentes e do curso do regato, não conseguira turbar a sua serenidade branca!

Assim foi a personalidade de Arinos. Nunca as tormentas de civilisações extranhas conseguiram macular a sua fé nacional, e, como a limpida corrente natal, a sua alma guardou, para sempre, o crystalino caracter das origens!

A. Amoroso Lima.

Moderno conceito da constituição da materia

(Conferencia de vulgarização feita no CENTRO pelo prof. Annibal de Freitas, do Gymnasio de Campinas).

Minhas senhoras,

meus senhores:

Das quatro grandezas irreductiveis do Universo — o tempo, o espaço, a energia e a materia, é exactamente a ultima que mais tem attrahido as cogitações dos chimicos e dos philosophos.

Não vos atemorizeis, porém, deante disso. Não nos embrenharemos em considerações philosophicas, nem estudaremos de um modo completo as diversas theorias que dizem respeito a essa entidade.

Não só nos falta competencia para obra de tanto vulto, como o assumpto só poderia ser convenientemente tratado em dezenas de palestras eguaes á presente.

A vossa paciencia será poupada por esse lado.

Faremos apenas uma ligeira synthese do que têm sido as diversas hypotheses quanto á constituição da materia, e mostraremos, por fim, a titulo de simples vulgarização scientifica, as idéas actuaes, fructo de descobertas que revolucionaram inteiramente as sciencias physicas e em muito quiçá a philosophia.

* * *

A materia impõe-se ao nosso espirito, sem que possamos, entretanto, definil-a com precisão.

Newton dizia: «é tudo que offerece resistencia aos nossos sentidos».

Nós diremos de um modo mais simples, com os scientistas hodiernos: é tudo que se vê, que se pesa e que se toca.

Apresenta ella relações muito estrei-

tas com a energia. Toda modificação da materia é acompanhada de producção, ou de absorpção de energia.

Os factos que observamos diariamente mostram-nos que a materia é divisivel em particulas até onde pódem chegar os nossos proprios orgams e a perfeição dos meios de estudo. Folhas de ouro de dez milionesimos de milimetro pódem ser obtidas com a maior facilidade; as particulas de almiscar indispensaveis para impressionar o nosso olfacto devem possuir dimensões insignificantes; o prof. Behal, por calculos muito simples, determinou que um centimetro cubico de ar podia conter um peso de oito centesimos de quatrillionesimos de grammo de materia odorante; um miligrammo de fuchsina será sufficiente para colorir cem kilos de alcool!

Como estes, muitos exemplos poderiamos enumerar para pôr em evidencia a divisibilidade da materia.

Concebe-se até que taes particulas, que escapam aos nossos sentidos imperfeitos, possam, apesar de suas exiguas dimensões, ser ainda subdivididas. Com effeito, por menor que sejam, offerecem um certo volume que, ao menos pelo pensamento, póde ser dividido em duas, em tres, em muitissimas partes.

Mas, um conjuncto de factos e a descoberta de certas leis levaram a crer que a divisibilidade da materia tem um limite.

A questão separou na Grecia antiga os espiritos pensadores em duas escolas: a Eleatica e a Jonica.

A primeira era constituida pelos philosophos que admittiam a divisibilidade indefinida da materia. A segunda combatia esta idéa, attribuindo um limite ás particulas dos corpos.

Este limite insecavel é o que hoje chamamos *atomo*.

Anaxagoras, embora pertencesse á escola Jonica, della divergiu quanto á divisibilidade da materia. Elle considerava os corpos como formados de partes similares, a que deu o nome de *homomerias*, mas admittia que ditas partes eram divisiveis.

Dizia elle: assim como o ouro é formado de pequenas palhetas do mesmo metal, de modo identico todos os corpos são formados de particulas homogeneas, todas da mesma natureza. Mas, ainda que dividamos até o infinito um corpo qualquer, encontraremos sempre uma particula desse corpo susceptivel de divisão.

Lucrecio refere-se ás idéas de Anaxagoras nos seguintes termos:

Agora de Anaxagoras vejamos
A Homomeria, como os gregos dizem,
Tão vasta idéa numa só palavra,
Porém que a nossa lingua usar não deixa
A defficiencia do romance patrio.
Contudo, em narração expôr não custa
A Homomeria, que este genio entende
A origem ser das existencias todas.
Cada osso consta de mil tenues ossos,
Cada entranha de minimas entranhas;
Provem o sangue de sanguineas gottas
Que, em larga copia, unidas se conservam:
O ouro composto crê de atomos de ouro,
De terra com porções crescida a terra,
A agua formada com fragmentos de agua,
O fogo, com moleculas de fogo,
E applica a tudo o mais esta doutrina.
Mas elle em parte alguma á natureza
Concede vacuo, e á divisão dos corpos
Nenhum limite põe: nos pontos ambos
Penso que errou emparelhado aos outros
Cujas doutrinas refutadas deixo. (1)

* * *

Podemos admittir que a theoria dos atomos, como simples vista philosophica e fóra de todo o facto positivo, remonta a cerca de 25 seculos, pois nasceu de especulações da philosophia grega. Parece, entretanto, que ella já existia na India, onde fazia parte do systema philosophico do *Vaisechika* cujo autor, Kanada (2), era talvez coetaneo de Pythagoras e de Thales.

* * *

Considera-se Leucipo, philosopho grego, que viveu 600 annos A. C., como

(1) Lucrecio, NATUREZA DAS COUSAS, trad. de Lima Leitão.

(2) Este philosopho admittia nove especies de substancias, cinco sensiveis ou materiaes (a terra, a agua, a luz, o ar e o ether) e quatro immateriaes (o tempo, o espaço, a alma e a consciencia), e suppunha que as substancias materiaes eram formadas de atomos indivisiveis, chegando a calcular para um atomo um valor egual á sexta parte das particulas visiveis em um raio de sol.

o creador da escola atomistica. Julgava elle que a materia era como uma esponja formada de granulos isolados que nadavam no vacuo. «Estes granulos, dizia, são solidos, cheios, impenetraveis; infinitamente pequenos e differem de fórma, o que explica a dessimilhança das differentes especies de materia que observamos. Além disso, ajunta, do mesmo modo que com um certo numero de letras diversamente dispostas, póde egualmente compôr-se uma comedia, ou uma tragedia, podem obter-se materias differentes, aggrupando diversamente materiaes primitivos.»

Este philosopho procurou tambem demonstrar a eternidade do movimento, principal attributo dos elementos materiaes, e a existencia da vida, mas não se pronunciou no tocante á divisibilidade da materia e sua duração.

Trinta annos depois, Democrito, discipulo e amigo de Leucipo, foi mais longe. Encarregou-se de combater a divisibilidade infinita da materia. Argumentava Democrito que, si a materia não offerecesse um limite á sua divisibilidade, chegariamos a obter partes materiaes sem extensão, e a reunião destas partes não poderia formar um corpo dotado desta propriedade. A materia deveria, portanto, dividir-se em partes limitadas, dotadas de extensão. A ellas chamou *atomos*. Foi Democrito quem creou palavra, que significa—*indivisivel*.

A seu entender, os atomos jámais serão destruidos, porque «nada póde provir do nada, nem perder-se nelle». «A variedade infinita dos corpos explica-se pela configuração dos atomos ou *rysmo*, pela differença a respectiva ordem ou *diathese* e pela sua posição ou *th*.»

Democrito contou muitos discipulos, entre os quaes pódem citar-se Metrodoro, Nessus de Chios, Diogenes de Smyrna e Nausiphano.

Cerca de dous seculos mais tarde, Epicuro adoptou-lhe as idéas, mas attribuiu aos atomos uma propriedade nova — o peso ou impulsão interna, que os precipita de cima para baixo no vacuo.

Uma das memorias em que Epicuro expunha suas idéas com minucias, perdida durante muito tempo, foi encontrada nas excavações de Herculanum. Tal memoria tinha servido de base ao famoso poema DE NATURA RERUM, de Lucrecio, em que as idéas de Epicuro se encontram desenvolvidas e embellezadas pela harmonia de linguagem de um espirito poetico.

Para Lucrecio, os atomos são solidos, indivisiveis, eternos e eternamente em movimento. Estes atomos são munidos de colchetes pelos quaes se ligam uns aos outros. Os corpos doces e agradaveis ao paladar seriam formados por particulas esphericas e lisas, ao passo que os de sabor desagradavel seriam constituidos por atomos recurvados e cheios de asperezas:

> Ser-te-á mui facil conhecer por isto
> Que de atomos provêm, lisos, redondos,
> O sabor que jocundo o gosto afaga;
> Que o travo repugnante se origina
> De atomos presos, com travado nexo,
> Devendo, para á séde ir ter do gosto,
> Dos orgamos que o contem rasgar as fibras.
>
> (TRAD. CIT.)

Lucrecio, com o auxilio dos atomos que fluctuam no espaço e com os movimentos que os animam, edificou o mundo em todos os seus detalhes.

As idéas de Democrito e de Epicuro acham-se ligeiramente modificadas nos Apollonios e em o néo-platonismo da escola de Alexandria.

Ficaram os conceitos sobre os atomos mais ou menos neste ponto até o seculo XVI.

Estavam essas idéas quasi completamente esquecidas, quando Descartes e Gassendi, numa discussão que se tornou celebre, fizeram volver novamente os espiritos para ellas. Foi no tempo em que Galileu combatia a physica escolastica por suas descobertas e a fulminava com experiencias novas e admiraveis.

Descartes, considerando a extensão divisivel ao infinito e applicando á materia o mesmo principio, regeitou a existencia dos atomos e construiu seu systema sem os admittir.

Gassendi, ao contrario, compunha o universo de atomos. A seu modo de vêr, porém, os atomos não se acolchetam, como imaginavam Epicuro e Lucrecio, mas estão separados por espaços vasios, muito maiores que os proprios atomos, que forças especiaes mantinham em equilibrio e assim afastados. Aquelle philosopho tinha, pois, a este aspecto um conceito muito perfeito dos atomos. Mas claudicou dando uma extensão muito grande a suas hypotheses atomisticas. Para elle a luz era formada de atomos redondos; atomos particulares constituiriam o frio, o quente, os odores e os sabores; o proprio som seria constituido por atomos. Estes erros, reconhecidos e condemnados pelos scientistas que succederam, prejudicaram-lhe tudo quanto de util havia no fundo das idéas.

Os atomos repontaram no seculo XVIII, sob a fórma das *monadas* de Wolf.

Este philosopho, cujos conceitos eram nas suas linhas geraes os de Leibnitz, imaginou atomos que, não sendo dotados de extensão, não eram totalmente privados desta propriedade; não sendo moveis, tambem não eram destituidos de movimento! Como auxilio de uma *quasi extensão* e de uma *quasi mobilidade,* julgava seu systema ao abrigo de toda objecção possivel.

Para Wolf tudo era monada. Deus era monada; nós eramos monadas, e tambem nossas idéas. A despeito de sua supposta plasticidade, as theorias de Wolf cairam completamente, só restando dellas uma lembrança historica.

A theoria dos atomos parece que estava fadada a ser objecto de cogitações extravagantes. Na mesma época em que Wolf na Allemanha defendia suas monadas, Swendenborg, escriptor e poeta sueco de grande nomeada, abandonando as Musas, dedicou-se ás cogitações abstractas.

Admittiu a existencia dos atomos, esphericos e dispostos de tal modo, que, por meio de calculos especiaes, baseados sobre principios préviamente estabelecidos, tinha elle a pretenção de dar theoricamente as densidades e as fórmas crystallinas similhantes ás fornecidas pela observação. Entre as explicações que apresenta dos differentes factos, nota-se a da existencia do sal na agua do mar. Para Swendenborg a agua é formada de espheras e de moleculas postas nos seus intersticios. Desaggregando-se no fundo do mar, estas ultimas tomam um novo arranjo, donde resulta o sal marinho. Os angulos solidos, que encerram estas particulas, constituiriam o acido que dellas se póde extrahir, isto é, o acido chlorhydrico. Depois de Swendenborg, Le Sage (de Genebra) e Higgins, notavel sabio irlandês, cogitaram da theoria atomica da materia. Higgins foi o primeiro que tentou applicar as idéas atomisticas á chimica e na sua obra, intitulada COMPARAÇÃO ENTRE AS THEORIAS DO PHLOGISTICO E DO ANTIPHLOGISTICO, encontram-se os germens da lei das proporções multiplas de Dalton.

Nada, porém, se havia firmado ainda de um modo preciso relativamente á indestructibilidade da materia, conquanto essa não fosse uma idéa nova, segundo se vê dos versos de Lucrecio:

> Ao nadá, nada vai, do nada não provindo;
> Gira sempre a materia, em circulo eternal,
> Sem nunca diminuir, terra e céos produzindo,
> Do Universo o conjuncto harmonioso, afinal.

Shakespeare, na scena do coveiro, põe na bocca de Hamleto estes outros, que revelam a crença do grande tragico inglês na immortalidade da materia:

> O Cesar imperioso, hoje lama, podia
> Tapar a cova e assim furtal-a ao vasto externo;
> E essa argila que ao mundo espanto dera um dia,
> Um muro resguardar dos rigores do inverno!

Cita-se mesmo o axioma *ex nihilo nihil* (do nada nada se faz), como um principio adoptado pelos antigos; mas parece certo que os antigos não tinham idéa da creação no sentido que lhe damos hoje. E, como bem o diz um traductor e commentador de Lucrecio, si não tivesse havido philosophos que sustentassem que alguma cousa póde sair do nada, não haveria motivo que obrigasse aquelle poeta a repetir tantas vezes o verso:

> Nada podem tirar do nada os numes

Em resumo, nos fins do seculo XVIII admittia-se a constituição atomica da materia, mas não se tinha dado fórma scientifica ás diversas hypotheses, e nada havia de definitivo sobre a creação e a destructibilidade dos corpos. Não existia ainda a chimica, e sim a alchimia, cujos sectarios, visando exclusivamente a posse de grandes riquezas e buscando uma vida sem limites, tinham por escopo a descoberta da *pedra philosophal*. Era esta a designação que davam á solução de um duplo problema, que consistia na descoberta de um meio que permittisse transformar todos os metaes em ouro, e obter uma panacéa que prolongasse a vida e conservasse a saúde com todos os encantos de uma mocidade perenne.

Lavoisier, introduzindo a balança nas operações da chimica, veiu dar-lhe novo rumo, estabelecendo suas bases e firmando o principio da indestructibilidade da materia.

Em 1660 o alchimista João Joaquim Becher, deixando de lado a pedra philosophal, voltou suas vistas para a grande somma de factos adquiridos até então. Notou que certos metaes, quando sufficientemente aquecidos, se transformam em um corpo differente, a que chamou *cal*.

Para explicar o phenomeno, admittia Becher a existencia de um principio inflammavel em todos os metaes e em todos os combustiveis. Stahl, medico do rei da Prussia, deu a esse principio o nome de *phlogistico*, e explicava a combustão por uma perda do mesmo. A chamma era para elle uma grande massa de phlogistico que se revela á vista. Mas, como explicar que os corpos, quando ardem, augmentam de peso, não obstante perder-se o phlogistico? Stahl encontrou recursos para explicar esse facto, dizendo que o phlogistico era muito leve e tendia sempre a subir e a levar comsigo os corpos que com elle estavam combinados. Quando o corpo perdia phlogistico já não possuia mais a causa da ascenção e tornava-se pesado.

Lavoisier, não se conformando com a hypothese do phlogistico, realizou experiencias taes, que abateram completamente as idéas de Stahl e levaram a concluir que os differentes phenomenos chimicos não passam de transformações da materia. Esta não póde surgir do nada, nem volver para o nada. Ficou estabelecido o aphorismo: «na natureza nada se crêa e nada se perde.»

Isto concorreu para que Dalton, depois da descoberta de sua lei das proporções multiplas, pudesse dar um sentido preciso e uma fórma scientifica á velha e sempre vaga noção dos atomos.

A theoria atomica de Dalton, depois de modificações trazidas por Berzelius, Dumas, Liebig, Wöehler e muitos outros chimicos, tomou a fórma que ainda hoje tem e que foi quasi que universalmente acceita até bem pouco tempo.

Segundo esse systema, os corpos são formados de particulas infinitamente pequenas, todas similhantes e dotadas das mesmas propriedades, do mesmo peso, para o mesmo corpo. Estas particulas, que se chamam *moleculas*, são unidas por uma força, que se denomina *cohesão*. Nunca estão em repouso, pelo contrario, executam movimentos de que resulta uma força opposta á cohesão, a qual tende a afastal-as umas das outras. E' a força de *repulsão*. Da grandeza relativa destas forças resultam os tres estados dos corpos. As moleculas, por sua vez, são formadas de *atomos*, particulas ainda menores, as quaes, embora infinitamente pequenas, têm extensão sensivel e sem duvida uma fórma propria. Os atomos são indestructiveis, e não podem ser divididos pelas forças physicas e chimicas, a que elles servem como de ponto de applicação. Os atomos são animados de movimentos de translação e de rotação muito rapidos. Póde dizer-se, portanto, que o atomo é um centro de materia e de energia, comparavel, no infinitamente pequeno, ao que é o sol, na mecanica celeste. Uma força particular, a que se dá o nome de affinidade, une os atomos para formar as moleculas. A diversidade da materia é devida

á existencia de varias especies de atomos, e a individualidade destes depende de sua massa e de seus movimentos. Os corpos chamados simples, aquelles cuja decomposição tem sido até agora impossivel, apesar do emprego dos mais delicados processos de analyse, são os que possuem moleculas constituidas por atomos da mesma especie. Os corpos simples têm como caracter a inalterabilidade de seu estado e comportam-se, em relação aos outros corpos, como substancias limites que não se podem decompôr, nem simplificar.

* * *

Embora a theoria atomica fosse quasi que universalmente acceita, em épocas differentes formularam-se outras hypotheses da constituição da materia.

A idéa da divisibilidade indefinida dos corpos não desappareceu com a escola eleatica. Já tivemos occasião de dizer que Descartes era partidario seu.

O conceito de uma materia continua, que enche todo o espaço em gráus de densidade diversa, decorre tambem da hypothese dynamica, que os philosophos allemães professaram no começo do seculo passado. Quer a materia exista por si mesma e seja dotada de duas forças contrarias, uma attractiva e outra repulsiva, como admittia Kant; quer resulte sómente do conflicto destas duas forças, como pretende Schelling, —ella é continua e, portanto, divisivel ao infinito.

De accordo com essa concepção, as combinações chimicas resultariam da mistura de corpos heterogeneos que se penetram reciprocamente e de um modo tão intimo, que não se encontram no composto as propriedades, nem até a substancia dos componentes: fórma-se uma nova substancia, e a menor particula desta é inteiramente similhante á massa total. A massa que enche o universo está em um estado permanente de movimento vibratorio.

Ondas propagam-se nella e cruzam-se em todos os sentidos como as ondas produzidas na superficie das aguas. Da intersecção destes systemas de ondas resultam superficies e pontos nodaes, que constituem as porções limitadas da materia. A diversidade desta resulta da diversidade dos systemas de ondas que a atravessam.

Esta hypothese é, a certo aspecto, um tanto vaga. O mesmo não acontece com a concepção de sir William Thomson, Lord Kelvin, que admitte porções limitadas de materia vibrando em um meio continuo. Esta theoria resultou do estudo dos movimentos moleculares, que tomou nestes ultimos tempos um desenvolvimento muito grande, e da descoberta de Helmholtz, respeitante ás propriedades fundamentaes da materia turbilhonante. Ella parece dar uma demonstração mathematica e até uma representação experimental da indivisibilidade e da individualidade propria e eterna dos atomos. Para Thomson ha um fluido que enche todo o espaço, e o que nós chamamos materia são porções deste fluido animadas de movimentos turbilhonares. Uma idéa destes movimentos póde ser-nos fornecida por experiencia relativamente simples.

Enche-se de fumaça uma caixa de madeira, da qual uma das paredes tenha uma abertura circular e a opposta a esta seja constituida por um pedaço de panno muito tenso. Produzindo-se na parede de panno choques seccos, vê-se desprender pela abertura da contraria e propagar-se livremente um annel de fumaça. Tudo neste annel é movimento. Independentemente de seu movimento de translação, as particulas de fumaça executam, em cada secção do annel, movimentos de rotação, que as unem indissoluvelmente. De modo que, toda a massa do annel-turbilhão será sempre formada das mesmas particulas. Os anneis-turbilhão são dotados de elasticidade e podem mudar de fórma.

O circulo é sua posição de equilibrio; quando deformados, oscillam em torno desta posição a que volvem afinal.

Quando se procura cortar estes anneis, fogem elles deante do instrumento

cortante, ou desviam-se sem deixarem penetrar-se. Offerecem, pois, a representação material de alguma cousa que seria indivisivel. Quando dous destes anneis se encontram, comportam-se como dous solidos elasticos: depois do choque vibram energicamente.

A's porções do fluido animadas de movimentos turbilhonares Thomson deu o nome de *atomos-turbilhão*.

No meio perfeito que os encerra, estes *atomos-turbilhão* não pódem mudar, nem desapparecer, nem nascer espontaneamente. Vê-se, portanto, que esta hypothese permitte explicar de um modo satisfatorio algumas das propriedades dos corpos e estabelece uma transição entre a theoria atomica propriamente dita e a que admitte a continuidade da materia.

* * *

Para explicar os phenomenos naturaes e para dar á imaginação um ponto de apoio, Descartes e Newton admittiam a existencia de um fluido elastico, que enche o universo inteiro, impregnando todos os corpos, por mais compactos que sejam, e penetrando-os como a luz penetra o vidro. Para Newton, o que nós julgamos vasio está cheio de uma substancia imponderavel que escapa a nossos sentidos, incompressivel e infinitamente elastica, á qual se dá o nome de *ether*. A existencia deste meio explicaria a transmissão das acções a distancia e principalmente através dos espaços cosmicos.

Maxwell suppõe-n'o constituido de pequenas espheras animadas de rapidos movimentos de rotoção, que se transmittem de camada em camada.

* * *

Ao lado da materia bruta, que impressiona os nossos sentidos, e do ether, imaginado pelo engenho poderoso de Newton, um terceiro agente parecia até aqui inseparavel dos dous outros — a *força*. Helmholtz escrevia: «é evidente que as idéas de materia e força não poderiam ser separadas; o conceito de uma materia pura é tão falso como o de uma força pura. Um e outro são abstracções. Não podemos perceber a materia sinão por intermedio de suas forças, jamais por ella propria». Lewes ajunta: «A força constitue o aspecto dynamico da materia e a materia o aspecto estatico da força».

Todos que se occupam destas questões são unanimes em admittir que o attributo essencial da materia é manifestar sua existencia por uma absorpção, ou por uma emissão de energia, e em tal systema não se concebem a materia e a energia separadamente; mas devem ser consideradas como duas entidades distinctas.

A materia não parecia manifestar outra energia além daquella que lhe foi fornecida; incapaz de crear a energia, ella não fazia mais do que restituil-a. A sciencia de hontem admittia a indestructibilidade da materia e da energia. A energia, bem como a materia, era indestructivel e immortal. Por outro lado, não se podia conceber uma creação de energia. A quantidade de energia existente no mundo reputava-se invariavel. A energia conservava-se constante, embora se procurasse annullal-a. Podia apenas soffrer modificações equivalentes.

Taes as idéas dominantes ha bem pouco tempo. Mas uma série de descobertas realizadas no campo da physica abalaram os alicerces em que assentava o dogma da conservação da materia. Parece podermos concluir dessas investigações não só que a materia não é indestructivel, como tambem que a quantidade de energia existente no universo não é limitada.

A formula «na natureza nada se crea e nada se perde», de Lavoiser, propõe Gustavo Le Bon que se substitua pela «na natureza nada se crea e tudo se perde».

Já vos citamos a hypothese que admitte ser a materia formada por turbilhões existentes no seio de um fluido immaterial. Ella estabelece tambem a transição entre as theorias da continui-

dade da materia e as actuaes. Esses turbilhões, outr'ora suppôstos indestructiveis e eternos, são considerados ephemeros nos tempos modernos. O turbilhão tem uma individualidade devida unicamente ao seu estado de equilibrio. Desde que as forças mantenedoras deste equilibrio cessam de actuar a materia volta ao nada.

A materia é, pois, uma variedade da energia caracterizada por uma colossal grandeza e um accumulo consideravel, sob um fraco volume.

* * *

Vejamos quaes os factos que determinaram tão grande revolução no meio scientifico. Estão em primeiro logar a descoberta dos raios cathodicos, dos raios X e das substancias radio-activas.

Quando entre dous corpos se estabelece uma differença de potenciaes electricos, uma faisca produz-se entre elles. Si se effectua no ar a descarga e á pressão ordinaria, a faisca póde ser constituida por uma simples recta luminosa, ou por um zig-zag de fogo acompanhado de ramificações muito delicadas, conforme a distancia que separa os corpos electrizados. O mesmo não se dá quando a descarga se produz em uma ampola de vidro munida de dous electrodos de platina e contendo um gaz rarefeito.

Si a pressão do gaz não é inferior a 1 mm. de mercurio, observa-se, de um electrodo a outro, um clarão purpurino, pouco intenso e continuo. Quando o vacuo é mais perfeito, a ampola illumina-se por um clarão descontinuo, em que se observa uma serie de riscas alternativamente brilhantes e obscuras; uma bainha de luz vermelha envolve o electrodo positivo. Ao mesmo tempo, observa-se, em torno do electrodo negativo ou cathodo, uma bainha de luz violacea, de brilho pouco intenso, ao lado da qual se encontra uma região obscura.

Envolvendo-se essas ampolas de liquidos coloridos, obtem-se muitas vezes os mais bellos effeitos de luz.

Augmentando-se o vacuo da ampola, de modo a reduzir a pressão a $\frac{1}{100}$ de mm., o espaço obscuro vizinho ao cathodo augmenta e invade toda a ampola. O gaz deixa de ser luminoso, mas alguma cousa desprende-se normalmente do cathodo e dirige-se em linha recta para a parede opposta, tornando-a fluorescente. Uma ampola nestas condições recebe o nome de tubo de Crookes.

A acção destes agentes especiaes, que partem do polo negativo da ampola, accusa-se por uma serie de experiencias: si se collocam na ampola, em face do cathodo, cada um por sua vez, um anteparo, um pequeno molinete, um pedaço de platina, ou os sulfuretos alcalino-terrosos, — o anteparo projecta sua sombra no fundo fluorescente da ampola, o molinete põe-se em movimento, o pedaço de platina aquece-se os sulfuretos alcalinos-terrosos incandescem-se. A'quelles agentes dá-se o nome de *raios cathodicos*. Taes raios são desviados por um iman e carregam negativamente os corpos que tocam. Admitte-se que elles são formados de particulas infinitamente pequenas lançadas pelo cathodo e carregadas negativamente.

Thomson concluiu que estas particulas, para as quaes propôz o nome de *corpusculos*, são sempre identicas e acham-se carregadas de uma porção de electricidade negativa infinitamente pequena. Elster e Geitel denominaram-n'as *electrons*. O seu peso é cerca de 1.800 vezes menor que o mais leve de todos os atomos. Esta pequenez extraordinaria póde ser comparada, segundo a expressão pinturesca de Kauffmann, «á dê um bacillo em relação ao globo terrestre». Sir Olivier Lodge acha que a desproporção entre a dimensão de um atomo e a de um *electron* é infinitamente maior que a que existe entre o sol e a terra. Convencionou-se dizer que a materia assim extremamente dividida se acha num quarto estado, dito estado «irradiante» ou «*ultra-gazoso*». Não se podem considerar os corpusculos independentemente da carga negativa que transportam; são inseparaveis desta

carga, e constituidos por ella, como diz Perrin. A sua velocidade é cerca de 50.000 kilometros por segundo.

Como estes corpusculos podem ser produzidos a expensas de qualquer especie de materia, admitte-se que são um constituinte universal commum a todos os atomos.

Si o cathodo tiver a fórma de um espelho concavo poder-se-á dar aos raios cathodicos a direcção que se quizer. Estes raios podem tambem ser produzidos sem o concurso de uma descarga electrica, e este facto tem para o nosso caso uma importancia capital. Todos os corpos submettidos á acção dos raios luminosos, particularmente dos raios violeta e ultra-violeta, emittem corpusculos.

Röntgen mostrou que os corpos que recebem os raios cathodicos adquirem a propriedade de emittir novas especies de radiações, capazes de atravessarem os corpos opacos para a luz ordinaria, de produzirem a florescencia de certas substancias, de impressionarem as chapas photographicas, de tornarem os gazes conductores da electricidade (propriedade esta que recebe o nome de ionização). São os raios X ou de Röntgen. Por meio dos raios X podemos observar a sombra projectada sobre um anteparo de platino — cyanureto de baryo, de certos objectos collocados em uma caixa envolvida em papel negro. As partes molles do corpo tornam-se transparentes, deixando ver a sombra dos ossos.

Bem comprehendeis a utilidade destes factos. Permittem muitas vezes ao medico e ao cirurgião conhecer em um individuo vivo lesões internas. Sendo os verdadeiros diamantes transparentes aos raios X, é possivel com auxilio destes agentes distinguil-os dos falsos.

Do mesmo modo, pódem distinguir-se, na maior parte, as pedras preciosas de suas imitações. O nosso apparelho visual não percebe, entretanto, os raios X.

Além dos raios cathodicos e dos raios X, observou-se nos tubos de Crookes uma terceira especie de raios tambem importantes. Referimo-nos aos *raios canaes* ou raios de Goldstein, que se produzem no contorno interior da bainha luminosa, que envolve o cathodo, e que se dirigem para este ponto. Si o cathodo fôr constituido por uma placa munida de orificios, apparecem atrás delle estes raios. Certas observações de Villard e pesquizas de Wien levaram os physicos a concluir que os raios canaes são fragmentos de moleculas carregadas positivamente.

Procurando as verdadeiras causas dos raios X, que se attribuia á fluorescencia da parede dos tubos productores, Becquerel verificou que o uranio tem a propriedade de emittir radiações particulares, capazes de atravessarem os corpos opacos, de excitarem a fluorescencia e de ionizarem os gazes, isto é tornarem-nos conductores da electricidade.

As pesquizas effectuadas demonstraram que estas radiações muito se approximam dos raios X.

De facto, si se collocar uma camada de um sal de uranio sobre uma chapa photographica envolvida em papel preto, ou mesmo isolada por uma lamina metalica, ella impressionar-se-á levemente. Entende-se que essa propriedade era nova e particular do uranio e deu-se o nome radio-actividade.

Mais tarde a sr.ª Curie, em França, e Schmidt, na Allemanha, observaram que os compostos do thorio possuem tambem esta propriedade. Continuando suas pesquizas sobre a radio-actividade, o sr. e a sr.ª Curie descobriram que um minerio uranifero, a pechblenda de Joachimstal, possue uma actividade muitas centenas de vezes superior á do uranio.

Estudando melhor este minerio acabaram aquelles chimicos por isolar um corpo novo, ao qual denominaram *radio*, e cujo poder radioactivo é cerca de um milhão de vezes superior ao do uranio. Mais tarde, a Sra. Curie, caracterizou, sem isolar, entretanto, um outro elemento fortemente radio-activo, o *polonio*. Debierne verificou depois, com auxilio do espectroscopio, a existencia naquelle mesmo minerio, de um outro metal radio-activo, o *actinio*. Mais re-

centemente póde verificar-se uma radio-actividade muito fraca, é exacto, no potasio e no rubidio. As propriedades destes metaes não exigem, para manifestar-se, que elles estejam expostos á luz, ou a outra fonte qualquer de energia, ao inverso do que se dá com a phosphorescencia que não se manifesta por si. Admitte-se hoje que a fonte de energia alimentadora desta emissão de raios reside no intimo dos atomos : é a energia intra-atomica. Os corpos radio-activos são, pelas radiações que produzem, fontes de energia, ás vezes poderosas. Uma particula de radio está sempre a uma temperatura muito superior á do meio ambiente ; em uma hora um grammo daquella substancia produz uma quantidade de calor sufficiente para elevar 80° a temperatura de um peso de agua egual ao seu.

As radiações do radio produzem tambem effeitos physiologicos. Alguns miligrammos collocados sobre a pelle determinam uma queimadura difficilmente curavel; as folhas dos vegetaes amarellecem sob a sua acção e as sementes perdem o seu poder germinativo.

O radio, que pertence ao grupo dos metaes alcalino-terrosos, isto é, do calcio, baryo e estroncio, é excessivamente raro; são necessarios 500 kilogrammos de pechblenda para se obter 1 decigrammo do seu bromureto.

* * *

As radiações emittidas pelo radio são complexas. Com as preparações muito activas que hoje se podem obter é facil analysal-as. Ha principalmente tres especies de raios, que Rutherford designou pelas letras *alpha*, *béta* e *gamma*, e que podem ser mais ou menos separados pela acção de um campo magnetico. Os raios *alpha* são formados por particulas carregadas de electricidade positiva e possuem uma velocidade de cerca de 20.000 kms. por segundo.

São tão pouco penetrantes, que uma folha de papel basta para detel-os. Os raios *béta* muito similhantes aos raios cathodicos, têm uma potencia de penetração muito grande. Segundo demonstrou o sr. Curie, estes raios transportam electricidade negativa, e hoje está provado que são electrons livres. Elles tornam luminosos os corpos susceptiveis de apresentar o phenomeno da phosphorescencia, ainda quando protegidos por uma delgada lamina de aluminio. São os impressionadores das chapas photographicas.

Seu poder penetrante resulta de sua grande velocidade. Finalmente, a terceira especie de radiações é constituida pelos raios *gamma*, muito mais penetrantes que os dous primeiros. Podem atravessar uma lamina de aço de alguns centimetros de espessura; são, pelas suas propriedades, comparaveis aos raios X.

Estas tres radiações, cujas propriedades respectivas variam com a fonte radio-activa, não são em geral emittidas pelo mesmo elemento.

* * *

Além dos seus effeitos physiologicos, physicos e chimicos, os corpos radio-activos têm a propriedade de communicar uma certa radio-actividade induzida ás substancias ordinariamente inactivas.

Attribue-se esse phenomeno á emissão pelos corpos radio-activos de um producto denominado *emanação*, o qual, si bem que possa produzir particulas electricas, não é carregado de electricidade.

Esta emanação parece ser um verdadeiro gaz que escapa dos corpos radio-activos, principalmente do thorio. Ella é diffusivel como os gazes e póde ser condensada. A emanação do thorio condensa-se a —120.° Póde obter-se tal condensação por meio de ar liquido. Para Le Bon a emanação dos corpos radio-activos é uma substancia semi-material, pois póde condesar-se, dissolver-se nos acidos, *etc.*; mas acaba por desapparecer inteiramente transformando-se em particulas de electricidade. Existe sempre no ar, em muito pequena quantidade, uma emanação analoga á emittida pelos corpos radio-activos. Certas aguas, a areia, *etc.* possuem tambem emanações.

O radio, quando aquecido, produz grande quantidade de emanações, perdendo por isso sua actividade; mas a retoma ao cabo de alguns dias. Foi possivel isolar uma emanação de radio, continuamente desprendida por esse elemento, á razão de $\frac{1}{10}$ de $\frac{m}{m}$. cubico por dia e por grammo. Esta emanação liquefez-se a — 65.°, sob a pressão ordinaria, e solidificou-se a — 71.°, dando um solido luminoso. Este é chimicamente inerte como o argonio. Illuminado pela descarga electrica, apresenta um espectro cujas raias são particulares.

Em resumo, é um elemento chimico a que Ramsay propôz chamarmos *Niton*, cujo etymo significa *brilhante*. Mas é um elemento que se destróe na razão de metade para cada quatro dias. Verifica-se pela primeira vez que um elemento póde nascer e morrer. Verifica-se tambem por esse facto que o radio se destróe progressivamente á medida que gera niton. Não se poderá negar tambem que a radio-actividade seja o signal da transmutação de um, ou muitos atomos.

Já em 1903 Ramsay e Soddy conseguiram provar que o helio se desenvolve em quantidades crescentes dentro de um recinto fechado contendo radio. Rutherford, por meio de considerações attinentes á relação entre a carga electrica e a massa dos raios *alpha*, suppôz, que estes raios nada mais eram que atomos de helio.

Esta supposição foi confirmada por uma experiencia devida a Rutherford e Roys. Para isso, elles encerraram o niton em um tubo de vidro cujas paredes delgadas não podiam ser absolutamente atravessadas pelas moleculas de um gaz no estado de agitação que corresponde á temperatura ordinaria, mas que o seriam facilmente pelos raios *alpha* emittidos pelo niton. Ora, nestas condições, encontrou-se logo o helio no recinto exterior onde penetraram estes raios. Os raios *alpha* são, portanto, atomos de helio lançados com a velocidade prodigiosa de 10 a 20 mil k.^{ms} por segundo. Sendo o peso atomico do radio sensivelmente a somma dos do niton e do helio, conclue-se que, em sua transmutação, o atomo radio se desdobra, dando um atomo de niton e um de helio. Como não se conseguiu obter nenhum intermediario, entre o radio e o niton, admitte-se que a transmutação é descontinua. Ella deve fazer-se atomo por atomo, de modo brusco, explosivo, e é precisamente durante estas explosões que saltariam os raios. Na explosão de um atomo de radio, o atomo de helio será lançado em um dado sentido e o de niton em sentido contrario com a mesma velocidade. (1) O phenomeno é identico ao recuo de um canhão.

Admitte-se que os raios de Goldstein, cujo apparecimento se produz concomitantemente com os raios cathodicos, sejam constituidos pelo niton.

A radio-actividade de um elemento assignala, pois, sua desapparição, sua transformação em atomos de outra especie. A do radio, por exemplo, marca a destruição dos atomos deste corpo, com a apparição dos atomos da emanação, e a radio-actividade da emanação, a destruição dos atomos deste gaz com o apparecimento de um deposito solido sobre os objectos por elle tocados. Os atomos deste deposito morrem tambem, e isto explica o radio-actividade induzida.

* * *

Dissemos ha pouco que uma dada massa de niton reduz-se á metade em quatro dias. A cada elemento radioactivo corresponde um *periodo*, durante o qual a metade de toda a massa notavel do elemento soffre a transformação. Este periodo é de cerca de 2.000 annos para o radio. De sorte que, si se fechar hoje uma ampola contendo 2 grs. de radio, no anno 3916 nella haverá apenas um grammo deste elemento. Isto equivale a dizer que em um segundo desapparece a bilionesima parte de toda a massa notavel do radio. Os elementos mais abundantes são os de vida mais longa. Um elemento banal, como

(1) Perrin, Les atomes.

o ferro, é radio-activo, mas possue um periodo colossalmente longo em relação ao bilhão de annos.

* * *

Parece, portanto, verificado que o atomo material e immutavel de Dalton é constituido por um systema de elementos imponderaveis, cujas propriedades resultam de um estado de equilibrio das partes constituintes. Deste equilibrio resultam as propriedades materiaes dos corpos taes como o peso, a fórma e a apparencia de permanencia. A materia representa tambem o movimento; mas os movimentos dos elementos que a constituem estão localizados em um espaço muito restricto. O atomo neutro póde, em resumo, considerar-se como um composto de uma porção principal immovel, carregada positivamente, em torno da qual se movem, como satelites em torno de um planeta, muitos electrons negativos. O equilibrio existente entre os elementos que formam o atomo póde ser considerado estavel em vista da lentidão com que a materia se dissocia, a ponto de ser julgada durante muito tempo como indestructivel. São os effeitos produzidos sobre os nossos sentidos por estes equilibrios estaveis a que chamamos materia. Neste systema, a differença que notamos entre os atomos dos differentes corpos provem do numero de electrons, de sua velocidade e de suas distancias ao centro de rotação. Esta hypothese generaliza o principio de gravitação universal até o ultimo estado dos corpos e admitte ainda mais a unidade da materia.

Cada electron deve ter-se como um turbilhão de ether condensado. A rotação dos elementos constituintes do atomo é uma condição de sua estabilidade.

Quando, sob a influencia de uma causa qualquer, a velocidade de rotação cai abaixo de um certo ponto critico, o equilibrio das particulas torna-se instavel, sua energia cinetica augmenta e ellas podem ser expulsas, o que constitue um começo da dissociação da materia.

Nesta desaggregação, ella põe em liberdade grande somma de energia, que existia como que accumulada em seus atomos — a energia intra-atomica. E' da energia intra-atomica, manifesta só no momento da desaggregação da materia, que resulta a maior parte das forças do universo.

O sabio que encontrasse, diz Le Bon, o meio de dissociar instantaneamente um grammo de um metal qualquer, radio, chumbo, ou prata, não veria os resultados de sua experiencia. A explosão produzida seria de tal modo formidavel, que seu laboratorio e todas as casas vizinhas ficariam instantaneamente pulverizadas com os respectivos habitantes.

Si a dissociação dos atomos transforma a materia em energia, estas duas entidades, que a sciencia considerava até bem pouco tempo como distinctas, nada mais são do que duas fórmas de uma só causa. Effectivamente, de accordo com as idéas modernas, a materia não é mais do que uma fórma estavel da energia, da qual a luz, a electricidade, *etc.*, são fórmas instaveis.

O electron lançado com grande velocidade no acto da dissociação determina vibrações do ether. Estas vibrações receberam o nome de calor, luz visivel, luz ultra-violeta, ondas hertzianas, raios X, *etc.*, segundo os effeitos produzidos sobre os nossos sentidos, ou sobre os nossos instrumentos. Ellas acompanham sempre o electron e representam a fórma sob a qual elle se esvae irradiando energia. Perdendo esta, o electron dissipa-se no ether e deixa de existir.

Vê-se, portanto, que o ether constitue o ponto de partida dos mundos materiaes e o seu termo ultimo, e, «si muito pouca cousa sabemos delle, devemos, entretanto, considerar que a maior parte dos phenomenos do universo são consequencias de suas manifestações. Elle é, sem duvida, a fonte primeira e o termo ultimo das cousas, o *substractum* dos mundos e de todos os seres que se agitam em suas superficies». (1)

(1) G. de Bon, L'EVOLUTION DE LA MATIÈRE.

VERSOS ANTIGOS

A HUMANIDADE

Filhos da noite, negro está o poente;
mas o nascente começa a esclarecer-se.

LAMENNAIS.

Era num sonho de agonia acerba,
Pesado como a lousa do sepulcro,
Triste como o sorrir do agonizante,
Pungente como o dobre mortuario . . .
Entre angustias minh'alma se estorcia,
Como si Deus irado a comprimisse
Num cilicio de tetricos remorsos;
Como si a seiva amarga da cicuta
Me côasse nas veias, gotta a gotta;
Com si o Nada escancarasse as fauces,
Para meu ser tragar no abysmo horrivel . . .
E eu via . . . era um negrume impenetravel
Sem limites, nem céo, nem horizontes . . .
Oceano de trevas profundissimo,
Sem ondas, vasto, immovel, taciturno,
Massa escura que os mundos escondia,
Como si as trevas em montanha enorme,
Escondendo o Universo no seu seio,
Fossem perder-se além, pela amplidão . . .
Depois um murmurio melancolico,
Harmonia confusa de mil vozes,
Concerto doloroso de queixumes,
Gemido de afflição, grito de angustia,
Triste, plangente, agudo, inexprimivel,
Sôa rompendo o lugubre silencio:

« Senhor, sempre o soffrer, sempre o supplicio!
Nem o sol, nem meus labios resequidos,
Nem a ira do céo que os campos cresta,
Nem a sêde que a vida me devora,
Nada exgotta este calix de amargura!
A Morte, extremo allivio, alma esperança,
Visão celeste, que enfeitiça aos martyres,
Sonho de luz, aurora suavissima,
A Morte, que eu invoco, e anseio, e busco,
Foge, recua, some-se no espaço,
— Miragem seductora do impossivel,
Perfida como os risos do Sahára!

Senhor, vosso castigo foi tremendo . . .
Sombrio como um céo de tempestade,
Profundo como o arcano do infinito
E, como vós, immenso, eterno, infindo . . .
Senhor, não ereis grande sem crear-me ?
Não tinheis por espelho o firmamento,
Por vassalos o céo e a immensidade,
E por poema o cantico dos astros
Em vossa Omnipotencia embevecidos ?
Então, porque ligar-me á terra ingrata
Prender o pensamento na materia,
Curvar ao corpo o espirito sublime,
Pôr-me na fronte o sello da impotencia
E no peito o desejo insaciavel,
Descobrir-me o Idéal, visão brilhante,
Em que a alma de esplendores se extasia,
E lançar-me no mundo ermo e funereo,
Onde só brota a flôr do Desengano ? !
E' o requinte supremo do martyrio !
Tudo na creação definha e morre ;
Perecem as nações, tombam imperios,
E a vida para os homens fulge rapida
Como o luzir de subito relampago . . .
Não vêdes lá nas raias do horizonte
O sudario alvacento do Passado ?
São cidades que dormem embuçadas,
No seu manto de pallidas ruinas ;
São ossadas de povos que branqueiam
Como um lençol de neve á luz dos pólos . . .
Só eu resurjo sempre dos destroços,
Qual o gigante, que, na lucta intrepido,
Recupera, ao cair, alento e forças !
As gerações renovam-se, fenecem ;
Mas a Morte, que os povos aniquila,
A Morte perpetúa a minha vida !
Senhor, o desespero me consome,
A eternidade me requeima o seio :
O Passado é uma idéa que me opprime,
O Futuro é um segredo que me aterra,
E o Presente um fardo de miserias,
Que esmagaria os hombros do Hymalaia !
Senhor, não me deixeis ao desamparo . . .
Vosso amor é mais doce do que o nectar :
Derramae uma gotta desse balsamo
Na minha taça de suor e lagrimas !
Vossa bondade é o sol que vivifica :
Dae-me um raio de luz que me console,
Uma scentelha que o Porvir me aclare,
Um iris que me anime na tormenta !

Senhor, senhor, mostrae-me o vosso rosto!
Valei-me neste anseio, que me afoga!
Uma estrela nas sombras desta noite,
Um phanal, um arrimo, uma esperança!
E extinguiu-se o clamor, de pouco em pouco.
Qual o tanger da viração nas ramas
Que as geadas do inverno desfolharam;
E além, como o bramido da procella,
Eu ouvi uma voz, lenta, sonora...
Era o sopro de Deus que retròava,
Perpassando nas cordas do Universo...
Que sussurro longinquo me disperta?
Serão as melodias das espheras?
O mugir do Simum pelas pyramides,
Levantando a mortalha do deserto?
O marulho das vagas do Oceano,
Que despedaça as jaulas de granito?
Não, que o silencio dorme sobre a terra...
E' o soluço que exhala a Humanidade,
A victima do augusto sacrificio!
Chorae, que vossas lagrimas são perolas,
São o orvalho de luz, que no meu seio
Vêm fecundar o pollen do Porvir!
Eu, que formei o mundo de grandezas,
Eu, artifice eterno de prodigios,
Eu preparo a alchimia do Futuro.
Mas, quem quer dicifrar os meus enigmas?
As Edades são mudas como esphynges;
A Sciencia é uma grande conjectura,
E a Utopia um lampejo da Verdade,
Que eu accendo nos craneos inspirados.
O tempo é para vós triste mysterio...
Oh, si visseis que encantos ineffaveis
Escondidos encerra esse problema!
O Futuro soabre o immenso calix,
Para beber o verbo de meus labios;
Os Sec'los se inebriam de delicias
No aroma que trescala a flor da Vida.
O Progresso é a idéa soberana,
O impulso que arrebata a Humanidade,
O pendor do Destino irresistivel...
O mundo é um theatro de infortunios;
Mas ha de ser um Eden de venturas.
Restauradores loucos do Passado,
Vêde a desillusão que vós espera!
Os povos assassinam-se nas guerras,
E um riso meu as guerras asserena;
A Paz, como clarão de mago influxo,
Banha de luz os paramos de além.

Nesse accordo de lugubres suspiros,
Ouço uma nota de suprema angustia,
Mais triste que o estertor das gemonias:
E' o lamento do escravo entre as torturas.
O retinir dos ferros que o roxeam;
Mas o meu brado soará terrivel,
E o raio fundirá essas algemas.
O preconceito é a parasita esteril,
Que se embebe na seiva mais viçosa,
E, ao halito ardente dos estios,
A parasita murchará nas ramas.
A purpura é o labéo dos povos livres,
E' uma nodoa de sangue em vossa historia.
Os reis são o flagello dos imperios,
Vermes cobertos de ouro, que eu desprezo:
Reis de morte ante a eterna magestade...
Ebrios pelo veneno das lisonjas,
Cuidavam dominar como senhores;
Cégos pelo fulgor de sua gloria,
Não viram negrejar a mão sombria
Que lhes aponta a sina inevitavel...
Mas eu vélo por vós, e, quando a terra
Gemer ao sopro do tufão divino,
O mar de minha colera insondavel
Engolirá os thronos derrocados.
A Cruz, — symbolo puro da verdade,
Emblema da victoria immorredoura,
Trophéo sincero que o Universo assombra,
Germen da liberdade sacrosanta, —
A Cruz serviu de abrigo á violencia,
A' tyrannia, á guerra, ao exterminio.
Quizeram conspurcal-a nas infamias,
Manchar-lhe a candidez na ignominia;
Mas eu fulminarei a hypocrisia,
Engolfando-a no eterno vilipendio...
Exultae, que o Futuro vos acena,
Brilhante, immenso, limpido, risonho!
Embriagae-vos no perfume ethereo
Que respiram as brisas do Oriente!»

E a voz calou-se restrugindo os écos,
Como si o tempo martelasse em bronze,
Gravando sobre a lamina dos seculos
Cada palavra do celeste cantico...
E as sombras do meu sonho se exvahiram,
E eu vi luzindo, a refulgir formosa,
A estrela da manhã num céo sem nuvens...

RUY BARBOSA.

GUERRA AOS HOMENS (*)

SAINETE EM UM ACTO

— por —

AFRANIO PEIXOTO,
da Academia brasileira de letras.

(Representado pela primeira vez no THEATRO MUNICIPAL, do Rio de Janeiro, aos 4 de Novembro de 1915)

PERSONAGENS:

D. Beatriz, **dona da casa, separada do marido**	Mme. Carlos de Carvalho
Gegé, **viuva, ainda com pretenções**	Mlle. Lydia Licinio Cardoso
Suzon, **sportwomen, americanizada, independente**	Mlle. Helena Van Erven
Milóca, **solteirona**	Mlle. Silvia Nioac de Sousa
Silvia, **brigada com o noivo**	Mlle. Lilah de Barros
D. Laura, **casada, feliz**	Mlle. Lelia de Barros
Dulce, **mulher politica, typo "suffragette"**	Mlle. Aurora Caldeira
D. Branca	Mlle. Guilhermina Lemos
D. Nadir	Mlle. Adelia Theile
Anna, creadinha	Mlle. Maria Emma Freire

Acção no Rio de Janeiro, em nossos dias

Cinco ás sete — Interior confortavel

(*) A *literatura da guerra* não é sómente a que commenta heroismos, invectiva adversarios, discute tactica e estrategia: ha, tambem, ao lado, uma literatura *sui generis*, provocada indirectamente pela guerra, da qual damos agora as primicias de uma amostra.

Tratava-se de angariar donativos para beneficio aos Belgas, victimas da Guerra. A *Liga brasileira pelos alliados* pôz-se a campo e empreendeu uma festa no sumptuoso *Theatro municipal*, do Rio de Janeiro. Luiz de Castro, jornalista e melomano, organizou um bello programma com a opereta de Offenbach — Un mari a la porte, uma pantomima de Georges Hue — Coração despedaçado, Hymno dos alliados, orchestra regida pelo maestro Alberto Nepomuceno, director do *Conservatorio nacional*. De permeio, cantos, monologos, versos, dansas, executados por senhoras e senhorinhas da mais alta sociedade carióca. Reparou, porém, o organizador que, isolados, pareceriam numeros de *café-concerto*: teve então a idéa de uma peça, de que fossem o recheio. Reclamou-a de José Verissimo, presidente da *Liga*, cuja autoridade se exerceu designando o nosso illustre collaborador Afranio Peixoto para escrevel-a, serviço quasi... militar, a que não era licito furtar-se um alliado.

Assim,—pretexto, ou *intermezzo*, para donas e donzellas patentearem em scena aberta habilidades de canto e de dicção, com que tantas vezes nos surpreendem nos concertos e salas onde a gente se diverte, — a Guerra aos homens foi escripta, ensaiada e representada em alguns dias apenas. Entretanto, constituiu feliz successo para a *Liga*, com a casa cheia de um grande espectaculo, e para as actrizes improvisadas, com applausos enthusiasticos, como raramente logram as *estrelas* do palco. E dessa noite conserva o autor, segundo nos disse uma vez, com resguardo de modestia, lembrança das felicitações que lhe deu José Verissimo, «misógyno impenitente, para o qual só uma ponta de ironia contra o sexo adverso conferiu prestigio a pobres paginas elaboradas por sua ordem.»

O saudoso critico, em quem a probidade era virtude primacial, teria outro maior motivo de applauso, pois a Guerra aos homens, a despeito das já referidas circumstancias em que foi escripta, revela brilhante aptidão em Afranio Peixoto, talento malleabelissimo, para o novo genero tentado. São, de feito, encantadoras pela finura de observação e graça expressiva, as paginas do sainete, que hoje publicamos, devido á gentileza de uma daquellas actrizes improvisadas, a qual nos forneceu copia do mesmo, para estampar-se na *Revista*. E temos antecipada certeza de que o inedito agradará indistinctamente, i. é: a misógynos e não misógynos.

SCENA I

Beatriz, Gégé, Laura.

LAURA, *avançando.*

Aposto que falam de uma amiga...

BEATRIZ, *risonha, levantando-se.*

Como você sabe?

LAURA

Duas mulheres juntas falam de uma terceira. Falam mal. As amigas são as preferidas.

GÉGÉ, *com um laivo de provocação.*

E mais de duas?

LAURA, *vai a ella, beija-a.*

Fazem a mesma cousa, se não falam mal dos homens... Vocês vão ver daqui a pouco *(uma pausa)*. Mas eu não as interrompo: de quem se trata?

BEATRIZ, *informando.*

Gégé trouxe novidade: o casamento de Silvia desmanchou-se.

LAURA, *sceptica.*

Com aquella ninguem póde dizer nada. A esta hora já reatou...

GÉGÉ, *vivamente, com certo prazer na insistencia.*

Qual nada! Desta vez é devéras... O rapaz não pôde mais. Dizem até que fugiu para S. Paulo.

BEATRIZ, *indulgente, com ironia.*

Coitadinho, não era preciso esconder-se...

GÉGÉ

E' que Você não sabe quem é Silvia; seria capaz de vigial-o, ainda depois de brigados... Ciume ali é matto...

LAURA

E porque romperam?

GÉGÉ, *sollicita.*

Por isso mesmo... Tantas foram as scenas, que o rapaz arribou. Espantou a caça antes de presa.

BEATRIZ, *apiedada.*

Coitadinha... innocente. Mais uma. Como si elles valhessem alguma cousa. Ciume e zelo. Os homens só valem desprezo...

LAURA

Exagero... exagero!... Não ha homens... ha um homem, o nosso marido, ou pretendente, pelo qual julgamos os outros...

GÉGÉ

Os homens bons são os que não se casam comnosco...

BEATRIZ

Você é feliz, Laura... tirou a sorte... quantas tem os bilhetes brancos?

GÉGÉ, *maliciosa.*

E ninguem sabe do bilhete sorteado... Ha os brancos e os que não se sabe que são brancos... Questão de esperar. Mais dia, menos dia.

LAURA, *sentindo-se provocada.*

Não é assim. O destino é differente, para todos. As mulheres têm os maridos que merecem.

Entram Silvia e Milóca.

BEATRIZ

Oh! Milóca com Silvia!

SCENA II

As mesmas e mais Silvia e Milóca.

MILÓCA, *depois de beijar as outras, maternal.*

Convenci a esta menina *(para Silvia)* que devia frequentar mais vezes

nossas reuniões... Aqui ao menos a gente se distrai.

LAURA

E se vinga...

MILÓCA, *vivamente, alegre.*

E Você já precisa vingar-se?

GÉGÉ, *maligna.*

Ainda não: está praticando, para breve.

LAURA, *indulgente.*

O que nós menos perdôamos, umas ás outras, é a felicidade...

MILÓCA

E Você chama isto felicidade? Um mau humor vitalicio, um aborrecimento acompanhado? Felizmente, Deus me preservou da tentação.

GÉGÉ, *com ar de innocencia.*

Você foi muito tentada, Milóca?
(*Risos discretos de todas. A solteirona quasi perde o aprumo*).

MILÓCA, *vingativa*

Tanto como você, ainda hoje... minha bella...

GÉGÉ, *córando.*

Eu puz ponto final. A felicidade não se acha duas vezes. Depois, o casamento é uma abdicação. Guardo este resto de vida para mim... Vivo á minha vontade.

LAURA

Só se vive á vontade, quando alguem faz a nossa vontade.

GÉGÉ

E quem ha de fazer a nossa vontade?

LAURA

Naturalmente, os nossos maridos...

GÉGÉ

Ha tanta extravagancia por esse mundo, que não duvido haja alguns casaes em boa harmonia, mas a regra é a lucta, lucta sem tregoas...

MILÓCA, *para Silvia.*

Eu não lhe dizia? Mire-se nesse espelho. E ainda ha tolas que se queiram casar...

SILVIA, *com uma ponta de melancolia.*

Eu sou muito boa de genio... muito facil de accommodar...

GÉGÉ, *irritada.*

E eu, todas nós, somos differentes? Haveria creatura mais meiga e mais docil, quando me casei? Pois bem, menos de um anno depois, meu marido definia assim a felicidade conjugal: só ha um meio de contentar uma mulher, fazer sempre o contrario...

MILÓCA

Contrario, de que?

GÉGÉ, *rindo.*

Ahi é que está o segredo...

BEATRIZ, *sentenciosa.*

Chama antes que te chamem. Tambem o meu, na primeira opposição que me fazia, chamava-me logo espirito de contradicção...

MILÓCA

Eu de homens conheci meu pai, meus irmãos e alguns da sociedade. Todos, sem excepção, a mesma cousa. Quando fazem bem a uma, é que fizeram mal a muitas. Minha mãi, como as outras, dizia-se feliz, mas concluia sempre: entretanto, minha filha, não te cases...

LAURA

Entretanto...

MILÓCA, *interrompendo vivamente.*

Tomei o conselho. Pretendentes não me faltaram...

LAURA, *para acalmal-a*

E' que não chegou a sua hora. Entretanto, ia dizendo, todas se casam ou querem casar-se... *(persuasiva)* Você ainda póde esperar, ha de resolver-se...

MILÓCA, *accommodada com a lisonja.*

Mas não quero; tenho opinião. Sou feliz sósinha... Para que me arriscar? Quem está bem, deixa-se estar.

LAURA, *carinhosa.*

E' tão bom fazer a felicidade de alguem... Olhe, Milóca, eu conheço uma pessoa, direita, bem collocada, até um senador... que é só Você querer.

MILÓCA, *risonha e interessada.*

Devéras? Você soube de alguma cousa? *(Approxima-se de Laura, para um segredinho: as duas sobem para o lado a conversar).*

BEATRIZ, *maternal, a Silvia, que ficou triste e pensativa.*

Não se amofine, minha filha. A deliberação que Você tomou foi de juizo. Felizes os que se arrependem antes...

GÉGÉ, *maliciosa.*

A arrepender-se, melhor depois.

BEATRIZ, *grave.*

O seu morreu, é por isso que Você diz assim... Está livre e senhora do seu nariz... Eu tive de romper com o meu, que anda por ahi a dar com a cabeça, como sempre, emquanto eu aqui estou, victima, presa, vigiada pela sociedade e ao alcance da maledicencia...

SILVIA, *admirada.*

O que me inveja é como a senhora é calma... A senhora é feliz: recebe, distrai-se, sabendo que «elle» vive por ahi a dar com a cabeça... eu não podia...

BEATRIZ

Que é que Você queria que eu fizesse?

SILVIA

Não sei... eu não teria paz... andaria atraz delle, a vigial-o. Ao menos havia de saber.

BEATRIZ

Pobrezinha... isto é no começo.

GÉGÉ

Depois, cansa...

SILVIA

Creio que não me cansaria... Sabem de uma cousa? A minha maior raiva é não ser homem, porque havia de o acompanhar, saber de tudo, de tudo o que elle faz...

GÉGÉ, *rindo.*

Agora mesmo estarias em S. Paulo...

BEATRIZ

Si você fosse homem, não se importaria com o que elle faz.

GÉGÉ

E que te deve importar, si rompeste com elle, si o mandaste passear?

SILVIA, *tomando a expressão a serio.*

Não o mandei passear. Queria que fosse um homem digno... Uma vez que rompemos, ao menos se portasse bem, respeitasse o nosso antigo sentimento...

GÉGÉ

Mas, si assim fosse, não haveria razão para romper. Você sabe, minha cara, Você ainda gosta delle, apesar de

tudo... Quando a gente desparafusa assim, sem seguimento, é que está chumbada.

SILVIA, *revoltada.*

Eu? só si não tivesse dignidade!

GÉGÉ, *persuasiva.*

Agora, pense que a gente vive neste inferno antes de casar-se, quando elles ainda dependem de nós; o que será depois, quando elles se tornam senhores e já não temos remedio senão atural-os.

SILVIA

Eu não aturarei... Na primeira vez que elle me fizer tanto assim *(mostra um pedacinho de dedo)*, faço uma dos peccados. Servirá ao menos de exemplo. Elle ha de ver...

BEATRIZ, *bondosa.*

«Elle» quem?

(Todas riem-se.)

SILVIA, *resabiada.*

Elle... o meu futuro marido...

GÉGÉ, *maldosa.*

E Você ainda pensa em cair noutra? Coitadinha! aonde é que se foi a dignidade...

BEATRIZ

Nós todas caimos noutra... só não são enganados os velhacos... Você mesma, com tanta experiencia e tanta sabedoria, é só aquelle senador querer mudar-lhe o nome...

GÉGÉ, *desdenhosa.*

Não vê! Um velho «courreur»... que frequenta cinematographos...

BEATTIZ

Velho, não; no ponto. Disseram-me que elle anda nos cinemas precisamente para vêl-a... faz tudo para que Você compreenda...

GÉGÉ

Ah! *(como admirada, compreendendo)* Pois olhe, eu não sou nenhuma tola... *(mudando de pensamento)* Mas tambem não me hei de atirar nos braços delle.

BEATRIZ, *para Gégé.*

O amor é timido, no começo; *(para Silvia)* depois fica bravo. *(Notando o espanto da moça á mudança da outra).* Aprenda, minha cara, não ouça theorias que a gente faz para uso das outras: cada uma de nós tem o seu caso particular que deve resolver, sem se importar com a galeria. Si ha irremediaveis, como o meu, offensas que não se perdôam, ha susceptibilidades, maus modos, talvez, como o seu, que não contam. O amor é menino, e só os meninos malcreados são interessantes. Si o seu amuou, faça-lhe uma festinha.

SILVIA, *ri-se tristemente. (Nesse momento a criada dirige-se para o grupo e chama com os olhos D. Beatriz, que vai ao encontro della. Segredam: a dona de casa segue-a).*

SILVIA, *curiosa e penalizada.*

Que offensa haverá em amor que não se perdôe?! Porque D. Beatriz rompeu com o marido?

GÉGÉ

Uma bagatella... «le plat du jour du mariage»: incompatibilidade de genio...

SILVIA, *espantada*

Isso?!... mas é o trival... desde antes do casamento.

GÉGÉ, *ri-se da mudança de humor da outra e torna, maliciosa.*

Foi o motivo para a galeria... Em amor ha muito tempo que não se in-

venta nada de novo : metade da humanidade está casada com os genios incompativeis ; a outra metade, separada, por causa dos genios incompativeis.

BEATRIZ, *que foi até a porta do fundo, á espera de uma visitante, levanta a voz.*

Imaginem quem nos apparece! Suzon, aquella maluquinha, que manda saber si aqui ha lugar para uma mulher livre...

GÉGÉ, *maligna.*

« Dejà » ?

(*As outras riem-se da malicia ; Silvia córa, confusa*).

MILÓCA, *como a explicar.*

Sim, livre dos escrupulos que todas temos, de allianças deseguaes... que seria muito capaz de casar-se com o dansarino que lhe ensina o tango...

BEATRIZ, *junto á porta, impondo silencio com o dedo na bocca.*

Chut!

(*Suzon entra*).

SCENA III

As mesmas e Suzon.

SUZON

« Bonjour la Compagnie! » Qual é o « numero » de hoje?

BEATRIZ, *amavel.*

Faltava Você para o inventar, ou para o trazer. Estas senhoras não têm imprevistos.

SUZON

Então não são mulheres... A mulher é a novidade. Felizmente. Basta que o homem seja o que todas nós sabemos.

MILÓCA, *maliciosa*

Todas, não.

SUZON, *com desdem.*

Quem é aqui que ainda tem dentes de leite? (*Para Milóca*) Você deve ter feito a sua primeira communhão ha bastante tempo... Pois é dessa época que a gente começa a conhecer os homens. Primeiro, pai e irmãos, dentro e fóra de casa, com as outras; depois, os irmãos e até os paes das outras, comnosco. E sempre os homens são os homens... Monotonos, na estupidez e na maldade... Moços e velhos... Eu assisti hoje a uma sessão da Junta Commercial, e venho de um campo de « tennis »... a mesma cousa... « Oh! comme les hommes sont bêtes! »

SILVIA, *que parece reflectir.*

Você diz muito bem, elles são tolos principalmente.

GÉGÉ

Montonos e tolos... como Vocês são brandas! Brutos é que elles são.

MILÓCA

Egoistas!

BEATRIZ

Hypocritas!

GÉGÉ

Cynicos!

SILVIA

Ingratos...

MILÓCA

Interesseiros!

BEATRIZ

Pérfidos, velhacos!

GÉGÉ

Grosseiros, violentos!

SUZON, *rematando.*

Fazem-me pena... « c'est tout dire! »

LAURA, *que se conservara silenciosa.*

E entretanto, apesar disso...

GÉGÉ

Só temos blandicias para elles...

MILÓCA

Não eu.

GÉGÉ

Todas... tivemos... temos... ou teremos...

MILÓCA, *que evita a discussão pessoal.*

Que confissão triste!

GÉGÉ

Mas, de quem a culpa?

BEATRIZ

Da nossa bondade...

MILÓCA

Dos nossos escrupulos...

GÉGÉ

Da nossa generosidade...

SUZON

Da nossa fantasia...

SILVIA

Do nosso zelo...

BEATRIZ, *convencida.*

Nós somos leaes...

GÉGÉ

Dedicadas...

MILÓCA

Meigas...

SILVIA

Solicitas...

SUZON

Intelligentes... e bravas, fortes e capazes de heroismo e de carinho, de sacrificio e de amor... e entretanto...

GÉGÉ

Uns brutos, traiçoeiros, ingratos, malvados, egoistas... que não resistem a um rabo de saia... que nós podiamos ter a nossos pés, como rafeiros, e entretanto nos dominam e nos humilham...

MILÓCA, *impondo silencio.*

Querem que eu diga de quem é a culpa?

(*As outras concordam e esperam.*)

A's mulheres só falta, para vencerem ao seu ruim adversario, uma qualidade —a união. E' preciso confessar, nós somos as criaturas mais desunidas que o céo cobre...

SILVIA, *convicta.*

Não apoiado!

MILÓCA, *sem fazer caso da interrupção.*

Cada uma de nós, partidaria natural do sexo, é inimiga das outras do mesmo sexo...

GÉGÉ

Muito bem!

MILÓCA, *continuando.*

Nós somos as nossas maiores inimigas... O adversario sabe disso e nos ataca, para vencer uma a uma, porque todas nós o ajudamos.

LAURA

Muito bem, Milóca! Cada mulher sacrificada por um homem, é por elle sacrificada a outra mulher...

MILÓCA

Si as mulheres fossem melhores uma para as outras, os homens seriam menos maus para todas nós...

SUZON

Deve-se reformar o sexo!

SILVIA

Como? Para que?

MILÓCA, *com convicção.*

Para a guerra aos homens...

SUZON

Muito bem! Vamos á acção. Que devemos fazer? Por mim, suspendo, de hoje em diante, todos os «flirts».

MILÓCA

Não basta... porque ha quem não os tenha: eu por exemplo, e a collaboração deve ser de todas... Precisamos primeiro, unidas, mostrar-lhes que não precisamos delles...

GÉGÉ, *espantada.*

E esta?

MILÓCA, *sem attender.*

...que nos bastamos... Nas festas, nas obras de beneficiencia, na instrucção, nas idéas, na vida.

SUZON

Comecemos por nos divertir sosinhas...

GÉGÉ

Cousa sem graça...

MILÓCA

Não... pois que temos enthusiasmo, «verve», alegria...

SUZON

Precisamos de um «cercle», de um «club», o «Ladies' Club»...

(*Entra D. Dulce*).

SCENA IV

AS MESMAS, D. DULCE, BRANCA E NADIR

DULCE, *entrando.*

Um club revolucionario? uma aggremiação politica?

SUZON

Não... um club para defesa das mulheres contra os homens.

DULCE, *espantada.*

Então, um club sem homens?

GÉGÉ

Naturalmente.

DULCE, *decidida.*

Não posso entrar... Com quem conversarei sobre as aspirações nacionaes, sobre as reformas economicas, sobre a crise financeira, sobre...

GÉGÉ, *interrompendo.*

Sobre tudo que a senhora quizer... comnosco.

SUZON, *para Laura, á meia voz*

Será uma prova de heroismo atural-a...

LAURA, *para Suzon, á meia voz.*

Que perspectiva para Vocês... Antes os homens...

DULCE, *dubitativa*

Não sei, mesmo sobre as reivindicações femininas, como conversar com mulheres... Enfim, ensaiemos. Vamos ao club.

SUZON, *enthusiasmada*

O «Ladies' Club».

SILVIA, *medrosa*

Não sei... podem julgar-nos mal...

MILÓCA

Nós somos independentes...

BEATRIZ

Sejamos modestas. Vamos devagar,

Offereço este salão ao «Ladies' Club» para as suas primeiras reuniões.

MILÓCA

Acceitamos. Proclamemos a nossa presidente (*para Beatriz*). (*Palmas geraes. Vozes: Muito bem*)!

GÉGÉ, *para Silvia.*

A nossa secretaria...

BEATRIZ, *para Milóca*

A nossa oradora...

SUZON, *para Gêgé*

A nossa thesoureira...

MILÓCA, *para Suzon.*

A directora das nossas festas... A nossa «verve»!

SUZON, *grave, para Dulce, reservada.*

A nossa parlamentar, com o inimigo, para os armisticios, os tratados... (*Risos e applausos*).

BEATRIZ

Está installado o «Ladies' Club» e empossada a sua directoria. O fito é a guerra aos homens. Para começar, devemos unir-nos e attrahir adhesões. O melhor meio de conseguir mulheres é dar festas... Pensemos numa, desde já. Cada qual trará a sua idéa na proxima sessão.

SUZON

Porque não faremos um ensaio já? Uma canta, outra recita, todas brincam...

BEATRIZ

Quem começa? (*Silencio*) Nesse caso, na minha qualidade de presidente, dou a palavra... á illustre D. Milóca.

MILÓCA

Ora, essa! Mas eu não a pedi. E por que hei de ser a primeira?

BEATRIZ

Pois, não foi acclamada a nossa oradora?

MILÓCA

Sim... mas é que não se trata de fazer discurso.

TODAS

Vamos, Milóca; não se faça rogada.

MILÓCA, *levantando-se.*

Que maçada... (*reflectindo*) Que hei de recitar?... Ah! «Qu'est-ce que l'amour?»

TODAS, *batendo palmas.*

Bravo! bravo!

MILÓCA

Guardem as palmas para depois. (*Recita. Palmas*).

(*Entram Branca e Nadir*).

BRANCA,

Oh! que enthusiasmo!

BEATRIZ

Que milagre! a Branquinha!

SUZON

Com a incomparavel Nadir. Vão entrando e sentando-se. Estamos ensaiando a nossa primeira festa.

NADIR

Que festa?

MILÓCA

A festa do «Ladies' Club».

BRANCA E NADIR, *rindo.*

Que bicho é esse?

MILÓCA

Um club cujo fim é guerrear os homens.

BRANCA

Pois, queridinhas, não contem comnosco. Somos muito felizes com os nossos maridos.

MILÓCA, *incredula.*

Pois, sim!

NADIR

Em todo caso, continuem. Faremos de publico.

BEATRIZ

Agora, Silvia.

SILVIA

Não estou disposta...

TODAS, *protestando.*

Oh! oh!

SUZON

«Voyons, pas de manières»...

SILVIA, *aborrecida.*

Mas não estou fazendo partes... E' que realmente não estou...

TODAS

Está, está...

SUZON

Assim não ha meio de organizar festas.

DULCE

E' o que eu digo: festa sem homens...

BEATRIZ

Então, Silvia!

SILVIA, *levantando-se.*

Bem, não quero ser desmancha-prazeres. *(Palmas. Recita).* Agora, é sua vez, Suzon, cante-nos um fado.

SUZON

E' que...

SILVIA, *imitando-a.*

«Voyons, pas de manières»...

SUZON, *levantando-se.*

E' que eu preferiria uma cançoneta...

TODAS

Não... não... um fado...

LAURA

Mas, si ella prefere uma cançoneta...

AS OUTRAS

Não... não... queremos um fado...

MILÓCA

Assim, não ha meio de organizar festas.

BEATRIZ

A maioria é quem resolve.

SUZON

Entretanto... «une chansonnette»...

AS OUTRAS, *levantando-se, menos Laura e Dulce.*

Um fado... queremos um fado...

DULCE, *calma.*

E' por isso que não gosto de reuniões de mulheres: degeneram sempre em barulho.

AS OUTRAS, *protestando.*

Oh! oh!

SUZON

Pois, canto o fado... mas quem me acompanha?

DULCE, *levantando-se.*

Si quer... acompanho-a eu...

TODAS

Bravo! bravo!

GÉGÉ, *levantando-se, depois do fado.*

Eu, para evitar novas discussões, encerro a festa recitando meia duzia de versos...

AS OUTRAS, *menos Laura e Dulce.*

Não... não... não...

DULCE

Lá recomeça o barulho... do mesmo modo...

AS OUTRAS

Oh! oh!

BEATRIZ, *levantando-se.*

Silencio! Recite. Gégé (*senta-se, e Gégé recita*).

SUZON, *levantando-se.*

Peço a palavra...

BEATRIZ

Tem a palavra a organizadora das nossas festas.

DULCE

Que promettem...

AS OUTRAS

Scio!...

SUZON

Nós precisamos absolutamente de um hymno... de um hymno feminista...

TODAS, MENOS BRANCA E NADIR

Apoiado... apoiado...

SUZON

Então, mãos á obra.

GÉGÉ

Mas quem faz os versos?

SUZON

Ora! improvisam-se. Só os poetas é que julgam difficil fazer versos.

BEATRIZ

E a musica?

SUZON

A musica? Está feita. (*Espanto. Ella cantarola a marcha da Viuva Alegre*).

TODAS, MENOS BRANCA E NADIR

Magnifico! magnifico!

SUZON

Vamos, perfilar. Beatriz, ao piano (*vendo que Branca e Nadir ficam sentadas*). Então, D. Branca? Então, D. Nadir?

BRANCA

Temos tambem que cantar o tal hymno?

SUZON

De certo. Mas não se assustem: «cela n'engage à rien» Prompto! «En avant la musique!» (*Cantam em còro o hymno feminista*).

SCENA V

As mesmas e a criada

A CRIADA, *aproximando-se de Laura.*

O marido da senhora... (*ri-se*).

BEATRIZ

Porque está a rir?

A CRIADA

Por nada, não senhora (*para Laura*) O marido da senhora manda-lhe dizer que está á sua espera (*sai*).

Laura tem um movimento de alegria, e, risonha, despede-se rapidamente das amigas).

GÉGÉ, *commentando essa alegria.*

Como ella vai contente... por deixar-nos...

LAURA

Pudéra! Deixo a guerra... vou para a paz. *(a todas)* «En avant!» Boa-noite, e boa presa a cada uma. *(Sai)*.

NADIR

Tambem nós deixamos a guerra. Temos hora marcada...

BRANCA

Vamos á conquista dos nossos maridos.

NADIR E BRANCA, *despedindo-se de todas*

«Buona fortuna»! *(Sáim rindo)*.

SCENA VI

Todas, menos Laura, Nadir e Branca

(Ha um momento de silenco grave, em que parece cada uma sente a melancolia de não ter uma affeição, que tambem a venha buscar. Silvia para interromper a tristeza apanha do jornal que Suzon deixára com a raqueta, no piano, e percorre as noticias).

BEATRIZ

Ficámos como si fosse o primeiro revés!

GÉGÉ

Como se fôra uma deserção... antes da lucta.

SILVIA, *interrompe a leitura e diz com melancolia.*

Foi de facto uma deserção... para a felicidade... Em nossa guerra, a victoria de cada uma é cair prisioneira...

(Retoma o jornal; de repente a mão lhe treme, abaixa os braços, «A Noticia» escapa-se-lhe das mãos; cai no canapé como numa vacillação de vertigem. Beatriz que vê de longe, acode e exclama).

BEATRIZ

Acudam a Silvia... Ella vai desmaiar...

(Alvoroço. Todas cercam a moça, meigas, compassivas, indagando do que sente. Frascos de saes, copos, perguntas).

SILVIA, *muito pallida, sorrindo sob a emoção.*

Não... foi nada... sou sujeita a estas vertigens. Passou... já estou bôa... Vou-me embora.

BEATRIZ, *sollicita.*

Não; assim Você não vai... Póde ter alguma cousa no caminho.

SILVIA, *dá alguns passos.*

Não tenho mais nada... Passou. Vou-me embora *(sorrindo para tranquillizar as outras)*. Devo estar cansada... da guerra...

DULCE

Eu te acompanho.

SILVIA

Não... não precisa... O automovel está á porta... Muito obrigada... *(Despede-se. (Recommendações, sollicitudes.)*

DULCE

Não, vou com Você... é melhor... Você deixa-me no Monroe: talvez ainda alcance um resto de sessão... *(Sáim)*.

SCENA VII

Todas, menos Dulce e Silvia.

(Milóca que se apoderou do jornal caído, percorre as noticias com ansiedade).

GÉGÉ

Que procura Você ahi?

MILÓCA

A causa do chilique da Silvia.

BEATRIZ

N'« A Noticia »?

MILÓCA, *sem tirar os olhos do jornal.*

Ella estava lendo... quando viu alguma cousa que a desgovernou... Hei de achar. (*As outras se aproximam. Uma pausa. De repente, exultante lendo*) « Chegou de S. Paulo hoje pelo nocturno de luxo o illustre Snr. Dr. Ulysses Mascarenhas, tão conhecido e apreciado em nossas rodas mundanas »...

GÉGÉ

Está ahi... Recomeça, e talvez vá acabar o tormento de Silvia. Lembram-se do que ella disse ha pouco: « Em nossa guerra a victoria de cada uma é cair prisioneira »?

MILÓCA, *irritada*

Isto é que é deserção... Entregou-se ao inimigo! (*Numa profunda magoa, como a suspeitar das outras presentes*). E com essa gente é que havemos de combater!

SUZON, *indifferente.*

Vocês têm a arte de prolongar os menores successos. Surpresas, commentarios, desapontamentos por um chilique... Si eu achasse um homem que désse chiliques, casaria com elle... em signal de sensibilidade... de fraqueza... Quem tem horas?

GÉGÉ, *olhando no braço a pulseira.*

Cinco e quarenta e cinco...

SUZON, *inopinadamente apodera-se da raqueta e põe-se a cumprimentar as amigas.*

« Je file »... Vou a correr. Tenho ainda licção de tango antes do jantar... sempre me prezei de boa alumna.

(*Sai. Milóca e Gégé entreolham-se.*)

SCENA VIII

Todas, menos Suzon.

MILÓCA

E nós que fazemos?

BEATRIZ

Ainda é tão cedo!

GÉGÉ, *como procurando uma resolução.*

Não... Talvez. (*Decidida*) Vou ao « Parisiense ». Ainda assistirei á ultima fita.

MILÓCA

Você vai a um cinematographo a esta hora?

GÉGÉ

Não faço questão de todo o programma...

MILÓCA

E porque ao « Parisiense »?

GÉGÉ

O programma é novo... Nesses dias os frequentadores não faltam...

MILÓCA, *compreendendo.*

Oh! já sei... (*para Beatriz, a meia voz*)... o senador... (*alto*) Pois vou com Você. (*As duas despedem-se e saem*).

SCENA IX

Beatriz só; depois a criada.

BEATRIZ, *ao ver sair as duas ultimas, entre indignada e surpresa.*

E' assim... Nenhuma resiste... Uma, volta para o namorado, que se arrependeu... Outra, não se póde privar dos politicos... Aquella, atira-se ao pro-

fessor de tango... Estas, vão concorrer ao mesmo senador, que procura mulheres no cinematographo. Nenhuma resiste... Por isso, elles abusam da victoria... Podendo vencer, ellas entregam-se, os pulsos estendidos para os grilhões... *(Considera em si)* Não... ao menos uma será digna, *(Ouve-se o signal da campainha)* ficará onde está, recusará firme todas as propostas de paz, e, embora na deffensiva, dará exemplo á covardia de todas... da guerra sem tregoas e sem termo...

A CRIADA, *entrando, embaraçada.*

Eu disse que a senhora não recebia... Mas elle teimou... teimou... e não quer sair por nada...

BEATRIZ, *espantada.*

Elle... quem?

A CRIADA, *mais confusa ainda.*

O patrão...

BEATRIZ, *depois de um momento de surpresa.*

Mas, criatura, eu não lhe disse que nesta casa não havia de entrar mais tal pessoa?

A CRIADA, *animando-se.*

Eu disse isto a elle... que a patròa não o queria ver nem pintado... mas elle abanou a cabeça e disse que bem que a senhora havia de o receber...

BEATRIZ, *séria, dá alguns passos pela sala, reflectindo. Depois, sorri levemente; á criada.*

Faça-o entrar. *Dá um olhar ao arranjo dos moveis em torno; concerta as almofadas; dirige-se a um espelho e arranja os cabellos. Vira-se para a platéa com um sorriso brejeiro):*

Na guerra, como na guerra!

(Cai o panno).

O amor descoberto

(APONTAMENTOS)

A Antonio Austregésilo

Relativamente á discreção dos astros nocturnos, como a muitos outros arcanos da natureza, divergem assás os lyricos de arte, entendendo alguns, com Gonçalves Crespo á testa nos doces quebros d'uma *Estudantina* dos tempos de Coimbra, que elles

... ... guardam segredo
Dos beijos dados a medo...

Mas contraría de um modo geral esse voto o quasi unanime dos lyricos incultos, reflectido em quadrinha ingenua, por dezhoras cantada á viola gemente, na facha meridional do Brasil:

Esta noite não fui fóra,
não fui a parte nenhuma:
porque as estrelas do céo
nos servem de testimunha.

O mais occulto amor sempre se descobre, vindo a sabel-o a familia dos apaixonados, ou a sociedade em cujo seio vivem: revelam-n'o não só as pessoas, mas tambem as cousas, que circundam os amantes incautos.

E o thema da *natureza denunciante*, commum a todas as literaturas anonymas, chega a ser da maior dilecção nas dos Balkans, dos povos slavos do sul, serbios e néo-gregos, offerecendo-nos estes os exemplares mais typicos, entre os quaes avulta a serenata d'*O amor descoberto*, assim transvasada a prosa nossa:

O rapariga, quando nos beijamos era noite. Quem nos viu?

Viu-nos a noite, aurora, a lua e as estrelas.

E do céo caiu uma estrela, que o contou ao mar.

O mar disse-o ao remo, o remo ao barqueiro, e este foi cantal-o diante da porta de sua bella.

O texto original publicou-o, com traducção francesa, pela vez primeira em 1825, C. Fauriel, nos CHANTS POPULAIRES DE LA GRÈCE MODERNE, 2, f. 415; recolhera-o elle de uns gregos de Veneza e Trieste, no verão do anno precedente.

W. Müller germanizou-o ainda em 1825, surgindo depois paraphrases em varios paises allemães e tchecos, sendo a de Adalberto Chamisso, fallecido em 1838, com 57 annos de idade:

Da nachts wir uns Küssten, o Mädchn..., *etc.*,

uma das que mais influiram na Allemanha, e a que ali deu extraordinaria popularidade á obrinha peregrina. Seguiram-se-lhe de pouco as do sueco Runaberg, allemães H. Lübke, Les Grenier, Mönke, *etc.*

Gomes Monteiro, nos Ecos da lyra teutonica, ed. de 1848, pag. 44, tirou a vernaculo a de Chamisso:

Nós de noite nos beijámos,
E ninguem nos espreitara;
Só no céo astros luziam,
Quem nelles não se fiára?

Mas caiu formosa estrela
E ao mar nos accusou,
Foi dizer o mar ao leme,
Ao piloto este o contou.

O piloto, logo em terra,
Foi contal-o a sua amiga:
Já não ha rapaz na rua
Que não cante esta cantiga.

Na Italia apparecera impressa em 1842, nos Canti popolari, cujo autor, Niccolò Tommaseo, passando-a a sua lingua, sob o titulo *Spie d'amore*, fizera esta elegante observação:

L'odio celasi, l'affetto no. Non tutte le stelle videro il bacio; lo vide la stella: quell'una servo. E là ch na, là s'aterro, a ridirlo all'acqua salsa; e l'acqua al remo che la commove e percuote, e il remo al bracio e al cuore de chi lo esercita e stanca: e cosi dalla terra salito al cielo scende il bacio e risuona nel canto.

No Libro dell'amore, dado ao prélo em Veneza por M. A. Camine, encontra-se, com a falsa indicação de cantiga cigana, decorrente da epigraphe, a versão infra:

Allorchè noi ci siam baciati, ó bella,
Era buio... Ci vide alcun? Possible
Non è.—Ah, mio diletto,
Si è chinata la stella
Ed all'erba l'ha detto;
Al fiume l'ha svelato
L'erba, e il fiume a un Zingano
Che a tutti poi la cosa ha raccontato.

De como repercutiu brilhantemente nos centros literarios da Italia *O amor descoberto*, imitado por Posocco e Povoline, é prova o *Panteismo* do grande Carducci, nas *Rime nuove* (1861-87), Poesie, 5.ª ed., 1906, pag.as 604-5:

Io non lo dissi a voi, vigili stelle,
A te no 'l dissi, onniveggente sol:
Il nome suo, fior de le cose belle,
Nel mio tacito petto echeggiò sol.

Pur l'una de le stelle a l'altra conta
Il mio secreto ne la notte bruna,
E ne sorride il sol, quando tramonta,
Ne' suoi collo ,ui con la bianca luna.

Su i colli ombrosi e ne la piaggia lieta
Ogni arbusto ne parla ad ogni fior;
Cantan gli augelli a vol—Fósco poeta,
Ti apprese al fine i dolci sogni amor.—

Io mai no 'l dissi: e con divin fragore
La terra e il ciel l'amato nome chiama,
E tra gli effluvi de le acacie in fiore
Mi mormora il gran tutto—Ella, ella t'ama.

As versões italianas, excepto a de Niccolò Tommaseo, afastam-se da do texto grego, de C. Fauriel, derivando, ao que nos parece, de uma da Serbia e Montenegro, que veremos ao diante.

Em França ha uma que provavelmente se liga áquella, é a de Gustave Vinot, nos Poèmes et fantasies, 1873.

La nuit était profonde encore;
Qui nous a vu?—est-ce la nuit?
L'heure était proche où le jour luit;
Qui nous a vu?—est-ce l'aurore? *Etc.*

E ainda outra de Gondinet, quatro annos depois intercalada no 3.º acto do drama Libres!, cuja acção se passa na Albania em 1810:

Il était nuit, ô ma mignonne,
Quand j'ai baisé tes deux grands yeux.
Qe nous a vus, dis-moi? personne
Que les étoiles dans les cieux.

Mais une étoile tout émue,
Et qui nous enviait là-haut,
Sur la mer bleue est descendue
Pour le conter à chaque flot.

Les flots l'ont redit à la rame,
La rame au joyeux matelot,
Qui l'a chanté devant sa femme:
Mignonne, on le saura bientôt.

Esses versos transportou-os Benedicto Octavio, do teor:

A noite avançava, quando
Beijei teus olhos, meu bem;
Fóra as estrelas, brilhando,
Quem nos viu, dize? Ninguem.

Mas uma estrela invejado
Tinha o beijo... quiz baixar,
E foi ao mar azulado
Contal-o ás vagas do mar.

A vaga ao remo e, ligeiro,
Este ao nauta o vão dizer;
Disse-o á esposa o marinheiro...
Meu bem, todos vão saber!

Como na BALAIKA, de Julius Altmann, em LES CHANSONS DE BILITIS, de Pierre Louys, encontra-se uma pseudo versão grega, mas que é do proprio romancista, segundo notou R. Franz Arnold. O critico illustre, a quem devemos os melhores subsidios (mediante extractos de dous artigos da *Zeitskrift des vereins für Volkshunde*, XII, 1902, pags. 155 e 291, gentilmente feitos por João Ribeiro), tacha ditas collectaneas, russa e francesa, de mystificações literarias, do mesmo modo que a GUZLA, de Prosper Merimée.

Menos accentuadamente que uma passagem do conto *En glad Gut*, de Björnson, outra do cap. XIII de ANDRÉ IVONOVITCH, novella de Judith Gautier, recorda, á maneira sentimental dos decasyllabos carduccianos, a famosa canção.

Lemol-a em português.

Assentou-se ao piano (Clélia) e cantou com singular expressão um trecho de Asantchewski, o joven compositor russo já celebre. Era um grito de alegria extranha, exprimindo admiravelmente a embriaguez de creatura que se sente amada e crê o mundo inteiro estreito de mais para conter sua felicidade...

—Elle ama-me! Elle ama-me! Ouço a voz das florestas a proclamal-o; o vento dil-o ás nuvens, que vai levando; os rios murmuram a terna confissão, de vaga em vaga...

Elle ama-me! Elle ama-me! Sob a ramamagem, confirmam-no os trinados das aves, e as argenteas campainhas dos lirios cantam pelo valle as abençoadas palavras...

Elle ama-me! Elle ama-me! Um jubilo desconhecido invade-me e uma doce inquietação flore em minha alma...

Parece filiar-se ao ASHAVERO, de Edgard Quinet, poema de que o nosso mallogrado Theophilo Dias verteu parte, sob a denominação COMEDIA DOS DEUSES. Reparae na fala de uma estrela ás irmãs:

Até tenho o pensamento
De, preso num raio louro,
Mandar-lhe um sonho d'ouro,
Dando as palavras ao vento.

O vento as repita á flor
Do deserto amplo e sombrio;
A flor as repita ao rio
E o rio por onde fôr... *Etc.*

A idéa poetica é a mesma.

Edgard Quinet ter-se-ia inspirado, á vez, em qualquer das versões dos Carpathos, de Creta, ou da Serbia, em que o encadeamento se prolonga pelos rios, arvores (macieira, cerejeira), rebanho, pastor,—encadeamento explicavel pelo *meio*, terrestre nesses países centraes ou interiores.

No livro de J. Reinach, LA SERBIE ET LE MONTÉNÉGRE, ed. de 1885, vem uma bem caracteristica dessa feição:

Deux amants dans la prairie s'embrassent, ils croient que personne ne les voit, mais la verte prairie les avait vus, et elle le dit au blanc troupeau, le troupeau le répète à son pasteur, le pasteur au voyageur du chemin, le voyageur le redit au marinier sur l'eau, le marinier à sa barque de noyer, la barque le reconte à la froide revière, e la revière à la fillette.

Termina similhantemente a epiróta, das mais prolixas sem duvida (do barqueiro passa aos vizinhos e destes aos paes, que se encolerizam e trazem os amantes desassossegados), a qual consta de um volume de cantos populares do Epiro, colligidos por P. AROVANDINOS.

Na de Creta ha um traço que se tornou humoristico em algumas: a amada transmitte o rubor (ou o carmim de *maquillage*) aos labios do amante; a tinta passa ao lenço, *etc.*

Outras existem, da Filandia, da Esthonia, da Roumania. Não têm maior interesse, para que se lhes faça menção particular aqui.

Agora, resta saber si a serenata grega d'*O amor descoberto* repercutiu tambem no Brasil.

Della contamos diversas retraducções, ou adaptações, pela variante de Gondinet, acima transcripta.

Taes são visivelmente as duas abaixo:

(BARÃO DE ALENCAR)

Foi de noite que os grandes olhos teus,
esses teus grandes olhos de saphira,
beijei, minha querida! Quem nos vira?
Ninguem mais que as estrelas lá nos céos.

Mas, uma dellas, toda confundida,
invejosa da nossa felicidade,
ao mar azul descera, por maldade,
para contal-o ás ondas, resentida.

Estas passam ao remo a indiscreção,
o remo ao remador, que repetiu,
em galhofa, á mulher tudo o que ouviu.
Querida, em breve, pois, o saberão.

(ALBERTO FARIA)

Cerrada era a noite, quando
Teus olhos beijei falando:
«Isto póde vêr alguem
Mais que as estrelas d'além?»

Pois, de linda estrela o ciume
Nos havia de perder!
Lá do céo — cadente lume —
Ella ao mar o foi dizer.

E, entre sorrisos de espuma,
A um remo as ondas do mar
Buscaram, uma por uma,
Para o caso lhe contar.

O remo tudo passou
Ao barqueiro, sem demora,
E este (que a casa chegou
Antes do romper d'aurora,

Apenas o sol fulgiu.
Quanto a estrela do alto viu
A' mulher disse lampeiro...
Logo o soube o mundo inteiro!

O fecho malicioso, algo differente do original, argüe a modificação feliz de Adalberto Chamisso, já apurada no traslado de Gomes Monteiro.

Uma terceira encerra lição analoga, mas vinda pelo espanhol de J. del Peralo, supposto autor verdadeiro por patricio nosso:

(MUCIO TEIXEIRA)

Era noite escura, escura,
Quando beijei-te a tremer;
Ninguem nos viu... a não ser
A estrela limpida e pura.

Porém a estrela baixou
Até as ondas do mar,
Talvez para lhe contar
Que meu labio te beijou.

O mar contou isso ao remo,
Disse-o o remo ao pescador,
(Ai! meu segredo de amor,
Eis a razão por que tremo...)

O pescador, por brinquedo,
Disse-o á esposa! O que ha de ser
De mim, quando uma mulher
Já sabe do meu segredo?

A pedido de Max Fleius, poetas deseguaes, mas empenhados egualmente em servir ao amigo, investiram o texto do Conde de Marcellus, dos CHANTS DU PEUPLE EN GRÈCE, ed. 1851:

Ô jeune fille! quand nous nous sommes embrassés, il était nuit; qui nous a vus?
La nuit nous a vus, et l'aurore, et l'étoile et la lune.
L'etoile s'est abaissée e l'a dit à la mer La mer l'a dit à la rame; la rame au matelot; et le matelot l'a chanté à la porte de sa belle.

E desse *fervet opus* eis o que veiu á estampa na *Renascença*, do Rio, anno III, n.º 25, Junho de 1906:

(AFFONSO CELSO)

Quando, ó donzella, nos beijámos
Era de noite... Quem nos viu?
Quem o segredo que occultámos
Nos descobriu?!

Viu-nos a noite, e a aurora, e a estrela,
E a lua... A estrela se abaixou
E ao mar, que ruge e freme ao vel-a,
Tudo contou.

O mar narrou o caso inteiro
Ao remo... E o remo que é que fez?
Tudo narrou ao marinheiro,
Por sua vez.

E tudo, á porta da formosa
Que lhe prendera o coração,
Do marinheiro a voz queixosa
Cantou então (1)

(AUGUSTO DE LIMA)

Quando nos abraçámos, minha bella,
era noite. Quem houve que nos visse?
Viu-nos a noite, e a aurora, e a lua, e a estrela,
e a estrela, em se inclinando, á vaga o disse.

A vaga disse ao remo que a singrava,
o remo ao remador, e o remador,
de sua amada á porta, o descantou
logo depois, numa canção de amor.

(FRANCISCA JULIA)

Quando molhei num beijo a face tua
(era já noite), quem nos viu ness'hora?
Viu-nos a escura noite, a branca aurora,
a loura estrela e a prateada lua...

(1) Incluiu-se nas POESIAS ESCOLHIDAS, do autor, ed. de 1902, pag.as 230—1.

Baixou-se a estrela e disse-o ao mar, absorta:
o mar ao remo, o remo ao marinheiro,
e este, alta noite, sob o nevoeiro,
cantou-o, então, de sua noiva á porta. (1)

(LAFAYETTE SILVA)

O' meu amor! quando nos abraçámos
tombava a noite, scismadora e bella,
Quem nos viu na ventura em que ficámos?
A aurora, a lua e a scintillante estrela.

E a estrela, em se abaixando, disse ao mar;
e o mar ao remo, o remo ao marinheiro,
e este á porta da amada, o dia inteiro,
entre beijos de amor, pôz-se a cantar.

(MARTINS JUNIOR)

Quando, criança, nós nos abraçámos,
era de noite... Quem nos pôde ver?
Viu-nos, contudo, a noite que buscámos,
a aurora, a lua e a estrela rosicler.

Baixando ao mar, disse-lhe a estrela tudo;
o mar contou a um remo, e este a um remeiro
nossa aventura... E eis que o remeiro rudo
da noiva á porta entôou-a prazenteiro.

(ARTHUR AZEVEDO)

Quem foi, minha senhora,
que o nosso beijo viu?
A lua? a estrela? a aurora?
Quem foi, meu bem, que o descobriu?

Baixando do alto extremo,
a estrela o disse ao mar,
o mar ao remo, e o remo
ao remador o foi contar.

Pensou na doce amiga
o triste remador:
Fez delle uma cantiga
e foi cantal-a a seu amor

(DOMINGOS DE CASTRO LOPES)

Quando nos abraçámos, minha bella,
Era já noite. Quem assim nos viu?
Viu-nos a propria noite, a lua, a estrela
e a aurora que surgiu.

Baixou a estrela e segredou-o ao mar,
O mar ao remo, o remo ao marinheiro,
e o marujo, feliz e prazenteiro,
foi á porta cantar
de sua bella
o segredo da estrela.

(HORACIO DE CAMPOS)

Quando uni o meu peito á face tua,
Filha, era noite; quem nos viu ness'hora?
Ah! foi a noite que nos viu, e a aurora;
a estrela viu-nos e nos viu a lua.

E... veiu a estrela e o disse ao mar, que a nova
contou ao remo; o remo ao remador.
E este lá foi, numa inspirada trova,
cantal-a á porta de seu lindo amor.

(LEOPOLDO BRIGIDO)

Quando beijei-te, meu bem,
Já era noite cerrada.
Acaso viu-nos alguem?
Viu-nos a noite e a alvorada
e a estrela e a lua tambem.

A estrela ao mar segredou,
o mar ao remo revela
e este ao marujo falou,
E o marujo á noiva bella,
cantando á porta, o contou.

(REIS CARVALHO)

Era noite... Trocámos um abraço...
Alguem nos viu, formosa?
Viu-nos a noite, a lua, a estrela, a aurora, o espaço,
A estrela se inclinou e disse ao mar fagueiro.
O mar contou ao remo, o remo ao marinheiro.
E o marinheiro, em fim, á porta da amorosa
cantou o nosso amor em verso côr de rosa.

Boas, ou más?

Que variedade de gráus, tomada a escala descendente, — da primeira, pouco menos de optima, á ultima, quasi pessima!

Para desafogo ao mais pungido, victima talvez de sua incompreensão dessa fórma poetica, ou quiçá de seu desprezo pela mesma (o improprio metro adoptado levou-o a ripios attentorios da ingenuidade e singeleza), fica-lhe o direito de achar peior que pessima a de outrem fóra do grupo concorrente...

Mas bem certo é que a *obra de encommenda*, em literatura, raro sai á medida do desejo e capacidade dos autores, bastando para attestal-o, no caso vertente, aquelle *aristocratico* «minha senhora», de Arthur Azevedo.

Não analysemos, pois.

Ainda uma transplantação brasileira, equipolente ao geral das impressas na RENASCENÇA, deparou-se-nos no ALMANACH DE LEMBRANÇAS, de data que não occorre, nem importa:

(LAURA LOPES DE FIGUEIREDO)

Quando beijei-te, minha linda amada,
Era de noite. Quem nos viu então?
Seria a lua? A fresca madrugada?
Ou de uma estrela o pallido clarão?

(1) Incluiu-se nas ESPHINGES, da autora, ed. de 1903, pg. 81.

Ai! foi a estrela, inquieta e buliçosa,
Quem descobriu nosso feliz amor,
Disse-o do mar á vaga suspirosa,
E a vaga ao remo, e o remo ao remador.

O remador, poeta e namorado,
Fez disso uma canção e a repetiu
A sua bella. Eis, flôr, o resultado
Da buliçosa estrela que nos viu!

Como varios collegas, a poetisa substituiu o abraço, do texto do Conde de Marcellus, pelo beijo, do de Fauriel, aliás mui plausivelmente. Lamentavel, porém, foi que acompanhasse os errantes em topologia pronominal (Mucio Teixeira, Horacio de Campos e Leopoldo Brigido).

Relaciona-se com a canção grega, si della não procede indirectamente, através do extracto de Edgard Quinet, a poesia *Si te amo*, do romantico sergipano F. L. Bittencourt Sampaio, inserta nas FLORES SILVESTRES, ed. de 1860, pag.as 23-5:

Si te amo?—Diga a estrela
Pharol de luz da manhan,
—A lua triste, donzella,
Que vaga em seu doce afan.
Responda o bosque sombrio,
As aves, a brisa, o rio,
A rosa agreste e louçan.

Viu-me a estrela matutina,
Pallida a fronte a pender,
Quando a lua peregrina
Ia-se além esconder.
Ouviu-me o bosque os gemidos,
Os ais do peito doridos
De muito amar e soffrer!

Ouviram aves meus cantos
Vibrados na harpa do amor,
Tão sentidos, que eram prantos
De fundo penar, de dor!
E a leve brisa passando
Repitia-os, trescalando
Os seus aromas de flor.

A seguir, vêm o ribeiro e a rosa.

Uma esparsa do impressionavel paranaense J. Dias da Rocha, composta cerca de tres decadas mais tarde, obedece a inspiração identica, nas suas primeiras estrophes, merecendo ella registo integral, por muito linda:

Já segredo não é, senhora minha,
Esta paixão ardente,
Que tinhas n'alma e que em minh'alma eu tinha;
Tanto esse casto e brando
Amor, ingenuamente,
Fui por montes e valles proclamando.

Algum passaro, um dia, ouviu-m'o acaso
E foi-se, ares em fóra,
A outro contar, por indiscreto, o caso;
Esse o que ouvira áquelle
Passou adiante... e agora
Esta rustica gente sabe delle.

Destes rusticos bons trabalhadores,
Que sabem do segredo
Dos teus affectos e dos meus amores,
Nenhum ha que me veja
E me não lance a medo
Os olhos cheios de profunda inveja.

Lançam-me uns grandes olhos invejosos,
Como si acaso eu fosse,
Fosse dos ricos, ou dos poderosos...
E' que elles no passado
Bem viram quanto é doce
Amar e ser, ao mesmo tempo, amado.

Elles, largando a rédea á phantasia,
Já por esses caminhos
Cuidam nos ver ao descambar do dia,
Attentos ás saudosas
Canções dos passarinhos,
Trocando beijos e colhendo rosas.

Hão de os olhos seguir-nos quando a estrada
Sorrindo atravessarmos,
A tua mão nas minhas mãos passada.
Esta rustica gente
Dirá, quando passarmos:
—«Como elle vai allegre e ella contente!»

E nas longas noitadas, palestrando,
Ha de ir, convicta, a crença
Por montanhas e valles proclamando
—De que se vê nos ares
Uma estrela suspensa,
Branca e tranquilla, sobre os nossos lares.

A penultima lembra o termo da lyra XVIII da MARILIA DE DIRCEU, p. II.

Quanto ás paraphrases brasileiras, propriamente, suggeriram-nas curiosos folhetins lisbonenses de 1887, um de Alberto Pimentel, no *Diario illustrado*, outro de Pinheiro Chagas, no *Correio da manhã*, anno após reunidos no ATRAVÉS DO PASSADO. Antes deste livro entrar no mercado nacional, nenhuma noticia havia aqui da canção grega, ao que suppômos. E pouquissima haveria no velho reino, conforme se verifica dos mesmos folhetins, apresentando apenas duas glosas occasionaes, dos respectivos

autores (a do ultimo como anonyma e anterior). Cf. *op. cit.*, pag.as 174-5 e 177. Ambos aguarentaram-lhes os fechos, em commentarios de ordem moral:

O piloto, vindo a terra,
Contou tudo a sua amada.
Quando uma pessoa erra,
Deve ser acautelada.

O nauta á noiva, que ha muito adora,
O foi sorrindo repetir então.
Desde esse dia, pela aldeia agora
Moços e moças murmurando vão.

Depois, abrolharam lá mais aigumas, excellendo as seguintes, pelo tom popular da redondilha:

(Bulhão Pato)

Só as estrelas e as ondas
podiam ver-nos a medo:
eu dei-lhe o primeiro beijo,
bem certo que era um segredo.

Mas uma estrela ciumenta
ás ondas o revelou;
ao remo — as ondas, e o remo
ao marinheiro o contou.

O marinheiro, voltando
de suas fainas do mar,
tambem foi dizel-o á noiva,
e a noiva a todo o logar.

(Visconde de Alenquer)

Era de noite. Na praia
furtei-te um beijo. Suppunha
que ninguem seria, ó bella,
de teu beijo testimunha...
Mas, uma estrela ciumenta
ao mar azul foi cair:
Disse-o á vaga, a vaga ao remo,
e eis o remo a repetir
o caso ao nauta, que á noiva
foi logo dizel-o a medo.
Filha, filha de minh'alma,
Era uma vez um segredo!

Do ponto de vista *folk-lorico*, a derradeira é a melhor de todas, não só por alludir ainda á superstição das estrelas cadentes, mas tambem pela naturalidade expressiva, culminando na graça do verso extremo, que se resume numa phrase feita. Reputamol-a, pois, nitida, sobria e completa.

Alberto Faria.

ASPECTOS D'ANTANHO

Quasi completo alheiamento das populações coloniaes á politica regional. Poderes discricionarios dos Capitães Generaes. Ferreo regimen governamental. Episodios pittorescos. Attitudes dos particulares e das populações para com os proconsules lusitanos.

Aos povos do Brasil, como aliás aos de toda a monarchia, restrictissimo ambito politico concedia o regimen do absolutismo lusitano setecentista. Restava-lhes, apenas, limitada esphera de acção no dominio dos negocios municipaes. As questões de ordem geral: politicas, militares, administrativas, economicas, referentes ás diversas circumscripções brasileiras, dirimia-as o Capitão General, quasi magestaticamente, sem attender aos reclamos, aliás frouxos, da opinião das populações, educadas no temor sagrado dos representantes d'El-Rei.

Submettiam-se os doceis rebanhos ás imposições ás vezes extravagantes, absurdas, frequentemente perversas, dos seus tyrannetes, acceitando-lhes resignados os *firmans*, fossem elles os mais nefastos. Assim, por exemplo, já em principios do seculo XIX, não se lembrou Franca e Horta de prohibir a navegação costeira no littoral paulista, exigindo que todo o commercio se concentrasse em Santos?

«Arruinou os demais portos, pondo os colonos á mercê de tres ou quatro monopolistas, diz-nos o escrupuloso Saint Hilaire, a accrescentar: Si entre elle e os negociantes de Santos não havia connivencia força é convir que tudo fez para que se lhe attribuisse tal indignidade, a menos não obedecesse a malfazejo capricho, inteiramente inexplicavel».

Durante um quinquiennio iria vigorar a iniqua disposição do Capitão General, apenas revogada por uma lei geral, a carta régia de 1808, que abriu os portos brasileiros á navegação universal.

Entendiam-se os delegados régios com o Vice-Rei do Estado, ou senão, na grande maioria dos casos, sem intermediario, com a Côrte, da qual recebiam instrucções directas, frequentemente offuscadoras da autoridade dos Vice-Reis, desde 1763, pomposa e ininterruptamente, installados no Rio de Janeiro, a nova capital da grande colonia.

Comprehende-se bem o mal estar que dos bons povos se apossava quando, satisfeitos com a administração de um Capitão General, razoavelmente bem inspirado, vinham a saber que dentro em breve seria elle substituido, e a curiosidade angustiada com que se alongavam as attenções para a pessoa do novo depositario da confiança real, o novo satrapa investido de tão extensos e discricionarios poderes.

Os decretos emanados do Olympo lisbonense, por intermedio de ukasicas cartas régias, ninguem se atrevia a verberal-os senão prudentemente, entre quatro paredes, ou em rodas de discreção garantida e fidelidade comprovada. Atacal-os de frente quasi nunca; os povos recebiam-nos como a expressão da inelluctabilidade das cousas emanadas do Destino a «pairar mudo e impassivel sobre o Mundo.»

Quando alguma medida violenta surgia, monstruosa pela prepotencia, ou a inepcia administrativa, tibias expressões de desassentimento erguiam-se do seio das corporações municipaes, encaminhadas pelos Capitães Generaes, ou os Vice-Reis, incolores no seu estilo subserviente, revelador da intimidação e do grande esforço com os queixosos se tinham vencido para ousar recorrer de uma decisão de Sua Magestade.

Foi o que se deu por occasião do iniquo decreto de 1766 a aniquilar de uma pennada as industrias brasileiras, e posto em execução sem que se ouvisse senão um ou outro abafado protesto, em toda a extensão da colonia.

Quando a medida oppressora partia da autoridade regional e por demais conculcava os direitos das collectividades, ou dos particulares, cobravam os submissos vassallos um pouco mais de animo e atreviam-se, embora excepcionalmente a representar contra o respectivo proconsul.

Em todo o seculo XVIII não sabemos, no emtanto, de alguem que, na capitania de S. Paulo, haja, isoladamente, ousado queixar-se ao monarcha de algum dos seus delegados, excepção feita de Bartholomeu Paes de Abreu, que, em tres longas cartas a D. João V, denunciou os crimes do Capitão General Caldeira Pimentel, refalsado tyranno, ladravaz quasi confesso. E, assim mesmo, a tanto se abalançara o sertanista illustre quando, no auge do desespero, se vira em imminente risco de vida, atrozmente perseguido por quem já lhe matara o irmão.

Dando largas ás paixões que os arrebatavam, commetteram Martim Lopes Lobo de Saldanha e Bernardo José de Lorena numerosos desatinos e violencias, e, no emtanto, minima a opposição que encontraram aos seus processos tyrannicos (1). A' côrte, quando muito, chegavam os echos debeis das vozes intimasdos seus governados infelizes, opprimidos e humilhados.

Fòra Martim Lopes, entretanto, réo de um assassinato judiciario, commettido em clamorosas circumstancias de iniquidade; maculara Lorena a honra de respeitaveis familias, relata a tradição. Violentissimo, abusara Rodrigo Cesar de Menezes do poder, e, si D. Luiz Antonio de Sousa a muitos pontos de vista foi um administrador excellente, digno dos maiores encomios, nem por isto devemos silenciar as arbitrariedades que lhe dictaram o pendor pelo militarismo e sobretudo a fundação da pestilenta colonia de Iguatemy.

Gemiam os povos de S. Paulo ante a prepotencia dos seus governantes, a

(1) No volume II da *Revista do Instituto Historico de S. Paulo* publicou A. A. da Fonseca uma serie de anecdotas interessantes acerca do ultimo desses Capitães Generaes, demonstrativas de quanto era audaz e perverso. Tal a violencia dos conceitos, porém, que, a nosso ver, muito parece prejudicada a valia de seu depoimento, inspirado todo elle, aliás, na tradição oral.

lastimar o tempo feliz em que haviam sido regidos pelos Capitães-móres, locotenentes dos seus donatarios, homens geralmente oriundos do proprio gremio dos seus administrados, não os desprezando, nem se tendo em conta de a elles superiores pelo facto de haverem nascido além-Atlantico.

Em 1767 escrevia o morgado de Matheus a Pombal que nas diversas localidades da capitania «os republicanos, acostumados a governar a terra a seu modo, não podiam aturar» o novo regimen «determinado pela sabedoria regia».

E' que a applicação dessa magestatica sabedoria viera tirar-lhes a liberdade e sobremaneira difficultar-lhes a vida.

Soffriam com as consequencias do monopolio e a miseria do sal, a carestia dos mais vulgares objectos manufacturados, a ausencia da navegação, a difficuldade de comunicações, o isolamento universal e — mais do que por qualquer outra causa — com as exigencias do militarismo, a manter em pé de guerra um verdadeiro exercito que, para a escassa população da capitania, representava enorme porcentagem, arrebatando-lhe o melhor das suas energias, com o afastar do trabalho os moços mais robustos e aptos para a lavoura e commercio.

E, no emtanto, o que a esses galés da farda esperava nos quarteis era o mau alojamento, o peior vestuario e alimentação, o contínuo atrazo dos soldos; enfim, todos os abusos e vexames que os viajantes europeus ainda vieram observar entre as tropas paulistas, em principios do seculo XIX.

E não havia como fugir ás requesições militares! Nem mesmo o recurso da internação nos sertões, affrontando perigos de toda especie: sabiam os infelizes perseguidos que a deserção importaria na responsabilização de infelizes parentes que nas enxovias por longo tempo purgariam a falta dos homisiados.

. . . . . .

Não ha o que o espirito das épocas illustre como as anecdotas referentes aos seus homens e instituições; para a historia constituem o que os exemplos são para os diccionarios. Verifica-se nos nossos annaes a maior deficiencia desses pequenos episodios, preciosos vivificadores da narrativa historica, insubstituiveis fixadores de impressões acerca de uma edade. Rarissimos os que a gravibundez dos chronistas registaram, raros os que a tradição oral conservou, Utilizando-nos dos escassos elementos que nos foi dado reunir, citemos alguns desses casos caracteristicos, procurando traduzir a feição dos Capitães Generaes nas nossas sociedades setecentistas.

A quanto attingia sua prepotencia exemplifica um facto occorrido, já no limiar da Independencia, entre Oeynhausen e Augusto de Saint Hilaire, e, no emtanto, era João Carlos dos mais brandos e benignos delegados régios, tendo-se feito summamente querido nos seus longos governos do Ceará e de Matto Grosso, como comprovam os testimunhos de Koster, Castelneau e outros viajantes. Nesta ultima circumscripção tanto o estimavam, que, longos annos após a sua partida, muitos havia que se descobriam ao pronunciar o nome do bom *Sin Jan Carl*, refere imparcial depoimento.

Precisando o naturalista, com urgencia, de caixas para as suas collecções botanicas e zoologicas, mandara-as fazer por certo carpinteiro, proprietario de uma officina, que, depois de haver acceito a encommenda, lhe communicou, passados muitos dias, que a não executaria. Indignado, relatava Saint Hilaire o facto ao Capitão General, quando este o interrompeu a rir-se: «Pois o senhor, que já ha tres annos está no Brasil não sabe ainda como estas cousas se fazem?» E, chamando um ajudante de ordens, determinou: «Vá ao carpinteiro e diga-lhe que dentro de tantos dias entregue as caixas ao Sr. de Saint-Hilaire; um soldado lhe ficará ao lado até que acabe o trabalho». E assim se fez...

Do Visconde de Beaurepaire Rohan, emerito conhecedor de cousas brasileiras, ouvimos, certa vez, diversas anecdotas, recolhidas em Matto Grosso e refe-

rentes aos modos de agir dos Capitães Generaes daquella circumscripção central. Um houve que, quando resolvia dar banquete em palacio ordenava que de tal familia lhe mandassem os peixes preparados, de outra os assados, de terceira os doces, e assim por deante. Tudo, naturalmente, *gratis pro proconsule*...

Este mesmo, talvez Magessi, muito ávido, glutão e exigente, quando em Cuyabá dava alguem festa, mandava de palacio buscar o que de melhor houvesse. Um outro Capitão General a embirrar com certo cidadão, de aliás elevada posição social, apenas sabia que o homem estava a caminho da villa para uma sua chacara, das redondezas, continuamente o humilhava fazendo-o chamar do meio da estrada, sob o pretexto que lhe queria falar, quando nada absolutamente tinha que lhe dizer.

Em S. Paulo, cousas peiores do que esses vexames e pirraças houve sob Caldeira Pimentel e Martim Lopes, por exemplo, personagens que á amoralidade reuniam os predicados da mesquinhez impertinente.

Por provisão de Janeiro de 1728 pretendeu Caldeira forçar aos cidadãos, com quem nas ruas cruzasse, a ajoelharem-se, devendo nesta humilhante postura conservar-se enquanto «S. Ill.ma não lhes desse a *abença*». Si acaso entendesse a mesma S. Ill.ma visitar qualquer pessoa, reservada lhe fosse a melhor cadeira, e ninguem se atrevesse a sentar-se emquanto para isso não recebesse ordens.

Não houve picardia, nem picuinha com que Martim Lopes não demonstrasse aos jurisdiccionados que viviam sob o regimen integral do *manda quem póde*.

De Bernardo José de Lorena, além da tradição das aventuras nocturnas e picarescas, que lhe valeram pugilatos, resta-nos uma anecdota bem typica: historieta que Evaristo da Veiga estampou na sua *Aurora fluminense*, dizendo-a transcripta do *Observador constituicional*, o jornal de Libero Badaró:

«Era dia de jejum, e o ex.mo Sr. Capitão General Bernardo José de Lorena era costumado a jejuar; mandou o seu creado comprar peixe fresco, mas como fosse tarde já não o havia. Encontrou, porém, um preto do conego Patricio, que levava umas tabaranas para seu senhor, e pediu o creado de S. Exa. ao preto que lhe houvesse de vender as tabaranas; recusou este e levou para casa o peixe, que se pôz logo a cozinhar. Voltou para o palacio o servo do Capitão General, com as mãos vazias, e contou a S. Exa. todo o acontecido.

«Bem, disse o sr. Bernardo de Lorena, já dous soldados a casa do conego e tragam-me o peixe tal qual está.»

A expedição partiu: trouxeram conquistado o peixe já meio cozido. S. exa. teve o gosto de comer tabaranas naquelle dia, e não consta que mandasse restituir a panella.»

E era a victima da violencia uma dignidade do Cabido de S. Paulo, o conego Patricio Manuel de Andrada, irmão primogenito dos Andradas!

. . . . . .

Alheios, inteiramente alheios á politica da sua capitania viviam os paulistas; uma ou outra vez, quando muito, convocava o Delegado Régio, em palacio, *juntas* para a discussão das maximas questões regionaes; isto quando, além de possuir capacidade administativa, bem intencionado era, como a D. Luiz Antonio de Sousa succedia. Os maus governadores, esses não ligavam a menor importancia a taes reuniões de conselheiros, e passavam-se annos sem que entendessem precisar do concurso das idéas dos seus mais esclarecidos subditos, para a solução dos assumptos capitaes da administração, de cuja pendencia se sobresaltavam os povos nelles interessados, de modo capital, e, no emtanto, inteiramente privados da faculdade especial siquer de os commentar com liberdade.

Assim, D. Luiz Antonio de Sousa: a palacio convocava os notaveis para discutir as questões de limites com a capi-

tania de Minas, ou a dos novos impostos, ou a da conservação da estrada para Santos, mas a ninguem ouvia acerca da colonia militar de Iguatemy, neste particular contentando-se em pedir informações, meramente geographicas, a Pedro Taques e a mais meia duzia de outras pessoas. E, no emtanto, ia trazer similhante creação um cortejo de calamidades sem conta ás populações paulistas. Manda a verdade que se diga que o Capitão General cumpria expressas determinações régias, a que lhe não cabia desobedecer. Competia-lhe, porém, em consciencia, fazer vêr á Côrte o que para os povos de S. Paulo realmente representava a sinistra fundação, causa de despovoamento da capitania, pesadello dos humildes, ameaçados de recrutamento para as mortiferas paragens.

. . . . . .

Não podendo ter, como valvula de desabafo, o recurso da imprensa periodica, que esta não existia, nem siquer lançar mão de avulsos e boletins, visto como em todo o territorio brasileiro não se permittia a existencia de uma unica typographia; restava aos descontentes, aos porta-vozes da opinião publica magoada, o velho processo italiano dos pasquins.

Pittoresca comprovação destes meios, proprios das populações tyrannizadas, encontramol-a em S. Paulo, sob o governo de D. Luiz Antonio de Sousa. Em Junho de 1767, obedecendo á praxe, fizera o Capitão General commemorar com toda a solennidade a data anniversaria do rei D. José I. Dias depois em, carta ao Vice Rei Conde da Cunha, relatava o Morgado de Matheus as façanhas dos seus desaffectos, exactamente por occasião da fausta ephemeride:

« Passarão ao excesso de prégar uma vergonhosa satira na porta da Igreja de Santa Thereza, adonde sabiam que eu havia de entrar para assistir á Novena de Santa Rita, e tão bem lançaram outra similhante na Secretaria deste Governo, em carta fechada, e com tal cautela, que até agora não tem sido possivel descobrir o aggressor. »

Promettia a *satira* «que se haveria de dar conta a S. Mag.^{e}» da atassalhada autoridade.

E como bem sabia o Capitão General que Sua Magestade, «a quem Deus guardasse», se chamava então Sebastião José de Carvalho e Mello, no mesmo dia escrevia-lhe longamente historiando o caso dos pasquins que sobremaneira o impressionara.

E, habilmente, sabendo que tocava em balda certa, começava por attribuir os insultos a « parciaes encobertos » dos recem-expulsos jesuitas.

Percebera, desde certo tempo, o surdo espirito de opposição que na cidade de S. Paulo e em toda a Capitania lavrava. Empregara os meios a seu alcance para « cohibir os seus effeitos; felizmente, mediante o favor de Deus, conservara a tranquilidade publica». Similhante fermento devia-se levar á conta das saudades do tempo de antanho, em que quem governava a terra eram os Republicanos, hoje desesperados com o novo regimen.

Ahi está porque a « vergonhosa satira », da porta de Santa Thereza, não atacava « os vicios do Delegado régio, como elles o mereciam », e sim « as principaes disposições do seu governo, em que executava as Reaes ordens de Sua Magestade. »

Escarnecia a arregimentação das tropas recem-recrutadas e o seu luzido fardamento, chamando ao seu organizador « destruhidor do povo », vituperava a creação e fundação de novas villas, appellidando-o « fidalgo de aldeya e meia tigela », as providencias acerca da lavoura, intitulando-o « carreiro », « e outros varios improperios indignos de pôr na presença de S. Ex.^{cia}. Terminava o pasquim, dizia D. Luiz Antonio, « com muita ameaça de darem denuncia contra V. Ex.^{cia} para que me dê carreira e me pozesse não menos que na forca.»

Imagine-se a impressão causada pela violencia de tal *satira* entre os timoratos paulistanos! e, provavelmente, o prazer intenso a varios causado pela realização de uma empresa a que se abalançariam, não fosse o receio das represalias a es-

perar por parte do omnipotente insultado. Tão humano! este sentimento de repulsa aos actos dos poderosos numa época em que sociologicamente tanto se postergava o principio universal da equivalencia da acção e reacção.

Affixado o mysterioso papel pela calada da noite, já ás primeiras horas do dia estavam os habitantes de São Paulo informados dos seus dizeres.

Quantos lhe não decoraram logo o conteúdo, satisfeitos com o aprégoamento de *verdades*, levado a cabo pelo até certo ponto corajoso anonymo! Quantos commentarios e quantas hypotheses provocadas pela follicula infamante! Haveriam os velhos conservadores verberar a corrupção da época em que se atrevia alguem a desprestigiar — e de modo tal — a autoridade de um representante de El Rey!

Que tempos! velozmente corria a sociedade «para a sua total infecção», pois ainda se não dizia que o país estava á borda do abysmo...

Entre os moços, os *jovens paulistanos*, como hoje apellidados seriam, *ad instar* tantos outros partidos de renovamento nacional, fazia o facto antever, quiçá em não muito remoto futuro, uma época em que se pudesse dizer a quanto *boava* invasor do Brasil, de baixa, ou nobre estirpe, até mesmo a um Capitão General, todos os reparos motivados por sua conducta reprovavel. Curioso o modo pelo qual chegara D. Luiz Antonio a saber de taes occurrencias. Informado do escandalo, apressara-se o Vigario Capitular da Diocese em retirar da porta da Igreja o boletim ultrajoso. Durante tres dias vivera o Morgado de Matheus na ignorancia do que se passara, muito embora, perspicaz como era, notasse qualquer anormalidade na attitude dos que o rodeavam. Vencia o respeito ao prurido das indiscreções exasperadas; decorrido aquelle prazo, conseguira, porém, o pertinaz e atrevido anonymo repetir a aggressão, collocando segundo pasquim sobre o bofete da secretária, onde costumava o insultado despachar. Ao lel-o, romperam-se os diques ao represado e penoso sigillo. A' porfia contaram-lhe os intimos o que houvera.

Summamente conturbado, entendeu o Capitão General, no emtanto, agir com prudencia; foi o seu inquerito sobre a autoria das *satiras* iniciado com grande cautela; a fim de preparar terreno para possivel defesa, resolveu logo recorrer ao supremo dispensador das graças, como já atraz deixamos dito; assim escrevia a Pombal: «esperava lhe fizesse S. Ex.cia a justiça de o ouvir sobre as culpas que sobre elle quizessem accumular os seus inimigos».

Não teve, aliás, o incidente, contrariamente ao que se poderia suppôr, consequencia alguma, como vestigios deixando, apenas, duas ou tres cartas officiaes, curiosas e pittorescas.

Rarissimas tentativas de repulsa, si quer de simples desforço ás violencias e arbitrariedades dos proconsules lusitanos regista a nossa historia colonial setecentista. Salvo um, ou outro caso de caracter geral, revolucionario, e não pessoal, como o do levante em 1720 dos mineiros exasperados contra o conde de Assumar, representante tangivel das extorsões régias, não apontam os annaes brasileiros demonstrações energicas de reacção, por parte dos timidos governados, contra os seus omnipotentes regentes, vindos de além-mar.

E era natural essa paciencia e resignação dos povos, habituados á adoração do absolutismo, consubstanciada na phrase do velho partidario de Francisco Ignacio de Sousa Queiroz e da sua *Bernarda*, formula recolhida por Antonio Piza: Dous joelhos em terra deante de Deus, e um deante d'El Rei!»

Estendia-se, portanto, naturalmente e sem grande transição, a homenagem a quem, como delegado do soberano, ás terras americanas viera governar os bons povos de seu Estado do Brasil.

. . . . . .

Inspirados em taes modos de pensar, nada mais natural pois do que se resignarem individuos e collectividades a abrir mão até de prerogativas pessoaes ante as manifestações da vontade, ou do

simples capricho dos seus governantes, fossem estas as mais vexatorias.

Não havia em tempos coloniaes, mesmo para as pessoas pertencentes a familias da maior categoria social, garantias individuaes, sobretudo quanto era então corrente o processo da responsabilização, tão subita quanto arbitraria, de innocentes e alheios ás questões levantadas, e cuja culpa exclusiva vinha a ser o parentesco, ou a amizade que os ligavam aos desaffectos dos omnipotentes proconsules.

Passou-se em principios do seculo XIX, vinte annos antes da Independencia, entre o Capitão General Franca e Horta e Antonio Carlos de Andrada, a mais typica demonstração de quanto acabamos de avançar. (1)

Energico e combativo como em tão alto grau era, movia Antonio Carlos, então Juiz de Fóra em Santos, a mais pertinaz opposição aos decretos do satrapa, pessima, senão criminosamente orientado em materia administrativa, como já o deixamos notado.

Exasperado o delegado régio com similhante e irreductivel opposição, travou-se entre ambos uma contenda, em que a enorme desproporção de forças faz a maior honra á firmeza do insubjugavel Andrada.

Relatando o incidente ao ministro, Visconde de Anadia, queixava-se Franca amargamente « do petulante comportamento e insubordinação do juiz » que a sua presença fizera vir, reprehendendo-o então directamente com o maior desabrimento « no Augusto Nome do Principe Regente Nosso Senhor». Entendera, porém não o suspender ainda, quando mil vezes merecera similhante pena.

« Este Bacharel e seu irmão Martim Francisco, quimico empregado na Inspecção das minas de Ferro, dizia o Capitão General, são de hum espirito orgulhoso e com a cabeça cheia de principios de Liberdade, pelo que, no meu modo de pensar, julgo pouco conveniente a sua existencia nestes Estados, onde só a vaidosa confiança do valimento do seu irmão José Bonifacio hé capaz de os fazer abalançar aos maiores absurdos.»

Vendo, porém, que os seus berros e ameaças não haviam intimidado ao «petulante bacharel », recorreu Franca aos grandes meios de antanho para lhe provar « quem é que mandava.» Ordenou, portanto, ao commandante da Praça de Santos que fizesse assentar praça Francisco Eugenio de Andrada, irmão do irreductivel Juiz de Fóra, e a um primo, João Feliciano de Aguiar!

« Foi este o urgente e poderoso motivo que me obrigou a mandar assentar-lhes praça no Regimento de Infantaria de Linha da Villa e Praça de Santos, para rebater o seu punivel orgulho e fazel-o entrar no verdadeiro conhecimento dos seus deveres».

E ainda se espantava Franca de que o Juiz ousasse respingar, ante a sua «*justa decisão*»! quando pretendera apenas: «1°) mostrar-lhes que elles como quaesquer outros deviam cervir a S. A. R.; 2°.) punil-os ao mesmo tempo de alguns insultos pessoaes que lhe havião feito, sem attenção e respeito ao lugar que se achava exercendo « como representante da corôa.»

Não se atrevera o incorrigivel magistrado a aconselhar aos parentes que immediatamente desertassem?!

E jamais conselho, como era aliás naturalissimo, fôra tão rapidamente seguido quanto este.

Os dous novos soldados, «dando hum authentico e decisivo testimunho de seu indigno caracter, (*sic!*) haviam vergonhosamente desertado abandonando as Reaes Bandeiras que haviam jurado»!! Que fazer com similhante gente? lamentosamente inqueria o Capitão General! que tanto desprestigiava a autoridade dos delegados de S. A. o Principe Regente N. S.? Necessario se tornava exemplar castigo sob pena das mais graves consequencias...

(1) Archivo do Estado de S. Paulo 108 T. C., a fs. 125 v.—129.

Si similhante facto se podia dar em 1806, calcule-se o que seriam os processos de que podiam lançar mão os Capitães Generaes do meiados de seculo XVIII.

. . . . . .

Na voragem do descaso pelas cousas do passado, tão commum em nosso país, desappareceram quasi todos esses documentos insubstituiveis constituidores dos *à côté* da historia, como as correspondencias particulares, por exemplo, que tão profundamente illuminam notaveis feições das épocas. Como seria valioso podermos analysar as epistolas trocadas entre os subditos e os governantes dos tempos do absolutismo, estudando-lhes as attitudes reciprocas! Nada nos resta, no emtanto, de tão preciosos documentos, pois a conservação dos archivos particulares é cousa de que no Brasil ninguem até os nossos dias cogitou. Teve Antonio Piza, com o seu faro de erudito profundo, a inspiração feliz de, entre outras cousas, publicar dous desses papeis, cuja falta tanto é de se lamentar, duas cartas justificativas dos irmãos Manuel Corrêa Penteado e Francisco Rodrigues Penteado, homens opulentos e da maior importancia social na Capitania de São Paulo, ao Capitão General Rodrigo Cesar.

São altamente suggestivas como traductoras dos sentimentos dos bons e verdadeiros vassallos tementes a El Rei, em relação aos seus representantes immediatos.

Espavorido, porque lhe haviam contado achar-se o Capitão General agastado com uma acção que lhe era falsamente attribuida, o homisio dado a um dos Lemes, escrevia-lhe Francisco Rodrigues Penteado:

«Esta informação teria V. Ex.cia muy dezadequada a minha Sugeiçam; bastava eu conhecer ser dispozição e vontade de V. Ex.cia o segurar-se este homem, para eu não me oppôr *inda que fôra filho meu*, cujo motivo me molestaria, não por ser meu filho, senão pelo cuidado, que por cuja cauza se originasse a V. Ex.cia.»

E, continuando com a serie de humilhações, accrescentava: «a nobilissima pessoa de V. Ex.cia considero a mesma de meu Rey, o Senhor Dom João Quinto, que Deus g.de»

E, ao terminar, ainda beijava o pobre, homem transido de medo, a mão potente que sobre elle se alçara:

«Não deixa de caber em o meu animo o reconhecimento da paternal disciplina com que affectuozamente nos adoutrina, debaixo da qual me achará V. Ex.cia sempre desejoso de acertar e prompto para receber o castigo, quando della discrepar. Para tudo que V. Ex.cia me ordenar de Seu agrado fico prompto para executar.»

Logo abaixo, numa ultima demonstração de temor, ainda se assignava o vassallo «Aos pés de S. Ex.cia.»

E note-se! tratava-se de um homem invalido, retido em casa havia longos annos.

Não menos assustado dizia o irmão a Rodrigo Cesar, defendendo-se egualmente de accusação, esta de menor gravidade, certa acção provocada por má inspiração contrariadora dos designios do proconsul:

«E sinto que ondenão houve malicia nem pensamento de desagradar a Vossa Ex.cia, fosse tal minha sorte, que, errasse eu, querendo acertar, e se sopponha fui menos attentoao que se deve á pessoa de V. Ex.cia, *Em me achando com melhor disposição, me terá vossa exc.a a seus pés pessoalmente, para receber o castigo que fôr servido dar-me.*»

Quanto não dizem estas expressões, repassadas do quasi sagrado temor que aos Capitães Generaes envolvia aos olhos dos seus jurisdiccionados! Quem de tal modo se justificava, cheios de humildade, não eram dous desprotegidos, siquer pessoas de mediocre condição, e sim dos mais opulentos vassallos da capitania, «senhores de grossos cabedaes, crescidos abundantes e vivendo abundantissimos, occupando honrosos

cargos de suas republicas, gozando de um respeito egual ao merecimento em que souberam ser attendidos e venerados» diz-nos a NOBILIARCHIA PAULISTANA.

Variavel a attitude das populações brasileiras para com os seus satrapas. Nos primeiros annos, ninguem reagia; sabiam todos quanto seria isto inutil: não gostava o governo português de mudanças administrativas frequentes, achava as distancias muito grandes, doíam-lhe as ajudas de custo a despender, e assim fazia ouvidos de mercador ás lamentosas vozes dos subditos infelicitados pelos governantes. Não havia remedio senão resignarem-se os rebanhos brasileiros; improficuas seriam as queixas acarretando o perigo de inevitaveis represalias dos denunciados.

Passados quatro ou cinco annos, porém, já maiores eram as probabilidades de attenção e menores tambem os perigos de vingança, pois sabendo o accusado que já fizera o seu tempo, receiava prejudicar a carreira administrativa entregando-se a algum desforço violento. Assim, por exemplo, succedeu a Martim Lopes, senhor discricionario da capitania, apesar da vizinhança dos Vice-Reis fluminenses. Bispo, ouvidor e Camara de S. Paulo só se atreveram a denuncial-o quando já seis annos havia que de todos os modos exhorbitava.

No seculo XIX melhoraram as cousas; não fôra inutil a infiltração dos resultados da Revolução Francesa sobre as velhas normas de governo caras á administração lusitana. E a partir de 1808 era o monarcha em pessoa quem no Rio de Janeiro estava com sua côrte e os bons ministros de quem sempre no Brasil soube rodear-se. Assim, animou-se a Camara de Ytú á *audacia* de enfrentar o Capitão General Mello Castro, e teve o brutal Franca e Horta de ouvir do monarcha, diz-nos Machado de Oliveira, severas e salutares advertencias para melhorar a sua má administração.

E' que os annos de 1820 velozmente se approximavam.

Affonso d'Escragnolle Taunay,
do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

EPISTOLA

A Manuel Carlos

Eu não sei, meu amigo, si a Poesia,
como uma fada complacente, vôa,
á invocação deste, ou daquelle fiel,
e vem ficar-lhe ao pé, mansa, em pessôa,
a dar-lhe vida e fórma á idéa fria,
a conduzir-lhe a mão sobre o papel.

No meio desta humana turba-multa,
existem (dizem) almas predilectas
que ella visita assim. Vates de raça,
é desse privilegio que resulta
o seu caracter de genuinos poetas,
illuminados de ineffavel graça!

Eu não a vi jamais. Nunca ella veiu
impôr-me a suave mão, que tem imposto,
na febre de trabalho, a tanta mão:
não lhe senti jamais o arfar do seio
sobre o meu hombro; nem, pelo meu rosto,
a sua musical respiração.

Nunca a enxergüei siquer; meus pobres olhos
debalde tentam descobrir-lhe a cara,
e cruzar-se com os seus, numa ansiedade.
Tenho a buscado, como si buscara
do universal palheiro nos refolhos
a intangivel agulha da verdade...

Sou, pois, amigo, como um namorado
que na ausencia da amada se contenta,
de andar pelos caminhos que ella andou,
e anda mil vezes o caminho andado,
porque sentil-a se lhe representa
nas cousas que ella viu e que tocou.

Sinto-a um pouco por tudo, alegre, ou mesta,
nos dias tristes, nos faustosos dias,
nas ondas bravas e nas ondas calmas.
A tudo um pouco de si mesmo empresta;
reluz nos gestos e physionomias,
e tanto doura as pedras como as almas.

Os mares, os grotões, as alvoradas,
as idéas, as nuvens, a folhagem,
uma vida, uma lagrima, um prazer,
tudo isso — cousas tão disparatadas! —
reflecte o seu clarão, como a paisagem
nocturna a luz de um vago amanhecer.

E assim, nesta offegante e doce lida,
como um amante que o seu bem supremo
espéra vêl-o como um sol que nasce,
dou-lhe o que ha de melhor na minha vida...
— mas não espero vêl-a, e quasi temo
que possa vêl-a um dia face a face.

Sim, em verdade, temo vêl-a, amigo.
Quando visse o mysterio, qual te vejo,
quando a certeza me guiasse a mão,
ver-me-ias calmo como um deus antigo,
— mas ir-me-iam pelo ar, num só bocejo,
as delicias do anseio e da ilusão!

Amadeu Amaral,
DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS.

PESQUISAS DOCUMENTAES

(DA COLLECÇÃO ALFREDO DE TOLEDO)

Provizão do Dezembargo do Paço criando huma Cadeira de primeiras Letras na Villa de S. Carlos.

D. João por graça de Deos Principe Regente de Portugal, e dos Algaves, d'aquem e d'alem Mar, em Africa de Guiné, e da Conquista, Navegação, Comercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India etc. — Faço saber a vós Governador e Capitão General da Capitania de São Paulo, q. attendendo ao q. me representou a Camara da Villa de São Carlos, e ao mais q. com resposta do Dezembargador Procurador de Minha Real Coroa e Fazenda se me expoz, em Consulta da Meza do Dezembargo do Paço, com cujo parecer conformando-me: Hey por bem por minha Immediata Rezolução de 26 de 9br.º do anno proximo passado, crear, na sobredita Villa, huma Cadeira de primeiras Lettras, o q. vos participo pª vossa intelligencia a fim de proceder na conformidade de Minhas Regias Instrucções. O Principe Regente Nosso Senhor o mandou pr seu especial mandado pelos Ministros abaixo assignados, do seo Conselho, e seus Dezembargadores do Paço. João Pedro Maynard d'Afonseca e Sá a fez no Rº de Janrº a 10 de Maio de 1814. Bernardo Jozé de Souza Lobatto a fez escrever. = Francisco Antonio de Szª da Silvrª = Monsenhor Miranda = Por Immediata Rezolução de S. A. R. de 26 de 9brº de 1814 em Consulta da Meza do Dezembargo do Paço, e Despº da mmª de 29 do dito mez e anno.

Provizão ao Pe Bernardo Je da Sª de Professor de primeiras Letras da Vª de S. Carlos.

Dom Matheus de Abreu Pereira etc., D. Nuno Eugenio de Locio e Seilbs Fidalgo Cavalleiro da Caza Real, etc. e Miguel Je de Olivrª Pto etc. — Fazemos saber aos q. esta nossa Provizão virem, q. tendo de prover-se na conformidade do disposto na Provizão Regia, expedida pela Meza do Dezembargo do Paço em 10 de Maio deste anno, a Cadeira de primeiras Letras da Villa de S. Carlos, e sendo para ella approvado pelos Examinadores o Padre Bernardo José da Silva, e por concorrerem nelle todas as demais circunstancias para dignamente exercer o mencionado Magisterio: o Nomeamos (como por esta o fazemos) em Professor de primeiras Letras da Villa de S. Carlos, com o qual haverá cessenta mil reis de Ordenado cada hum anno, pagos pelo Cofre do Subsidio Literario desta Capitania, na conformidade das Reaes ordens a este respeito, e gozará de todas as honras, previlegios liberdades, e izençoens q. direitamente lhe pertencerem. Emandamos a todas as pessoas a quem o conhecimto desta haja de pertencer, o deixem servir, e exercitar o seu Magisterio, e haver o Ordenado q. lhe compete como dito hé, e jurará na Secretrª deste Governo, de bem e verdadeiramte cumprir as suas obrigaçoens, e fará Confirmar esta Provizão pela dita Meza do Dezembargo do Paço na conformidade do disposto no Decreto de 17 de Janrº de 1809, e Provizão Regia do mesmo Tribunal de 4 de Feverº do mesmo anno. E por firmeza de tudo lhe mandamos passar a presente pr nós assignada e Sellada com o Sello das Armas Reaes q. se cumprirá inteiramte como nella se contem, e se registará nos Livros da Secretrª deste Governo, e mais partes a que tocar. Joaquim Floriano de Toledo a fez nesta Cidade de Sm Paulo aos 12 de Agosto de 1814. De feitio e registo desta na frª do Regimento desta Secretrª 8$400 rs. Manoel da Cunha de Azevedo Coutinho Souza Chichorro Secretrº do Governo a fez escrever = Lugar do Sello = *D. Matheus* Bispo — *D. Nuno Eugenio de Locio e Seilbs* — *Miguel Je de Olivrª Pinto.*

Os dous documentos supra marcam o inicio da instrucção publica official em Campinas, circumstancia esta que os faz mui valiosos para nós.

Agradecemos ao dr. Alfredo Toledo, socio correspondente do *Centro*, a offerta dos mesmos.

NOTICIARIO

Directoria do «Centro». — Em assembléa geral de 2 de Janeiro ultimo, numerosa e agitada como nenhuma outra deste instituto, procedeu-se á escolha dos respectivos directores para o anno que corre.

A seguir transcrevemos o final de longa noticia do *Correio de Campinas*, referente ao memoravel pleito havido então, pois o resultado attesta de sobejo o enthusiasmo pelos destinos do *Centro:*

« Dos 225 socios, cujos nomes figuravam no livro de presença, votaram 194, sendo que 34 o fizeram por meio de procuração e 160 directamente.

Apurada a votação, verificou-se que a chapa apresentada pelos srs. dr. Antonio de Arruda Camargo, Paulo Decourt, Henrique Serra, Oscar de Paula, Floriano Peixoto de Azevedo Marques, Ruy Martins Ferreira, João Franco de Andrade, dr. Victor Brenneisen, Antão de Paula Sousa e dr. Ernesto Kuhlmann obteve o seguinte suffragio:

Presidente, dr. Carlos Stevenson (reeleito)	165	votos
Vice-Presidente, dr. Julio de Arruda (reeleito)	167	»
Secretario-geral, Erasmo Braga (reeleito)	169	»
1.° Secretario, Annibal Freitas (reeleito)	168	»
2.° dito, Hilario Magro Junior (reeleito)	167	»
Thesoureiro, João Nogueira Ferraz Filho (reeleito)	169	»
Orador, dr. Antão de Sousa Moraes (reeleito)	172	»

A chapa recommendada pelos srs. barão Ataliba Nogueira, dr. Candido Ferreira da Silva Camargo, c.el José Francisco Aranha, dr. José de Campos Novaes, Joaquim Egydio de Sousa Aranha, dr. Salustiano Penteado, Alexandre Krug, Ernesto Sixt e Raphael de Andrade Duarte, alcançou os votos infra:

Presidente, dr. Francisco de Araujo Mascarenhas	29	votos
Vice, dr. José Ferreira de Camargo	29	»
Secretario-geral, Othoniel Motta	28	»
1.° Secretario, dr. Ponciano Cabral,	25	»
2.° dito, Sebastião Pinheiro	28	»
Thesoureiro, Francisco Moutinho de Castro	28	»
Orador, Lino Leme	22	»

Debaixo de salvas de palmas, o presidente proclamou os novos eleitos e convidou-os a tomar posse de seus cargos, o que fizeram ainda debaixo de salvas de palmas.

Uma vez empossado, o dr. Carlos Stevenson dirigiu rapidas palavras aos presentes, dizendo, entre outras cousas, que a directoria tencionava proseguir na mesma trilha até agora percorrida, pois a sua reeleição, por tão estrondosa maioria, importava num voto de confiança por parte dos socios do *Centro*, aos quaes apresentava seus agradecimentos.

O sr. Henrique Serra salientou a maneira imparcial e digna com que o dr. Antonio Rodrigues Alves Pereira dirigira os trabalhos, ajudado pelos seus dous companheiros de mesa (srs. Francisco Moutinho de Castro e Sebastião Pinheiro), e concluiu pedindo que se consignasse na acta um voto de louvor á mesa, ficando esta autorizada a assignar a referida acta.

Ambas as propostas foram acceitas unanimemente, por entre acclamações dos presentes.

O sr. Alberto Faria saudou a Directoria recem-eleita, agradecendo-lhe, em phrases, elevadas de conceito, o dr. Antão de Sousa Moraes. »

—

Porque accumulo de trabalhos extranhos á associação impedissem de continuar no exercicio do cargo de 2.° secretario, meses depois o sr. Hilario Magro Junior exonerou-se, sendo, na fórma dos estatutos designado para substituil-o o sr. Henrique Serra, que será eleito mais tarde, em assembléa geral.

Versos antigos. — Varias publicações relativas a nosso egregio patricio Ruy Barbosa, inclusivé um artigo do DICCIONARIO BIO-BIBLIOGRAPHICO de Sacramento Black, falam de poesias de S. Ex. esparsas em jornaes d'antanho, ou reunidas em folheto ha muito exgottado.

Resta apenas vaga lembrança dessa obra fragmataria de mocidade promissora, obra de espirito que se tornaria o maximo expoente da cultura brasileira, por isto merecendo conhecida hoje de todos.

Nenhuma composição do moço, fadado aos mais altos commettimentos intellectuaes, parece-nos melhor, a similhante luz, que *A Humanidade*, descoberta pelo redactor da *Revista do « Centro »*, em a *Fazenda Atibaia*, num velho album do sr. Joaquim Polycarpo Barbosa Aranha, estudante na garoenta Paulicéa entre 1865 e 1870.

Ella encerra em germen as idéas religiosas, sociaes e politicas do embaixador do Brasil em Haya e Buenos Aires, do homem de coração e talento cuja vida tem sido um ininterrupto combate pelas causas da liberdade e da justiça.

A despeito das culminancias a que o ergueram a superior intelligencia e a vasta illustração, sempre ao serviço dos opprimidos e lesados do globo inteiro, não se sentirá retrospectivamente amesquinhado o batalhador, ao rever taes decasyllabos.

Nem mesmo delles se envergonhará, ao aspecto literario, pois ainda a este reclamam estima, attendendo á edade, os metros que ora trazemos a lume.

São do tempo em que emulava com Castro Alves e Joaquim Nabuco, tempo em que sentimento e eloquencia se mesclavam, confundindo poetas, e oradores nos prélios academicos.

Num extracto da sessão de 2 de Julho de 1868, na Faculdade de Direito do Sul, em preito festivo á data bahiana, refere Xavier Marques como para seu brilho contribuiu a formosa trindade do Norte :

« Seguiu-se (Castro Alves) com a *Ode* (*ao Dous de Julho*). Succederam-lhe na tribuna Joaquim Nabuco e Ruy Barbosa, cuja poesia *Dous de Julho*, em 7 estrophes de alexandrinos e 12 de redondilha-maior, espelha flagrantemente a maneira do « condor ».

Tanto não reflectem os propheticos versos soltos d'*A Humanidade*, felizmente sem excessivas hyperboles, caracteristicas das producções da época. Demais, a linguagem é já correcta, prenunciando o purista de agora. O romantico daquelles dias, cheio de arroubos, deixava entrever o classico futuro, domando a palavra.

— Guarda o album acima apontado curiosidades diversas, em paginas literarias de interesse archeologico, por assim dizer; no numero dessas está a da *Ballada do desesperado* de Henri Murger, traducção de Castro Alves, que se acreditava completamente perdida.

A *Revista*, em edições vindouras, as trasladará ao respectivo museu sonoro, para gaudio de leitores saudosos de um passado menos prosaico que o presente.

30 de Junho de 1916 ⋟⋞ E. U. do Brasil ⋟⋞ E. de S. Paulo ⋟⋞ N.º 43

REVISTA

— do —

Centro de Sciencias, Letras e Artes

— de —

CAMPINAS

ORGAM TRIMESTRAL DO INSTITUTO

Redactor-gerente: Alberto Faria

ANNO XV — FASC. II

Summario

I — *Gilka Machado*, (retrato)
II — *Gilka Machado* — João Ribeiro
III — *Um desejo*, por Senio, inédito de — José de Alencar
IV — *Olinda* — Sousa Bandeira
V — *O bater da cancella* — Alberto de Oliveira
VI — *Conceitos miudos* — A. Austregésilo
VII — *Do berço aos Quinze-annos* — Escragnolle Doria
VIII — *Os sinos* — Alberto Faria
IX — *Campinas em 1819* (Saint-Hilaire traduzido e commentado)
X — Versos aureos de Pythagoras — Aristeu Seixas

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao CENTRO DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES.

CAMPINAS — Rua da Conceição — CAIXA, 76.

1916

TYP. DA CASA GENOUD

CAMPINAS

ANNO XV. CAMPINAS, — Est. de S. Paulo — Brasil. N. 43

REVISTA DO CENTRO DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

(ORGAM TRIMESTRAL)

O CENTRO não se responsabiliza pelas opiniões de seus collaboradores, concedendo-lhes toda a liberdade.

Esta revista, orgam do CENTRO DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES, é assignada na séde social, em **Campinas,** á rua da Conceição. Caixa Postal, 76.

DIRECTORIA

Presidente — **dr. Carlos Stevenson**
Vice-Presidente — **dr. Julio de Arruda**
Secretario Geral — **Erasmo Braga**
1.º Secretario — **Annibal Freitas**
2.º » — **Henrique Serra**
Thesoureiro — **João Nogueira Ferraz**
Orador — **dr. Antão de Moraes**

30 de Junho de 1916

Assignatura annual . . . 5$000
Numero avulso . . . . . 2$000

Annuncio de 1 pagina . . 8$000
" " ½ " . . 5$000
" " ¼ " . . 3$000

REDACTOR-GERENTE — ALBERTO FARIA

Commissões auxiliares

DE MATHEMATICA E ASTRONOMIA

Drs. José Augusto Quirino dos Santos, Antonio Rodrigues Alves Pereira e Mariano Montisanti.

DE ENGENHARIA

Drs. Francisco Paes Leme de Monlevade, Manoel da Rosa Martins e Horacio Antonio Costa.

DE PHYSICA E CHIMICA

Prof.or Annibal Freitas, Drs. Guilherme Bolliger e Eugenio Decourt

DE ZOOLOGIA E BOTANICA

Prof.or Paulo Decourt, Adolpho Hempel e Dr. José Barbosa de Barros.

DE AGRICULTURA E ZOOTECHNIA

Dr. Candido Ferreira de Camargo, Joaquim Egydio de Sousa Aranha e João Franco de Andrade.

DE GEOGRAPHIA, HISTORIA E DEMOGRAPHIA

Prof.es Jorge Nogueira Ferraz, Floriano P. de Azevedo Marques e dr. Alfredo Monteiro de Carvalho e Silva.

DE SCIENCIAS MEDICAS

Drs. Francisco Betim Paes Leme, Celso da Silveira Rezende e Antonio de Arruda Camargo.

DE SCIENCIAS SOCIAES E ECONOMICAS

Drs. Heitor Teixeira Penteado, Everardo Toledo Bandeira de Mello e Victor Brenneisen.

DE SCIENCIAS JURIDICAS

Drs. Antonio Alvares Lobo, Servilio de Abreu Soares e Omar Simões Magro.

DE LITERATURA

Dr. Thomaz Alves Filho, Alberto Faria e Benedicto Octavio.

DE PHILOLOGIA

Alberto Faria e prof.es Basilio de Magalhães e dr. Ernesto Kuhlmann.

DE ARTE

Dr. Joaquim Alvaro de Sousa Camargo, Octavio Netto e Ruy Martins Ferreira.

DE BIBLIOTHECA E MUSEU

Dr. Salustiano Penteado, Erasmo Braga e Henrique Serra.

DE JUSTIÇA, LEGISLAÇÃO E CONTAS

Dr. Tito Joaquim de Lemos, Gustavo Robbe e Ernesto de Sousa Lima.

DE SYNDICANCIA

Comm. Jeronymo de Campos Freire, Antão de Paula Sousa e Paulo Decourt.

DE ESCRIPTURAÇÃO TECHNICA

Felix da Cunha, Oscar de Paula e Adalberto de Oliveira Maia.

PROGRAMME

Cette Société d'encouragement pour la culture des Sciences, des Belles Lettres et des Arts, fondée à Campinas, après avoir fait appel à tous les esprits éclairés du Brésil, a été inaugurée le 31 Octobre 1901.

Le programme qu'elle prétend suivre est le suivant:

I — Encourager, chez ses associés, l'étude et le développement des branches ci-dessus indiquées, en réservant ses soins spéciaux aux sciences naturelles.

II — Développer le goût de l'étude, de l'idiome portugais et de la littérature, traditions, *folklore* (légendes) et poésies nationales.

III — Étudier l'Art au Brésil, même chez les indiens, depuis sa découverte jusqu'à nos jours; accompagner l'évolution artistique nationale et étrangère.

IV — Inspirer le goût de ces études et de leurs applications, de façon qu'elles puissent contribuer, soit directement, soit indirectement, au progrès du Brésil.

V. — Stimuler les excursions scientifiques; en décrire les résultats et les recherches: élaborer des mémoires sur les études et observations faites.

VI. — Maintenir une Bibliothèque et un Musée à l'usage des membres de la Société.

VII. — Faire des conférences sur les matières ci-dessus indiquées, et s'occuper de tous les sujets qui aient pour but le développement économique et social du Brésil

VIII. — Publier tous les trimestres une Revue qui sera le fidèle rapporteur de la vie officielle du "Centre"

IX. — Tenir des réunions hebdomadaires, où il sera traité des intérêts de la Societé et de son développement.

X. — Entretenir des relations scientifiques suivies avec les Sociétés congénères, tant au Brésil qu'à l'étranger.

XI. — S'occuper de tout ce qui a rapport à la médecine en général, mais spécialement à celle qui se rattache à la région de cet Etat.

XII. — Vulgariser l'étude des maladies de plantes et d'animaux; répandre des conseils prophylatiques et des moyens de combattre ces maladies.

XIII. — Propager l'enseignement des sciences naturelles, afin qu'il devienne effectif dans toutes les écoles du Brésil.

XIV. — Employer tous les efforts pour obtenir la promulgation et la mise en exécution de lois rurales et forestières et de toutes mesures qui auraient trait à la protection et à la conservation de la Flore.

XV. — Tâcher d'obtenir toutes les mesures officielles, tendantes à la conservation de la Faune et à la réglementation de la chasse et de la pêche.

XVI. — Contribuer à la diffusion scientifique des richesses naturelles du Brésil et, en particulier, de celles de l'Etat de S. Paul.

XVII. — Donner des soirées artistiques et littéraires dont le but sera de propager et de maintenir le goût pour l'Art et la Littérature.

XVIII. — Permettre l'entrée libre de la Bibliothèque et du Musée à la jeunesse studieuse presentée par un associé.

XIX — S'occuper d'investigations historiques et géographiques en général, et spécialement des recherches de même nature se rapportant au Brésil.

XX. — Contribuer aux progrès de l'Agriculture et de l'Elevage au Brésil.

O Centro tem por fins:

1 — Promover entre os socios o estudo e o desenvolvimento de todos os ramos das Sciencias, das Letras e das Artes, com especialidade das Sciencias Naturaes.

2 — Procurar despertar o gosto pelos estudos da lingua vernacula, e egualmente pelas tradições, fabulario e poesias nacionaes.

3 — Estudar a arte no Brasil, inclusivé a indigena, desde os primeiros tempos historicos até os nossos dias, acompanhando de perto as evoluções no paiz e no extrangeiro.

4 — Desenvolver no Estado o interesse por taes estudos e suas applicações que, directa ou indirectamente, possam concorrer para o progresso patrio.

5 — Promover excursões scientificas, descrevendo seus resultados, e elaborando memorias dos estudos e observações feitas.

6 — Manter o museu e uma bibliotheca para uso dos socios.

7 — Realizar conferencias, tornando publico o interesse pelas Sciencias, Letras e Artes, e debatendo questões que digam com o desenvolvimento economico e social do Brasil.

8 — Publicar, de tres em tres meses, esta Revista, servindo de repositorio de todos os actos do «Centro».

9 — Celebrar reuniões semanaes afim de manter constante a acção que constitue o programma social.

10 — Entreter assidua correspondencia com os institutos congeneres nacionaes e extrangeiros.

11 — Tratar de assumptos de medicina em geral, com especialidade daquelles que mais interessem ao Estado de S. Paulo

12 — Vulgarizar o estudo das molestias de animaes e plantas, indicando os meios de as debellar.

13 — Fazer propaganda para tornar effectivo o ensino das Sciencias Naturaes em todas os escolas do país.

14 — Esforçar-se pela adopção e execução de leis florestaes e ruraes attinentes á conservação do clima e da flora do país.

15 — Pugnar pela conservação da fauna e pela regulamentação da caça e pesca.

16 — Contribuir para tornar scientificamente conhecidas as riquezas naturaes do Brasil, particularmente as do Estado de S. Paulo.

17 — Realizar opportunamente saráus artistico-literarios, ou puramente artisticos, com o fim de manter o gosto pelas letras e pelas artes.

18 — Franquear a Bibliotheca e o Museu á mocidade estudiosa, mediante apresentação de um socio.

19 — Fazer estudos historicos e geographicos de caracter universal, e particularmente do Brasil.

20 — Trabalhar para o melhoramento da agricultura e da creação em geral no Brasil.

GILKA DA COSTA MACHADO

(Nascida no Rio de Janeiro em 1893)

Gilka Machado

Gilka Machado é seguramente uma das maiores poetisas brasileiras, e eu não digo *a maior*, porque não tenho autoridade bastante para essas perigosas classificações que tanto desagrado e desfavor excitam nas rodas literarias. Mas, si consulto apenas a minha *impressão pessoal*, estou convencido de que tres ou quatro de nossos poetas podem egualar-se-lhe, e, todavia, nenhum a excede no estro, na inspiração e na arte e formosura de seus versos.

Dir-se-á que é um juizo demasiado lisonjeiro. Não tenho, porém, outra medida que a da minha sinceridade, e apenas aqui ajunto a confissão de que não sou um critico e menos entendo da divina arte que cultivei outr'ora com exito mediocre.

Entretanto, e dadas essas explicações preliminares, os CRYSTAES PARTIDOS revelaram-me um artista muito acima do commum e do que desprevenidamente eu poderia esperar. Suppunha tratar-se de um d'esses casos triviaes da literatura corrente em que se exalta ao setimo céo qualquer mediocridade que chega.

Gilka Machado, porém, é uma excepção nessa indecencia das louvaminhas vulgares.

Quero muito de proposito transformar os meus assertos numa especie de anthologia, que de si mesma evidencie ao leitor a grandeza de nossa poetisa.

Assim fala ella de sua alma de mulher, tão incomprehendida de nossos preconceitos:

Esta alma que eu carrego amarrada, tolhida,
num corpo exhausto e abjecto
ha tanto acostumado a pertencer á Vida
como um traste qualquer, como um simples objecto,
sem goso, sem conforto,
e indifferente como um corpo morto;
esta alma, acostumada a caminhar de rastos,
quando fito estes céos, estes campos tão vastos,
aos meus olhos ascende e deslumbrada avança,
tentando abandonar os meus membros já gastos,
a saltar, a saltar, qual uma alma de creança.
E analysando então meus movimentos,
indecisos e lentos,
de humanizada lesma,
eu tenho a sensação de fugir de mim mesma,
de meu ser tornar noutro,
e sair, a correr, qual desenfreado potro,
por estes campos,
escampos.

De que vale viver,
trazendo na existencia emparedado o ser?
Pensar e, de continuo, agilhoar as idéas
dos preceitos sociaes nas torpes ferropéas;
ter impetos de voar,
mas presa me mantem no ergastulo do lar,
sem a libertação que o organismo requer;
ficar na inercia atroz que o idéal tolhe e quebranta ...

. . . . . .

Ai! antes pedra ser, insecto, verme, ou planta
Do que existir trazendo a fórma de Mulher.

Na realidade as formulas de nossa civilização não permittem á mulher, «aguia presa», mais que uma posição decorativa. E' um dos retrogrados despotismos que tendem a desapparecer.

Um dos traços caracteristicos da arte de Gilka Machado consiste no vigor descriptivo de suas paisagens, mas não méramente descriptivo, porque sua *nevrose* tudo domina.

Sinto pellos no vento...

diz ella algures. E assim o colorido é sempre mais de sua alma do que das cousas; a natureza serve-lhe, escravizada, de um pretexto ao pantheismo de sua fé. Leia-se, para exemplo, este admiravel soneto, que pertence ao escrinio de perolas dos *Nocturnos*:

O alvo frouxel do luar se extende pelo matto...
Um perfume subtil, preguiçoso fluctua,
e, mal no espaço o absorve, em vão perscruta o olfacto
si elle subiu da Terra, ou si desceu da Lua.

Toma-me todo o corpo um languor insensato,
fecho os olhos e sinto a alma caricia tua...
— sonho! — é apenas a luz que me amacia o tacto,
e, qual um pollen, cai na minha cutis nua.

E' a luz lunar que, humente e untuosa, como colla,
escorre pelo azul... Vencel-a embora queira,
já no cerebro meu, alôa, a idéa tola...

A Lua, algida flôr de celica esponjeira,
desabrocha na altura a pallida corolla
e desprende do luar a essencia dormideira.

E este soneto é um dos mais descriptivos; o idéalismo é mais intenso neste outro, em que a *objectividade* quasi desapparece numa bruma de sonho:

Quando dentro de um templo — olente flôr de prata,
o thuribulo oscilla e tôda o ambiente incensa,
fica fluctuando, no ar, frouxa, azulada, immensa,
uma escada etherial, que aos poucos se desata...

Enquanto bamboleia essa escada e suspensa
paira, uma ansia de céos o meu ser arrebata
e, por ella, a subir, numa fuga insensata,
vai minha alma ganhando o rumo azul da Crença.

O thuribulo é um sino a dobrar, quando em quando...
arde o incenso... um rumor ondula, no ar se espalma...
andam no meu olfacto asas brancas roçando...

E, si acaso de um templo o largo umbral transponho,
logo o incenso me enleva e transporta minha alma
á cathedral azul da religião do Sonho.

Sem duvida, a alma tão sensivel não podia escapar essa nódoa do seculo, o *pessimismo*. Estou agora que o alto conceito social, que hoje ampara seu talento, diminuirá a tristeza ingenita que transpira em seus melhores versos, como nos *Intimos*, *Ao som dos sinos*, *Canção de uma doente* e tantos outros de incomparavel formosura e de profunda inspiração.

Ah! meu pobre filho! que remorso intenso
minha mente punge, minha paz trucida,
sempre que te fito, sempre que em ti penso!
Como devo expiar este meu crime immenso
de te haver legado o grande mal da vida?

. . . . . .

Por méro gozo da materia immunda,
vieste ao mundo — fructo da volupia minha . . .

São trechos dos *Intimos*:

Minha avósinha, minha avósinha,
hoje quão longe de mim te estás!

. . . . . .

Os meus momentos mais enfadonhos
por ti me foram sempre alegrados;
os desenganos tredos, medonhos,
de mim buscavas ter afastados,
acalentando meus pobres sonhos
na rêde de ouro dos teus cuidados.

Da *Canção de uma doente* duas estrophes dispersas que reproduzo por não transladar integralmente o poema de dôr, escripto com tão suave ingenuidade como a de uma alma simples e alheia aos refolhos e complicações da vida social de hoje:

Ao pôr do sol de uma Chimera,
de uma Chimera ao sol se pôr,
da vida em plena primavera,
perece o meu primeiro Amor.
Que roxo occaso o do Chimera!
Morrente Amor... sol a se pôr...

Era tão manso, era um cordeiro
este meu casto Amor de creança,
sempre a pastar o dia inteiro
nos vastos campos da Esperança,
e eu a pascer este cordeiro,
desde o aureo tempo em que era creança.

Assim é a poesia de Gilka Machado, em sua technica ainda instavel e, ao que supponho, sem expressão definitiva. Não falo aqui propriamente de sua arte de compôr o verso, que é sempre do mais extremado apuro; falo antes da sua esthetica. Por vezes a poetisa parece-me uma *parnasiana*, mas está longe de affectar a absurda *impassibilidade* da escola. Não sei a que escola poetica das que dominam nosso parnaso pertence a nova e encantadora musa dos CRYSTAES PARTIDOS. Nem é preciso saber. As *escolas poeticas* são boas para espiritos de segunda ordem, sem a independencia que caracteriza o verdadeiro genio, ou servem apenas á inopia dos criticos que procuram distribuir os martyres de sua censura, em classes de seus estereis catalagos.

Por isso mesmo e para evitar o abuso da critica (que aliás nunca pretendi exercer), é que timidamente á impressão pessoal junto o florilegio das citações, ainda assim, tão poucas, que não representam a valia exacta e perfeita da notabilissima poetisa.

Nossos criticos mais em evidencia receberam com altos e merecidos louvores os CRYSTAES PARTIDOS, salvo o caso de restricções dispensaveis sobre assumptos que não diziam respeito ao livro.

Concluirei estas breves linhas com o remate de ouro das *Quadras simples*:

O' Lua, velha fiandeira
que andas mollemente a fiar,
ás vezes a noite inteira,
o linho branco do luar!

Porque eu tanto assim te queira,
por tanto, Lua, te amar,
dá-me, na hora derradeira,
uma mortalha de luar.

* * *

Certo, nas noites de Lua,
tua alma errante de poeta,
em pleno espaço fluctua
numa escalada secreta.

E, ao pallio que a Lua espalma,
buscando a tua encontrar,
dentro da noite, a minha alma
se eleva, tacteando no ar.

Ha de, com toda a certeza,
casar-se a minha alma á tua,
nessa capellinha accesa,
na alva capella da Lua.

E, como um monge velhinho,
rezando tremulo, o luar,
ha de, com todo o carinho,
o nosso enlace abençoar.

Assim, pelas noites calmas,
num leve e mystico abraço,
poderão as nossas almas
unir-se, ao menos, no espaço.

Eis ahi o que é realmente bello e vale infinitamente mais que esta prosa rustica e insignificante do critico de occasião.

João Ribeiro,
da Academia brasileira de letras.

UM DESEJO

POR

SENIO

(INÉDITO DE JOSÉ DE ALENCAR)

1 8 7 — ?

Le désir n'est rien que martyre.

Ronsard.

I

— Não nadas, Argolo?

— Não; sempre senti completa negação para os exercicios aquaticos.

— Pois não tens razão.

— Porque?

— E' tão facil. Olha!

— Ha cousa mais facil.

— Qual?

— Ir ao fundo. Vê.

— Ah! ah! ah! Bebeste agua? aposto.

— Ri-te quanto quizeres. Estás provando que o mais ridiculo e o mais desarrazoado dos animaes é precisamente aquelle que se tem em conta do mais grave e que inventou para si o pomposo titulo de rei da razão.

— Demonstra-me isso com outro mergulho.

— Não podia dar-te demonstração mais eloquente.

— Nem mais *profunda*. Devias, porém, chegar para cá, para o largo, a umas vinte braças da praia.

— Queres ouvir?

— Vais prégar aos peixinhos?

— Quasi adivinhaste. Os melhores autores que têm escripto sobre a natação, desde Digby, demonstram que não é ella para o homem um movimento natural e proprio do seu systema muscular, mais sim uma arte.

— Em cuja theoria ao menos me pareces muito entendido.

— E' minha regra. Estudo justamente aquillo a que tenho aversão; o resto vem de si, por inspiração. Não acredito na medicina; e é por isso que sou medico.

— Ainda bem que não tratas os amigos.

— A menos que não estejam enfastiados de viver; porque, nesse caso, posso offerecer-lhes um suicidio commodo e christão.

— Si algum dia precisar, recorrerei á tua receita. E' excellente; despede-se um homem sem escandalo, e sem responsabilidade.

Quando quizeres estou ás tuas ordens. Mas tornemos ao assumpto. Borelli, em sua obra celebre De motu animalium, sustenta que a contextura humana presta-se naturalmente á fluctuação, e é só o medo que, perturbando-lhe o equilibrio, a submerge.

— Esse Borelli de quem nunca ouvi falar e que pelo titulo infiro ter escripto ha um seculo pelo menos...

— A obra é do fim do seculo dezesete.

— Pois asseguro-te que plagiou-me. No meu tratado de natação, que pretendo escrever, encontra-se essa mesma doutrina.

— Um paradoxo que não resiste ao facto.

— O facto arranja-se.

— Toma uma creança de collo, que é como sabes um heroe de cueiros, deita-a em cima d'agua com toda a delicadeza, e ella fará como eu, irá direita ao fundo. Si fôr, porém, um cãozinho, que tenha acabado de nascer e ainda não abrisse os olhos, pódes atiral-o ao mar, que elle nadará como tu.

— Donde conclues?...

— Que eu quando vou ao fundo estou na minha natureza humana, na plenitude de meu organismo. Bebendo agua salgada á força, mantenho a dignidade da creatura racional; si morrer afogado, morro como um homem. Entretanto, o sr. Luiz Rangel, com toda sua arte, não fez mais do que descer da grande reputação de homem illustrado, que adquiriu, e pôr-se ao nivel, não direi do cão, que é um animal de nobres sentimentos, apesar das quatro patas, mas do peixe, que é apenas um esboço, uma cauda de animal, á qual o creador negou os pés e as mãos.

— Dentro d'agua, a alguns metros de profundidade, prefiro a cauda humilde que nada, á cabeça orgulhosa que se afoga. Tenho esta simplicidade de mau gosto

— Em todo o caso, has de convir que entre dois animaes da especie que ri, mais direito tem o homem de zombar

do proximo que arremeda um peixe, do que este amphibio artificial de escarnecer do homem que se conforma á lei de sua especie.

II

— Queres que responda a isso?

— Si puderes.

— Despe a tua roupa de banho e reduz-te á simples expressão daquelle gorducho que lá está na pedra, enxugando-se em um lençol transparente. Dá a esse traje, já bem mythologico, um traço mais vivo de singeleza e naturalidade, supprimindo o véo pouco avaro, bem vês de que lirios; e passeia gravemente pela praia. Depois me dirás quem tem mais direito de rir-se.

— Queres illudir a questão.

— Ao contrario, estou definindo-a. Aquelle gorducho não é, mais o lençol e menos a folha de figo, uma edição papuda de Adam, isto é, do homem qual saiu das mãos do Creador? E o dr. Argollo, um dos elegantes da Côrte, quando passeia em seu carro, vestido pelo Raunier e calçado pelo Dias, não será a imagem perfeita de um caramujo, mettido em sua concha?

— Não ha paridade. Começo por negar que a nudez seja uma condição natural do homem. Temos aqui um intrincado problema de paleontologia, cuja resolução te pouparei a esta hora matinal e em jejum.

— Felizmente.

— Limito-me a resumir em uma these a summa de minhas locubrações. O homem primitivo, o fossil da camada quaternaria, nasceu vestido como o macaco; tinha uma juba mais longa e magestosa do que o leão, e que lhe servia de tunica.

— A' tua paleontologia eu oppôrei a a minha, que é mais poetica.

— A industria não fez mais do que substituir o pello dos outros animaes ao pello humano, que assim abafado caiu produzindo a calvicie do corpo, da mesma fórma que presentemente o uso da carapuça produz a calvicie da cabeça. Mergulha; anda; tuas temporas começam a despovoar-se, e a agua do mar é um tonico poderoso que restitue a vitalidade ao tecido capillar.

— Vá lá. Uf!... Mas, agora me lembro E' pela virtude tonica da salsugem que a maior parte dos marinheiros são calvos?

— Precisamente. O marujo é a antithese de Achilles. O seu calcanhar está na cabeça, que elle traz sempre mettida numa estufa portatil de baeta, ou feltro. E' a unica parte que não anda na salmoura. E tanto fizeste que me levaste para os teus dominios poeticos.

— Que mais são reaes do que as tuas excavações fosseis.

— Bem; eu prescindo de minha opinião anthropologica. Ainda quando a nudez fosse natural, uma lei universal a impôz á sociedade; e não me consta que haja lei alguma obrigando o homem a nadar.

— Devia haver. Entre os antigos a natação foi considerada como uma faculdade essencial ao homem; as mãis a ensinavam aos filhinhos; ao mesmo tempo que os habituavam a nadar. D'ahi, o grande numero de piscinas pupublicas e particulares que se encontravam nas cidades primitivas. Os gregos tinham um proverbio com que exprimiam a completa falta de educação; dum lapuz, diziam: « Elle não sabe ler, nem nadar ».

— Por ahi vais mal. Os athletas eram honrados na Grecia a egual dos heroes; aos vencedores decretavam-se corôas e honras nacionaes. Tornavam-se benemeritos da patria e eram por ella sustentados perpetuamente. Tão grande era essa gloria, que os maiores philosophos e poetas desciam á arena para disputal-a. Mas não é isso uma razão para zombares de mim e de ti, que não somos athletas.

— Sobretudo eu, com os meus sete palmos escassos. Entretanto, entendo que a natação, como toda a arte gymnastica, devia ser um elemento essencial da educação.

— Comprehendo. Ensino obrigatorio; o homem machina; creação e engorda do gado humano para a gleba da industria, para o matadouro da guerra. E' aonde te levam as tuas doutrinas, que por antonomasia chamas liberaes e democraticas.

—E as tuas inventaram uma cousa impossivel: o direito da ignorancia.

—O direito da soberania individual, que é sagrada. Enfim, para concluir com a tua analogia. Um homem nú produziria hilaridade em publico, não pelo facto em si, que nada tem de ridiculo; mas pelo disparate com o uso geral. Talvez maior assuada soffresse o exquesito que se apresentasse vestido de ferro como D. Quixote.

—Acabaste?

—Falta-me apenas uma observação. Quando convenci-me que era incapaz de boiar, isto é, de attingir com todo o meu esforço a habilidade daquella rolha de garrafa, que ali anda, tratei de investigar a causa desse phenomeno.

—*Felix qui potuit rerum cognoscere causas!*

—Foi então que estudei a theoria. Os irracionaes boiam espontaneamente, porque o seu peso especifico está regularmente distribuido pelo corpo, e o centro de gravidade collocado de modo a manter-lhe o equilibrio em cima d'agua; emquanto que o homem tem a cabeça muito pesada, por causa da grande porção de massa encephalica. Chegando a este resultado, fiquei satisfeito.

—Por teres transportado para cima o centro de gravidade?

—Porque, indo ao fundo, consolo-me com a idéa de que tenho a cabeça mais pesada do que a tua, que passa por ser a de um dos homens de mais talento deste paiz.

—Espera. Deixa mergulhar o elogio. Cuidas que, atirando-me assim á queima roupa tamanha bolha de sabão, te livrarás da refutação? Enganas-te. Vais tel-a e cabal.

—Estou ouvindo.

—Não é de ouvir; é de ver.

III

—Olha, ali, á nossa direita, depois daquelles tres pelludos, que devem de ser resto da tua especie fossil, do *homo jubatus*.

—Que mais.

—Repara naquelles compridos e crespos cabellos de ouro castanho que fluctuam sobre as aguas e que lembram a coma radiante das nayades cantada pelos poetas.

—*Caesariem effusa nitidam per candida colla*, como disse Vergilio, nas Georgicas.

—Ia cital-o. E' justamente a nitida madeixa esparsa pelas niveas espaduas; ha apenas a interposição de um tecido verde que encobre a alvura da cutis, porém debuxa o suave contorno. Observa aquelles braços nús que brincam sobre as ondas como dois cysnes a namorarem-se, boiando á flor do lago. Admira o talhe esbelto de ondina, mais flexivel e colleado do que a mesma vaga que o embala: e tão bem esculpido em suas fórmas correctas, que estampa as linhas graciosas até no fôfo sacco de baeta, em que debalde esconde a nativa elegancia. Finalmente, aprecia aquelle pésinho saltitante, que perdeu o grosseiro sapato de banho e bate a agua, brandindo como a cauda de uma sereia.

—Estamos em plena poesia.

—A poesia é a verdadeira sciencia, ou antes, é toda a sciencia, desobstruida de sua technologia rebarbativa, e restituida á simplicidade, que a torna popular e humanitaria. Acreditas na mythologia?

—Acredito; foi uma superstição como qualquer outra.

—Não partilhas a opinião de que os mythos são tradições primitivas, que a ignorancia dos povos conservou sob a a fórma de allegorias engenhosas e encantadoras?

—Não; as ficções pagãs tiveram a mesma origem que as abusões christãs. O homem não póde viver sem o maravilhoso, o que attesta a sua procedencia divina. Depois das theogonias, vieram as fadas, os genios e os magicos; a estes succederam os espectros e os phantasmas. Ultimamente, como tudo isto estava gasto, appareceu o espiritismo.

—Concordo; mas toda superstição tem um fundo de verdade. Para não sair da mythologia, as deidades do paganismo não são outra cousa sinão personificações das faculdades physicas do homem, que em seu berço tinha um vigor prodigioso. Visto do nosso seculo, o homem animal da primeira

edade toma um aspecto maravilhoso, do mesmo modo que o homem mechanico do presente encheria de pasmo as primitivas gerações. Assim como Hercules com sua clava se nos afigura um mytho, Krupp com seu canhão seria um semi-deus para os hellenos.

—Já vejo aonde vais ter.

—Tenho para mim, e vem de intuição, e não da sciencia, e ainda menos do teu arsenal de ossos; tenho para mim que o homem primitivo foi realmente o rei da creação pela força physica e pelos instinctos materiaes, como ha de tornar-se um dia o anjo da luz rehabilitado pela intelligencia e pela virtude.

—Vou deixando passar tudo isto, porque estou com frio, e quero ver a conclusão.

—Nesse estado em que imagino o homem animal, em todo a original pujança, não havia esforço physico impossivel á sua audacia. Vivia em terra, ou no mar, nas mattas, ou nas aguas, de sociedade com os outros animaes, vencendo-os pela robustez e pela destreza. E' isto o que nos affirma a mythologia grega, com as suas allegorias dos faunos—o homem-féra, dos tritões—o homem-peixe, das dryades e nymphas, filhas das selvas e das aguas.

—Aquella que ali está banhando-se pertence a esta ultima classe, a das nymphas. Inventaste uma nereida assim a escala vista, na praia da Gloria, ás seis horas da manhã, sem rampa, nem bastidores. O saiote de baeta verde faz as vezes das algas e limos.

—Ri-te; digo-te eu agora. Estás derrotado. Aquella menina nasceu e creou-se á beira-mar. Desde creança habituou-se a brincar n'agua todas as manhãs uma hora pelo menos. Estou convencido que de todos os seus folguedos, nenhum ella apreciava mais do que as travessuras que fazia no banho. Aos quatro ou cinco annos sabia nadar. e, pelo geito, seria capaz em outras condições, ella aqui e o amante em S. Domingos, de reproduzir ao avesso a fabula de Hero e Leandro. O tempo que ella tem nadado e a ligeireza com que resvala sobre a agua davam para isso.

—Tens razão; é uma nayade.

—Ah! já cedes. Tambem te affirmo que si ella gosta de perolas, como é natural, porque é moça e bonita, preferiria ir buscal-as ao fundo do oceano, como os mergulhadores indios, a cobiçal-as ainda mesmo com um olhar ao mais apaixonado dos maridos.

—E' casada.

—Sinão é, hade ser Vi-a, ainda ha pouco, sumir-se por mais de dez minutos; e tu sabes que um quarto de hora é o maximo que se póde demorar o homem embaixo d'agua.

—Porque seus pulmões não podem conter ar para mais tempo, nem se prestam como os orgams dos peixes a respirar n'agua. Vê onde fica tua mythologia com a theoria da omnipujança do homem.

—Eu te digo onde ella fica. Si aquella gentil creança de dezoito annos exercitando-se apenas uma hora por dia no banho, attingiu a tamanha superiodade, que admiras apesar da tua negação para este ramo da gymnastica; imagina a que perfeição não se elevaria ella, si como a ondina, seus bailes se dessem nos crystalinos palacios do oceano, e sua tunica transparente, azul, ou verde, estivesse prompta sempre na vaga do mar para que ella se enfeitasse a todo o instante. Imagina mais que essa primeira filha das aguas foi mãi de outras que receberam della essa distincção hereditaria, a qual tenuissima de geração a geração avulta de cyclo em cyclo. Segue essa cadeia, e chegarás sem esforço á edade mythologica, á nympha; continua a seguil-a, acompanhando a civilização que desenvolve o homem moral a custa do homem physico, e voltarás á creança de collo, que vaí ao fundo, ou ao homem prégo, de que tu és a perfeita imagem.

—E do que me honro.

—Em uma palavra, foram os habitos contrahidos pelo homem e transmittidos á sua descendencia por longa serie de seculos, que modificaram suas originarias faculdades physicas, e o privaram da capacidade natural de nadar, como de muitas outras. Si isto se deu pela expansão da massa encephalica, séde da intelligencia, ou pela depressão dos orgams respiratorios não mais su-

jeitos á acção d'agua, não sei. Deu-se: é quanto basta.

Tu affirmas.

— E seria capaz de proval-o com a tua mesma paleontologia, si tivesse tempo de estudar ossos alheios, quando tanto me custa a carregar os meus... Mas parece que gostaste da minha refutação. Não tiras os olhos.

— Estou apreciando os teus argumentos, os cabellos de nayade, o talhe de ondina, o pé de sereia...

— Aprecia, e eu te affianço que antes de um mês, ainda que sejas um bucephalo bipede, saberás nadar. Entretanto, quero retribuir graciosamente a caridade que me fizeste ha pouco acerca das minhas temporas. Teu bigode já não supporta a comparação poetica do azeviche, e, apesar dos cosmeticos, vai tomando o aspecto de um iris capillar.

— Não te assustes, que não penetro na tua mythologia. O amor para mim sempre foi, e agora ainda mais, uma anecdota urbana; não comprehendo os idylios campestres, nem os marinhos. E a prova é que estava justamente lembrando-me de um romance...

— Primeiro capitulo, á beira-mar, uma formosa manhã, *etc.*

— Nada. E' novella antiga. Refractario como sou á natação, ou homem-prégo, como me denominaste, escapei uma vez de ser um heroe e um perverso, cousas que geralmente se associam.

— E como te livraste de tão grave perigo?

— Difficilmente; tive dez minutos de juizo, e fui um tolo pela primeira e ultima vez de minha vida.

— Sabes que teu romance aguçou-me a curiosidade? Conta.

— Na barraca.

IV

— Ainda ficas?

— Vamos. Estou ansioso para saber como tu, o homem pratico por excellencia, realizaste este heroismo de ser tolo dez minutos. Cinco, admitto; mas dez... Classificaste mal: não é um romance, é uma epopéa.

— De que tu serás o Homero.

— Está dito. Agora comprehendo porque os philosophos antigos mettiam-se no banho para perscrutar os arcanos da natureza. Si aquelle homem grave, que ali está immovel como o rei das rans, nos ouvisse occupados em tão altas indagações com agua até o pescoço, de certo que nos qualificava de doudos.

— A tua nayade tambem vai sair.

— Argollo, meu amigo, decididamente vais daqui direito á rua do Ouvidor comprar um sálva-vidas.

— Tu a conheces.

— D'aqui, do banho, onde a encontro invariavelmente, desde um mês a esta parte.

— Então não sabes quem é? Nunca tiraste informações? Anda lá, meu sonso.

— Tenho medo. Estás contente?

— Eu te darei um preservativo.

— Guada-o para ti, que si não me engano, precisas mais. Ora, quem dirá que é esta uma das praias frequentadas pela melhor sociedade da côrte. Vê aquella parelha de gladiadores que passeiam pela praia, de braço dado, tão anchos de si, como si estivessem no salão do Cassino, trajados no rigor da moda!

— Está-se approximando do estado natural que, agora mesmo, sustentaste com tanta eloquencia. Pouco falta para a primitiva innocencia.

— Ainda está por decidir de que arvore eram as folhas que, segundo refere a escritpura, Adam e Eva entrelaçaram para formar um saio com que se cobriram, quando sentiram-se nús — *consuerunt folia ficus et fecerunt sibi perizomata.* Os traductores da Biblia vertem figueira, nome generico, e modernamente acredita-se que fosse a bananeira, cujas palmas estavam ensinando ao homem o feitio da tela. Em todo o caso, por mais pequenas que fossem as ditas folhas, juntas em molhos, ellas compunham uma trofa menos avara de que o fino calção de tres dedos daquelles dois elegantes adanitas.

— Chamas calção; por detraz é uma luva Jouvin.

V

— Onde está a nossa barraca?

— Lá; não vês o Jacintho?

— Sim!... Mas essa semcerimonia

que assusta o teu pudor não é brasileira; é estrangeira.

— Tens razão. Foi depois que uns certos Leandros europeus deram em exhibir seus encantos naturaes deante das senhoras, que se introduziu a moda. Ha dias, como não tinha cousa que me occupasse o espirito, ao sair do banho puz-me a pensar aonde nos levaria este costume olympico. Então imaginei que estava em um baile, lá para 1900; deante de mim collocava-se um par de quadrilha, composto de dois banhistas, dama e cavalheiro que se encontravam todas as manhãs no mar. A dama dizia: « — O sr. tem um collo tão alvo! » — O cavalheiro córando de leve e abaixando os olhos: « Bondade sua, minha senhora. » — A dama, de novo: « E sua espadua, como é massiça e bombeada! » O cavalheiro, desdenhoso: « A quantos não terá esta noite dirigido a mesma fineza? » A dama, resentida: « Acredite que sou, sincera. Sobretudo aquelle signal pardo que o senhor tem na costella mendinha, é matador ». E assim por diante.

— Sabes como respondem a isso os Leandros? Que os escravos andavam não ha muito tempo, e creio que ainda os encontram lá para a Prainha, de tanga apenas. Mas não se lembram do dito tão verdadeiro, de uma dama franceza, que aos olhos de uma senhora o lacaio não é um homem. Demais, a municipalidade tem o dever de prohibir uma e outra indecencia, as que se consentem nas ruas, como nas praias.

— Falas em municipalidade. Lá na tua paleontologia póde ser que encontres algum osso, naturalmente o queixo desse fossil. Por cá, por esta superficie em que vivemos, não ha noticia delle. Os nossos vereadores, queres vêl-os? Olha, aqui pela fresta. Lá vêm da serra dos Orgãos.

— Os corvos?

— Os urubús; é o nome brasileiro. São elles que limpam as praias. Já notaste aquelle Poliphemo lá junto ao muro? Todo o seu petrecho de banho compõe-se de um guardanapo, de bom tamanho para esta especie, mas que ainda esticado não póde merecer o nome de toalha, quanto mais de lençol; do dito calção Jouvin, e mais nada. Ah! sim, a pedra que serve de pedestal áquella estatua de barro vermelho.

— Tudo isto se obviava tão facilmente; bastava que permittissem essa liberdade até meia-hora antes do nascer do sol, prohibindo-a d'ahi em diante. Os paes de familia, que não gostassem de levar suas filhas diariamente a uma galeria de athletas e gladiadores de carne, aproveitariam esse resto da madrugada, e não ficariam privados de tão poderoso meio hygienico, indispensavel em um clima tropical. Os pobres, que não se podessem munir de barracas e roupas mais custosas, teriam o crepusculo para cobrir-lhes a nudez, emquanto não se construissem as piscinas para o povo, o que ha muito tempo estaria feito, si não gastassem com fogos de artificio, ou penachos, como dizia o poeta latino, o dinheiro que devia ser empregado em dar-lhe commodidades reaes.

— E o teu romance?

— Já agora fica para o passeio. Eu estou prompto.

— Ahi vou.

VI

— Conheces a praia das Flechas?

— De tradição.

— Bem mostras que és filho do Rio de Janeiro. Nós, fluminenses, somos um animal rotineiro. « Minha casa, meu arrabalde, meu theatro, meu baile, e a rua do Ouvidor; no verão Petropolis, Tijuca. »

— Eu sou como de Maistre; gosto de viajar *au tour de ma chambre*.

— No tempo do meu romance, ha cerca de vinte annos, a praia das Flechas estava na moda. Era o ponto de reunião das melhores familias que procuravam S. Domingos para ali passar a estação dos banhos.

Todas as manhãs a praia coalhava-se de barracas, que lhe davam o aspecto de acampamento de um batalhão de cadetes, vestidos de saiotes e calças de baeta. Não se viam então nem esses trajes de senhoras decotados e justos, que a moda franceza tem introduzido, nem os taes calções biblicos, com que embirras. Nesse tempo não se

representavam nas praias quadros vivos, como hoje.

Entre os mais gentis cadetes, que que acampavam na praia das Flechas, havia um que não te descreverei, porque isso te pertence, como escriptor. Além de que já o desenhaste preciosamente com a tua phrase elegante. Era o retrato da nayade.

— De véras?

— A mesma madeixa de ouro castanho fluctuando sobre as espaduas, o mesmo talhe de ondina e o mesmo pésinho travesso como a cauda da sereia. Accrescenta, porém, uns olhos humidos, transparentes, profundos, como a vaga do oceano, e como ella cambiando de côr desde o azul celeste até o verde-mar. Completa o quadro com uma cutis nivea e assetinada como a flor do lotus, em que foi transformada a nympha desse nome, e que aos raios do sol tingia-se de um vivo rubor nas faces e nos labios.

— Tu pintas melhor do que eu. E' justamente a minha nayade.

— E a minha. Estava em S. Domingos, hospede de um amigo; do Menezes, não conheces?

— Muito. Ainda hontem o vi.

— Morava então da outra banda; e todos os annos instava commigo para que fosse passar com elle um mês pelo tempo da festa. Nesse anno resolvi-me; todos em casa tomavam banho; acompanhei o farrancho.

Um dia, vi casualmente o meu cadete, ou para ser mais exacto, vi uma nuvem de cabellos de ouro.

Vou communicar-te uma singularidade minha, que talvez attribuas a uma idéosyncrasia do coração. Tenho amado muitas mulheres; não quero dizer que fosse retribuido; falo de mim.

— Acerca da retribuição, não carecemos de revelações; é publico e notorio.

— Ha muita exageração. Dizia eu que amei muitas mulheres, de todos os typos, e de todos os generos. Mas o amor sempre começou em mim por uma certa commoção, a qual não me permittia o exame da pessoa que produzia essa alteração. Sentia-me attrahido por um encanto indefinivel,...

OLINDA

(Fragmento de EVOCAÇÕES, livro a publicar-se)

Aprendi com meu pae a amar e compreender a velha Olinda, a cidade historica, que envelhece dignamente na distinção aristocratica das suas ruinas, assente nas colinas que dominam o horizonte com a suave melancolia do passado. Em Olinda escoou-se-lhe a mocidade, e ao aspéto das ruas pitorescas e das casas velhas, como relembrava com animação passos de sua vida, evocando homens e cousas para sempre desaparecidos!

A antiga capital pernambucana, a celebrada Marin dos tempos coloniaes, conservava, no meu tempo, o cunho carateristico das povoações que têm uma historia sua. As velhas igrejas plantadas em iminencias, as ruas tortuosas e mal calçadas, para as quaes se abriam ainda as janelas de adufa, os nomes das localidades onde soavam reminiscencias do tempo dos holandeses, os solares abandonados, sobre cujas ruinas se debruçavam mangueiras seculares, o silencio que reinava pelas ladeiras abruptas; tudo enchia o ambiente de uma doçura misteriosa.

Quem uma vez contemplou o panorama que se descortina do alto dos morros em que assentam as velhas igrejas olindenses, nunca mais esquecerá tão maravilhoso espetáculo. A curiosa arquitetura jesuitica dos templos não tem grande belesa, mas guarda um estilo severo e distinto, com a ornamentação canhestra da nave, os interessantes azulejos do claustro, e a injenuidade das imajens que encimam os altares.

Do pateo deserto divisa-se a vasta paisajem. As velhas casas, titubeantes de vetustez, trepam pelas encostas, amparando-se umas ás outras. Uma orla de espuma rendilha a graciosa curva da praia. Em baixo estende-se a planicie, onde serpeiam os formosos meandros do Beberibe e do Capiberibe, por entre a mancha sombria dos mangues, e o reflexo do sol nos pantanos e nas salinas.

Depois, a longa fita fulva do istmo vai até o Recife, cujo casario branco alegra o fundo da perspetiva, ao lado das ondas que arrebentam na muralha negra dos arrecifes. Perfilam-se, ao lonje, os altos coqueirais, corôados de grandes palmas oscilantes. Além, o oceano confunde na linha do horizonte o seu azul com o do céo, abrindo novas asas ao sonho. Das alturas desce lentamente um grande silencio mistico, e envolve em ondas azuladas os homens e as coisas...

Ao pôr do sol, quando a palheta divina do crepusculo empresta reverberações irisadas a todo aquele esplendor, e os sinos resòam docemente na puresa do ar, que amaveis estações de recolhimento são aquelas colinas! Quando, muito mais tarde, li em Frei Luís de Sousa «...a saudade que fazem as montanhas e serranias vistas ao lonje, que parece se juntam com as estrelas, e levam trás si o espirito...», pensei nas longas cismas da minha infancia, do alto da Misericordia.

A secular rivalidade entre o Recife e Olinda, que animou tantos anos da vida colonial, tem a sua explicação historica. O Recife, cidade aberta, maritima, comercial, edificada ás pressas, onde a vida era intensa, e onde o comercio, com o seu cosmopolitismo, ameaçava nivelar os homens pela ambição da riquesa, representava o espirito da Metropole, que considerava o Brasil a terra onde o dominador,—português, ou holandês,—o que queria era ganhar dinheiro para mandal-o á Europa. Olinda era, ao envez, o berço tradicional da vida pernambucana, a primeira celula onde começou a vibrar uma alma brasileira, o elemento de resistencia contra o estrangeiro opressor. No Recife moravam os negociantes enriquecidos, os exatores rapaces, os funcionarios despoticos, os estrangeiros indiferentes. Olinda abrigava as velhas familias, possuidoras dos latifundios circumvizinhos, que, ciosas das suas tradições, apertavam-se intimamente em torno das montanhas, olhando com altivo desafio para os habitantes da cidade fronteira. Não foi outra a causa da famosa guerra dos Mascates.

Passados os periodos de luta, e muito depois da Independencia, ainda conservava Olinda os seus antigos fóros de nobresa. Continuou a ser muito tempo a capital intelectual da provincia. A Academia de Direito ali se instalou em 1827, e só em 1854 foi transferida para o Recife. Ainda hoje, a Diocese é conhecida sob o nome de Arcebispado de Olinda. No meu tempo a gente do povo só lhe chamava — A Cidade!

Não vejo Olinda ha mais de trinta anos. Presumo que por lá tenha passado a rasoura implacavel dos melhoramentos. Si tiver havido gosto, e respeito pela tradição, a cidade póde ter sido transformada, sem que se lhe haja mudado o carater. E' natural que a linha de pitorescos mocambos á beira mar, á sombra dos velhos coqueiros, tenha cedido o lugar a estabelecimentos balnearios mais confrotaveis. Compreendo que as posturas municipais não mais tolerem as janelas de adufa. Imajino que a parte nova da cidade se tenha espalhado e aumentado, de acordo com as exijencias da vida moderna.

Que será feito, porém, das tortuosas ladeiras de antanho, onde se apontavam os logares pelos quaes os holandeses assaltaram a praça; das simpaticas igrejas; das interessantes casas; do conjunto, enfim, de cousas velhas, que davam uma personalidade á cidade de Duarte Coelho? As denominações tradicionaes dos logares e das ruas terão sido trocadas pelos nomes de ilustres desconhecidos da politica local?

Si a antiga cidade estiver hoje modernizada, e, portanto, reduzida ao padrão banal de tantos milhares de outras, sem historia e sem tradições, em todo o caso é á querida Olinda, á de minha infancia, que se dedicam estas linhas de saudade. Ela se me representa ao espirito de envolta com as suaves recordações juvenis, numa nevoa de sonho, onde se condensam as impressões da paisajem, que me extasiou os olhos, e as sombras do passado, que a minha imajinação sempre evocou ao seu aspéto.

Sousa Bandeira,

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.

O BATER DA CANCELLA

Bate a cancella da estrada
Constantemente.

Cavalleiro, á disparada,
Lá vai no cavallo ardente.
Cavalleiro, em descuidada
Marcha, lá vem indolente

Passa. Ondêa levantada
A poeira, toldando o ambiente.

Bate a cancella da estrada
Constantemente.

Bate, e exaspera-se e brada,
Ou chora contra o batente:
(Ninguem ouve a infortunada,
Ouve-a o caminho sómente)

—« Minha vida desgraçada
Repouso não me consente;

Vivo a bater nesta estrada
Constantemente ».

Moços, moças, de tornada
De alguma festa, em ridente
Chusma inquieta e alvoroçada,
Passaram ruidosamente.

Desta inda se ouve a risada,
Daquelle o beijo... Plangente

Bate a cancella da estrada
Constantemente.

Agora, é noiva coroada
De capella alvinitente;
Segue o noivo a bem-amada,
Um carro atrás, outro á frente.

Agora, é uma cruz alçada...
Um enterro. Quanta gente!

Bate a cancella da estrada
Constantemente.

Bate ao vir a madrugada,
Bate ao ir-se o sol no poente;
(Das sombras pela calada
Seu bater é mais dolente)

Bate, si é noite enluarada,
Si escura é a noite e silente;

Bate a cancella da estrada
Constantemente.

Nossa vida é aquella estrada,
Com os que a passam diariamente,
E após si da caminhada
A poeira deixam sómente.

Coração, como a cansada
Cancella de som gemente,

Bates a tua pancada
Constantemente.

Alberto de Oliveira,
da Academia brasileira de letras.

Conceitos miudos

A Alberto de Oliveira

O mundo será o vale de lagrimas, ou a planicie do riso? e a vida simbolisará a dor, ou a alegria?

Eis duas perguntas velhas, mas sem fundamento, porque nem os risos, ou as lagrimas, nem o prazer, ou a dor constituem as bases essenciais da vida, que é absoluta em sua continuidade.

Importa pouco ao mundo que a dor nos espreite á socapa, ou abertamente, e que o prazer se intrometa na luz dos nossos dias, fazendo, qualquer deles, vibrar as cordoalhas do nosso coração, ou movimentar as prégas e os musculos das nossas faces, ou secrecionar as glandulas do angulo interno dos nossos olhos!...

Viver é... viver.

A lamuria dos dramas, ou os berros das tragedias sociais; a *humour*, ou as gatimonhas das altas e baixas comedias humanas; as frases arroxeadas, ou vermelhas dos escritores melancolicos, ou violentos; as escuresas doutrinais dos pessimistas; as palavras estaladas, sonóras, ou ciciadas dos alegres, ou dos epicuristas; tudo, tudo, em nada modifica a essencia da vida humana, cujo fito nos é, em absoluto, desconhecido, mas cuja marcha é impulsiva e fatal.

Ha quem lacrimeje a existencia inteira, quem se torture em cilicios religiosos, ou filosoficos, quem se envenene em sonhos e nubéculas; quem se engolfe na mentira, no crime e nas flores do mal; quem pratique o bem, a filantropia e a moral; quem almeje a paz, quem procure a lucta; quem gose o vigor e quem se arraste em doenças; ha quem mergulhe na ação brutal das forjas e na ansia das industrias; quem deseje a vida justa dos campos, ou a atrabile das cidades; quem provoque em sua passajem chispas de odios e bençãos celestiaes; ha despotas e obedientes, arrogantes e humildes, mas a vida humana conserva a sua marcha, pela superficie da terra, sem nunca encontrar o fim almejado.

Muitas bocas e muitos olhos sorriem e choram no mesmo momento: amores e odios cruzam-se pelos corações como sétas invisiveis e mortiferas; loucos e sabios deturpam e aperfeiçoam o pensamento; e nem por isto a vida humana deixa de ser a mesma, através dos séculos e das civilizações.

De nada valem os anélitos de ventura, nem as descargas de descrenças, porque a humanidade é bifacial: ri de um lado e chora do outro; almeja a fortuna e pratica o mal; cria á higiene infantil e açula os ódios da guerra; purifica e perverte a mulher; arruina as florestas e planta arvores; retalha a terra e atulha os mares; mata pombas e cordeiros, e amansa hienas e jaguares; e a vida é sempre a mesma — nem boa, nem má, porque é, em essencia, imortal e indestrutivel.

Para completal-a, entretel-a, ou justifica-la o homem alimenta o animal para devorál-o, e préga o vejetarismo; condena o alcool, o fumo, o opio, e o Estado formula, monopoliza e fomenta o comercio de tais produtos; ensina o alfabeto e mata a crença; imajina a arte e deforma a naturesa; esculpe estatuas que vivem pelas linhas suaves da belesa feminina e mata a fórma palpitante da mulher com os dispauterios da moda;... e a vida é a mesma, sempre a mesma, repetida, ritmica, indelevel.

E' o proprio homem que soluça a morte de um filho e aplaude o assassinio coletivo das batalhas; cria tribunais e glorifica os inconoclastas e revolucionarios; simbolisa no palhaço a sua alegria movediça e evoca ao mesmo tempo a figura merencoria do Nazareno; escreve poemas e metaliza o pensamento; ama pelos labios e odeia pelas ações; dá esmola aos pobres e expulsa convalescentes dos hospitaes; cultiva flores nos jardins e vê murcharem tisicas no operiado das fabricas; adora o sol mas só ama, gosa e pensa á noite; crê e descrê; nasce, vive, mata e morre; adora a Deus e invoca ameúde Satan... e a vida humana é a mesma, sempre a mesma, eterna em seus prazeres e dores, porque o homem se polariza indiferentemente no bem, ou no mal, sofre e gosa simultaneamente, e as bocas que riem e os olhos que choram soluçam e sorriem como écos mutuos.

A felicidade e o infortunio são ansias, ou interjeições neutras que servem para socorrer os mil pensamentos e os multifarios sucessos da humanidade.

O conceito da felicidade é uma cousa tão inutil, que passa a ser comica, porque cada individuo coloca a fortuna sempre em oposição a sua maneira de existir. E' a maior e a mais incuravel das molestias da humanidade. Basta pensarmos que no mesmo comenos, no mesmissimo instante, os varios anélos de felicidade aspirados pelo homem estão no dinheiro, na pobresa, no genio e demencia, na belesa e na deformação, no amor e no odio, na vida e na morte, na politica, ou na tebaida, na infancia, ou na velhice, na cidade, ou no campo, nos marulhos dos pombais, ou nos esgares dos atletas, nas entrosagens complicadas das sociedades, ou na simplesa do aldeão, na suplica religiosa, ou no ateismo absoluto, no prazer mundano, ou no ascetismo dos insulados, na ação, ou na indolencia, — quer dizer que os bilhões de cerebros que simbolisam, ou anseiam a fortuna, julgam-na tão contraditoriamente, que acabamos concluindo pela inexistencia dela, porque um facto, ou um conceito não póde existir por componentes opostas e que se destróem incessantemente.

Ora, o mundo foi feito para a vida, que não é boa, nem má, pois é imperiosa, e porque acima dos juizos que dela fazem os homens estão as duas leis fatais da nutrição e da reprodução. Quem quizer que escolha qualificativos graves, ou leves, filosoficos, ou religiosos, utilitarios, ou materiais para bordar, vestir ou acobertar os impulsos do *crescite et multiplicamine*.

A melhor maneira de filosofar é pôr em uma urna duas cedulas em que se escrevam as palavras *dor*, ou *prazer*, *bem*, ou *mal*. O papel tirado ao acaso será o conceito filosofico de cada um... porque a vida em si é imortal e, pelo conseguinte, indiferente aos epitetos dos pessimistas e dos optimistas.

A cedula que tirei da urna dizia assim:

A vida é boa, os homens é que a tornam má...

A. Austregésilo,

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.

DO BERÇO AOS QUINZE ANNOS

(Capitulo de MARILIA DE DIRCEU, estudo inedito)

A 28 de Dezembro de 1763, em Minas amanheceu a fortuna de um novo capitão-general. Nesse dia, ha mais de seculo e meio, ora soterrado pela longa edade, empossou-se Luiz Diogo Lobo da Silva, postumeiramente nomeado quarto governador effectivo da capitania mineira, desmembrada de S. Paulo pelo alvará de 2 de Dezembro de 1720.

Sua Excellencia Lobo da Silva foi magnificado por outra Excellencia, de summa conta e grande porte. Recebeu o poder, talisman sem par e sempiterno, das mãos de quem o detinha desde Outubro de 1763. O detentor chamava-se o Ill.mo Exm.o Sr. D. Antonio Alvares da Cunha, Conde da Cunha, Vice-Rei e Capitão-General de Mar e Terra do Estado do Brasil. Para a obrigação de pessoa principal não estar falta de titulos, o conde da Cunha lustrava-se mais com as honras de Trinchante de Sua Magestade, do Conselho d'Estado e de Guerra, e com as dignidades de Deputado da Junta dos Tres Estados, de Tenente-General dos Exercitos Reaes, com o governo da Artilharia delles.

Lobo da Silva, ao receber de tal mestre em rotulos o discipulado do governo de Minas, devia sentir-se banhado em prestigio copioso, nas ondas duma verdadeira cascata de vaidades terrenas.

Honestado pela pompa do antecessor, tomou posse em Villa Rica, sob o tecto da matriz do Pilar, á vista dos altares, porque, então, o governo da terra era o substabelecimento do principio da autoridade divina.

Varios vereadores testificaram o acto: Simão da Rocha Pereira, Ignacio Mendes de Vasconcellos, Mathias Gonçalves de Vilhena e Affonso Dutra Pereira. Lavrou-se o termo da praxe, em relembrança juridica do momento, para os passos futuros da historia. Um secretario do governo redigiu-o. Chamou-se o dr. Claudio Manuel da Costa, advogado e poeta, *persona grata* ao poder.

Os secretarios do governo escreviam sentados, sem duvida por exigencia da

natural posição de bem escrever. Uma carta régia, de 1.º de Janeiro de 1704, ordenou depois que ninguem os obrigasse a estar de pé quando lessem ordens reaes. Portanto, escrevendo, ou lendo em publico e raso, os secretarios do governo reviam-se com desvanecimento em prerogativas estantes. Os governadores podiam atarefal-os com pesados trabalhos, não arrancal-os das cadeiras rasas.

O governador Lobo foi feroz apenas no nome. Pastorou povos, á lobato de poucos dentes. Soube curar das ovelhas administrativas. Teve prudencia e acerto, labor e intrepidez, qualidades estas com nervos de virtude.

Governava havia um quatriennio quando, em Villa Rica, aos 8 de Novembro de 1767, uma menina nasceu.

Nascer é obra quotidiana da creação, raspada todos os dias pela morte. Ao riacho que secca, ao grão que fenece, ao cadaver que apodrece, á cova que se abre, correspondem aguas nascidiças, a semente que rebenta, o pimpolho que abrolha, o gomo que exubera, a a creança que vage, o berço que se ennevôa de cortinados alvos, na manhã sublime da luz dos olhos maternos. Nascer é operação corriqueira na vida. Tanto mais corriqueira, quanto velado o lar do nascido.

A recem-nada então quasi nenhum rumor produziu no mundo. Pagens rugindo sedas não lhe annunciaram o apparecimento. Apenas um coraçãozinho de poucas horas começou a latejar vida no universo, pesado de milhões de creanças.

Mais uma subdita equatorial para a magestade atlantica e lusitana de D. José I, filho e successor d'aquelle D. João V que de sua Lisboa occidental dimidiara Minas de S. Paulo, ouvido o Conselho Ultramarino, consultados o marquez de Angeja, D. Braz Balthazar da Silveira e o conde de Assumar, todas personagens expertas nos negocios do Brasil. O marquez nelle fôra vice rei. D. Braz assistira na terra, governando S. Paulo e Minas. Governava ambas o conde de Assumar, quando as separou D. João V pela carta régia de 2 de Dezembro de 1720.

A infante mineira, vassala em mantilhas do bragantino D. José I, veiu á luz no dia de S. Severiano. Era filha do capitão de cavallos Balthazar João Mayrink, neta materna do tenente-general d'El-Rei, Bernardo da Silva Ferrão, e de sua mulher D. Francisca, honorificamente esposa de tão elevada patente guerreira empregada na America pelo soberano de além-mar, para accrescentamento de seus reinos. Não podia prohibir que os accrescentasse com uma neta.

Escolheram padrinhos para a pequerrucha: o vigario Antonio Corrêa Mayrink e o alferes Theotonio José de Moraes, este por procuração de D. Maria do Rosario, residente no Rio. Baptizaram-na. Si ninguem apoquentou o calendario, menos sapecou a historia, encanecida de edades, em busca de nomes seraphicos, ou millenarios, ou heroicos. Maria Dorothéa Joaquina chamava-se a mãe: tal e qual ficou sendo a filha. A pia não alterou cousa alguma na familia christã. No caso, o baptismo foi confirmação.

Maria Dorothéa Joaquina gritava em oito meses quando Lobo da Silva devolveu o governo da capitania ao successor, D. José Luiz Menezes Abranches Castello Branco, conde de Valladares, quinto governador effectivo.

O joven conde administrava e a pequenita Maria Dorothéa ficava grandesita. Atravessava a mama, a desmama, a primeira dentição, os periodos delicados no organismo novo das creanças. Estréava no movimento, na fala, na memoria, estréas pueris que o sorriso materno applaude e o olhar paterno vigia.

Varnhagen cobre de elogios o conde de Valladares; Felicio dos Santos apara-os tanto, tanto, que quasi não deixa um por podar. O facto é commum na historia, usual entre narradores... Sem estudo aprofundado do assumpto, a ninguem cumpre fazer-se da parte de qualquer. A natureza como nos preveniu as lagrimas nos preveniu as duvidas.

Valladares saiu do governo, a 21 de Maio de 1773. Transferiu-o a Antonio Carlos Furtado de Mendonça, na matriz de Villa Rica. Maria Dorothéa andava pelos seis annos. Ia pelos oito quando, após a interinidade do coronel

Pedro Antonio Gama Freitas, D. Antonio de Noronha substituiu Furtado de Mendonça.

A metropole incumbiu Noronha de obra sempre difficil em Minas — militarizal-a. No governo delle, Maria Dorothéa foi passando de menina a moça, de botão a rosa, de flor envolta a flor cobiçada, de corpo impubere a fórmas de mulher, de creança aromando pela pureza a virgem propinqua aos amores.

D. Antonio de Noronha, em 1780, entregou a capitania a D. Rodrigo José de Menezes, mais tarde conde de Cavalleiros, deixando atrás de si Maria Dorothéa aos treze annos, na edade em que se ergue o collo ao suave sabor dos seios, o vestido desce de manso ao compasso do recato. D. Rodrigo podia têl-a visto assim mocinha, quando, governador incansavel, como a justificar a feição hippica do futuro titulo de Cavalleiros, corria as terras da capitania sem que ninguem lhe tirasse o passo.

Estorvando intentos da Côrte, abriu estradas. Desculpou-se perante ella allegando razões de Estado saboreadas com sainete de ironia. As estradas serviam para melhor reprimir o contrabando do ouro e dos diamantes. Povoou a Serra da Mantiqueira. Fundou colonias, impellindo ao trabalho os vadios e os preguiçosos destrocados de inuteis em proveitosos á causa publica. Cousa tão rara em governos como a ausencia de jaças nas gemmas — protegeu e animou os homens de bem.

O bom dura pouco. Assim diz o povo. Vexado do ardor das prepotencias, sabe porque o diz.

D. Rodrigo assistiu um triennio na capitania de Minas. Com certeza ali não lhe faltaram lisonjas e galas, só desdenhadas pelas almas superiores vestidas de sua propria formosura. Ao nascimento de um seu filho, Claudio Manuel da Costa vertia insenso no metro, tangia louvores na ode:

Se em toda amontoadas
Vejo as ramas do louro, se espalhadas
Junto ao berço mil palmas estou vendo,
Não de sombras pesadas

Eu nutro a fantasia; o Heroe crescendo
Estas, ditá, são a lições que um dia
Sobre os passos de um Pae eu aprendia.

O «Heroe» foi crescer mais longe. Exportaram-lhe o berço. Teve o pae que reger a Bahia, rendendo-o em 1783 D. Luiz da Cunha Menezes, depois conde de Lumiares.

Maria Dorothéa completara quinze annos de existencia, quando já ia adeantado o segundo do governo de D. Rodrigo em Minas. Na edade da primeira communhão, enviuvou de felicidade. A mãe havia morrido, e encargos da militança forçavam o pae a continuas ausencias. Quão pungente é, a progenitores, desapparecer do mundo, ou alongar-se por elle, deixando uma filha, mocinha e bella, sem a cimeira do coração materno, ou paterno, para lhe defender o edificio da vida inexperta!

Adolescentula, a orphã expunha-se a ir norte sul na vida, a errar em claro. Valeu-lhe, porém, um tio, o tenente-coronel de cavallaria João Carlos Xavier da Silva Ferrão, villariquense, nascido em 1743, com trinta e nove annos a par dos quinze da sobrinha.

Ferrão impediu a parente de levar-se de fantasias, seguindo, o que é commum na mocidade tenra, os impulsos da imaginação sem consultar a prudencia, boa socia da virtude. Agazalhou-a em seu lar, mostrando-lhe, pelo carinho, como a paternidade se renova fóra do matrimonio. Pondo o coração por outorgante, numa escriptura de bondade, perfilhou Maria Dorothéa.

Mas a orphandade é chaga. A gente pensa-a, alimpa-a; todavia, não na cura. Apesar da juventude e da divina embriaguez dos seus puros gosos, Maria Dorothéa havia de sentir a chaga, na melhor hypothese de longe a longe.

Em 1782, na terra natal, fez quinze annos. Linda edade, sobretudo para as bonitas. A brancura da cutis, o roseo dos labios dizem com o azul dos sonhos. O leve setim da carne é realçado pelo peso flexivelmente cheiroso dos cabellos. O arfar do collo virgem, o bater dos seios moços oppõem-se á tranquillidade do coração, ás placidas certezas da esperança.

Escragnolle Doria,
cathedratico de historia do Brasil no Gymnasio nacional.

OS SINOS

Palestra de Alberto Faria, no "Centro"

Levantinos de origem suppômos os instrumentos de que vimos dizer, pois na China já os conheciam pelo anno 2601 antes de nossa era, conforme a archeologos ainda empenhados na definitiva solução do poblema.

O certo é, porém, que, entre 2255 e 2206, o Celeste Imperio, hoje Republica terrena como outra qualquer, estava sob o governo de harmonioso Chum, o qual fizera da poesia, da musica sobretudo, um ramo de sua administração politica.

Nomeando para superintendel-o Kueï, mestre de artes, assim lhe falou o soberano de rythmica memoria:

«Quero que ensineis os filhos dos principes e nobres, afim de serem sinceros e affaveis, graves e complacentes. Explicae-lhes vossos conceitos moraes em verso, cantando, ao som de instrumentos, as estrophes que compuzerdes, de modo a vasar-lhes nalma todas as doçuras.»

E o *Chu-King* guarda uma de taes peças, contendo,—si traduzida fielmente por Léon Charpentier, no estudo *L'evolution de la poésie chinoise*,—referencia dupla a orgams e sinos.

Então, pequenos seriam, ou seriam grandes os ultimos?

No metro francês, que aos primeiros os conjuga, apresentam-se-nos em diminutivo—*clochettes*.

E, testimunha do Passado remoto, lá existe, singular realização da harpa eolia, uma torre de doze andares, em cujo cimo se vêm innumeras sinetas, tangidas só do vento, à carrilhonarem admiravelmente...

Mas, conservando a primitiva fórma cylindrica, augmentariam no correr dos seculos, porque em Pekim ha sinos superiores a 200.000 libras na cifra do peso. Alguns desses monstros têm nomes, sem duvida curiosamente significativos; entre elles, tres avultam na traducção de immobilidade, impertinencia e terror: *Dorminhôco*, *Pedante* e *Papão*.

E o derradeiro faz-nos evocar, pelo appellido terrifico, uma scena dos JARDINS DES SUPPLICES, de Octave Mirbeau.

Eis a pagina do romance, em que dialogam uma filha dos país e um extrangeiro:

« . . . . . .

La cloche sonnait toujours...

Mais ses vibrations diminuaient, diminuaient jusqu'à n'être qu'un souffle de brise, une toute petite plainte d'enfant, étouffée derrière un rideau.

—Pourquoi cette cloche?... D'où vient cette cloche?... questionnai-je.

—Comment? Tu ne sais pas?...

Mais c'est la cloche du Jardin des supplices!...

Figure-toi... On ligotte un patient... et on le dépose sous la cloche... Et l'on sonne à toute volée, jusqu'à ce que les vibrations l'aient tué!... Et quand vient la mort, on sonne doucement, doucement, pour qu'elle ne vienne pas trop vite, comme là-bas!... Entendes-tu?...

J'allais parler, mais Clara me ferma la bouche, avec son éventail déployé:

—Non... tais-toi!... ne dis rien!...

Et écout mon amour! Et pense à l'effroyable mort que ce doit être ces vibrations sous la cloche... Et viens avec moi... E ne dis plus rien, ne diz plus rien...

Quand nous sortîmes du couloir, la cloche n'était plus qu'un chant d'insecte... un bruissement d'ailes, à peine perceptible, dans le lointain...

. . . . . »

E assim se degradou o sino, no longinquo e mysterioso Oriente, onde a tortura attinge refinamentos incrediveis.

Alonguemos os olhos por outras terras, através das edades, em seu curso natural, a surpreender o papel, ou a fixar o mistér dos sinos, quer na vida religiosa, quer na civil.

Consoante ao jesuita Athanasio Kircher, autor fecundo e de boa nota do 17.º centenario, é aos egypcios que se lhes deve a invenção. A's margens do Nilo, annunciavam as festas de Osiris.

De similhante antiguidade não haveria que duvidar, dando credito a Clemente de Alexandria, segundo o qual o grande sacerdote Aarão trazia debaixo das vestes campainhas em numero equipolente ao dos dias do anno.

Os gregos tel-os-iam imitado, pois em Athenas estavam em uso nos sacrificios da expiação, nos mysterios dos chorybantes, nas cerimonias bacchicas. Sobre muitos baixo-relevos, representando bacchantes, vêm-se estas com tunicas, tendo por todos os lados presas campainhas, afim de produzir em ruido no exercicio sagrado das dansas. Modernamente, os camponezes da Europa dansam tambem, fóra de tecto, ao som de carrilhões, mas sem intuito religioso, a denunciar vestigio cultual. Outro facto, porém, de natureza analoga, accusa phenomeno de persistencia, a nosso tibio parecer. Examinemol-o.

Nas montanhas e pastagens da Suissa, encontra-se abundancia de gado, sem guarda de pastor algum, trazendo ao pescoço campainhas, cujos sons variam ao infinito, em combinações extranhas e encantadoras, a lembrar as harmonias da torre chineza. Ora, esses animaes reportam-nos, imaginariamente, áquelles por Sidonio chamados *greges tintinnabulatas*, imitantes ao asno de Sileno. Espantalhos a lobos, as campainhas do gado helvetio? Afiguram-se-nos, preferencialmente, verdadeiros amuletos.

As *tintinnabula*, a que tambem se refere Plinio, já muito antes delle eram de uso na cidade dos Cesares, onde serviam para erguer do somno os escravos, attrair ao banho os patricios, annunciar a hora do mercado á plebe.

Aliás, a idéa primitiva e primordial do sino, nas diversas manifestações, sacras, ou profanas, privada, ou publicamente, sempre foi a de advertir. Suetonio conta que Augusto mandara collocar um no templo de Jupiter para chamamento do povo.

Os primeiros christãos não conheciam os sinos, ou, melhor, delles não usavam religiosamente, porque, congregando-se ás occultas, no escopo de evitar perseguições impiedosas, não os podiam ter.

Acredita-se geralmente que o uso dos sinos foi introduzido nas egrejas em cerca de 400 da era vulgar, sob o reinado de Constantino, pelo bispo de Nola, na Campania. Mas a asserção, que isso attribue a S. Paulino, não se baseia em documento; parece uma falsa tradição erudita, decorrente apenas do nome do sino — campana, e que procederia de sua propria materia, metal da Campania.

Bem seguro é que no seculo VII já se guarneciam de sinos os templos catholicos, cujos campanarios, a principio cylindricos e depois quadrangulares, datam dessa época. Nas basilicas romanas, começaram a marcar as horas canonicas sob o pontificado de Sabiniano, 604-606. Até então, ou pouco antes, os christãos da Europa, em muitas partes, reuniam-se ao toque de matracas.

Em 640, Lobo, bispo de Orleans, achando-se na cidade de Sens, em cerco pelo exercito de Clotario, fez sôar os sinos da egreja de Santo Estevam, o que bastou para desmancho e fuga da hoste inimiga. Isto prova que os sinos ainda não eram geralmente conhecidos em França.

Dos primeiros sinos de grande dimensão fala Beda, quarenta annos mais tarde. E dous centenarios após, si tanto, estava dilatada de modo consideravel a quantidade de sinos, especialmente na Grecia.

Na Inglaterra, desde o seculo VIII, tangiam-nos pelos mortos, com bravura, pois o povo julgava que, quanto mais fortes fossem os dobres pelos defuntos, menos probabilidade havia de suas almas serem presa de espiritos diabolicos, circumvagantes no ar. Para conseguir-lhes o afastamento, pagavam-se sommas respeitaveis a quem puzesse em balanço os maiores sinos das cathedraes.

Só a partir do seculo XIII é que os sinos tiveram devéras proporções enormes, não raro sendo artisticamente decorados; a este aspecto, são do XVI os mais notaveis, em que ameude apparecem os nomes dos doadores junto aos dos proprios sinos e aos dos respectivos paranymphos, *etc*.

Até 1884, nos programmas de estudos archeologicos e historicos dos estabelecimentos europeus, os sinos apenas figuravam com o interesse da *epigraphia*, ou do *mobiliario ecclesiastico*, salvo quando remontavam ao Mediévo, ou linha extrema, o fecho de Quinhentos.

A importancia dos mesmos, no tocante á arte industrial, veiu a ser demonstrada por Léon Germain e Joseph Bertholé, em largas publicações, depois daquelle anno, em que Henri Jadart deu á estampa a historia do celebre sino de Reims... Reims, agora ferida de morte no seu coração de granito em rendados lavores, coração que era a cathedral recentemente derruida...

Permittí-nos que, accidentalmente, evoquemos, pelos quatorze alexandrinos de Philippe Dufour, o conspecto desse assombroso monumento de estilo gothico, tornado nuvem de pó, a eclipsar todas as conquistas da *Kultur*, por uma nefanda reversão germanica á barbaria avita:

Ville royale et pour toujours mélancolique,
Parmi les souvenirs dont l'éclat t'est resté,
Dans tes murs notre histoire apparaît en beauté:
Et la France y respire un parfum de relique.

Tes vieux logis, sous leur auvent, d'ardoise [oblique,
Conservent un attrait de nobre vétusté;
Sévère fleuron d'art à ton front incrusté;
Sur le ciel glorieux rêve ta basilique.

Mais voici Notre-Dame! Elle éblouit encor,
Immense fleur de pierre et d'orgueil, enrichie
Du faste de l'Eglise et de la Monarchie.

Et l'on dirait qui va surgir dans son décor,
Aux mystiques lueurs des splendides vérrières,
Près du roy Charles sept Jeanne d'Arc en prières

O poeta alludiu comparativamente á Notre-Dame, de Paris, immortalizada pela penna de Victor Hugo. Entre os mais celebres sinos cumpre citar seu famoso bordão, fundido no seculo XVII. Só se faz ouvir nos grandes dias, em festas como a da Ascenção, que endoudeciam de jubilo a Quasimodo, o sineiro por excellencia, o sineiro typo.

Esse e outros escaparam ao furor demagogico, á formidavel *razzia* da Revolução francesa. O decreto de 23 de Junho de 1793 mandou que se deixasse apenas um sino em cada parochia, fundindo-se em canhões e moedas os demais. Comtudo, reabertos os templos, novos sinos occuparam os logares vagos.

Um dos poupados naquella occasião foi o de Saint Germain l'Auxerrois, que dera o signal de massacre na tremenda noitada de S. Bartholomeu, em 1572. Esse, — ironia da sorte! — pertence actualmente á *Academia nacional de musica*, onde serve para repetir o toque fatidico, quando alí se representam os os HUGUENOTES. E' elle quem emitte o funebre *fá*.

Porém o maior da França, e um dos mais bellos do mundo, pelos relevos caprichosos que o tornam immensa joia, é o Savoyardo, ao presente installado no campanario da basilica do Sacré Cœur de Montmartre, na Cidade-luz. Depois do Savoyardo, os sinos de mais peso na França são o de Ruão, com 20.000 kilogrammos, e o da Notre-Dame, com 17.170.

Excedem-nos em muito os da Russia, sem competencia na Europa: o de Krenlim, com 201.266; o de Troskoï, com 175.000; o de Roris Gondaff, com 140.000; o de Santo Ivan, com 57.976; finalmente, o de Novgorod, com 35.000.

Dos grandes sinos conservados, um dos mais antigos é o da cathedral de Moscow, exhibindo uma enorme brecha, feita pelos canhões napoleonicos em 1812. Os curiosos aproveitam-se da abertura para, penetrando no interior, admirar as dimensões colossaes desse sino, um dos maiores sabidos.

Entre os sinos da nossa Candellaria, no Rio de Janeiro, tambem ha um quebrado, que dizem ter servido de trincheira, na rua do Carmo, contra os franceses.

Será lenda patriotica?

Egualmente sympaticas, a varias luzes, algumas ha dispersas pela face do globo, salientando-se as que emprestam sentimento e vontade aos sinos.

Tendo Santo Eloy interdicto uma egreja, o cura não quiz obedecer-lhe; mas o sino recusou-se a sonar.

O sino da cidade de Villela, que resôava por si mesmo, sempre que a Espanha era ameaçada de qualquer perigo, ou soffria um abalo, perdeu a faculdade prophetica, quando expirou Fernando, o Catholico, ultimo dia em que espontaneamente se fez ouvir.

Conta uma tradição, cara ao povo norte-americano, que o sino da Liberdade, cujos sons annunciaram, em Philadelphia, o nascimento dos Estados Unidos, inopinadamente se fendeu, estalando, pelo traspasse de Marschall.

Mas, não é tempo ainda de falar-vos, com pausa, de lendas e tradições, que vieram aqui por méra incidencia do assumpto.

Antes, devemos tratar dos carrilhões ou musica das torres, que constitue ponto de arte. E, assim, teremos que referir-nos, imparcialmente, á Allemanha, país idéal dos grandes jogos de sinos.

O metal dos sinos é como, sabeis, uma liga de cobre e estanho. A fabricação delles compreende tres operações principaes: *traçado*, *moldagem e fundição*. O badalo deve ter a vigesima parte de seu peso

Ha uma poesia classica, *Das Lied von der Glocke*, em que Schiller intercalla a estrophes descriptivas da fabricação do sino, em todas suas phases, outras descriptivas dos successos da humana vida, aos quaes se associam os repiques, toques e dobres do instrumento. Não vos recitaremos agora a primorosa *Canção do sino*, traduzida fielmente por José Gomes Monteiro, visto ser demasiado longa. Mas chamamos a vossa attenção para ella, que se encontra nos Ecos da lyra teutonica, impressos em 1848.

Os sinos de tonalidades differentes suggeriram a idéa do carrilhão, que assim se designa um conjuncto de timbres diversos, resultantes da diversa espessura dos mesmos. Grossos fios de ferro partem de todos os sinos, vindo prender-se a duas cadêas com chaves, que o executante faz baixar a fortes golpes de mãos e pés. Ao termo da execução seu estado é tal, que tem que recolher-se á cama. Em razão de similhante difficuldade, os carrilhões são, na maior parte, postos em movimento por um simples mecanismo de relojoaria, recordando os cylindros de orgams antigos.

Nos seculos XIV e XV quasi todas as cidades da Flandres tinham carrilhões.

O de Dunkerque era dos mais celebres, e algumas de suas arias tornaram-se populares.

Em Paris, aquelle da Samaritaine de Pont-Neuf era o mais famoso; todos os autores do tempo fazem-lhe referencias.

Jean Jacques Rousseau, influenciado talvez pelo scepticismo da Revolução, disse positivamente, em seu Dictionnare de la musique, que a musica dos sinos é tola: «c'est une sotte musique que la musique des cloches». Porém, de outra feita, sinceramente de certo, houve por bem confessar que a voz dos sinos sempre o impressionara singularmente... E pouca importaria que o não houvesse confessado. Muita gente, artistas inclusivé, e, entre estes, até notaveis musicos, acham encanto nos sons vibrantes e prolongados dos sinos. Um, nomeado Pothoff, organista de Amesterdam, escreveu peças para carrilhões. Todas são em tres partes e contêm bonitas melodias, variadas por trechos rapidos, que do executante exigem prodigiosa rapidez de mãos e pés.

Em 1352, quando se construiu o grande relogio de Strasburgo, egualmente se aperfeiçou o jogo de sinos. O povo agglomerava-se defronte da cathedral, á hora em que o relogio sôava, e um gallo, de madeira, surgia cantando, emquanto tres figuras de reis passavam, por um mecanismo curioso. Desse relogio não foi conservado siquer o desenho. Só a ave de pau ainda se guarda em Strasburgo; e, por occasião de reconstruirem a cathedral, em 1570, desprezaram os sinos de grande machinismo de relojoaria.

O mais antigo jogo de sinos de relojoaria, permanece em Olmutz. Fabricou-o Antonio Phol em 1419, sendo reconstruido em 1898. Vêm-se no inte-

rior do munumental relogio artistico pequenas figuras de anjos, em nichos gothicos, com martellos e campainhas na mão. A' hora em que se põe em acção a complicada relojoaria, as figuras movimentam-se, e apparentemente tocam.

A terceira grande relojoaria de sinos na Allemanha é a de Aquisgrana, construida em 1636. Possuia unicamente um jogo de vinte sinos.

A bibliographia sobre esta maneira artistica não é pequena, sobretudo na literatura inglesa. Mas o tempo urge, não nos convindo extender a parte relativa a ella. Apenas accrescentamos que em Portugal a relojoaria de egreja teve o primeiro impulso nos fins do seculo XV, dado pelo frade leigo João de Commenda. Sousa Viterbo consagra ao estudo da materia o capitulo II do livro ARTES E ARTISTAS EM PORTUGAL, que merece lido.

Volvendo, ao arrepio dos tempos, queremos registar alguns usos da egreja relativamente aos sinos.

O mais antigo, pois data de 750, ao que parece, é o de benzel-os, dando-se-lhes nomes de santos, antes de pôl-os ao serviço divino. A affirmação do cardeal Baronius, assignalando o anno de 789, está em desaccordo com as *Capitulares* de Carlos Magno, que ordenaram a suppressão da cerimonia.

Aliás, bem cedo se acharam razões theologicas para apoiar a corrente supersticiosa, e, em 968, o papa João XIII deu-lhe a sancção suprema de egreja, benzendo, pessoalmente, o sino da cathedral de Latrão e communicando-lhe seu proprio nome.

A idéa desenvolveu-se rapidamente, e nós encontramol-a popularizada numa multidão de inscripções em sinos. Póde-se estudar este ramo de literatura theologica nos velhos campanarios da Europa.

Um sino de Bâle tem a inscripção— *Ad fugandos demones*. Noutro, de Lugano, lê-se: O som deste sino faz fugir os demonios e chama os homens para a prece. No da cathedral de Erfurt, declara-se que elle afasta o raio e os demonios malfazejos. Um carrilhão da egreja dos jesuitas de Pont-à-Mousson tinha gravadas as phrases: Elles louvam a Deus, dispersam as nuvens, espantam os demonios e chamam o povo (é datado de 1634).

Esta doutrina exigia naturalmente um ritual de consagração, tornando-se de grande importancia a cerimonia já mencionada, á qual muitas vezes presidiam papas, ou reis. E, para augmentar a efficacia do benzimento, empregou-se, em algumas, agua do Jordão.

Era o meio para combater o «Principe das potencias do ar», segundo consta do capitulo XI da HISTORIA DA LUCTA ENTRE A SCIENCIA E A THEOLOGIA, de A. D. White, que conhecemos na traducção francesa de H. de Varigny e G. Adam.

Quanto aos *reformadores*, diz White, com referencia aos protestantes, embora acceitando, de um modo geral, a theoria da intervenção diabolica nas tempestades, oppuzeram-se ao benzimento dos sinos e negaram a influencia delles sobre a dispersão. Ficou, entretanto, vivaz na Allemanha protestante, sob o disfarce de uma theoria que apresentava caracter assás racional, por attribuir os bons effeitos dos sinos ás preces dos fieis provocadas por seus sons.

Esta idéa, tão fortemente arraigada nos espiritos da Edade Média, transmittiu-se ao mundo moderno, e temos prova de que os proprios philosophos custaram a libertar-se della no facto de Descartes e Bacon falarem disso com respeito, contentando-se em suggerir timidamente que, si os sinos attingem o fim proposto, a razão é talvez devida ao abalo de ar.

Não se conformaram os theologos, pois não lhes podia bastar uma doutrina tão moderada, e o celebre bispo Binsfeld de Trèves, em seu ruidoso TRATADO SOBRE A FÉ NAS CONFISSÕES DAS BRUXAS, gastou um capitulo inteiro para demonstrar a efficacia dos sinos contra as pertubações atmosphericas. E, baseando sua doutrina no 1.º capitulo de Job e no 2.º da epistola aos de Epheso, insiste na realidade da intervenção diabolica nas tempestades.

Descartes, apenas apontado por White, sem citação de logar, diz em Os METEOROS, discurso VIII:

«Emfim, não é sem razão o acreditar-se que um grande ruido, como o dos sinos, ou o dos canhões, póde diminuir o effeito do raio; porque elle ajuda a dissipar e fazer cair a nuvem inferior, em balançando a neve, de que ella se compõe. Assim procedem muitas vezes os que tem o costume de viajar entre montanhas, onde as avalanches constituem perigo, abstendo-se até de falar e tossir, de modo que o barulho de sua voz faça desmoronar a neve».

A explicação podia satisfazer, em parte, á sciencia do tempo.

Hoje é corrente, ao contrario, que os violentos toques de sinos attraem os raios sobre as torres, sendo numerosos os casos de sineiros fulminados no exercicio profissional, por occasião das tempestades. Todavia, os accidentes não impedem que na Hollanda, na Prussia e outros paises protestantes perdure o uso.

O benzimento dos sinos, confundido pelo povo com o baptismo, por elles receberem nomes de santos e terem padrinhos, apoia-se em muitos symbolos, a cuja descripção nos excusamos, para não commetter heresia, ou repetir um passo do Larousse, de facil leitura. Por força de similhante confusão, adquiriram os sinos uma especie de personalidade. E isto esclarece certos factos assás curiosos, como tres que vamos contar.

Em 1498, durante o assalto ao convento de S. Marcos, em Florença, para arrancar dali João Savanarola, o sino chamou em soccorro dos sitiados. Por uma sentença dos magistrados, esse sino sedicioso foi condemnado a ser conduzido pela cidade sobre um asno, em signal de ignominia. Consta das CURIOSITÉS JUDICIAIRES, de B. Warée.

Sob a menoridade de Louis XV, o sino tocou em appello aos aldeões, para que perseguissem os contrabandistas de sal, que, armados, exerciam seu mistér illicito. Mas, por vezes, elle repicou tambem em honra de taes violadores da lei.

Em 1717, refugiou-se um magote daquelles contrabandistas numa parochia que lhes era favoravel, tanto que os habitantes resistiram aos guardas do rei e empregados do fisco, matando uns e ferindo outros. O intendente processou-os, condemnando-os severamente; e, como haviam tocado a rebate contra os guardas do rei, *ordenou que os sinos fossem descidos e açoutados pela mão do carrasco*. A informação, que Alberto Babeau inseriu na obra LE VILLAGE SOUS L'ANCIEN RÉGIME, reappareceu no volume I de LES INDISCRETIONS DE L'HISTOIRE, do dr. Cabanés, mais accessivel.

Quando Novgorod, cidade independente, foi conquistada por Ivan III, este deportou para os confins da Russia com a Siberia um decimo dos respectivos habitantes, bem assim o sino da praça publica que os convocava. O successor do mencionado tzar, Ivan IV, amnistiou a todos, sino inclusivé, dando-se o regresso em conjuncto.

Ditos episodios tragicomicos comprôvam a asserção de que os sinos tinham uma como personalidade, e de algum modo juridica.

Illustrada a passagem, continuemos na applicação ecclesiastica dos sinos.

O uso de sôar o *Angelus* data de 1088.

Alexandre Herculano disse:

«Os sinos, collocados em campanario de parochia aldeã, ou mosteiro solitario, são uma cousa poetica e santa; os sinos, pendurados nas torres garridas de garridissimas egrejas das cidades de hoje, são uma cousa estupida e mesquinha».

Si foi excessivo em deprimir os sinos urbanos, não no foi em enaltecer os rusticos; a severidade para uns, descambante quiçá em injustiça, resultaria do amor a outros, fervorosamente evidenciado na amargura da comparação.

Os filhos dos centros tumultuarios, absorvidos em luctas enervantes, ao cabo sempre inglorias, desconhecem a paz espiritual, emanada dos encantos do ermo, que envolvem a materia na gaze do sonho.

Falta-lhes o meio propicio, que é esse ambiente carinhoso da solidão,

donde a maldade parece desterrada, ou aonde não chega, tolhida no avanço pelas arvores, mudas sentinellas de Deus.

E os que dos campos migraram ás cidades, trocando a placidez deleitosa pelo torvelim bulhento, na illusão de frageis conquistas mundanas, esses pranteiam todo o bem perdido, nas horas de recolhimento.

Ao recordarem o agro patrio, em que, no crepusculo vespertino, a voz da natureza, pela voz do sino, lhes falava ao coração, fazendo-os volver os olhos para o céo, desatam em lagrimas.

Ouçam a um delles, Wenceslau de Queiroz.

Quando, entre os astros congelados, erra,
Num céo de inverno, a lua morta e fria,
Chora em mim essa voz que ouvi, um dia,
No dia em que parti de minha terra.

Lembra-me: dava o sino *Ave-maria*,
E eu já transpunha os alcantis da serra...
Toda a saudade que minha alma encerra,
Toda a saudade nessa voz gemia!

Assim, por mais que a Realidade bruta
Me sòe sempre, nesta humana lucta,
Como um pesado carrilhão sonoro,

Ah! não me esqueço dessa voz dolente,
E, quando a escuto nalma docemente,
Não me envergonho de dizer que chóro...

E não foi o unico poeta paulista que nos transmitiu sua impressão do *Angelus*. Fêl-o tambem outro, infelizmente já extincto, Antonio de Godoy, e fêl-o com verdadeira uncção religiosa. Tóca ás almas, ainda as mais aridas, o mysticismo desta ballada, sentida como poucas:

Angelus plangem os sinos... Blão!
A tarde expira;
Resôa a lyra
Maguas tirando do coração.
Ave-Maria! que paz, que calma!
Tudo extremece...
Sóbe de joelhos ao céo minh'alma.

Blão! *Ave-Maria*! quanta poesia
Doce nesta hora...
Alma que chora,
Reza em louvor de Santa Maria!
Angelus plangem os sinos... Blão!
Scisma quem ama;
Corpo que és lama
Péde a Maria graça e perdão!

Santa Maria, cheia de amores,
Rogae por nós!
Soluça a voz
Meiga da brisa nalma das flores...

Blão! *Ave-Maria!* o sino chora.
Resôa o sino;
Que azul divino
Vai pelo céo de Nossa Senhora!
Da noite cai sobre a cidade
Negro sudario;
No campanario
Plangendo os sinos tocam trindade!

Tudo socego... Vaga um lamento
Triste na noite;
Como um açoite
Nas casuarinas sussurra o vento.

Finda-se o dia, chega o caixão
Da noite escura,
Que é a sepultura
Do pobre morto, que era pagão.

A Via-Lactea no céo fulgura,
Branca tremendo...
Vão-se accendendo
Tochas ethereas lá pela altura.

Noite cerrada, O vento geme
Nos cyprestaes;
Soluçam ais
Brisas que passam, luar que freme.

Tudo silencio e melancolia...
Na noite calma,
Pede minh'alma
Paz e conforto a Santa Maria!

A doce piedade, resumbrante de taes versos, qualquer de vós, na angustia de ruidoso circulo, apenas a teria presentido contemplando o *Angelus*, extraordinario quadro de Millet, onde um par provinciano, cabeças pensas, ora em pleno campo de cultura, ao toque de longinquo campanario de uma ermida ao fundo da paisagem, — téla silenciosa e, todavia, falante.

Mas, qual de vós, poderia compôr eguaes, exprimindo o mesmo sentimento, sem a suggestão directa do proprio sino de uma capellinha que chamasse á préce do entardecer?

Nenhum, de certo.

Tinha razão Alexandre Herculano.

E para lh'a dar toda, agora, recorreremos a um grande poeta, dos maiores da França no seculo passado, a Alfonse de Lamartine.

Prestae ouvidos, bem attentos, á *La cloche du village:*

Oh! quand cette humble cloche à la lente volée
Epand comme un soupir sa voix sur la vallée...

Mas, bem melhor será que ouçaes *O sino da aldeia*, na traducção do nosso Pedro Luís, e augmentada esta de valia com o timbre de uma voz feminina a recital-a...

Convido, portanto, a senhorinha Silvia Simões Magro a substuir-nos.

I

Oh! quando o sino humilde em musica plan-
[gente,
Tremendo, suspirando exhala docemente
Aquelle som, que vai morrendo pelo val;
Quando, á brisa da noite, agita-se e balança
Essa urna de Deus á mão de uma criança,
Contando o que do mundo é puro e divinal;

O campanario vibra; em sustos a andorinha
Deixa ao vento do bronze a fresta em que se
[aninha,
Da enrugada lagôa as bordas vai sulcar;
E a viuva da aldeia, ao som choroso e pio,
De joelho, deixando a roca já sem fio,
Dos mortos a oração vai tremula rezar.

O que desperta em mim o sino que extremece,
O jubilo não é do dia que amanhece,
Do dia que passou, saudade?—não é, não.
E tão pouco da infancia o quadro de mil côres,
Nos montes a brincar, no meio dessas flores,
Que, murchas, eu guardei aqui no coração.

Nem do platano á sombra as séstas da innocen-
[cia,
Nem os jogos viris de minha adolescencia,
E o louco vaguear pelas montanhas—la!
Nem gritos de prazer, meus gritos de menino,
Nas brisas a beber perfume matutino,
Que, sorrindo, se crê jamais acabará.

Não me lembra o corsel fogoso das campinas:
Aos meus louros anneis trançava as bastas cri-
[nas,
Como o ferro na tenda ouvia-se tinir
O chão sob seu pés... seu dorso me levava...
E quaes flocos de prata a espuma que o franjava
Pela grama do val corria a sacudir.

Não é tambem, amor, o teu sonhar primeiro!
Então da primavera o riso feiticeiro
Veste de verde o arbusto e abre o peito em flôr!
Voltavam á tardinha as virgens lá do rio.
E, ouvindo-as conversar de longe, um calafrio
Passava-me na fronte em subito tremor.

O burbulho febril no peito que offegava,
Hymnos de um coração que assim balbuciava,
Poesia do céo, que, perfumada, vem
Minha alma embevecer em murmurar divino...
Si me lembra a chorar, não é a voz do sino!
Ah! gloria! tu então... Não és, não és tambem.

Podeis, podeis fugir do inverno á ventania!
A folha rola murcha, a casa está vasia!
A fama — nome vão — sarcasmo apenas diz;
Não me deixam saudade as flores que me déstes,
Perfumaram-me os pés, são lindas e celestes,
Mas no meu coração nenhuma tem raiz.

São rosas da manhã para o festim! Sem pena
A inveja as enxovalha, o odio as envenena;
Desmancham a grinalda, amarrotando a flor.
E a vertigem da vida acaba sem tardança,
E a rosa peregrina ao despegar da trança,
Da fronte cai aos pés, mirrada, já sem côr!

II

Um dia aquelle sino estavam a dobrar!
Passavam por ali mulheres soluçando,
Pelo vale, de lucto, ouvia-se chorar...
Ai! no duplo ataúde a encosta perpassando
Iam tres almas, tres... Si ainda eu fiquei só
No mundo, foi porque deixaram-me sem dó...

Sino, sino, eu te ouvi de uma a outra aurora,
De noite, sem cessar, chorando como nós,
Como eu, nesta effligão, chorando até agora!
E o céo te respondia á lamentosa voz,
Como si cada estrela, esmorecida em brilho,
A sua mãe perdera, e cada brisa o filho.

Não te esqueci jamais: a noite da agonia
Em funebre memoria á magua te enlaçou;
Teu timbre e o peito meu só têm uma harmonia;
Prantos que eu derramei teu dobre acompanhou;
O bronze e o coração ligou-os uma hora;
Si lagrimas tem este, aquelle tambem chora.

Desperto ao teu vibrar; si dormes, adormeço;
Tua fala me vem qual de um amigo bom,
Entre muitas, de longe, a tua bem conheço;
E sinto dentro em mim repercutir teu som
Quando já de um besouro é menos que zumbido,
E na floresta vai já tremulo e sumido...

Eu falo então commigo; o murmurar plangente
Que d'esse campanario extremecendo sai,
Bem sei o que revela... E' para mim sómente!
Elle conhece a dôr que no meu peito vai,
Meigo effluvio do céo, de pura sympathia,
Que passa a sussurrar da noite á ventania.

Eu falo então commigo: O bronze, que ora
[vibra,
Foi de um passado morto a lousa bafejar;
Meu peito traspassado assim de fibra em fibra
Lá do velho zimborio está-me a recordar...
E sinto extremecendo em notas de ternura;
De meu finado amor a fria sepultura...

III

Não te admires, pois, que eu ame assim, criança,
Do bronze que suspira o lugubre tanger:
E' dos mortos que eu amo a pallida lembrança;
Quando na escura nave o som passa a gemer
Detem-se-me o andar, e páro no caminho,
Escutando o que a morte ali me diz baixinho.

Chora, meu sino, assim terrestres agonias:
Para melhor carpir a terra te inventou;
Chora, que o coração tem gratas harmonias,
Mesmo quando da morte aos dedos estalou;
E dá uma alma á pedra, á sepultura um canto,
Dos olhos seccos faze arrebentar o pranto.

IV

Quando em caixão mesquinho humildes lavra-
[dores
Me tirarem do mundo o miseravel pó,
E após tamanha dôr comprados carpidores
Deixarem o meu corpo ali dormindo só,
Junto d'aquella porta, em que se vê sorrindo
Um mundo mais feliz e outro sol mais lindo...

Si caridosa mão tanger-te n'essa hora,
Que ninguem se entristeça ao teu pio vibrar...
Lagrimas? Para que? Saúda a minha aurora!
E um hymno de prazer começa a repicar!
Imitando o tinir alegre da corrente,
Que abrindo uma prisão se escuta docemente.

Ou então da calhandra escuta a voz louçã,
Quando no calmo frio acorda-se e levanta
Do ninho sussurrante ás brisas da manhã...
No dia que em eu morrer, canta, meu sino,
[canta ..
Tudo se cala ouvindo aquelles hymnos teus,
Foge-te a voz do mundo e morre aos pés de
[Deus.

Ouvistes commovidos, sem duvida, o que, tão expressivamente, souberam dizer uns labios de moça identificada com a dupla verdade, que se contem nesta simples quadrinha, cujo autor não me occorre:

Sino, coração da aldeia,
Coração, sino da gente:
Um a sentir quando bate,
Outro a bater quando sente.

E, ouvindo a Musa peregrina, representada com gentileza patricia, estareis accordes com D. Bartholomeu Mitre, na apostrophe final de *La campana:*

Tu és a voz do destino
Que preside sempre ás Horas,
Que com suas asas sonoras
Te ferem no coração;
E tu, seu vôo marcando,
Retribues em harmonia
Cada golpe que te dão.

Não insistiremos em enumerar usos da egreja, como era nosso intento, nem tampouco em descrever a poesia de alguns delles, qual desejavamos, porque não convem retardar-vos o que constitue a unica parte boa do sarau de hoje. (*)

Cingir-nos-emos, portanto, neste resto de palestra cansada, ao *folk-lore,* no que se refere ao sino; e, ainda assim, limitando o assumpto a cousas paulistas, e particularmente locaes, — cousas velhas, mas de muitos ignoradas, ou para muitos ainda sem elucidação necessaria. D'est'arte enfadar-vos-emos o menos possivel.

No Almanach literario de S. Paulo, para 1880, deparou-se-nos sob o titulo *Pedras de sino:*

« Existem na ilha de S. Sebastião, municipio de Villa Bella, nesta provincia, umas pedras de grandes dimensões, que são muito curiosas pelo perfeito som de sino, que produzem quando tocadas com uma pequena pedra, ou quaquer outro corpo rijo.

Essas pedras sonoras se encontram na praia e algumas dentro do mar, que a banha, mas agglomeradas em um só sitio.

A sonoridade reside nas extremidades e saliencias superiores das ditas pedras, sendo tanto mais forte o som, quanto menos grossa a saliencia, ou ponta das pedras que o produzem.

Esse som, que imita perfeitamente o de um grande sino de boa voz, póde ser ouvido a grande distancia.

Tocadas as pedras com uma itaúna, pequena pedra roliça, dão melhor som do que quando tocadas com um martello, por exemplo.

A singularidade desse phenomeno fez dar-se ao sitio, em que se acham as mencionadas pedras, que fica entre o pequeno bairro da — Praia do Pinto — e o não menos pequeno, mas pittoresco bairro do — Vianna, — a denominação de — *Pedras de sino* — por que é conhecido na ilha, que não deixa de encerrar em seu seio muitas outras curiosidades, infelizmente ignoradas dos proprios habitantes. »

O toponymico *Pedras de sino* achase bem justificado, pelo esclarecimento desse subsidio anonymo, que nada tem

(*) A quasi improvisada palestra serviu de méro *introitum* a uma audição da *virtuosi* Olga Pedrario, que executou bellos trechos, ao piano, tendo os sinos por exclusivo assumpto.

de phantasista, ao contrario do que talvez pareça.

Apenas não se trata de um phenomeno singular, nem siquer demasiado raro, como se afigurou ao autor do trecho, cujos conhecimentos seriam ainda escassos.

E' já sabida a propriedade sonora que, entre as pedras, apresentam as rochas amphibolicas, existindo não poucas destas na Europa, onde foram objecto de estudo. A sonoridade de taes megalithos, provocada com o toque de um metal, ou mesmo de um calhau, é, com effeito, similhante á do bronze. E d'ahi, da analogia de sons, resulta o povo relacional-os com os sinos, até em contos maravilhosos.

São rochas amphibolicas as *pedras sonantes* de uma quebrada proxima de Saint Guildo, nas Costas do Norte, na França ; e um bloco da especie, vizinho á capella de Saint-Gildas, lá tambem, serve para chamar os fieis á préce.

Outros passam por sôar espontaneamente, entrando já aqui o sobrenatural, de que se alimenta a imaginação popular.

Um rochedo de Gernesey é conhecido pelo nome *Rocque-où-le-coq-chante*, e dizem que, collocando-se a orelha ao nivel da terra, ouvem-se distinctamente sons de sinos, que vêm do interior da pedra.

Em St. Brieuc, convida-se o curioso a encostar a orelha, simplesmente, ás *Pièrres-Sonnous*, conforme denominam as do logar, para ouvir o canto das fadas.

Em Espanha e Portugal abundam penedos identicos, que o povo acredita habitação de mouras encantadas.

Pedras de sino, da ilha de S. Sebastião, tem sua lenda, que ouvimos a um filho do logar. Relaciona-se, como outras das redondezas, ao apparecimento do Senhor Bom Jesus de Iguape, colhido por dous indios em 1647 na praia do Una, junto á foz do Piassuna. Segundo tradição, a santa imagem ia de Lisbôa para Pernambuco, quando ladrões do mar abordaram a náu de transporte. Lançaram-na fóra os tripulantes lusitanos, afim de que lhes não caisse em poder. E, assim entregue ás ondas, veiu ella na crista destas rumo sul, até que uma noite se approximou de S. Sebastião (ladeavam-na seis velas accesas, cujas luzes observara o vigario, padre Manuel Gomes). Ao passar pelos penhascos, entre os bairros dos Pintos e do Vianna, saudaram-n'a os mesmos, sôando espontaneamente. E, desde esse milagre, o povo chamou-lhes Pedras de sino.

Passemos a outro caso, que envolve uma lenda não menos interessante.

Quando destruida a *Invencivel armada*, a Inglaterra soltou nos mares piratas audazes.

Um dos corsarios britannicos, Cavendisch, veiu ás costas do Brasil e ao Prata, onde pôz a sacco diversas terras.

Santos e S. Vicente, esta mais florescente então do que aquella, tiveram-no mais a sua maruja por hospedes forçados e desagradaveis.

Retirando-se da ultima, carregou para bordo as riquezas que ali encontrara, inclusivé as alfaias do templo.

Entre os objectos do culto catholico, ia o sino, que não chegou á náu dos roubadores de Europa, visto como se afundiu o batel conductor.

Ter-se-ia dado isso em 1591, época da expedição. E ainda hoje se diz que, nas festas do orago da antiga villa, ao novo sino responde, em toques distinctos, o submergido no mar.

A egreja de S. Vicente está situada em uma pequena imminencia ao fundo da enseada, que tem á direita o morro chamado dos Barbosas e á esquerda uma planura, onde se extende o casario.

O som do sino da egreja repercute sobre o obstaculo, que é o morro vizinho, e, então, o reflexo, que é o éco, parece o som de um outro sino, em mysteriosa réplica.

O que acabamos de contar foi-nos narrado, não ha muito, pelo joven Ruy Ferreira, uma das mais fundadas esperanças campinenses na arte da pintura.

E' uma simples e graciosa lenda, cuja explicação natural, conforme aos ditames da sciencia, elle mesmo adjuntou.

Não consta documentalmente, pelo menos da relação de Knivet, logar-tenente de Cavendisch, peça dada á

estampa na *Revista do «Instituto historico e geographico brasileiro»*, que na presa opima da villa littoranea entrasse o sino lendario.

Nem era preciso que entrasse, para architectar-se a fabula, bastando a tradição da pirataria, que nos despojos das cidades costumava incluir os sinos dos respectivos templos.

Aliás, o arrebatal-os, com o fim de grosso resgate, não era pratica exclusiva de piratas, que imitavam os chefes de exercitos regulares. Os de França tambem assim obravam, donde o proverbio *roupa de franceses*, para significar quanto lhes caia ás mãos. Mas, reciprocamente, ingleses e franceses, attribuiam-se taes pilhagens sacrilegas.

Nas duas nações, ora alliadas, para defenderem-se de outras, conquistadoras modernas, abundam as lendas dos sinos submergidos.

Na Normandia fazem remontar o prodigio á *Guerra dos Cem annos*. Os ingleses, após devastarem as costas, levavam as divicias sagradas em bateis, que eram tragados pelas ondas. Quando tentavam retiral-as do fundo das aguas, davam-lhes em cima os franceses, desbaratando-os. Depois, em dias solennes, de jubilo cultual, os sinos submergidos, espontaneamente, punham-se a sôar. E accedem lá que, em horas de firmamento limpido, quando o sol illumina a superficie equorea, vem-se ouvem-se os sinos, a carrilhonarem sobre as areias do abysso.

A lenda dos sinos submergidos é commum ás aguas de toda a natureza, e o phenomeno da resonancia, que constitue sua base, suggere, por desejo de explicação, as narrativas maravilhosas.

Dispensamo-nos de apontar quantas variantes ha, com applicações a diversos logares, assignalando tamsómente que a primeira explicação do phenomeno acustico, relativamente á mesma, data do fim do seculo XVIII, coincidindo perfeitamente em seus termos com a intuitiva de Ruy Ferreira.

Thomas Saint-Mars apresentou-a á *Academia celtica*, num memorial.

Em Herbauge dizia-se ouvir sinos sôarem no lago, todos os annos, á meia noite do dia de Natal; elle proprio observou tal sonancia, pela Natividade, em 1778.

Procurou, então, differentes posições, para destruir similhante illusão acustica, convencendo-se, por fim, de que os sons não eram outros senão os dos sinos da cathedral de Nantes, os quaes, atravessando os ares, ali ecôavam.

Debalde garantiu ao povo que só em noites de Natal, ou em quaesquer occasiões que sôassem fortemente os sinos de Nantes, sôariam ali tambem os pseudo submergidos desde 1200.

Mas ficou assentado para a gente de estudo que taes sonancias coincidem sempre com as grandes festas catholicas, achando-se no éco dos sinos das egrejas a explicação real dos pretendidos toques dentro de poços, lagos, rios, ou mares.

Vamos, agora, ás lendas locaes, em numero de duas tambem, a referir ligeiramente, sem grande lardo de commentos.

Em artigo, inserto na *Revista do «Centro»* registou-as Benedicto Octavio, a quem devemos tantas paginas de investigação paciente, que resurgem e illuminam a *Campinas antiga*, sempre querida a seu espirito bairrista.

Faltou-lhe apenas, — mesmo porque esse não era o objectivo do chronista illustre, — dar a filiação extrangeira de ambas a la par das explicações naturaes.

Nos fins do seculo XVIII, os moradores desta localidade, inicipiente povoado, ouviam ameude toques de sinos, ou de sinetas, partindo das florestas circumjacentes.

Os habitantes de *Campinas velhas* e immediações interpretavam esses toques, que suppunham necessariamente sobrenaturaes, como reclamos de um templo, a beneficio da christandade, á qual falleciam ainda os sacramentos. E trataram de fundar a primitiva egreja, onde se realizassem as cerimonias do culto catholico.

A explicação natural do caso está ainda no phenomeno acustico : os sons apparentemente extranhos, vindos dos

recessos das mattas, eram, nada mais, nada menos — écos de campainhas muito conhecidas, que os topeiros collocavam aos pescoços dos animaes. Estes, batendo a estrada, em demanda de Goyás, em seus movimentos, as agitavam ás vezes fortemente.

Nas terras do Velho Mundo, quer ao norte, quer ao sul, são resabidos os contos populares de *sinos nas florestas*, que não raro attraem e fazem perder-se as crianças curiosas e incautas. Entre os contos de Andersen, em curso no Brasil, encontra-se um delles, bem expressivo.

A segunda e ultima lenda é a dos sinos que *soaram por si mesmo* na Matriz velha, em 1835, quando se deu o julgamento do padre dr. Joaquim Anselmo de Oliveira, vigario da parochia, accusado de crime sacrilego.

Benedicto Octavio, que não pôde obter os autos do famoso processo, hoje em nossas mãos graças a um acaso feliz, acreditou que o reverendo fôra victima de perseguição dos senhores de engenho, devido a suas accentuadas idéas abolicionistas. Dos velhos papeis judiciarios, por nós manuseados cuidadosamente, infere-se apenas que intrigas de sacristía o levaram ao banco dos réos. Incontestavel, porém, é que o levita não roubara as joias dos santos, nem a grande lampada de prata, pela qual ficou designado vulgarmente o feito— *Processo do roubo da lampada*. O padre dr. Joaquim Anselmo de Oliveira, antes de abrir-se o juri, teria dito que um successo extraordinario, acontecimento maravilhoso, proclamaria, afinal, á face dos homens sua inteira innocencia.

Ora, no momento de lavrar-se-lhe a sentença absolutoria, por unanimidade de votos, os sinos da egreja parochial, inesperadamente, bimbalharam com vigor nunca dantes notado. O povo, surpreendido e admirado, crente num milagre, affluiu ao templo... Uma vacca carauna, que pastava no pateo da egreja, hoje Praça Bento Quirino, penetrara nos baixos da sineira, pondo-se a mascar a corda do sino, provavelmente por via do sal de que a empregnaram as mãos tangedor, no exercicio habitual.

Concluimos, pois, que a phrase emprestada ao sacerdote, intelligencia assás lucida, o foi *post factum*, resultado de assimilação imperfeita, ou analogica, por parte do povo, de fabulas peregrinas.

Effectivamente, o sino de Saint Quay teve longo tempo, si já não tem mais, a reputação de denunciar os larapios. E diz-se ainda que em Guingamp, quando os ladrões querem despojar de seus ricos adornos a nossa Senhora de Rochefort, um sino sôa por si só, rerevelando o sacrilegio. Existem eguaes tradições na Peninsula Iberica.

Si o sino da Campinas de outr'ora houvesse sôado a tempo, as santas da Matriz velha não se veriam privadas de seus resplandores e pingentes de crysolidas, nem o bom do parocho soffreria a injustiça do aleive, nas humilhações por que passou.

Mas, si todas os sinos de um país muito nosso conhecido sôassem sempre que se perpetram delapidações, os casos de hemorrhagia auricular seriam sem conto . . .

Estas palavras, refluindo amarguras individuaes, de tempos idos, ou accenando a collectivas, da hora presente, não devem cerrar a nossa desconsolada palestra.

Dar-lhe-emos remate aureo, mediante collaboradores distinctos: o academico Azael Alvares Lobo vai cantar uma invocação aos sinos, em duodecasylabos de Olavo Bilac, musicados pelo professor Elias Lobo Netto, que o acomnhará ao piano:

Plangei sinos! A terra ao nosso amor não basta,
Cansados de ansias vis e de ambições ferozes,
Ardemos numa louca aspiração mais casta,
Para transmigrações, para metempsychoses!

Cantae, sinos! D'aqui, por onde o horror se [arrasta,
Campas de rebelliões, bronzes de apotheoses,
Badalae, bimbilhae, tocae a esphera vasta!
Levae os nossos ais rolando em vossas vozes!

Em repiques de febre em dobres, a finados,
Em rebates de angustia, ó carrilhões dos cimos,
Tangei! Torres da fé, vibrae os nossos brados!

Dizei, sinos da terra, em clamores supremos,
Toda a nossa tortura aos astros, de onde vimos,
Toda a nossa esperança aos astros, aonde [iremos!

CAMPINAS EM 1819

Agostinho Francisco Cesar (dito Augusto) de Saint Hilaire, nasceu em Orleans, em 1799, e ali falleceu, em 1853.

De familia illustre, cujos descendentes se deviam notabilizar nas sciencias, teve decidido pendor para a historia natural, em que se devia notabilizar tambem.

Em companhia do duque de Luxemburgo, acreditado perante a côrte portuguesa no Rio de Janeiro, offereceu-se-lhe occasião de visitar nosso país, e nelle permaneceu durante um sexennio viajando continuamente. O dia 1 de Junho expirante marcou o primeiro centenario de seu desembarque na formosa Guanabara, que tanto havia de exaltar.

Dos estudos que fez nas differentes zonas do Brasil publicou obras varias sob o titulo de VIAGENS, distinctas pela justeza das observações, pelo bom senso dos commentos e pela sympathia no modo de apreciar homens e cousas, nesses ultimos tempos do periodo colonial.

Entrado em S. Paulo, no anno 1819, Saint-Hilaire dirigiu-se á capital pela antiga estrada do sertão, passando, entre outras, pelas povoações de Mogy-Guassú, Mogy-Mirim, S. Carlos (Campinas) e Jundiahy.

Comquanto nem sempre dê a seu diario uma ordem chronologica, póde-se conjecturar, mediante referencias anteriores e posteriores á respectiva estada em Campinas, que á mesma chegou elle na tarde do dia 23 de Outubro de 1819, sabbado, aqui tendo passado o domingo, 24, continuando a viajem a 25, segunda-feira.

Eis a narração do hospede illustre relativa a antiga Villa de S. Carlos.

. . . . . .

Chegado a Campinas, estabeleci-me, na entrada da cidade, sob um vasto *rancho* coberto de telhas e cercado de muros solidos feitos de taipa. Desde este logar até S. Paulo conta-se um certo numero de ranchos que foram construidos da mesma maneira; chamam-se *reiunos*. A administração tinha occorrido a suas despesas, e a este respeito merecia os maiores elogios. Era conceder assignalada protecção á agricultura assim subtrair as caravanas á cupida incuria dos proprietarios e incumbir-se de preservar de uma deterioração, infelizmente muito facil, os ricos productos da terra. Prouvesse aos céos que deste modo se applicasse a favorecer o commercio e os esforços dos agricultores!

Apenas me havia installado sob o *rancho* de Campinas, e já tres caravanas de bestas carregadas com assucar ahi vieram alojar-se egualmente.

E' á fabricação do assucar que Campinas deve a sua origem. Julgou-se durante muito tempo que as terras pretas dos arredores de Itú eram as unicas de toda esta parte da provincia que fossem adequadas á cultura da canna. Entretanto, mau grado o preconceito estabelecido, algumas pessoas tentaram, cerca do anno de 1770, plantar essa graminea nos terrenos de um vermelho escuro que dependem do *termo* actual de Campinas. O exito coroou seus trabalhos, e em breve seu exemplo foi seguido por um grande numero de agricultores. Construiu-se, sob a invocação de *Nossa Senhora da Conceição* (1), uma egreja onde a missa foi celebrada pela primeira vez em 1776 (2); uma aldeia se formou e foi chamada *Campinas* (vastas campanhas); breve, a egreja da Conceição tornou-se parochial; em 1797, o capitão-general Antonio Manuel de Mello Castro e Mendonça erigiu em cidade e em cabeça de *termo*, sob o nome de *S. Carlos*, a nova aldeia, que até então tinha pertencido ao *termo* de Jundiahy. Foi a *juizes ordinarios* nomeados pelo povo que se confiou a administração da justiça. De 1818 a 1823 a villa de S. Carlos ou Campinas teve um crescimento sensivel; seus progressos foram ainda mais notaveis depois que o Brasil se tornou independente, e em 1840 o governo provincial de S. Paulo lhe deu o titulo de cidade de *S. Carlos* (3).

---

(1) Tal é o nome que Luiz d'Alincourt e Pizarro dão a esta egreja. (MEM. de VIAJ. 34. — MEM. HIST., VIII, 302) e sabe-se quanta confiança merece o ultimo desses escriptores em tudo quanto se refere ás egrejas do Brasil.

(2) Luiz d'Alinc., I c.

(3) Müll. e Mor., Dicc., I, 223.

Por occasião de minha viajem, o nome official não tinha prevalecido ainda, e parece que hoje mesmo falta muito para que elle seja geralmente adoptado, pois sómente se encontra o de *Campinas* nos documentos dos presidentes da provincia dirigidos á assembléa legislativa (*Relatorios*, etc. 1845, 1847). (1).

Numa extensão de cerca de 8 *leguas*, o termo de Campinas comprehendia, em 1819, mais ou menos 6.000 individuos (1) e em 1838 ahi se contavam 6.689 habitantes, entre os quaes 3.917 escravos, tanto negros como mulatos. O crescimento da população, por consequencia, tem sido, proporção guardada, muito menor aqui do que em muitas outras partes do Brasil, mas ninguem se deve admirar com isso: este termo, encerrado em limites estreitos, estava já muito povoado em 1819; não admittia mais immigrações importantes, e no estado actual das cousas as terras de fazendas de assucar não são susceptiveis de grandes divisões.

A cidade de Campinas é cercada de matto por todos os lados. As ruas não têm muita largura; as casas são novas (1819), proximas umas das outras, cobertas de telhas e construidas, na maior parte, com terra soccada (*taipa*); varias entre ellas podem passar por muito bonitas. A egreja parochial, pequena e mesquinha (1819), ergue-se numa praça que fórma um quadrado longo. Por occasião de minha viajem, construia-se de todos os lados, e era facil de ver que a cidade de Campinas adquiria em breve uma importancia notavel.

Pela maior parte, os habitantes dos arredores de Campinas são agricultores. E', de toda a provincia de S. Paulo, o *termo* que produz mais assucar. Desde 1819 ahi se encontrava uma centena de fazendas de assucar, nellas comprehendidas as distillarias, e em 1838 contavam-se 93 engenhos de assucar, propriamente ditos, em um numero egual

(1) Eis como se exprime um anglo-americano a respeito da mudança do nome de Campinas:

> «Embora admire o nome de *S. Carlos*, tanto quanto o de qualquer santo do calendario, não posso reconciliar-me com o systema de nomenclatura local que a politica sacerdotal impôz aos brasileiros, a despeito de seu juizo e de seu bom gosto. Si a harmonia, o sentido, a variedade são qualidades desejaveis nos nomes proprios, é difficil encontrar nada de mais perfeito que os dos rios, das montanhas, dos diversos logares da America, seja do Norte seja do Sul». Kidder, Sketches, I, 364.

Eu disse alhures quanto á lingua dos indios offerece vantagens e deploro, com Kidder, a suppressão de alguns dos nomes que lhe tinham sido emprestados. Não se deve, entretanto, exagerar a harmonia desta lingua; assim, quando aos nomes de *Itapetininga, Azaraquara, Itaquaquecetuba, Pindamonhangaba, Guaratinguetá* se tivessem substituido os de alguns santos do calendario grego, ou romano, parece-me que não haveria muito que lamentar.

Não tenho dissimulado os erros do clero brasileiro; mas, por isso mesmo, creio dever justifical-o daquelles que elle nunca teve.

Os portugueses, que eram catholicos, olhavam os santos como intercessores e punham sob sua protecção os logares que descobriam; chegar-se á beira de um rio no dia da festa de um santo, era o nome deste que se dava ao rio; agindo-se deste modo, obedecia-se simplesmente á propria fé, não se cedia a nenhuma combinação politica, a violencia alguma, e não se pensava de modo que fizesse o sacrificio de proprio bom gosto e do proprio juizo.

Este uso era ainda conservado em meu tempo. Julião Fernandes Leão chegou ás margens do Jequitinhonha no dia de S. Miguel; não estava, por certo, sob a influencia de padre algum, e deu o nome de S. Miguel á aldeia cujos fundamentos lançou. (Viajem nas provincias, *etc.* II).

De mais, si os primeiros paulistas mudaram alguns nomes pertencentes á *lingua geral*, pediram emprestados muitos outros a essa lingua. Em todo o caso, parece-me que a mudança de Campinas em S. Paulo pouco prova contra a suppressão dos nomes indios, pois Campinas é uma palavra portugueza. Prova ainda menos contra a idéa de honrar os santos substituindo seus nomes a outros mais antigos, pois não foi de modo algum em memoria de S. Carlos, arcebispo de Milão, que se trocou o nome de Campinas pelo de S. Carlos, mas para fazer honra á rainha D. Carlota Joaquina, esposa de João VI (Luiz d'Alinc., Mem. 34), como os francezes, chamando *Santa Amelia* a uma aldeia da Algéria, sómente haviam pensando em Maria Amelia, então sua rainha.

Quanto ás pilherias dirigidas contra o catholicismo e com as quaes Kidder termina seu artigo sobre Campinas, nada direi; ellas não pertencem a nosso seculo, em que as diversas communhões christaas sabem respeitar-se, e si, por acaso, algum catholico com ellas se offendeu, eu o remetteria á passagem tão nobremente escripta, pela qual o mesmo autor começa o seu livro e que todos os christãos lerão com prazer.

(1) Em 1822, Pizarro indica 3.999 almas para toda a parochia (Mem-hist., VIII, 303) e esta conta a mesma extensão do *termo*.

de estabelecimentos onde se fabricava aguardente. (1) Entre os proprietarios dessas fazendas *(senhores de engenhos)* (2), ha alguns muito ricos; Luiz d'Alincourt nomêa um (3), entre outros, cuja renda não se elevava, em 1817, a menos de 80.000 cruzados (200.000 francos).

Os estabelementos que se consideravam, por occasião de minha viajem, como tendo alguma importancia, empregavam cerca de vinte escravos, e assegura-se que com este numero se faziam facilmente 2.000 arrobas de assucar (29.480 kilos).

Quanto mais vermelha a terra, mais favoravel é á cultura da canna. Esta produz durante tres annos consecutivos (4). Depois é arrancada e substituida.

Terras boas, após terem sido desguarnecidas de matta virgem, produziram durante 20 annos; no vigesimo anno pareceram fatigar-se; deixaram-nas repousar tres annos; mas ainda se não sabia, por occasião de minha viajem, si desta segunda vez ellas produziriam sem interrupção durante um espaço de tempo tão consideravel como da primeira vez.

Tudo o que precede prova que, si o solo do *termo* de Campinas não eguala ainda em fecundidade ao dos Campos dos Goytacazes, é, entretanto, mais fertil do que são geralmente as regiões de Minas Geraes, onde se planta a canna de assucar.

Creio poder garantir os informes que dou aqui sobre as terras de Campinas, pois os recebi do *capitão-mór* desta cidade e de um ecclesiastico que parecia não ser desprovido de instrucção.

Alguns proprietarios do *termo* de Campinas possuem (1819) tropas de burros, de que se servem para expedir seu assucar até o porto de Santos; outros recorrem a arreeiros que se encarregam do transporte á razão de 340 e 400 réis (2 francos a 2 francos 50) a arroba (14 kils. 74).

As caravanas gastam 12 dias para fazer a viajem. Cada animal carrega 8 arrobas divididas em dous saccos, cada um dos quaes está encerrado num grande cesto de bambú *(jacá)*. Estes ultimos são achatados e mais ou menos quadrados, quasi similhantes áquelles em que se transportam os queijos de Minas Geraes para a capital do Brasil (1).

Na tarde do dia em que cheguei a Campinas, fui fazer visita ao *capitão-mór* desta cidade, que me recebeu muito bem e me convidou para jantar no dia seguinte. Apenas eu tinha entrado, logo me convidaram para tomar, á maneira de chá, uma decoção de *maté* (2) ou herva do Paraguay. Como se verá pelo seguimento, esta bebida acabou por me parecer deliciosa; mas, desta vez, achei-a pouco agradavel, seja que a *herva*, como dizem no país, não fosse de boa qualidade, seja que eu tivesse necessidade de acostumar-me a ella.

A casa do *capitão-mór*, que era nova e muito bonita, annunciava que farte que o proprietario gosava de grande abastança. O salão e a sala de jantar, unicos commodos que me mostraram, tinham muros pintados á maneira de marmore até a altura do peitoril das janelas; depois eram branqueados até o forro; abaixo deste existia um cordão de flores. Nesta época, tal genero de decoração, que não deixa de ter certa elegancia, parecia estar bastante em uso entre os brasileiros ricos.

O dia seguinte ao da minha chegada a Campinas era um domingo; vi passar diante do *rancho* um grande numero de lavradores, homens e mulheres, que vinham, a cavallo, assistir á missa; a cidade encheu-se de povo.

Aqui, como em todo o interior do Brasil, as mulheres andam a cavallo do mesmo modo que os homens. Quando ellas montam, trazem á cabeça um chapéo de feltro e vestem uma especie de

(1) Pedro Müller, Ensaio, 4.

(2) Viajem na provincia rio de janeiro, *etc.* 57.

(3) Mem. de viaj. 37

(4) Dá-se, no Brasil, o nome de *planta* á primeira producção da canna de assucar; a segunda chama-se *soca* e a terceira *resoca*.

(1) Vide minhas Viajens a's origens do Rio S. Francisco, I, 72.

(2) Aqui e em outros logares escrevo esta palavra *(maté)* como se deve pronunciar em francês.

amazona feita ordinariamente de panno azul.

Depois de Mogy, não encontrei um homem, principalmente um cavalleiro, que não tivesse o seu *ponche*, vestimenta cuja descripção já fiz. Durante a missa, as mulheres de Campinas tinham, como as do littoral, o corpo e a cabeça envoltos num longo manto de estofo negro.

Além de Campinas o caminho continúa a atravessar a matta virgem que eu havia começado a percorrer nos dias precedentes.

Quasi por toda parte tinham cortado as arvores, á direita, e a esquerda, até a uma certa distancia, afim de que o ar, circulando com mais liberdade, seccasse facilmente a terra.

Passei diante de varias palhoças e diante do *rancho de Jurubatuba*, construido do mesmo modo que o de Campinas a custa do thesouro real; depois, 4 leguas feitas, detive-me no logar chamado *Capivary* (1).

O rancho que se via neste ponto tambem tinha sido construido por conta do fisco; era extremamente grande e podia receber uma quantidade immensa de mercadorias, mas estava cheio de pó e de excrementos, no meio dos quaes pullulavam as pulgas e os bichos de pé (*chique*).

Ao fim de alguns instantes o meu pessoal teve os pés e as pernas cobertos por esses insectos, e minhas botas só me puderam garantir muito imperfeitamente. A alguns passos do rancho de Capivary, havia uma pequena fazenda onde se vendia milho aos viajantes.

Fiz ao proprietario algumas censuras pelo facto de não mandar varrer o *rancho* de que tirava vantagens e de deixar devorar os viajantes pelos insectos malfazejos.

— Quem é que faz varrer o seu rancho? respondeu-me elle num tom grosseiro.

. . . . . .

(Aug. de Saint-Hilaire, VOYAGE DANS LES PROVINCES DE SAINT PAUL ET SAINTE CATHERINE, vol. I, pgs. 206 *usque* 213).

(1) *Capivary* significa o rio do *cabiai*; é um nome que se encontra no Brasil em muitos logares differentes.

Notas do traductor

(1—2) — O autor, quasi sempre seguro, aqui se equivoca quanto a datas e factos.

A primitiva Campinas, situada no caminho do sertão, era um pouso. Sesmeiros e tropeiros formaram um povoado no logar e, naturalmente, fizeram as plantações a que Saint-Hilaire allude (1739).

D'ahi, a creação da parochia (1774), chamada, por inteiro, N. S.ª da Conceição das Campinas de Matto-Grosso, nome do local.

A data da missa merece corrigenda. Esse acto devia ter-se realizado em 1774, anno da fundação da freguezia, e, provavelmente, a 14 de Julho data do primeiro assento de baptismo. Sendo o catechumeno neto de Barreto Leme, o fundador da povoação, é de suppôr que no mesmo dia se verificasse a primeira missa.

Saint-Hilaire confunde, outrosim, em relação a Campinas, as designações *village*, *ville* e *cité*, que têm valias proprias. Assim, a verdade é que o *povoado* de Campinas, elevado a parochia em 1774, foi *villa* em 1797, com o novo nome de S. Carlos, e *cidade* em 1842, com o antigo nome, como adiante diremos.

Quanto á administração local, refere-se o autor á *juizes ordinarios*. E' bom esclarecer que os conselhos municipaes, *apud* ORD., Liv. I, Tits. 66 e 67, se compunham de seis membros que administravam o Municipio cada anno, sendo dois *juizes ordinarios*, que serviam alternadamente, mês a mês; tres simples vereadores, e o ultimo procurador da Camará.

(3—4) — Por lei n. 5, de 5 de Fevereiro de 1842, foi a villa de S. Carlos elevada á categoria de cidade, retomando o nome de Campinas. Não admira, pois, que esse nome estivesse consignado nos documentos officiaes que o autor cita. E' que o de S. Carlos havia desapparecido.

Ainda a respeito da denominação de S. Carlos, dada á parochia de Campinas, occorre ligeira rectificação.

Foi Luiz d'Alincourt, que nos conste, o primeiro a affirmar que tal nome se dera á villa novel em homenagem á famigerada rainha D. Carlota Joaquina.

Isto passou em julgado até que, na publicação dos DOCUMENTOS INTERESSANTES PARA A HISTORIA DE S. PAULO, do Archivo publico, veiu a lume um relatorio do capitão general Antonio Manuel de Mello Castro e Mendonça declarando que havia dado o nome de S. Carlos a uma nova villa (1797), no primeiro dia dos festejos pelo nascimento de «uma serenissima infanta».

Ora, esse dia era 4 de Novembro do anno citado, dia do onomastico de D. Carlota Joaquina, é certo, mas, por isso mesmo consagrado ao caridoso arcebispo de Milão, São Carlos Borromeo, aliás padroeiro do reino português.

(5) — Trata Saint-Hilaire, em referencia á população local, do ENSAIO ESTATISTICO, do coronel Pedro Müller, publicação official do tempo (1838), mas nem por isso completa, pelo menos em relação a Campinas.

Passamos a demonstral-o.

Dos 6 districtos em que se dividia o Municipio, apenas dous corresponderam ao appello, como se vê do archivo da Camara e do proprio livro publicado, á pag. 42. O calculo da população local, á mingua de informes, foi puramente hypothetico. Aliás, em materia de estatistica, não ha terra menos feliz do que Campinas.

De documentos que temos á vista, e são fidedignos, extraïremos, para edificação dos leitores, o quadro seguinte, relativo ao assumpto e contradictorios entre elles. Por esses documentos, a população de Campinas era:

Em 1826	7.684	habitantes
Em 1832	9.245	»
Em 1833	7.399	»
Em 1838	6.889	»

Uma verdadeira balburdia!

(6-7-8) — *Tafiá*, aguardente, escreve o autor. Distinguir de *ratafiá*, bebida feita com aguardente e plantas aromaticas. *O senhor do engenho* era Luiz Antonio de Sousa Barros, coronel de milicias, ao tempo, e proprietario da fazenda *Monjolinho*, notabilizada pela revolução de 1842, e quiçá possuidor de outras.

(9 — 10) — São exactas, não ha duvida, as informações a respeito da cultura da canna de assucar em nossa erra. Pena é que o autor não declarasse qual o sacerdote que lh'as forneceu. Seria o vigario, padre Joaquim José Gomes, que serviu de 1797 a 1832, quando falleceu, ou o padre Aranha (José Francisco Barreto de Camargo), aqui domiciliado desde principios do seculo até 1839, anno de sua morte? Ao capitão-mór adiante nos referiremos.

E' tambem necessario esclarecer, quanto aos calculos do original, que o franco valia então 160 réis (que differença do de hoje!), e que a arroba que cita é, mais ou menos, a medida exacta, si bem que a arroba decimal, usada no commercio, seja de 15 kilogrammos redondos.

O capitão-mór de Campinas era João Francisco de Andrade, natural de Parnahyba; occupou o cargo desde sua eleição, em 1804, até a promulgação da Constituição Brasileira, que extinguiu a celebre instituição creada pelo despotismo colonial. João Francisco de Andrade, fallecido em Campinas, deixou prole numerosa e illustre, e entre os seus descendentes directos contou-se o coronel José Franco de Andrade, de quem resta, injustamente, pouca memoria.

Entretanto, é tradição em familia respeitavel que o hospedeiro de Saint-Hilaire foi o sargento-mór Floriano de Camargo Penteado, oriundo de Cotia, e a quem chamavam tambem capitão-mór, conforme sua qualificação como testimunha no processo criminal ao p.e dr Joaquim Anselmo de Oliveira, em 1835; mas não sabemos ainda por que. Este digno cidadão foi, por sua vez, ancestral de gente distincta, e morava naquella época, em predio da rua hoje denominada Barreto Leme, predio que é a actual residencia do sr. coronel Manuel de Moraes.

—

Na traducção, a que appômos estas notas, conservaram-se todos os gryphos do original francês.

Os versos áureos de Pithágoras

(Da traducção francêsa de Fabre d'Olivet)

PREPARAÇÃO

Dispensa aos Deuses immortaes o culto
  Que é, por lei, entre os homens consagrado.
A seguir, tua fé conserva e aviva.
Dos Heróes bemfeitores a memória
  Venera, assim como a dos semi-Deuses.

PURIFICAÇÃO

Sê bom filho, irmão justo, espôso terno,
  E sê, da mesma fórma, pai bondoso.
Diligencía ter por teu amigo
  Quem mais amigo seja da virtude,
  E aos seus conselhos delicados cede,
  E a sua vida judiciosa imita.
Por leve offensa ao teu melindre apenas
  Não fujas delle, si te fôr possivel,
  Porque uma lei existe que á Vontade
  Liga sempre implacavel a Fortuna.
Mas, como o dom te fosse concedido
  De combater e de vencer na lucta
  As paixões do teu animo revôlto,
  Trata de reprimil-as e domal-as.
Sê casto, activo e sóbrio. Evita sempre
  A cólera. Jámais á luz do dia,
  Jámais por entre a escuridão da noite
  Qualquer falta perpetres. Sobretudo,
  Convem que te respeites a ti mesmo.
Sem meditar, não obres, nem pratiques,
  Para que sejas, dêsse modo, justo.
Do poder invencivel não te esqueças
  Que o fio corta, quando quer, da vida;
  E nem te esqueças de que as honras todas,
  De que todos os bens aqui da terra
  Vêm facilmente quando o sol reponta,
  Vão facilmente quando o sol descamba.
Com relação aos males que o Destino
  Comsigo traz inevitavelmente,
  A ti primeiro discernil-os cumpre,
  Depois de os discernir, então julgal-os,
  Mas bem soffrel-os, como quer que surjam,
  Na ànsia de os minorar o quanto possas;
  Porque jámais os Deuses desamparam,
  E aos males nunca os Deuses abandonam
  Quem com prudência vive, e com cautela.

O Èrro tambem possue adoradores,
Tão cheios de fervor, tão convencidos
Como os adoradores da Verdade.
O sábio approva, ou, cauteloso, ensina;
Mas, si o Èrro vence, êlle se afasta e espera.
Éstas minhas palavras escutando,
Grava-as no coração e na memória:
Fecha os teus olhos, tapa os teus ouvidos
Á Prevenção, sem nunca descerral-os.
Porque nem sempre é de imitar o exemplo
Da incerta e fragil creatura humana,
Tem tu das cousas opinião segura,
Nascida do teu próprio raciocínio;
E, sendo assim, procura esclarecer-te,
E livremente, mas sereno, escolhe,
Sereno, delibera livremente.
Deixa que os cégos e insensatos obrem
Sem razão, sem um fim, sem uma causa;
E do presente, em que diligencias,
Não te descuides, não, um só momento
De apascentar os olhos no futuro.

Vendo, medindo, examinando a carga
Que vais impôr nos combalidos hombros,
Fazer não tentes o que não souberes.
Instrue-te, na certeza de que tudo
Se concilia com a constancia e o tempo.

Vela a tua saúde, que é preciosa,
Proporcionando commedidamente
Trigo ao corpo e ao espírito repouso.
Já que os excessos a censura incitam,
Reprime a demasia e evita a falta.
Têm o luxo e a avareza eguaes perigos,
Convindo em tudo um meio termo justo.

PERFEIÇÃO

Quando, findo o repouso, despertares
Do teu nocturno e costumado somno,
Calmamente examina tudo quanto
Deverias fazer e não fizeste,
Deverias cumprir e não cumpriste.
E nunca o somno as pálpebras te cerre
Sem que teus actos todos rememores:
Si do bem foi a estrada percorrida,
Insiste em percorrer a mesma estrada;
Corrige-te, porêm, sem mais detença,
Si, em vez do bem, o mal tens commettido.
Medita com amor os meus conselhos
E resolutamente segue-os todos,
Porque êlles todos poderão levar-te
Ás virtudes excelsas e divinas.

Quanto aqui digo, juro por Aquelle
Que em nossos corações tem esculpido
A Tétrada sagrada, — emblema puro,
Symbolo puro e, sôbre puro, immenso,
— Da Natureza singular princípio,
Com ser modelo singular dos Deuses.
Antes, porêm, de tudo, a alma, cumprindo
O seu dever, invoque ardentemente
Os mesmos Deuses, de quem póde o auxílio
Pôr termo ás tuas começadas obras.
Instruido por êlles, os enganos
Não te hão de, imbelle, arrebatar na vida.
A essência sondarás de muitos sêres,
Conhecendo o princípio e o fim das cousas.
Queira o Céo, e verás que a Natureza,
Que é, na verdade, similhante em tudo,
Tambem é sempre a mesma em toda parte.
Senhor dos teus authênticos direitos,
Ha de pulsar-te o coração tranquillo,
Sem tolas illusões, sem vãos desejos.
Has de ficar seguro de que os males,
Que a humana espécie humanamente premem,
São fructos naturaes da sua escolha;
E has de, egualmente, vêr que os infelizes
De si distante todo o bem procuram
De que êlles são a verdadeira fonte.
Poucos, mui poucos ser felizes sabem
No turbilhão da vida! Náu sem rumo,
Batida sempre por contrárias ondas
Em fundo mar de praias infinitas,
Brinquedo das paixões e do exagêro,
O homem não cede, nem resiste a nada.
Deus, oh Deus! vós podieis, si quizesseis,
Salval-o, abrindo-lhe, a seguir, os olhos;
Mas tal não deve acontecer, por isso
Que a todo humano, que é divino, cumpre
Vêr a Verdade e discenir os Êrros. . .
A Natureza presta auxílio aos homens;
E, dentre os homens, tu que a penetraste,
Homem prudente, homem feliz, respira!
Emfim, respira no almejado porto!
Segue, no emtanto, as leis que estabeleço,
Segue-as e foge a quanto possa, em vida,
Encher tua alma de sinistras sombras,
Tudo, porêm, revendo e examinando.
E deixa no teu corpo a intelligência
Reinar, agora, com soberania,
Para que, conquistando ethéreas plagas,
No grave seio encantador e augusto
Dos Immortaes tambem sejas um Deus!

ARISTÊO SEIXAS,
da Academia paulista de letras.

8.05

30 de Setembro e 31 de Dezembro de 1916 ** Brasil. Estado de S. Paulo ** N.os 44 e 45

UNIVERSITY OF ILLINOIS LIBRARY

REVISTA

— do —

Centro de Sciencias, Letras e Artes

— de —

CAMPINAS

ORGAM TRIMESTRAL DO INSTITUTO

Redactor-gerente: Alberto Faria

ANNO XV — FASC.os III e IV

Summarios

I — *Imprensa em Campinas* — Alberto Faria

II — O "*Collegio internacional*" *e seus fundadores*. Primordios do ensino norte-americano no Brasil — Erasmo Braga

III — *Alvares Machado* — Benedicto Octavio

IV — *Homens e aspectos*. Coronel Joaquim Quirino dos Santos — Julio Mesquita

V — *Noticiario*.

(O n.o 44 contem 20 illustrações)

I — *Campinas em 1873*.

II — "*In memoriam*" *do general Francisco Glycerio*: discursos — Heitor Penteado, Antonio Lobo, Antão de Moraès

III — *Campinas em 1880*

IV — *Antonio Carlos Gomes*. Notas para um estudo biographico — Benedicto Octavio

V — *As andorinhas de Campinas* — Alberto de Oliveira

(O n.o 45 contem 16 illustrações)

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao CENTRO DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES.

CAMPINAS — Rua da Conceição — CAIXA, 76.

1916

TYP. DA CASA GENOUD

CAMPINAS

ANNO XV. CAMPINAS, — Est de S. Paulo — Brasil. N. 44

REVISTA DO CENTRO DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

(ORGAM TRIMESTRAL)

O CENTRO não se responsabiliza pelas opiniões de seus collaboradores, concedendo-lhes toda a liberdade.

Esta revista, orgam do CENTRO DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES, é assignada na séde social, em **Campinas,** á rua da Conceição. Caixa Postal, 76.

DIRECTORIA

Presidente — **dr. Carlos Stevenson**
Vice-Presidente — **dr. Julio de Arruda**
Secretario Geral — **Erasmo Braga**
1.º Secretario — **Annibal Freitas**
2.º » — **Henrique Serra**
Thesoureiro — **João Nogueira Ferraz**
Orador — **dr. Antão de Moraes**

30 de Setembro de 1916

Assignatura annual . . . 5$000
Numero avulso . . . . . 2$000

Annuncio de 1 pagina . . 8$000
" " ½ " . . 5$000
" " ¼ " . . 3$000

REDACTOR-GERENTE — ALBERTO FARIA

Commissões auxiliares

DE MATHEMATICA E ASTRONOMIA

Drs. José Augusto Quirino dos Santos, Antonio Rodrigues Alves Pereira e Mariano Montisanti.

DE ENGENHARIA

Drs. Francisco Paes Leme de Monlevade, Manoel da Rosa Martins e Horacio Antonio Costa.

DE PHYSICA E CHIMICA

Prof.or Annibal Freitas, Drs. Guilherme Bolliger e Eugenio Decourt

DE ZOOLOGIA E BOTANICA

Prof.or Paulo Decourt, Adolpho Hempel e Dr. José Barbosa de Barros.

DE AGRICULTURA E ZOOTECHNIA

Dr. Candido Ferreira de Camargo, Joaquim Egydio de Sousa Aranha e João Franco de Andrade.

DE GEOGRAPHIA, HISTORIA E DEMOGRAPHIA

Prof.es Jorge Nogueira Ferraz, Floriano P. de Azevedo Marques e dr. Alfredo Monteiro de Carvalho e Silva.

DE SCIENCIAS MEDICAS

Drs. Francisco Betim Paes Leme, Celso da Silveira Rezende e Antonio de Arruda Camargo.

DE SCIENCIAS SOCIAES E ECONOMICAS

Drs. Heitor Teixeira Penteado, Everardo Toledo Bandeira de Mello e Victor Brenneisen,

DE SCIENCIAS JURIDICAS

Drs. Antonio Alvares Lobo, Servilio de Abreu Soares e Omar Simões Magro.

DE LITERATURA

Dr. Thomaz Alves Filho, Alberto Faria e Benedicto Octavio.

DE PHILOLOGIA

Alberto Faria e prof.es Basilio de Magalhães e dr. Ernesto Kuhlmann.

DE ARTE

Dr. Joaquim Alvaro de Sousa Camargo, Octavio Netto e Ruy Martins Ferreira.

DE BIBLIOTHECA E MUSEU

Dr. Salustiano Penteado, Erasmo Braga e Henrique Serra.

DE JUSTIÇA, LEGISLAÇÃO E CONTAS

Dr. Tito Joaquim de Lemos, Gustavo Robbe e Ernesto de Sousa Lima.

DE SYNDICANCIA

Comm. Jeronymo de Campos Freire, Antão de Paula Sousa e Paulo Decourt.

DE ESCRIPTURAÇÃO TECHNICA

Felix da Cunha, Oscar de Paula e Adalberto de Oliveira Maia.

PROGRAMME

Cette Société d'encouragement pour la culture des Sciences, des Belles Lettres et des Arts, fondée à Campinas, après avoir fait appel à tous les esprits éclairés du Brésil, a été inaugurée le 31 Octobre 1901.

Le programme qu'elle prétend suivre est le suivant:

I — Encourager, chez ses associés, l'étude et le développement des branches ci-dessus indiquées, en réservant ses soins spéciaux aux sciences naturelles.

II — Développer le goût de l'étude, de l'idiome portugais et de la littérature, traditions, *folklore* (légendes) et poésies nationales.

III — Étudier l'Art au Brésil, même chez les indiens, depuis sa découverte jusqu'à nos jours; accompagner l'évolution artistique nationale et étrangère.

IV — Inspirer le goût de ces études et de leurs applications, de façon qu'elles puissent contribuer, soit directement, soit indirectement, au progrès du Brésil.

V. — Stimuler les excursions scientifiques; en décrire les résultats et les recherches: élaborer des mémoires sur les études et observations faites.

VI. — Maintenir une Bibliothèque et un Musée à l'usage des membres de la Société.

VII. — Faire des conférences sur les matières ci-dessus indiquées, et s'occuper de tous les sujets qui aient pour but le développement économique et social du Brésil

VIII. — Publier tous les trimestres une Revue qui sera le fidèle rapporteur de la vie officielle du "Centre"

IX. — Tenir des réunions hebdomadaires, où il sera traité des intérêts de la Société et de son développement.

X. — Entretenir des relations scientifiques suivies avec les Sociétés congénères, tant au Brésil qu'à l'étranger.

XI. — S'occuper de tout ce qui a rapport à la médecine en général, mais spécialement à celle qui se rattache à la région de cet Etat.

XII. — Vulgariser l'étude des maladies de plantes et d'animaux; répandre des conseils prophylatiques et des moyens de combattre ces maladies.

XIII. — Propager l'enseignement des sciences naturelles, afin qu'il devienne effectif dans toutes les écoles du Brésil.

XIV. — Employer tous les efforts pour obtenir la promulgation et la mise en exécution de lois rurales et forestières et de toutes mesures qui auraient trait à la protection et à la conservation de la Flore.

XV. — Tâcher d'obtenir toutes les mesures officielles, tendantes à la conservation de la Faune et à la réglementation de la chasse et de la pêche.

XVI. — Contribuer à la diffusion scientifique des richesses naturelles du Brésil et, en particulier, de celles de l'Etat de S. Paul.

XVII. — Donner des soirées artistiques et littéraires dont le but sera de propager et de maintenir le goût pour l'Art et la Littérature.

XVIII. — Permettre l'entrée libre de la Bibliothèque et du Musée à la jeunesse studieuse presentée par un associé.

XIX — S'occuper d'investigations historiques et géographiques en général, et spécialement des recherches de même nature se rapportant au Brésil.

XX. — Contribuer aux progrès de l'Agriculture et de l'Elevage au Brésil.

O Centro tem por fins:

1 — Promover entre os socios o estudo e o desenvolvimento de todos os ramos das Sciencias, das Letras e das Artes, com especialidade das Sciencias Naturaes.

2 — Procurar despertar o gosto pelos estudos da lingua vernacula, e egualmente pelas tradições, fabulario e poesias nacionaes.

3 — Estudar a arte no Brasil, inclusivé a indigena, desde os primeiros tempos historicos até os nossos dias, acompanhando de perto as evoluções no paiz e no extrangeiro.

4 — Desenvolver no Estado o interesse por taes estudos e suas applicações que, directa ou indirectamente, possam concorrer para o progresso patrio.

5 — Promover excursões scientificas, descrevendo seus resultados, e elaborando memorias dos estudos e observações feitas.

6 — Manter o museu e uma bibliotheca para uso dos socios.

7 — Realizar conferencias, tornando publico o interesse pelas Sciencias, Letras e Artes, e debatendo questões que digam com o desenvolvimento economico e social do Brasil.

8 — Publicar, de tres em tres meses, esta Revista, servindo de repositorio de todos os actos do «Centro».

9 — Celebrar reuniões semanaes afim de manter constante a acção que constitue o programma social.

10 — Entreter assidua correspondencia com os institutos congeneres nacionaes e extrangeiros.

11 — Tratar de assumptos de medicina em geral, com especialidade daquelles que mais interessem ao Estado de S. Paulo

12 — Vulgarizar o estudo das molestias de animaes e plantas, indicando os meios de as debellar.

13 — Fazer propaganda para tornar effectivo o ensino das Sciencias Naturaes em todas os escolas do país.

14 — Esforçar-se pela adopção e execução de leis florestaes e ruraes attinentes á conservação do clima e da flora do país.

15 — Pugnar pela conservação da fauna e pela regulamentação da caça e pesca.

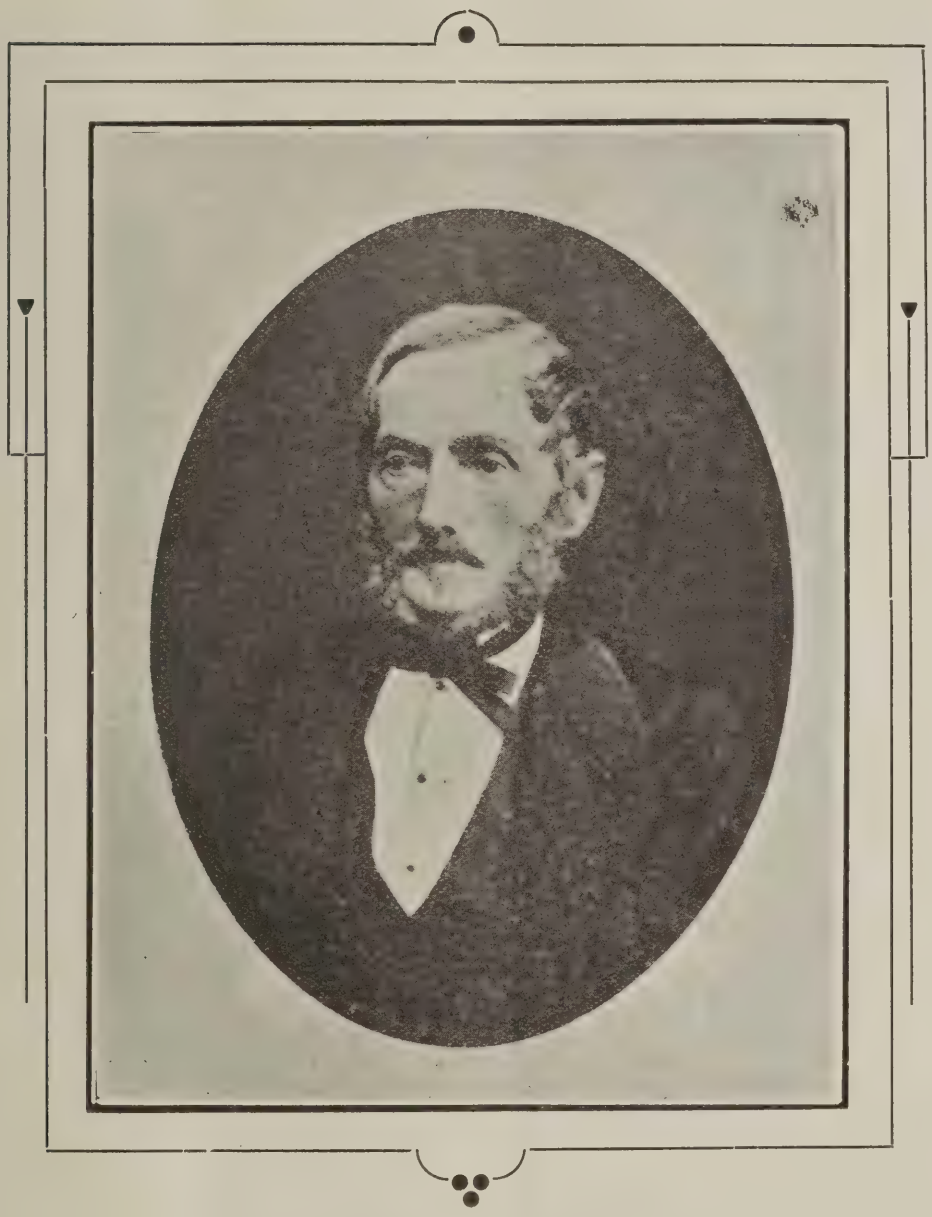
16 — Contribuir para tornar scientificamente conhecidas as riquezas naturaes do Brasil, particularmente as do Estado de S. Paulo.

17 — Realizar opportunamente saráus artistico-literarios, ou puramente artisticos, com o fim de manter o gosto pelas letras e pelas artes.

18 — Franquear a Bibliotheca e o Museu á mocidade estudiosa, mediante apresentação de um socio.

19 — Fazer estudos historicos e geographicos de caracter universal, e particularmente do Brasil.

20 — Trabalhar para o melhoramento da agricultura e da creação em geral no Brasil.



HERCULES FLORENCE

IMPRENSA EM CAMPINAS

A JULIO MESQUITA

I

ANTECEDENTES HISTORICOS

(Antonio) Hercules (Romualdo) Florence, nascido em Nice aos 29 de Fevereiro de 1804, tendo vinte annos de edade larga de Toulon, com destino á capital do Brasil Imperio, a bordo do navio *Marie Thérèze*, que, velejando por mares de espelho, faz dito percurso em quarenta e cinco dias.

Ali desembarcado a 24 de Maio de 1824, emprega-se immediatamente na *Livraria Plancher*, que deixa quinze meses após, para dar arrhas a seu genio aventureiro, incorporando-se, como desenhista, á missão scientifica sob estipendio do soberano moscovita, Alexandre I.

Esta, cujo objectivo noto era explorar internamente S. Paulo, Matto Grosso e Grão Pará, fôra organizada pelo consul da Russia, barão Jorge Henrique Langsdorff, entomologista emerito, de capacidade administrativa provada em anteriores empresas, e que já se acercara do astronomo Rubzoff, do botanico Luiz Riedel, do zoologo Christiano Frederico Hasse e do pintor Amadeu Adriano Taunay.

A 3 de Setembro de 1825, na humilde sumaca *Aurora*, segue rumo de Santos o bravo pelotão, que só deveria volver ao Rio de Janeiro em 13 de Março de 1829, deploravelmente reduzido: ao transpôr a nado o Guaporé, debaixo de horrido vendaval, perecera Taunay; e, presa de antigos soffrimentos, aggravados pela intemperie, endoudecera Langsdorff.

Ao cabo da tragica jornada através dos desertos hostis, o mais moço dentre elles, Hercules Florence, foi convidado a fixar-se nesta terra, onde residia ao tempo o illustre parlamentar (Francisco) Alvares Machado (e Vasconcellos), que já lhe propiciara tecto enxuto em Porto Feliz, quando a turma expedicionaria aguardava uma das classicas monções a a Cuyabá, a de 22 de Junho de 1826.

Ou porque lhe sorrisse agora á fatigada alma de poeta o remanso da florescente villa de S. Carlos, que conhecera de relanço em fins de 1825, reputando-a desde logo o mais importante centro paulista de producção agricola, salvante Itú; ou porque suspeitasse a paixão que inspirara á filha unica do grande patriota, não extranha talvez ao convite, — senão por ambos os motivos: o romantico francês accedeu gostosamente ao empenho amigo.

Não sabemos quando se installou aqui Christiano Hasse, o qual figura na lenda como preterido por Hercules Florence, á passagem pela velha aldeia de Araritaguaba. O visconde de Taunay e Estevam Leão Bourroul, em obras por nós consultadas proveitosamente a outros aspectos, dizem que lá se matara, em 1826, *com trinta e tantas facadas* (?!), victima do descaso amoroso. Mas tal não succedeu, consoante a documentos irrefragaveis, que rebuscámos com Benedicto Octavio.

A 4 de Maio de 1828, na matriz da parochia sancarlense, o vigario Joaquim José Gomes baptizou Christiano Guilherme Frederico Hasse, natural de Stralsund (Prussia), filho de Christiano Frederico Hasse e Catharina Isabel Menon, servindo-lhe de padrinho o sargento-mór Manuel José Tavares, freguês da parochia de Jundiahy. Livro de baptismos da época.

Em 1835, na lista de contribuintes do imposto de industrias e profissões, vê-se o nome de Christiano Asse *(sic)*, proprietario de uma botica. Livro de licenças, para negocios, da Camara Municipal.

Nos registos de obitos da matriz nova, sé actual, em data de 11 de Setembro de 1837, encontra-se «Christiano Hasse, prussiano, casado com dona Anna». Assentamento pelo vigario, p.e dr. Joaquim Anselmo de Oliveira.

No dia assignalado, entre 10 e 11 horas da manhã, dera termo á existencia, envenenando-se, o esposo de d.

Anna Escolastica de Oliveira, o qual, como vimos, abjurara do protestantismo, provavelmente para casar-se.

Do inventario do morto, que está archivado no 3.º tabellionato, presentemente do sr. Alberto Ferraz de Abreu, constam essas mesmas informações, ampliadas, e outras, que passamos a resumir.

Foi inventariante João Lopes de Camargo (irmão da viuva e assassinado por escravos em 19 de Dezembro de 1847), servindo como avaliadores Francisco de Assis Gonçalves Gomide e Joaquim Corrêa de Mello (o botanico estimado de d. Pedro II e popularmente conhecido por *Joaquimzinho da botica.*)

Importou em 2:268$910 o montemór, que, deduzidas as despesas de fôro, baixou a 1:560$335, rateaveis por vinte e um credores. D'ahi, o suppôrse, naturalmente, atrazos commerciaes haverem motivado o facto luctuoso.

Cremos morador na fundação de Barreto Leme desde meiados de 1826, quando se desaggregou da missão Langedorff, Christiano Hasse, que contava 38 annos de edade em 6 de Julho de 1835, conforme disse ao qualificarem-n'o testimunha no celebre processo do *roubo da lampada*, em cujos autos intrigas de sacristia fizeram réo ao p.e dr. Joaquim Anselmo de Oliveira.

Naquella época, de costumes severos, os chefes de familia, assás escrupulosos, não consentiam facilmente nos enlaces matrimoniaes das filhas com forasteiros, apenas se lhes deparavam estes.

Cerremos, porém, a longa digressão critico-biographica, a que nos entregámos com o duplo intuito de demonstrar: 1.º) que a genita de Alvares Machado não foi causadora do suicidio adulterado; 2.º) que entre os habitantes notaveis da Campinas antiga se contou mais de um membro da missão Langsdorff.

Isto posto, nada importa que tivessem sido rivaes, ou não os dous companheiros.

A segunda aproximação de Hercules, a quem os trabalhos do Tieté ao Amazonas não desgastaram a belleza varonil, inflammou de todo o peito da casta Omphale indigena. E a 4 de Janeiro de 1830, na séde da provincia, ligavam-se-lhes os corações, anhelantes de ventura, pelas aureas cadêas do hymeneu, que só a morte de um, a 17 de Junho de 1850, viria quebrar.

De d. Maria Angelica de Vasconcellos Florence, modelo de virtudes feminis, houve Hercules Florence oito filhos: Amador, Celestina, Francisco, Candida, Antonio Hercules, Arnaldo, Angelica e Paulo, os quaes se criaram e tiveram educação esmerada.

Delles, dous, Arnaldo e Paulo, mallogradas esperanças, succumbiram longe do berço natal, quando estudantes, sendo que o primeiro em consequencia de molestia adquirida no cerco de Paris.

Contraïndo obrigações domesticas prematuramente, o homem em cujo cerebro referviam idéas, que se fariam realidades brilhantes, si vivesse num campo aberto a luctas superiores, chumbou-se a um meio ainda estreito, para o forçoso granjeio da vida pratica.

Applicou sua actividade em labores mercantis, a principio, e agricolas, mais tarde, pois de commerciante, que era, em 1830, passou a lavrador, cinco lustros depois. Mas, a despeito das circumstancias de tempo e condições de espaço, pôz de manifesto a *vis* inventiva, com que o dotara e natureza, em diversos tentamens relativos á arte impressora. Vamos summarial-os, num rapido quadro chronologico, accentuando o espirito pertinaz do autor, entre vicissitudes assoberbantes.

Em 1830 começa os estudos da polygraphia, processo que imaginara para dar á estampa um tratado zoophonico, de lavra propria. E, não obstante a intercorrencia de outras especulações, consimiles, prolonga-os até 1836, segundo memoria que nos legou o *Observador paulistano*, dirigido pelo padre Diogo Antonio Feijó, em 1839.

No anno immediato vai ao Rio de Janeiro comprar fazendas e artigos de armarinho, porém, tão ruim mercador era, — disse o proprio, — que só negociou objectos caros e mal sortidos. De volta, ficou largos meses em S. Paulo, ensinando desenho e tirando retratos *á crayon*, o que lhe não garantia inteiramente a subsistencia, accorrendo a esta com auxilios pecuniarios o sogro.

Arribado novamente a Campinas em 1832, e já com aquelle ramo de commercio, sem abandonar a polygraphia, lança-se á descoberta da photographia, não sonhada ainda por Daguerre. Consegue, photographicamente, além de uma reproducção da cadêa local, um annuncio de sua loja, tendo no topo o emblema da Fama.

Era a vez primeira que o preconicio, assim veïculado, circulava na villa, não tendo mãos a medir o commerciante inventor. « Estive uma semana com a vara e o covado em punho a vender minhas fazendas, » — contava, nadando em jubilo, tempos decorridos.

Foi por occasião do duplo exito que endereçou á Edilidade o officio infra:

« Illms. Srs. da Camara Municipal.

O abaixo assignado tem a honra de participar a V. S.as que vai estabelecer á rua do Rosario (General Glycerio n. 2 uma *Autographia*, de sua invenção, por meio da qual imprimirá escriptos e desenhos.

D.s G.e a V. S.as, como é mistér.

S. Carlos, 20 de Maio de 1832.

Ercules Florence ».

Principiaram, por parte do publico, as encommendas de varios impressos, as quaes elle acceitava, antes para experiencias, saindo estas ora boas, ora más. Os lucros de umas não compensavam, todavia, os prejuizos de outras, pelo que resolveu ampliar a esphera de acção em similhante terreno, ao cabo de alguns annos.

Em 1836 ruma á capital do país, e, graças a Alvares Machado, que as funcções legislativas retinham na Côrte, adquire uma typographia completa por 800$000, verdadeira *pechincha*. D'ahi em diante, reservando para os desenhos a polygraphia, pôde satisfazer aos demais pedidos dos fregueses pela impressão typographica.

Declarando-se a revolução de 1842, Hercules Florence, que, sobre liberal, era particularmente devotado ao sacerdote ex-regente do Imperio, alma do movimento, quiz prestar-lhe concurso no temeroso passo. E, instaurado a 17 de Maio o governo provisorio, que tinha por chefe o brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, partiu desta cidade para a de Sorocaba com a columna do a muitos titulos estimavel cidadão Antonio Manuel Teixeira, levando comsigo, não um bacamarte perro, ou um chanfalho mordido pela ferrugem, — levando cousa melhor para despertar enthusiasmo nessa conjunctura: a typographia.

No fóco insurreccional, reunindo-a a outra, de Manuel Leme, transportada de Itú, publica *O paulista*, que, além dos actos officiaes, continha vibrantes artigos do padre Diogo Antonio Feijó. Saíram tamsómente quatro numeros da folha, a que o barão de Caxias houve por bem chamar « jornal incendiario »: o 1.º e o 2.º a 27 e a 31 de Maio; o 3.º e o 4.º a 8 e a 16 de Junho.

Nos baixos do palacete da presidencia, na mesma sala em que, sob a direcção de um velhinho vindo dos Farrapos do sul, apocoristicamente appelidado *Perico*, se fabricavam as munições de guerra, Hercules Florence imprimia *O paulista*, tendo como distribuidor de tinta José Manuel de Castro, nosso conterraneo, que foi o unico prisioneiro dos revolucionarios em toda a campanha.

Quando se ia fazer a tiragem do 5.º numero, ecôou o boato da aproximação das tropas legaes, que haviam cortado a ponte de Pinheiros, deixando inactivos 800 soldados ao mando do coronel Galvão.

Na vespera da entrada dos triumphadores, editor e ajudante, aos quaes

o rebate fizera suspender a labuta, para enterrarem os respectivos instrumentos, sem perda de tempo se retiraram a caminho de Porto Feliz, num só cavallo, ou burro salvador, partilhando a sella fraternalmente...

Desalentado pelos acontecimentos, *Perico* apresentou-se á familia de Hercules Florence, recem-chegada, entregando a seu filho Amador, uma criança de 11 annos, a chave do templo commum a Marte e a Minerva. Mas, si commetteu essa imprudencia, pois o menino, a brincar com fogo, quasi fez vôar o deposito de explosivos, não praticou, entretanto, a leviandade de referir a quem quer que fosse a «sepultura» d'*O paulista*.

Não tardou que Hercules Florence, volvendo a Sorocaba, exhumasse, reconduzindo-os a Campinas, prélo e typos, que o incidente da guerra civil baptizara para as refregas da liberdade.

Porque não viera ao mundo com a bossa de *gazeteiro*, conforme denominavam-se os jornalistas de antanho, o emigrado de Toulon, cooperador de nosso engrandecimento, continuou a utilizar-se do material como antes, imprimindo até 1848, pelo menos, seus reclamos de mercador, em meia folha de papel, epigraphada — *Annuncios*.

Nostalgico das ternuras conjugaes, em 5 de Janeiro de 1854, isto é, no vigesimo quarto anniversario das primeiras nupcias, contraïu segundas com d. Carolina Krug Florence, senhora de formosa intelligencia, nascida de Henrique Krug, em Cassel, a 21 de Março de 1828.

Desse consorcio resultou uma próle mais lustrosa que a primeira, devido ás profissões que abraçaram os componentes: Ataliba Florence, medico, Jorge Florence, pharmaceutico, d. Augusta Florence, educadora, Henrique e Guilherme Florence, engenheiros, Paulo Florence, musicista e executor (gemeo do precedente), e d. Isabel Florence, educadora.

Notaremos, de vôo, que o dr. Guilherme Florence herdou o genio paterno, havendo descoberto uma applicação de microscopio, que, pelos resultados, assignalou á crystalographia admiravel avanço.

Regressando da Europa, onde fôra visitar a progenitora veneranda, em 1855, Hercules Florence adquiriu neste municipio, por compra feita em 15 de Janeiro de 1856, a fazenda *Soledade*, pertencente á herança de d. Candida Maria de Vasconcellos Barros, sua sogra fallecida em 1854. E em 1860 adquiriu mais uma propriedade rural, tambem por compra, esta feita a Pedro de Sousa Campos e outros.

Em 1858, entregue ás cogitações do sereno viver campesino, redouradas pelos encantos de lar ditoso, o introductor aqui dos primeiros elementos da arte de Guttenberg, que poderiam ter servido desde logo a uma empresa jornalistica, transferiu-os por venda a dous rapazes de humilde procedencia, os irmãos Theodoro, de quem falaremos em breve.

Hercules Florence, nos ultimos annos de sua existencia, dilatada e proficua, leccionava no instituto creado pela digna esposa, o tradicional *Collegio Florence*, em cujas aulas se aprimoraram intellectualmente muitas gentis patricias.

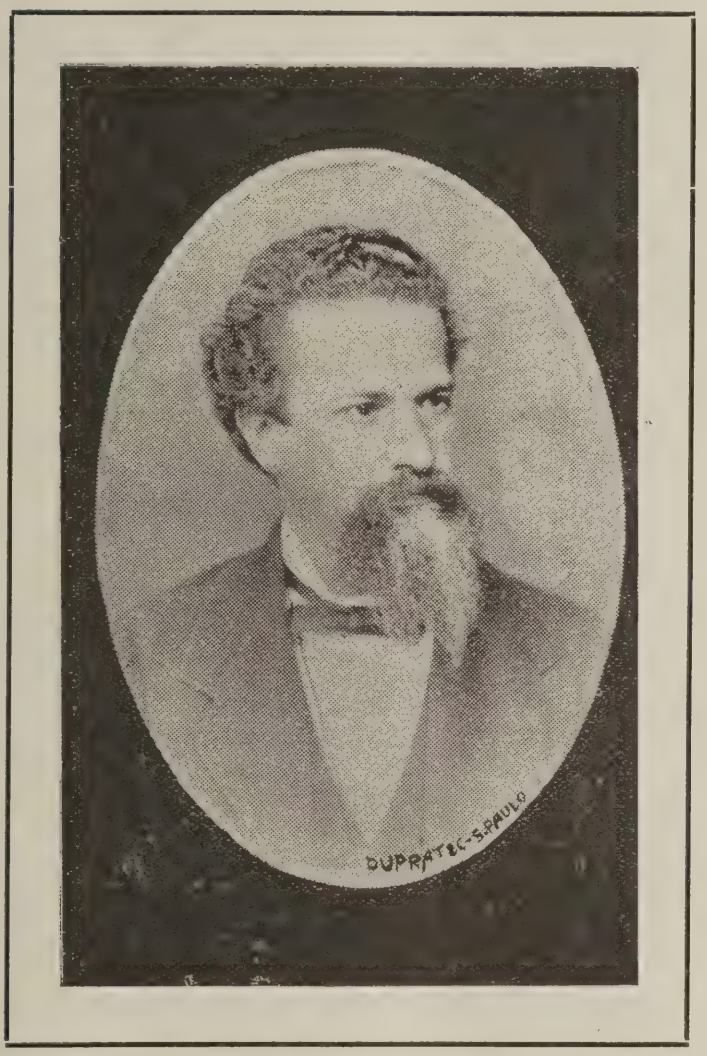
Expirou, com a tranquilidade de uma consciencia honesta, a 27 de Março de 1879.

Tal o homem que installou em Campinas a mais remota officina de impressão; taes os acontecimentos que tornaram historico um prélo lamentavelmente destruido em 1875.

* * *

Feliz coincidencia de nomes prefulgentes merece registo neste fecho de capitulo: Uma *Aurora*, a sumaca da expedição scientifica iniciada em 3 de Setembro de 1825, trouxe a S. Paulo esse homem precioso, que havia de contribuir para o advento do jornalismo campinense, cujo marco inicial foi outra *Aurora*, a gazeta apparecida uma trintena após aquella data.

JOÃO THEODORO



FRANCISCO THEODORO

O Sr. Joaquim de Carvalho offerece ao Centro de Sciencias, Letras e Artes
Um Maço de 1908
Paris 5 maio

AURORA CAMPINEIRA.

ASSIGNATURAS.
—
Campinas.
—
Por anno... 10$000
Por semestre 6$000

Publica-se uma vez na semana, subscreve-se na Typ. Campineira, Rua do Portico n. 17
As assignaturas serão pagas adiantadas, recebem-se correspondencias em termos comedidos, e com a competente responsabilidade e reconhecimento do tabelião, porque por seu contendo não respondem a redacção, nem os editores; nas noticias e communicados, é essencial a assignatura do informante, só para conhecimento da redacção.
Folha avulsa 240.

ASSIGNATURAS
—
Para fóra.
—
Por anno... 12$000
Por semestre 7$000

ANNO II. CAMPINAS. — SABBADO 13 DE AGOSTO DE 1859. N. 63

A QUESTÃO BANCARIA.

Haverá um anno um homem emprestou a outro cem moedas de 20$000 ou 2 contos de reis, pelo prazo de 12 mezes ao premio de 1 por 0/0 ao mez.

Findo o prazo, o devedor foi pontualmente pagar 2 dous contos, e mais duzentos e quarenta mil reis que erão o premio; pagou na mesma moeda, mas em vez de dar 112 moedas, deu somente 99 e mais uns 12$500: nem as 100 que tinha recebido!

—Mas por que? Porque o ouro tinha um premio: uma moeda de 20$ valia 22$500.

Isso quer dizer que, ha um anno, quem possuia 20 contos em papel, possuia 20 contos em ouro, e que agora só possue 17:500$000 em ouro, e que a sua fortuna mingoou 2:500$000, por que, emfim, o papel só vale o ouro que dão por elle.

Quer dizer tambem que o capitalista se tivesse tido maior previdencia, em vez de emprestar seu ouro, o teria guardado em seu cofre, por que ao menos assim não teria perdido, nem corrido o risco do emprestimo.

Isso quer dizer que, a se preverem as cousas, ha de ter convindo aos capitalistas trocar seu papel por ouro em quanto as duas especies estavão ao par, e guardar este em vez de empresta-lo.

Quer dizer que muitos especuladores previdentes havião de assim ter feito, donde o desapparecimento repentino do ouro da circulação.

Quer dizer, emfim, que, assim como o emprestador das 100 moedas, todos os capitalistas que não guardarão o ouro—perderão no papel os 12 1/2 por 0/0 da sua fortuna.

—E quem seria o magico, que sem arrombar portas e gavetas, sem correr os azares do ladrão, pôde espoliar a gente de uma parte da sua fortuna?

Quem? O agiota, o especulador dos bancos.

Ainda bem, se com a espoliação do capitalista se nivellassem as fortunas, e todos ficassem igualmente ricos; mas, pelo contrario, o homem que vive dia por dia do seu trabalho tambem perde, por que paga tudo em ouro, ou dá o equivalente em maior somma de papel, em quanto o seu jornal em papel não augmenta. Por isso dá um cruzado pela chita e pelo algodão que custavão outr'ora uma pataca. Se d'antes vivia na estreiteza, agora, que tudo encareceu, vive na necessidade.

O unico que lucra é o agiota, que, tendo pouco ou nada de seu, fica milhonario ganhando neste jogo do credito publico. Os 12 1/2 por 0/0 da fortuna publica passa para a sua gaveta, e para a dos banca-roteiros e dos caloteiros. Entre alguns são elles distribuidos, menos entre seus legitimos donos.

Mas, por que arte os especuladores dos bancos chegarão a este resultado de espoliação universal no Brazil?

Elles disserão: nos temos acções d'estradas de ferro, do Banco do Brazil, e de outras companhias; temos terras; tudo isto é ouro, por que ouro vale. Façamos um banco com estes fundos, cunhemos papel representando estes valores, e emittâmos o triplo delles. De um, que temos, façamos tres. Ganharemos os dividendos do Banco do Brazil e das estradas de ferro, equivalentes a um, e ganharemos tambem o dividendo do banco onde depositamos estes valores, ganho equivalente a dous. E os que tem terras ganharão um roteando ellas, e ganharão dous que é o premio do dinheiro recebido para hypoteca dellas.

Só faltava dizer: com o papel do banco que fundamos, façamos um fundo para criação de outro banco, que emitta o triplo do seu deposito, e assim multiplicaremos estes valores quantas vezes nos aprouver, e com elles crescerá immensamente a fortuna publica sem que a terra produza uma só libra de café, de assucar, de algodão, ou de fumo mais que o acostumado...

II

Os primeiros periodicos

Aurora campineira

Na incipiente madrugada de 4 de Abril de 1858, quem se aventurasse, apenas guiado pelo tremulo brilho das estrelas, a calcar a extensa alcatifa de pó da rua do Portico (Ferreira Penteado), ao chegar á altura da rua da Bica Grande (Irmã Seraphina), ouviria a intervallos uns sons molestos, como surdos *ais!*, escôando-se de casinhola ali assim...

Esse rumor insolito, quebrando a mudez da paragem escusa, rumor incompreensivel ao transeunte problematico, resultava de um apparelho de madeira, movido a pulso, dos que deram origem á phrase universal e multi-secular — *O gemer dos prélos.*

E' que os mancebos alludidos no fim do capitulo precedente, com o forte enthusiasmo dos annos verdes, com a viva fé que abala montanhas, gestavam, na treva physica, o clarão moral a que chamaram — *Aurora campineira*, exactamente para symbolizar o amanhecer da civilisação em nossa terra.

Respeitadores da lei, elles, que vinham reclamar sua observancia, profligando abusos, não se demoraram em communicar aos membros da Camara municipal, no seguinte officio, o parto laborioso:

«Illmos. Srs.

Em virtude do art.º 303 do Codigo Criminal, declaramos a V. Ss. que estabelecemos, na rua do Portico n. 17, nossa officina typographica, onde, no dia 4 do corrente, demos á luz um periodico sob o titulo — *Aurora campineira*, o que levamos ao conhecimento de V. Ss. em cumprimento do mesmo art.º.

Deus guarde a V. Ss.

Campinas, 10 de Abril de 1858.

Silva & irmão.

Constituiam a firma os filhos do alferes Joaquim Theodoro da Silva, português, que foi negociante em Santos, e Maria Barbara de Siqueira e Silva, natural de Campinas: João Theodoro e Francisco Theodoro de Siqueira e Silva, este nascido aqui, a 15 de Março de 1836, e aquelle na cidade littoranea, a 4 de Maio de 1834.

A folha, que medía 30 centimetros de comprimento por 20 de largura, em 4 paginas, de 2 columnas cada uma, cheias em typo corpo 8, apresentava o aspecto da *Aurora fluminense*, de Evaristo Ferreira da Veiga, a qual lhe teria servido de modelo.

Compunham-n'a e imprimiam-n'a os proprietarios, ambos typographos de profissão, sendo que o primeiro, não só mais culto, como tambem mais atrevido que o segundo, redigia-a com vigor e distribuia-a sem acanhamento aos assignantes.

Quantos seriam estes? Por um documento que descobrimos, revolvendo autos em cartorio antigo, verificámos montarem a 120. Não eram poucos, attendendo-se a que a escassa população, para quem as estradas de ferro e os telegraphos se afiguravam maravilhas de conto de fadas, atravessava ainda um cyclo de obscurantismo.

Para darmos uma sensação viva da *Aurora*, cujos puros intuitos foram deturpados e cuja energica linguagem foi malsinada, reproduziremos o artigo principal do n. 53, de 8 de Maio de 1859, intitulado *Juri*, artigo de censura bem applicavel nos tempos de agora ás justiças de muitas comarcas brasileiras:

Talvez finde a sessão deixando-se dous ou tres presos por mais seis meses sem julgamento.

Assim, ficarão soffrendo uma prisão injusta, quer sejam criminosos, quer sejam innocentes. Dissemos injusta, porque ella não é o resultado de uma sentença. O accusado tem o direito de ser julgado promptamente, tanto mais quanto um processo o priva da liberdade; e é dever da sociedade, dos magistrados, dos juizes e das instituições poupar-lhe a injustiça de similhante prisão.

Entretanto, como outros tantos direitos entre nós são postergados, tambem o é o direito

dos presos, e delles ha que se acham sob processo seis meses, um anno, ou mais . . .

E ninguem tem dó dos males do proximo, de quem geme sob uma pena que lei nenhuma lhe applica! Ninguem tem dó de familias, cujos chefes tirados pela lei, ficam expostas ao desamparo e a todas as consequencias!

Não seria um acto de humanidade prorograr a presente sessão até se julgarem, ao menos, todos os réos presos?

Appellamos para a justiça e para a humanidade dos juizes-jurados e do dr. juiz de direito.

Talvez este acto generoso allivie tambem de pesadelo o dr. promotor . . .

Hão de estar lembrados os nossos leitores de que se perdeu um dia de julgamento, porque esse senhor não havia estudado um processo, o que importará na prisão por mais seis meses de um dos desgraçados presos, si os juizes não forem em seu soccorro.

Ora, é natural que uma boa acção expurgue um remorso do coração justo e humano, causador delle; porque, emfim, póde-se ser negligente, póde-se ser a encarnação da preguiça mesmo, póde-se ser assomado tambem, sem ser mau.

A proposito. O dr. promotor ficou irado com a admoestação da *Aurora*, e, no excesso de sua colera, tratou-a de *papelucho infame* e de *pasquim*.

Esperdiçou sem proveito essas perolas de eloquencia e polidez, porque não convenceu a ninguem de que lhe houvesse faltado tempo de estudar aquelle e os mais processos.

Provou, ao contrario, que, sendo S. s. aliás bom advogado, e *Cicero pro domo sua*, — sua causa estava tão arruinada, que não achou uma só razão que a escorasse; achou só doestos, que são explosão do despeito,

Em sua consciencia, dirá S. s. que a *Aurora* é um pasquim, um papelucho infame?

Bem cordata e moderada é esta joven filha da imprensa.

Si assim não fôra, não poderia já ter lembrado a S. s., como prova de sua habitual negligencia no cumprimento de deveres, uma tomada de contas, que o juiz lhe mandou como curador geral de orphams que S. s. era, a qual reteve em casa um anno e foi devolvida a seu successor sem resposta?

Não poderia a *Aurora* dizer que o juiz pediú ao presidente a separação dos empregos de promotor e curador de orphams, para poder ter um curador de facto, e não só de nome?

Não poderia ter lembrado um processo de ferimento leve, que a justiça lhe deu para dizer sobre elle, e que S. s. restituiu no fim de dous annos, quando o réo já havia fallecido?

A *Aurora* é uma rapariga prudente e discreta, que não diz tudo que sabe; mas é bom não provocal-a, porque não é nenhum ANJO!

Este anjo, em versaes, trazia sob as asas, ruflantes de malicia, allusão a um Cupido de saias.

Para bem se avaliar do arrojo de João Theodoro, que assim escrevia, aliás *sine ira et odio*, verberando autoridade relapsa, basta saber-se que dous dias após seria levado á barra daquelle tribunal, presidido pelo juiz de direito, Affonso Cordeiro de Negreiros Sayão Lobato, seu desaffecto, e em que o promotor publico, Antonio Gonçalves Gomide, o *Tuna*, podia usar da palavra, não obstante tratar-se de causa particular.

Deu-se então uma das mais tristes comedias dos annaes de nosso juri: o orgam da justiça publica manteve-se silencioso, um dos advogados do autor, Antonio Carlos de Sampaio Peixoto, declarou que seu constituinte desistia de proseguir na causa, outro, Joaquim Antonio Pinto Junior, descompôz réos e patronos, Antonio Rodrigues do Prado e Francisco Antonio de Araujo, retorquindo violento o ultimo, e o juiz de direito, que havia já lavrado a sentença absolutoria por desistencia da parte, suspendeu, afinal, a sessão, entre protestos.

Tudo, — menos o desforço, já se vê, — havia sido precombinado . . .

Servira de pretexto ao processo iniquo uma correspondencia inserta na *Aurora*, n. 40, de 9 de Janeiro de 1859, tres decadas exactas após o primeiro julgamento de delicto de imprensa na provincia, em que figurou o responsavel pelo *Farol paulistano*, celebre periodico de Costa Carvalho, mais tarde marquês de Monte Alegre, que, escrevendo ao collega de redacção Campos Mello, invariavelmente, com graça domestica, recommendava: « Sr. Mellinho, não se descuide de deitar azeite em nosso *Farol* ».

O correspondente, que se suspeitava ser o dr. Betholdi, o das celebres pilulas de constipação, visava o dr. Langgaard, o do *Chernoviz* brasileiro, dizendo que o inspector escolar, sobre falar o português como um preto boçal não sabia latim, nem francês, nem elementos de grammatica geral, quando aos professores, sujeitos á inspecção do mesmo, eram exigidos exames de taes materias.

Pois isso bastou para o funccionario alvejado chamar a juizo o editor, por crime de calumnia, que, é corrente, consiste na imputação a alguem de um facto que a lei tenha qualificado de criminoso e em que caiba acção publica!

Comtudo, não foi esse o mais estapafurdio de quinze processos instaurados ao imperterrito moço, no intento de amordaçal-o.

Enganaram-se, porém.

Sua linha de conducta jamais soffreu quebra; elle affrontou sempre com bravura o mandonismo.

E só admira que os assalariados porretes, moedores de intrepidos, ou as venalissimas garruchas, liquidadoras de teimosos, tão em voga, não roncassem nas esquinas desertas, ou detonassem por traz das arvores solitarias, para malferir, senão prostrar de vez, aquelle cujo olhar penetrante e nariz aquilino argüiam talento robusto e tenacidade audaz.

Literariamente, João Theodoro, dotado de veia satirica, era um Gregorio de Mattos *minor*, versejando ainda no estilo do brasileiro imitador dos espanhoes Quevedo e Gongora, qual o attestam as *Variações poeticas*, «de *Cabrion* ao amigo *Pipelet*», em o n.º 42, que abrem do teor:

Ir-se assim safando um homem
De populosa cidade,
Sem deixar uma saudade,
Seguido só de foguetes,
Com a calva em braza...
Isso arraza!

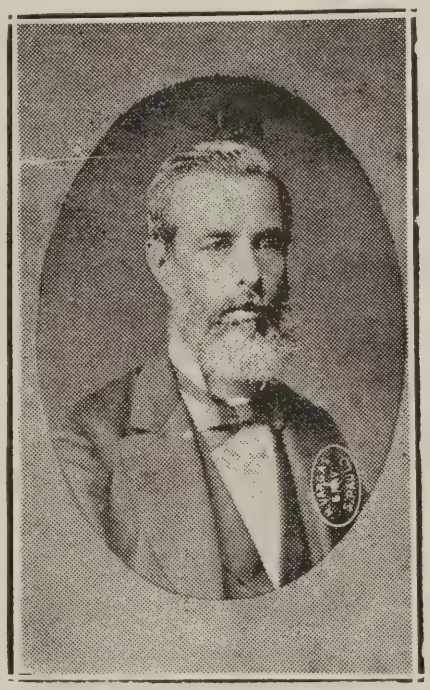
A *Aurora campineira*, no fim do segundo anno de existencia, cessou a publicação, regularmente feita aos domingos durante esse tempo, para dar espaço a

O conservador

Este surgiu a 10 de Junho de 1860 e desappareceu a 11 de Novembro do mesmo anno, tendo saído com identica pontualidade no principio de cada semana.

Propriedade ainda da Silva & irmão, tinha tambem como editor o socio gerente da firma.

Mas, porque fosse orgam official do partido de que tirava o titulo, o respectivo directorio, composto de Antonio Joaquim de Sampaio Peixoto, Querubim Uriel de Camargo e Castro, José Franco de Andrade, Antonio Rodrigues do Prado e Antonio Augusto da Fonseca, confiou sua redacção a Francisco Antonio de Araujo, nascido do tenente coronel Joaquim Floriano de Araujo e d. Maria Rosa Leopoldina de Araujo Cunha, em Mogy-mirim, aos 27 de Julho de 1835.



FRANCISCO DE ARAUJO
(Fallecido em S. Paulo a 3 de Julho de 1913)

Francisco de Araujo, que, ao terminar o primeiro anno do curso juridico, se ligara a uma familia campinense, desposando d. Januaria de Araujo Roso, filha do capitalista e proprietario Domingos de Araujo Roso, em 7 de Dezembro de 1853, aqui residia desde 1858, anno seguinte ao da formatura.

Foi o temperamento ardoroso, que revelara nas pugnas fôrenses, a recommendação para dirigir a nova folha, a qual vinha oppôr-se aos liberaes, então com *jus vitæ et nescis* sobre os adversarios.

Correu os asares de tão arriscada empresa, retirando-se incolume e, o que é mais, com um bom premio aos serviços prestados.

Em Fevereiro de 1861 tomava assento na Assembléa provincial, pois havia sido eleito deputado pelo 3.º districto. Em 1869 voltou ao seio do congresso legislativo, como representante do 1.º districto, bem assim em 1871.

O modesto João Theodoro, esse escapou de ir... para a cadêa.

Eis o caso, a largo debuxo.

Um impresso anonymo espalhara-se na cidade, — o que entrava muito nos costumes da época, — zurzindo ferozmente o bacharel-redactor.

O offendido, attribuindo isso a inspiração de Joaquim Bonifacio do Amaral, accommetteu-o selvajemente noutro avulso de egual natureza

A segunda verrina partira de onde se estampava *O conservador*.

Chamado a juizo João Theodoro, contra elle se iniciou acção criminal, porque Francisco de Araujo deixara de assumir préviamente a responsabilidade do escripto, sobcolor de não se declinar no mesmo nome de pessoa alguma.

O réo teve como patrono Bernardino de Campos, pae do estadista homonymo, mas de nada lhe valeram as razões do habil causidico baïano.

Vassalo do rei, docil aos sustentadores do throno, o juiz municipal do termo, Tito Augusto Perreira de Mattos, que já se mostrara subserviente no processo ao redactor da *Aurora*, condemnou de modo originalissimo neste o simples editor d'*O conservador*.

Seja a propria victima quem relembre risonhamente uma circumstancia, rodados 34 annos.

Em chronica vinda a lume no vespertino *O dia*, que redigimos em 1894, escreveu nosso inolvidavel amigo:

> Em meu ultimo processo de *abafamento da imprensa*, fui condemnado a 7 meses de prisão, *etc., etc.*
>
> O juiz (formado), em sua enorme sentença, quasi toda em latim, o juiz, que mais tarde subiu ás culminancias da magistratura na capital de nossa patria, baseou os tópicos de dita sentença nas pandectas de Justiniano.
>
> Ora, quando a imperatriz Theodora, de *borgiana memoria*, mandou collecionar a legislação esparsa do tempo, para formar o monumental edificio juridico-*gothico*, que chegou até nós conhecido por pandectas, não previra que os delictos de imprensa pudessem ser julgados por leis daquelles tempos barbaros.

Evidentemente, o futuro desembargador da Relação da Côrte, violando principio de direito, o de que, *em materia penal*, se restringe, *não se amplía a disposição odiosa*, e, de mais a mais, violando-o do modo apontando, commetteu uma verdadeira monstruosidade!

Mas, João Theodoro não dissse tudo, porquanto, fazendo sómente uma applicação do ponto especial, o resto não caía a talho de fouce.

Vamos nós ao resto.

Ausentou-se elle, e, no retiro silvestre em que aguardava melhores dias, recebeu a noticia da chegada do novo juiz de direito da comarca, Vicente Ferreira da Silva Bueno, que gosava da fama de magistrado recto.

Apenas assumiu a jurisdicção o bemvindo sacerdote de Themis, apresentou-se-lhe o foragido recorrendo da abstrusa sentença condemnatoria, que foi reformada *in-continente*.

O aguerrido soldado da penna, necessitando recuperar as forças, gastas em tantos prélios gloriosos, pois o typo de Antheu não se reproduz fóra da mythologia, depôz a arma de aço puro, em que se não viam incendidos rubís de sangue alheio, e sim nitidas perolas, que eram suas proprias lagrimas congeladas.

E a imprensa de Campinas, tão bem estréada no convivio das idéas, emmudeceu por espaço de nove annos, tantos quantos se faziam mistér para Quirino dos Santos, Campos Salles, Jorge de Miranda e Francisco Glycerio, amigos uns, discipulos outros do athleta em repouso, ganharem as espóras de ouro de cavalleiros da mesma cruzada santa.

* * *

Do exposto neste capitulo, sem cambiantes magicas de estilo, devido á pobreza de phantasia do autor, mas de exactidão incontestavel, visto apoiar-se em documentos de inilludivel authenticidade, resulta que os irmãos Theodoro, vagamente conhecidos da juventude actual, — Francisco, extincto aos 56 annos de idade, em 7 de Fevereiro de 1889, aqui, e João aos 62, em 6 de Julho de 1896, na fazenda *Cantagallo*, do municipio de Rio Claro, — foram os implantadores do jornalismo neste solo bemdicto, como vimos insistindo desde 1898, numa obra reparadora, contra informações erroneas.

Assim, é justo, muito justo que nossas mais ardentes homenagens, revertam para os dous batalhadores extrenuos, como o melhor quinhão na partilha do reconhecimento postumo.

III

REVIVESCENCIA

Gazeta de Campinas

Comquanto o nobre campinense Joaquim Bonifacio do Amaral, homem de relevancia inconteste já em 1869, desaconselhasse a creação da *Gazeta*, pelas ingratas reminiscencias pessoaes dos tempos da *Aurora* e d'*O conservador*, — tão bem orientada na defesa dos interesses sociaes veiu ella, que o proprio chefe do liberalismo, antes receioso de luctas desorganizadoras, se dignou logo depois penetrar no baluarte democratico, para diffundir idéas tendentes ao desenvolvimento economico do país, como se accentuará linhas além.

Por ora, trataremos apenas das figuras principaes da restauração da imprensa local, descrevendo alguns factos, que lhes marcam honrosamente as biographias.

Francisco Quirino dos Santos, que redigira, com Francisco Rangel Pestana, o *Lirio*, 1860, e, com João Quirino do Nascimento, Jorge Miranda, Manuel Ferraz de Campos Salles e Francisco de Paula Belfort Duarte, *A razão*, 1862, ao deixar a Faculdade de Direito de S. Paulo, no anno seguinte ao ultimo desses, parecia disposto a consagrar-se exclusivamente ao jornalismo.

Tendo em 1863 conquistado renome com as ESTRELAS ERRANTES, em Janeiro de 1864 o cantor das «aguas do claro Atibaia» e das «filhas aggregado» entrou para o *Correio paulistano*, conservando-se no posto de redactor até Outubro de 1865, quando, em má hora, se lembraram de nomeal-o promotor publico de Santos.

Ligado por parentesco affin ao proprietario desse jornal, o capitão Joaquim Roberto de Azevedo Marques, pois lhe desposara a filha D. Maria Candida de Azevedo Marques, viu-se alvo de uma vingança reflexa do presidente da provincia, Aureliano Candido Tavares Bastos, a quem o sogro do correcto funccionario não curvara a cerviz.

Demittido daquelle cargo, — «por conveniencia do serviço publico» —, em 17 de Setembro de 1867, teve espontanea reparação official, visto como o procurador da corôa, D. Francisco Balthazar da Silveira, em nome da justiça, lhe endereçou um protesto de louvor, na data de 3 de Outubro. E Martinho da Silva Prado Junior, o *Martinico*, repulsou a nomeação para substituil-o,

Todavia, resolveu não voltar mais ao quadro da magistratura, forçando similhante degráu.

Abriu a banca de advocacia na terra natal, juntamente com João Quirino, arrastado não só pelo affecto da consanguinidade, mas ainda pela identificação do espirito.

Em meio das lides forenses, tocou-o a idéa de crear aqui uma folha, para o que contaria com o apoio material de Joaquim Roberto, consoante offerta deste, sempre desejoso de vêl-o refulgir nas letras.

O mano querido, Jorge Miranda e Campos Salles, collegas d'*A razão*, prometteram-lhe cooperar efficazmente para exito do tentamen.

O destino mysterioso ia reunir, sob a mesma tenda de trabalho intellectual, os guardas da tradição da *Aurora*, antigos discipulos de grammatica de João Theodoro e companheiros de infancia de Francisco Theodoro.

Alcandorando-se ao fastigio da governança, sem olvidar os amigos do passado, por mais modestos, disso se orgulhava Campos Salles, um da pleiade illustre.

Montada a typographia, prélo e typos vindos do *Correio paulistano*, no prédio da rua de Baixo (General Carneiro), canto da Formosa (Conceição), saíu a 31 de Outubro de 1869 a *Gazeta de Campinas*, bi-semanario dos domingos e quintas.

A firma proprietaria Marques & C.ª, composta de Joaquim Roberto e Quirino dos Santos, confiou a gerencia da empresa a José Maria Lisbôa, um prodigio de actividade operosa, que a fez medrar, deixando-a só no quinto anniversario para administrar a *Provincia de São Paulo*, da qual se retirou a 9 de de Outubro de 1884, fundando a 25 desse mês o *Diario popular*.

Ao *Velho Lisbôa* da capital, mourejante ainda, a despeito do milhão encofrado, nossos conterraneos chamavam *Zé Maria dos almanachs*, por ser o introductor aqui de tal genero de publicações, em 1871.

Typographos, dous apenas: um irmão do precedente, Hilario Magro Junior, hoje guarda-livros, e João Carneiro da Silva Braga, morto ha muito.

Já não existe tambem o mulato Luiz José de Almeida, contador de historias á Munkausen, incumbido da entrega. Tinha este a antonomasia de *Luiz Corneta*, que lhe adviera do instrumento que embocava para annunciar espectaculos, quando não havia folhas impressas.

Os assignantes orçavam por 500 naquella época, em que a *urbes*, de 25 ruas grandes, 16 pequenas, incluidos os beccos, e 11 praças, com 1.400 casas, contava 8.000 habitantes.

Quirino dos Santos superintendia a parte mental, escrevendo sobre assumptos momentosos, indistinctamente; mas communicava a todos os artigos, versassem até questões agricolas, ou industriaes, o cunho de sua individualidade literaria, o sainete de sua organização artistica.

João Quirino, que era poeta não somenos, traçava chronicas judiciarias, de preferencia a qualquer outro trabalho.

Jorge Miranda punha grande empenho no fomento do ensino publico.

Campos Salles tinha uma *Delenda Carthago* — a viação ferrea.

A elles achegou-se sem demora Joaquim Bonifacio do Amaral, desprovido de diplomas, é certo; mas dotado de intelligencia lucidissima, conforme provou em numerosas occasiões. Discutiu os problemas connexos da immigração e da colonização, sob o pseudonymo de *Um lavrador*, em polemica mansa com José Vergueiro, que se occultava sob o de *O roceiro*.

Os escriptos de nosso conterraneo, que, indo á Europa buscar os formadores da colonia *Sete quedas* (1870), justificou a sinceridade dos argumentos expendidos, ecôaram na Côrte, onde foram reeditados pelo *Diario do Rio de Janeiro* e *Correio nacional*, orgams de legitima influencia. Proclamavam a necessidade da substituição do braço escravo pelo braço livre.

F. QUIRINO DOS SANTOS

(Nascido em Campinas a 14 de Julho de 1841 e fallecido em S. Paulo a 6 de Maio de 1886)

Os casos de administração geral, provincial e municipal não raro constituiam objecto de analyses por qualquer dos redactores.

Quanto a politica, a *Gazeta* revelou tendencia republicana desde o começo.

Bastarão a abonar o asserto os editoriaes:

O soldado brasileiro e o governo imperial, em que Jorge Miranda rugiu ameaças contra o chefe do Estado, por haver recompensado (*sic*) com a esmola de 10$000 os serviços do voluntario republicano Sousa Coutinho na campanha do Paraguay.

Te-Deum official, soberba pagina de ironias, rendilhada por Quirino dos Santos, a proposito de um pedido de 200:000$000 feito pelo ministro da guerra, barão de Muritiba, por solennizar com officio religioso o termo daquella peleja cruenta.

Onde está o governo, parallelo de Napoleão III e Pedro II, devido á penna ingente de Campos Salles.

Assim, o celebre manifesto de 3 de Dezembro de 1870, considerado o marco inicial da propaganda, já encontrou organizado em Campinas o valente nucleo de sapadores da Republica.

A 17 de Dezembro de 1871 a morte aniquillou um dos redactores da *Gazeta*, João Quirino, caracter generoso e expansivo.

Porém a perda foi compensada, — quanto á folha, entenda-se, — com a vinda de Americo Brasilense para o *Collegio S. João*, em 1872, e Rangel Pestana para o *Collegio internacional*, em 1873.

Os dous evangelizadores da pura democracia, aos quaes os fados reservaram a missão de affeiçôar o espirito da mocidade campinense, guiando-a com patriotismo, não se limitaram á acção do banco escolar e da tribuna das conferencias. Ambos doutrinaram o credo da liberdade fraternal e egualitaria pelas columnas da *Gazeta*, assiduamente, até 1874, quando o partido constituiu seu directorio, tendo como presidente ao primeiro delles, secretario a Campos Salles e vogal a Quirino dos Santos, pouco depois membros da Commissão permanente da provincia.

A datar de 75, a *Gazeta de Campinas* teve a mais um auxiliar precioso, Francisco Glycerio, cuja assombrosa actividade, como a intelligencia fecunda do padre Antonio Vieira, se manifestara ex-abruptamente, parecendo a todos um milagre tambem. Graças a ella, o antigo noctambulo cantador de modinhas e diuturno fabricante de rotulos para licores na *Typographia campineira*, dos irmãos Theodoro, em 63 e 64, tomou parte nas grandes iniciativas, adquiriu enorme popularidade, fez-se potencia eleitoral e sobraçou a pasta de ministro na Republica, chegando a dominar este vasto país.

Em 1876, a *Gazeta de Campinas* passa a ser diaria, chefiando o corpo redactorial um extremecido das Musas, Carlos Augusto Ferreira, cujos nervos delicados lentamente se desafinaram ás decepções da vida pratica.

CARLOS FERREIRA

(Nascido em Porto Alegre a 26 de Outubro de 1848 e fallecido no Rio de Janeiro a 12 de Fevereiro de 1913).

Entre os mais fecundos collaboradores, ao tempo, destacava-se, em folhe-

tins de varia especie, sob o pseudonymo um tanto medicinal de *Agua tibia*, o dr. Valentim da Silveira Lopes, que veiu a morrer visconde, qual Castilho Antonio, que lhe dera carta de guia como escriptor.

Dedicado companheiro de Carlos Ferreira foi Leopoldo Amaral, desde Junho de 1878, quando estréou na reportagem, ou melhor, estréou a reportagem, porque antes não se cogitara disso em nosso jornalismo. Geitoso e ponderado, ainda quando lançava a barra além da noticia, mettendo-se na chronica humoristica, sob o cryptonymo illusionista *A. D'umas Figas*, esse decano dos *reporters* honrou e deu brilho á classe sempre exigua aqui.

No decennio de 78 a 88, a *Gazeta de Campinas* teve a collaboração magnifica de Miranda Azevedo, João Vieira de Almeida, Julio Ribeiro, Hippolyto da Silva, Thomaz Alves, Julio Mesquita e d. Julia Lopes. Dos sobreviventes, Thomaz Alves arrepiou carreira, Julio Mesquita tornou-se jornalista que só conta emulo em Alcindo Guanabara e d. Julia Lopes de Almeida campea sem par no romance.

E no seguinte, mais politico que literario, ali se evidenciou uma outra geração, á qual pertencem Herculano de Freitas, Alfredo Pujol, Antonio Lobo, José Lobo e Octavio Mendes. Excepto o ultimo, absorvido inteiramente pela advocacia, todos esses demolidores do throno, lograram assento por vezes nas assembléas legislativas da Republica.

Os successores de José Maria Lisboa, na gerencia, foram Abilio Cesar Marques, Alfredo Pinheiro, Pedro Franzen e Alberto do Nascimento.

Terminou a boa *Gazeta* em Maio de 1889, tendo sido o orgam de acção mais longa e effectiva para a implantação do novo regimen no Brasil. A *soi-disant* continuadora, propriedade de Francisco Cardona, surgiu em Junho, desapparecendo em 18 de Setembro de 1890; seus redactores, successivos, dr. Antenor Guimarães e Polycarpo de Queiroz, não mantiveram as tradições daquella.

IV

Continuidade

Uma triologia: *Mocidade*, *Actualidade* e *Diario de Campinas*.

Surdiu a *Mocidade* a 1.º de Março de 1874, não 73, como se vê no alto do numero inicial, de uma pequena casa, porta e janela, á rua do Theatro (José de Alencar), entre as ruas Bom Jesus (Campos Salles) e S. José (Treze de Maio).

O prélo de madeira ahi installado, — do qual saíram antes a *Aurora campineira* e *O conservador*, — viera então de um gallinheiro ao fundo do predio da rua do Góes (Cesar Bierrenbach), canto da rua de Baixo (General Carneiro), onde residia a mãe dos irmãos Theodoro.

Adquirira-o Antonio Duarte de Moraes Sarmento por 300$, que obtivera de Joaquim Dias Ferraz Sobrinho, a titulo de emprestimo. E a compra a similhante preço explica-se pela necessidade pecuniaria, em que estaria João Theodoro de Siqueira e Silva, um dos fundadores daquelles periodicos, pois contractara para 2 de Maio seu casamento com d. Victuria Urbana da Costa e Silva, filha do solicitador Caetano Pessoa e viuva do norte-americano Washington Menier, assassinado mysteriosamente.

Constituiram a nova empresa, além de Antonio Sarmento, ex-ajudante de guarda-livros do commissario Sousa Queiroz & Vergueiro, Henrique de Barcellos e José Gonçalves Pinheiro, respectivamente ex-empregados do ferragista Antonio José Machado e do alfaiate Pedro Rampi.

Todos já haviam apparecido, ao flanco de João Alberto Salles, Eduardo Carlos Pereira e Hilario Magro Junior, na *Sensitiva*, votada ao bello sexo (28 de Julho a 28 de Dezembro de 1873).

Mas editor e redactores, na pompa modesta do cabeçalho da folha, eram ainda, sem pompa alguma, compositores typographicos e impressores da mesma.

Accresce que, não podendo contractar desde logo o inolvidavel *Luiz Corneta*, para, depois de amenizar-lhes as noites sem fim com suas caraminholas innocentes, fazer a entrega aos assignantes, tinham a mais tal encargo.

De accordo com a propria origem social, diziam os mancebos, alacres e sonhadores, no *artigo de apresentação*:

Advogando os interesses geraes, convergirão, comtudo, nossos esforços a um objectivo principal — tratar dos direitos da classe caixeiral.

Os patrões, ingenuamente credulos quanto a programmas, receberam de sobrecenho cerrado a *Mocidade*.

A breve trecho, porém, expandiu-se-lhes a physionomia, porque, no capitulo dos alludidos direitos, que suppunham graves, de certo, o trio dos *ex* limitou-se a reclamar, aliás sem exito, o fechamento das portas, para descanso dominical dos consagrados á faina dos balcões.

Padres e reis é que foram o alvo mais apontado pela rhetorica dos plumitivos noveis, em cuja imaginação naturalmente exerciam influencia os batalhadores da *Gazeta de Campinas*. Trovejavam em surtos de lyrismo revolucionario, por todas as columnas, ameaçando o céo e a terra, symbolizados no altar e no throno.

Vejamos o *menu* de um dia apenas, ao acaso... Seja o de 15 de Março, n.º 3:

No artigo-de-*fundo*, a sopa de estrelinhas:

Trava-se a lucta gigantesca, lucta do Erro e da Ignorancia contra a Verdade e a Razão.
De um lado, a Sombra.
De outro, a Luz.
Quaes serão os victoriosos?

E' Henrique de Barcellos quem assim allude a clericaes e livre-pensadores, tomando o partido dos ultimos, num estilo entretecido de antitheses á Hugo, autor favorito. Suas velleidades de pamphletario traïam-se em o *nom de plume* que adoptara — *Rochefort*, verdadeiro cognome do iconoclasta terrivel da *Lanterne*.

A resposta áquella interrogação semi-prophetica ficava ao Futuro, obrigado a maiuscula... já se vê.

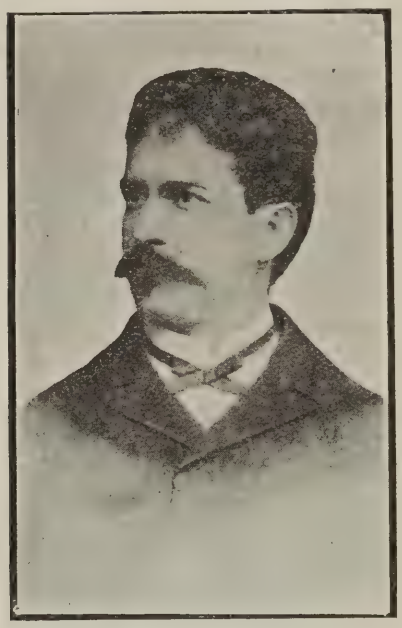
HENRIQUE DE BARCELLOS

(Nascido em Portugal, Ilha Terceira, a 26 de Fevereiro de 1854 e fallecido em Campinas a 2 de Setembro de 1911)

No folhetim, a sobremesa de fructa agri-doce:

Tenho 20 annos e o peito a transbordar de fervido enthusiasmo pelas idéas democraticas; e, como Danton, não conheço outro Deus — que o do Universo, outro culto que — o da Liberdade e o da Justiça.

E' Gonçalves Pinheiro, que deseja vêr o ultimo rei enforcado na tripa do ultimo frade, numa berrata de *sans-culotte*, de pura phantasia. Assignava-se este *Léon Gozlan*.



J. GONÇALVES PINHEIRO
(Nascido em Portugal, continente, a 15 de Agosto de 1854 e fallecido em Campinas a 14 de Fevereiro de 1898)

Mas nem tudo era metaphora, nem tudo hyperbole, decorrentes do Romantismo em plena ebulição.

Do mesmo modo que Campos Salles e Quirino dos Santos, tinham elles, em numero immediatamente anterior, concitado o povo a adherir á representação de Quintino Bocayuva e Tavares Bastos ao Congresso Legislativo Nacional, no sentido de separar-se a Igreja do Estado. Um officio de apoio aos propulsores do movimento na Côrte reuniu nesta cidade 147 assignaturas, o que significava muito, então.

Interessados na xypophagia dos poderes espiritual e temporal, que perdurou até 89, fomentaram uma reacção no pulpito. Assim que ella começou na sagrada tribuna da matriz velha, os mosqueteiros da *Mocidade* conclamaram pelo noticiario, feitura collectiva, embora subordinada diariamente a uma responsabilidade individual:

> Fala-se por ahi na proxima chegada de meia duzia de jesuitas, dos melhores do cento itúano, para acalmar a impiedade, que, dizem, anda por estes sitios, de crista erguida.
>
> Nosso parecer, porém, é que não venham...
>
> Ha aqui uns rapazes endiabrados, que, sem embargo das batinas de S. s. revd.mas, podem correl-os á pedra.

Parece que estamos a ouvir e a ver Gonçalves Pinheiro, de olhos muito azues, bigodes louros e labios finos entreabrindo-se num sorriso...

A local irreverente abrolhou a 2 de Agosto.

Fosse por isso, ou por diverso motivo, a *republica*, que tal era o casebre da *Mocidade*, correu sério risco.

Seu ministro da fazenda, assim devemos chamar ao dispenseiro-mór da furna alegre, José Sarmento, ao transpôr-lhe os umbraes, a dezhoras de 4 de Setembro, sentiu-se aggredido a punhal por um embuçado.

Recriminações á autoridade policial, Damaso Xavier, vulgarmente *Nhô Damas*, que deixava a rua erma de mantenedores da segurança, protestos de redobramento da campanha, porquanto não lhes desfallecia a coragem, *etc....*

E tóca ávante!

Aquillo não estava, propriamente, na massa do sangue de todos; em parte, seria producto da questão religiosa, que se agitava por causa dos valentes bispos de Pernambuco e do Grão Pará, o frade d. Vital Maria Fernandes de Oliveira e d. Antonio de Macedo Costa. Alguns curaram-se, annos depois, como Henrique de Barcellos, recolhido por fim ao seio da Santa Madre Egreja, a despeito de haver fechado um editorial, a 24 de Outubro de 1874, *O dedo da reacção*, com os descasyllabos transcriptos:

> Cuidado! porque em volta das choupanas
> As pantheras catholico-romanas
> Buscam na sombra o fogo que as acoite;
> Bem lhes vemos os olhos hediondos,
> Como quatro carbunculos redondos,
> Ensanguentando as orbitas da noite!;

outros ficaram irremediavelmente pesteados, como Antonio Sarmento, que a

lonjes brande ainda velha durindana contra levitas do Senhor.

Em 22 do referido mês, entrou para a redacção Joaquim de Toledo. Antes publicara poesias, sem assignatura, á guisa do *Beijo da virgem*, um poucochito inferior ao gongorico *Beijo de Roxana*. Do precioso *point rose* dizia chilramente :

Vale um poema de homenagem immensa.

Joaquim de Toledo foi escasso no escrever. Gostava mais de recitar versos alheios, ao piano, sacudindo as melenas. E certos rivaes, para melindrar o *leão das salas*, garantiam que elle estropiava Castro Alves, proferindo «*Ébria* linda», em vez de «*Hebréa* linda».

Perfidias ?

Abandonando a masseira da padaria do coronel Rego Duarte, ali se iniciou no fabrico do *pão do espirito* com a historieta *Laura*, no folhetim do n.º 17, José Philippe Pestana. Sobre inculto como o outro, mediocre de raiz tambem. Mas egualmente camarada jovial.

A primeira phase da *Mocidade* terminou com o n.º 38, de 15 de Novembro. A segunda principiou a 29 do mês.

De domingueira, a folha passou a publicar-se ás terças e sextas, desencontrando-se da *Gazeta*, que se publicava aos domingos e quintas. Por este processo, combinado, ou fortuito, tinha-se leitura quasi toda a semana.

Estava ella, porém, melhorada agora materialmente, pois Antonio Sarmento comprara a Lopes & Pacheco, no Rio de Janeiro, typos em abundancia e um prélo Stanhop. O antigo, cuja importancia historica puzemos de relevo atraz, ao tratar do estabelecimento da imprensa jornalistica aqui, foi reduzido a achas de lenha para o fogão da *republica*, pouco depois. Uma grande, uma verdadeira perda soffreu a archeologia nacional !

Com o n.º 59, de 12 de Março de 1875, crismou-se o bi-hebdomadario, advertindo aos leitores :

A *Mocidade* passa a denominar-se *Actualidade*, mas, mudando de titulo, conservar-se-á, todavia, na posição em que se collocou ; indifferente as luctas partidarias, acceita, em principio, as amplas doutrinas liberaes.

E, chronologicamente o primeiro quotidiano em nossa terra, o *Diario de Campinas*, que a substituiu em 18 de Setembro, manteve as bellas tradições, chegando a inserir em roda-pés, a exemplo da *Gazeta de noticias*, do Rio de Janeiro, o drama Os LAZARISTAS, cuja representação scenica a policia carióca vedara.

Nesse orgam conquistaram renome os moços votados á milicia civilisadora. Henrique de Barcellos exalçou-se na chronica, tendo um periodo brilhante, quando traçava as *Notas quotidianas*, sob a suggestiva impressão das FARPAS, de Eça e Ramalho. Gonçalves Pinheiro, fortalecido na experiencia, tornou-se polemista temivel, pela solidez e logica dos argumentos, não raro de bom chiste. E, mais modestamente, Antonio Sarmento, em sua especialidade, a reportagem, revelou apurado tino, nas mais difficeis emergencias, como a do famoso processo Pinto.

De 1885 a 30 de Setembro de 1901, quando cessou, o *Diario de Campinas* foi redigido, com soluções de continuidade, por Heitor Barbosa, Alberto Sarmento, Julio Riedel, Nogueira Itagyba, Leal Costa, Paulo de Lacerda, Alvaro Miller e Nogueira de Carvalho, dos quaes só o primeiro podia dizer-se jornalista profissional, embora de segunda ordem. Os outros eram aprendizes do officio, *dilettanti* literarios, ou escolares de direito em férias. Julio Riedel, poeta suavissimo, acabou despedaçando o craneo com uma bala de revólver, e Paulo de Lacerda, que parecia espirito anarchico, fez-se commercialista respeitado... Surprezas do Destino !

Heitor Barbosa e Alberto Sarmento, com o editor-proprietario, sustentaram a generosa campanha da Abolição, sem duvida o titulo de maior benemerencia da folha, que tantos e tão assignalados serviços prestou a Campinas.

JULIO RIEDEL

(Nascido no Rio Grande do Sul em 1867 e morto em S. Paulo a 21 de Maio 1895

O constitucional

Alvorotados pelo crescente liberalismo da *Gazeta* e da *Mocidade*, elementos reaccionarios trataram de crear-se um orgam, annunciando-o como formidavel *tutú* politico-religioso, a principio sob o nome de *O campineiro* e depois de *O monarchista*.

Mas, em vez disso, o parto do *muzundú*, a 25 de Março de 1875, deu-nos *O constitucional*, quasi pacato bi-semanario, pertencente a uma sociedade anonyma, cujo maior accionista era o ingenuo barão de Atibaia.

Na gerencia da empresa achava-se Manuel Alves de Barros Cruz, *Manéco cabeça* chamavam-n'o, devido a suas multiplas iniciativas; não foi das menos pinturescas a de confiar a entrega da folha a um solicitador, provavelmente de causas perdidas, Antonio da Silva Camargo, de alcunha *Baguá*.

Tocou a redacção da mesma a um primo do gerente, João Gabriel de Moraes Navarro, de nenhum modo talhado para a lucta ferrenha, qual deixa ver o seguinte esboço biographico.

Filho de Gabriel Clementino de Moraes e d. Maria Innocencia da Gloria, nasceu em Campinas a 19 de Março de 1836, bem cêdo ficando orpham pobre.

Matriculado na Faculdade de direito de S. Paulo em 1854, valeram-lhe consanguineos paternos e o collega Cincinato de Almeida Lima, este com livros e aquelles com a mesada de 20$000, até o 3.º anno do curso, quando a fortuna o uniu pelo matrimonio a uma senhora de Mogy-Mirim.

Bacharel aos 19 de Novembro de 1859, desde logo exerceu a advocacia, alcançando triumphos na tribuna judiciaria, mercê da eloquencia nativa.

E, com a fugacidade iriante de certos meteoros, resplandeceu a espaços nas diversas terras de S. Paulo, Rio e Minas, aonde o conduziu a alma inquieta.

Mescla de orador e poeta, sobre janota e bonito, lembrava Maciel Monteiro, assim nas grandezas como nos ridiculos, a que ora ascendia, ora baixava, ao nuto da vaidade

Inclinado ao *flirt* sem consequencias, não perdia bailes e banquetes, para dar nas vistas, em uns recitando versos, em outros fazendo dicursos.

Os ultimos encetava-os elle, a crermos inteiramente em seus adversarios, pela invariavel phrase de referencia a si proprio: « Laureado orador de vossos festins »...

Alguma vez ter-se-ia verificado o caso, em simples brinco de sodalicio alegre, deturpando-lhe o intuito a maledicencia generalizadora.

O certo é que foi João Gabriel quem introduziu nas ágapes locaes os brindes em discursos, proscrevendo o velho systema das *saudes cantadas*:

Não presta o pagode
Em que não ha vinho
Para *seu* Marinho
Molhar o bigode. *Etc.*

Campinas deve-lhe, na reforma dos costumes, a extincção desse vestigio popular dos dithyrambos classicos, aliás serviço não pequeno.

A 31 de Outubro de 1881, em 3.º escrutinio, na eleição para deputado á assembléa legislativa da provincia, João

Gabriel venceu o candidato republicano (Campos Salles) e quasi tambem o liberal (Francisco de Queiroz), menos por influencia propria que pelas condições do pleito.

Entretanto, meses após, renunciava á politica, afim de consagrar-se exclusivamente á profissão, mas não logrando installar-se em definitiva álgures.

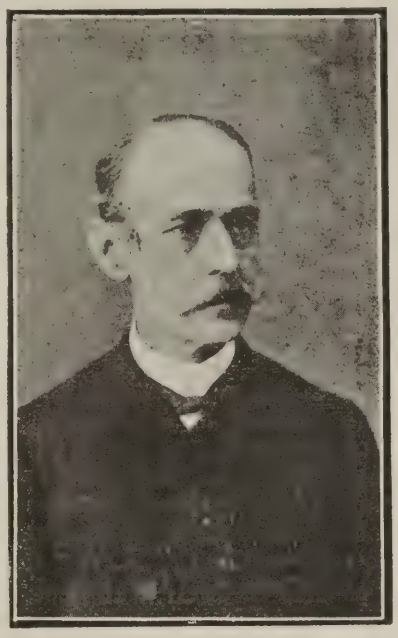
Prejudicou-o na vida pratica a inconstancia, que lhe era caracteristica, tendo residido em S. Paulo, Ribeirão Preto, Mogy-Mirim, Rio de Janeiro, Cantagallo, Campanha e aqui mais de uma feita.

Em 1889, temendo a epidemia de febre amarella, que assolava esta cidade, recolheu-se ao estabelecimento agricola de João José de Araujo Vianna, no bairro da Boa Vista, onde molestia cardiaca o victimou a 10 de Março.

Devia morrer pelo coração quem por elle vivera, enfeiticando donas em saudosos folhetins, quer falados, quer escriptos.

O volume de prosa e verso, que em 1877 publicou, sob o adequado titulo de DIVERSÕES, contem paginas apreciaveis, na finura da traça e na delicadeza do colorido, taes como as do conto *Mathilde* e as da lenda *Macaco branco*.

JOÃO GABRIEL



LUIZ SILVERIO
(Nascido em Campinas a 21 de Junho de 1829 e fallecido a 17 de Fevereiro de 1894)

Volvamos, porém, a *O constitucional*, que, talvez por phantasia do galante redactor, se apresentou impresso em optimo papel, assetinado.

Conservador e clerical, na primeira columna discutia com a *Gazeta* e a *Mocidade* os problemas da hora, levando sempre a peior, e não admira que assim succedesse, pois atacava medidas tendentes a restringir o captiveiro e oppunha-se á separação da Egreja do Estado.

Comtudo, manda a justiça que se diga, bafejou, pela penna de Luiz Silverio Alves Cruz, a introducção do braço livre no país.

Esse collaborador, em razão de preconizar as virtudes do « café amarello de Botucatú », recebeu a antonomasia de *Doutor Amarello*, que devéras o agastava pelo sarcasmo dos incredulos (hoje ninguem mais nega a existencia de similhante variedade da preciosa rubiacea). Luiz Silverio foi deputado provincial em 72-3, viajou pela Europa e Oriente, no segundo semestre de 1878 e presidiu Goiás de 14 de Junho de 1886 a 14 de Julho de 1887.

Das polemicas travadas, a mais ruidosa, não a de maior elevação, foi a de João Gabriel e Carlos Ferreira, a pro-

posito D'Os LAZARISTAS, drama de Antonio Ennes, de que se venderam na Côrte 8.000 exemplares !

Todavia, da phase inicial do bi-semanario, o interesse postumo está nos roda-pés de *N*(avarro), relativos a saraus dansantes: pelas copiosas descripções de *toilettes*, reconstroem-se as modas da época, estuda-se a sumptuaria vigente.

Plena de vicissitudes a phase immediata d'*O constitucional*, que havia de decair pelo influxo de um homem de singular intelligencia, mas de extraordinaria falta de senso.

Lá chegaremos.

Transferida a gerencia da empresa a Francisco Theodoro de Siqueira e Silva, não conseguiu o habil timoneiro levar o barco a bom porto.

A despeito do auxilio intellectual dos collegas bachareis Francisco Gonçalves da Silva e João Frederico Ludovico, a 7 de Agosto de 1875 João Gabriel deixava a redacção da folha.

Substituiram-n'o os dr.es Antonio Januario Pinto Ferraz, actualmente professor na Faculdade de direito de S. Paulo, e Balthazar da Silva Carneiro, fallecido ha annos.

Especie de tarantula social, o segundo, em vez de illustrar as columnas de honra, creou na *secção livre* uma gazeta *sui generis*, intitulada *Corso junior*. Assim, convertido officialmente em *corsario*, o periodico alienou as restantes sympathias da gente distincta.

Breve, a 11 de Setembro, terminanaram as contumelias ferozes, com a retirada dos paladinos da triste figura, um sem lingua alguma, outro demasiado na lingua.

João Ludovico, vindo de Santos, onde redigira em 1872 a *Revista commercial*, era um bananalense de primoroso engenho, como attestam, além de poesias e dramas da juventude, prelecções da Escola normal de Uberaba, artigos da *Gazeta* d'ali e discursos no Congresso legislativo mineiro.

Não morrendo de amores pelo dr. Balthazar Carneiro, que lhe chamava desdenhoso *Lodo-vicio*, entendeu amparar *O constitucional*, até que João Gabriel e Luiz Silverio o receberam de mão beijada dos cansados accionistas, assumindo ambos de dous a redacção em 23 de Outubro seguinte.

Francisco Theodoro, desesperançado da possibilidade de galvanizar um cadaver, fez passagem da gerencia ao compositor Francisco Pedro de Oliveira, que transportou a typographia para a rua do Commercio n.º 30.

Tudo eram mudanças. . . ao cabo inuteis.

Em a noite de 25 de Dezembro, houve quem lançasse fogo ás portas do predio, como que a indicar necessaria incineração do conteudo.

Logo o desanimo tomou de todo os primos redactores, que já pouco escreviam.

Nesta derradeira phase, encerrada com o n.º 196, de 23 de Março de 1876, afóra o noticiario, só havia que ler a dissaborida *Revista hebdomadaria*, de *Anatsep*, inversão literal de Pestana (José Philippe).

DR. BALTHAZAR CARNEIRO

Por sua individualidade nada vulgar, o atrabiliario redactor d'*O constitucional* tem jus a uma apreciação serena, que já lhe dedicaremos.

O dr. Balthazar da Silva Carneiro, filho legitimo do negociante Felicissimo José da Silva e de d. Maria Luiza de

Moura, nasceu a 12 de Janeiro de 1835, em Campos dos Goyatacazes, que deixou aos 17 annos de edade, para estudar na tradicional Paulicéa, a expensas do avô materno, solicitador Balthazar Caetano Carneiro. E, matriculado na Faculdade de direito, ganhou a sympathia de muitos collegas bananalenses, disto resultando-lhe ainda successivos auxilios pecuniarios, ministrados por Laurindo de Almeida e Pedro Ramos Nogueira, posteriormente visconde de S. Laurindo e barão de Joatinga, este pae e aquelle tio do dr. José Luiz de Almeida Nogueira.

Diz o autor das TRADIÇÕES E REMINISCENCIAS que era o estudante fluminense, assim admirado como protegido, «a mais vigorosa mentalidade, talvez, da turma formada em 1858» (á qual, aliás, pertenciam Aureliano Candido Tavares Bastos, Affonso Celso de Assis Figueiredo e Francisco Ignacio Homem de Mello, futuros conselheiros do Imperio) «e, certamente, um dos mais privilegiados talentos que têm passado pelos bancos da Academia».

Doutorando-se no anno subsequente, foi eleito deputado á Assembléa provincial, para o biennio de 1860-61, pelo 4.º districto, que compreendia os collegios eleitoraes de Areias, séde, Lorena, Silveiras, Queluz, Barreiros e Bananal. Mas, accede o citado chronista, comquanto assiduo na tribuna, onde, argumentador valente, aparava sobranceiro golpes ferinos, não logrou o exito que promettiam seus peregrinos dotes intellectuaes.

Terminada a legislatura, o dr. Balthazar da Silva Carneiro fixou-se em Campinas, nessa época theatro de choques terriveis, aos quaes o arrastaria a fatalidade do temperamento. Demais, já lhe tinham creado largas prevenções os arremessos satiricos, contra tudo e contra todos, no *Ypiranga*, em que fizera as primeiras armas, ao flanco do dr. João da Silva Carrão, de 53 a 55, no *Cruzeiro do Sul*, por elle redigido, em companhia de Theophilo Benedicto Ottoni, de 55 a 58, e no *Publicador paulistano*, cuja maior responsabilidade lhe coube, de 58 a 60 (o ultimo, em razão da violencia de linguagem, soffreu um empastellamento completo, na noite de 17 para 18 de Maio de 1859.)

Malquistando-se por via do incoercivel espirito aggressivo, não faltou quem lhe asseteasse o calcanhar de Achilles, através de aventuras dos tempos academicos, postas em maior contribuição as de caracter erotico. E é facil imaginarmos o effeito escandaloso, considerado o gráu do atrazo local, mediante leitura de um annuncio da *Aurora*, relativo a instituto de ensino aberto em 1 de Janeiro de 1859. Ahi as educandas «estariam como num recolhimento», não se permittindo ingresso ainda ás pessoas mais intimas, salvo paes e tutores, apenas para ver-lhes o trato, «algumas vezes», passageiramente» e «acompanhados da directora» (esposa de Joaquim Mariano Galvão de Moura Lacerda.)

Tamanha insociabilidade, assim inoculada no seio das familias, originava suspeitas negregosas, em que frequentemente incidiam os vindos de fóra, com regras menos severas em domesticas manifestações de carinho. E não raro taes suspeitas, produzindo desconcertos, cambiados em odios, resolviam-se na pratica de crimes de sangue entre parentes e contra parentes.

Assassinado a 6 de Janeiro de 1864, em consequencia de uma imputação de incesto, o dr. Bernardino José de Campos, dous de seus desaffectos intrepidamente saíram á estacada, os drs. Ignacio Achilles Betoldi e Balthazar da Silva Carneiro, um para indigitar, no inquerito policial, os suppostos, ou verdadeiros mandantes do delicto, outro para accusal-os, no processo a que haviam de responder. Receioso de que tambem o matassem á traição, o medico foi-se logo para S. Paulo, de onde enviava ao *Rio de Janeiro* correspondencias, cujo thema era o crime de Campinas. Desdenhando ameaças, aqui permaneceu o advogado, no serviço gratuito á viuva e orphams da victima, a quem o equipararam paixões estuantes.

Desses acontecimentos proveiu a dupla fama do dr. Balthazar da Silva Carneiro: o homem ficou em descredito, conceituando-se o causidico. Desde en-

tão, sabidamente corajoso e habil, teve abundante clientela, entrando-lhe no escriptorio enormes sommas, das quaes muitas se escoaram em esmolas. Trinta annos depois, 29 de Abril de 1894, num quarto da Santa casa de misericordia, expirava o desditoso, indifferente ao juizo da Posteridade, como affirmou em estrophes risonhas, escriptas horas antes do traspasse.

A acceitarmos informes de Sacramento Blak, bibliographo inseguro, o dr. Balthazar da Silva Carneiro deu ao prélo: além dos opusculos *Theses* para receber o gráu de doutor, sustentadas perante a Faculdade de S. Paulo (1859) e A REFORMA BANCARIA DO BRASIL (1859), POESIAS (1859), SAUDADES E CONSOLAÇÕES, versos em collaboração com Paulo Antonio do Valle (1861) e SEPTIMIO, romance (1861).

Na *Gazeta de Campinas*, numeros de 14 e 27 de Julho de 1880, publicou seis capitulos da PHILOSOPHIA DO PROCESSO COMMERCIAL, precedidos d'um artigo de Quirino dos Santos, que ao autor chama «illustre jurisconsulto»; essa obra valiosa, para a qual, segundo Estevam Leão Boarroul, traçou prefacio o conselheiro Ramalho, outro amigo e admirador daquelle, embora concluida, não foi editada em livro.

O extincto collaborou ainda, versando assumptos de sciencia e literatura, no *Diario* e *Correio de Campinas*.

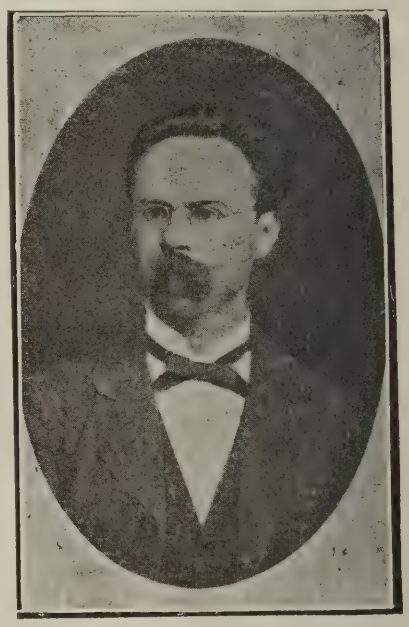
Opinião liberal

A contar de 1876, conservadores e republicanos alliaram-se por vezes, dando combate nas urnas a liberaes, ainda poderosos em circulos da provincia. Disso fizeram os ultimos contra os outros um *cavallo de batalha*, armado nas columnas mestras de sua imprensa.

Extincto *O constitucional* naquelle anno, em que á *Gazeta de Campinas* realentou um sopro de juventude, a defesa da causa monarchica na séde do 7.º districto, onde se lhe multiplicavam adversarios, carecia de novo orgam jornalistico, mas vibrante sobre intransigente. Afim de estigmatizar os referidos conchavos eleitoraes, foi que um lustro após, 22 de Junho de 1881, veiu a *Opinião liberal*, propriedade de ricaços politicos em commandita.

Si tardio para salvamento das instituições cadentes, era o gesto opportuno a consolidar interesses pessoaes, embora de nenhum modo illicitos. Figuravam de co-redactores da folha, só para effeito partidario, os bachareis campinenses João Egydio de Sousa Aranha e Carlos Norberto de Sousa Aranha (em Novembro proximo, transferir-se-ia do primeiro ao segundo, como traste de familia, uma poltrona de deputado provincial.)

João Egydio, desde logo entregue quasi todo á advocacia, na qual grangeava fama, nem literariamente quiz affrontar a publicidade ali, veïculando pieguices metricas, depois enfeixadas nas EPHEMERAS (1887), porquanto se limitou á inserção anonyma de um plangente artigo, memorativo do dr. Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes. E pouco mais teria escripto, sem assignatura tambem, Carlos Norberto, a curto espaço absorvido pelas funcções parlamentares, em cujo exercicio se avinha discreto, posto fosse de espirito menos lucido que o primo natural.



JOÃO EGYDIO

(Nascido a 31 de Maio de 1850 e fallecido em 29 de Março de 1905)

Entre dous jornalistas de appellidos consimiles, mas não assim, ou de maneira diversa aparentados, repartiam-se os encargos da *Opinião liberal*, diario de grande formato até 1 de Fevereiro de 1882, quando minguou por circumstancias de vida economica. Egualmente redactores declarados, soffriam os exclusivos botes da injuria, erguida em escudos de bairrismo, que apenas mascaravam conveniencias de ordem social.

Vejamos, porém, as credenciaes desses advenas, «sujeitos que não se sabe d'onde procedem», na grosseira phrase do momento.

Polycarpo Teixeira de Almeida Queiroz, filho legitimo do outro do mesmo nome, nascera no Brasil, em Silveiras, aos 2 de Janeiro de 1848. Consanguineo de Teixeira de Queiroz e Eça de Queiroz, como ambos era escriptor de raça, não tanto aprimorado devido á incultura do meio.

Foi o restaurador da imprensa, depois de 37 annos de interrupção, em Pouso Alegre, creando *O mineiro*, periodico existente de 73 a 75. Mais tarde se afazendou na Penha do Rio do Peixe, d'ahi trazendo cabedaes, entrados na empresa dos correligionarios, nesta localidade. Não merecia a pecha de *espoleta* quem, com talento e dinheiro, buscava servir honestamente ao respectivo gremio. Sceptico em apparencia, tinha devotamentos affectuosos, que o tornaram á pobreza. (Esbanjou centenas de contos em proveito alheio.)

Polycarpo de Queiroz escreveu bellas paginas de verso e prosa, para o *Correio de Campinas*, em uma das mais brilhantes phases, cujos exemplares infelizmente não se colleccionaram. Nelles pôz á estampa, com os *noms de plume* Quercilio de Pope Rose e Luiz Victor, poesias decadistas e *Monocordio*, poemeto no estilo do *Intermezzo* de Heine, além dos estudos criticos *A «Carne»* e *Novos e Velhos*, numerosas chronicas e artigos occasionaes, sob pseudonymos varios.

De sua lavra, guardam ainda as estantes dos bibliophilos duas curiosidades, editadas em 1889: *A Corja*, satira em alexandrinos contra os republicanos, a que revidou Hippolyto da Silva com *A Choldra*, atacando os monarchistas, e TRANSFORMAÇÃO DO TRABALHO, obra de preconicio á immigração chineza.

Proclamado o regimen democratico, chamaram-n'o á policia algumas vezes, como conspirador, sendo a ultima durante a revolta da armada. Com isso não visavam mais que aborrecel-o, em despique a intermittentes pilherias, á feição de um requerimento ao ministro da agricultura do Provisorio, no sentido de conceder-lhe «o *resto* das terras devolutas», e da tentativa de organização do Partido catholico.

POLYCARPO DE QUEIROZ,

o fino ironista, sucumbiu a uma *angina pectoris*, em 22 de Novembro de 1893.

Português de origem, Alfredo de Almeida naturalizou-se brasileiro, no acceso de nossa guerra com o Paraguay, o que devia assegurar-lhe consideração patriotica. Dispensado de expor a vida ao furor imigo, entendeu conquistar incruentamente a estima dos filhos do país, devotando-se na imprensa ao engrandecimento da nacionalidade.

Tendo por domicilio Taubaté, berço de bandeirantes, fundou em 1868 *O paulista*, que redigiu até 1876; no jornalismo da provincia, desde 1870, era a unica voz do partido liberal. Passado a Pindamonhangaba, publicou o *Diario do norte*, de estréa a 28 de Abril de 1877. De 9 Setembro de 1879 a Julho de 1880, em S. Paulo, administrou *A constituinte*, escripta por Leite de Moraes, Bento de Paula Sousa e Brasilio Augusto Machado.

Conhecidas taes *etapes* do jornalista, sempre fiel a um unico estandarte, reclamaram-n'o os camaradas d'aqui. E, finda a missão em Campinas, volveu a Taubaté, fazendo resurgir em 1884 *O paulista*, que transportou á capital em 1886; esse orgam partidario chrismou-se em *O liberal paulista*, a 12 de Abril do seguinte anno.

No derradeiro posto, abateu-o a Morte, quando acabava de rever uma prova typographica, em a noite 30 de Agosto de 1887. No dia immediato, os confrades noticiaram a perda em menos de quatorze linhas sem metro, nem graves accentos de pesar. E, talvez como *erratutum* sentimental, João Egydio consagrou prantivo soneto ao luctador imperterrito que, ferido no coração, tombara empunhando a arma gloriosa.

De Alfredo de Almeida, alto, magro, espadaúdo, rosto moreno, emmoldurado por barba negra, olhos doces, conserva-se o retrato na lembrança de raros amigos.

Agora, á *Opinião liberal* propriamente, pois já dissemos assás dos que se revesavam na factura de seus editoriaes.

De ordinario oppunha embargos á propaganda republicana, feita na *Gazeta de Campinas*, a qual simulava desdenhar-lhe a existencia, furtando-se a qualquer resposta directa. Resultava negativo o silencio manhoso, assumido pelo «futuro orgam da Republica Federal», conforme á expressão da oppositora zombeteira. E, como um erro chama outro, quasi sempre maior, o mais ardoroso dos propagandistas, descendo a viseira, metteu-se no atalho da *secção livre*, para investir contra o sr. de Indayatuba.

Cartas ao visconde institulou-se uma série de dez, saídas nos ineditoriaes da *Gazeta*, de 12 de Maio a 8 de Julho de 1882. As replicas, numericamente em dobro, appareceram de 14 a 19 desses meses, nas columnas de honra da *Opinião*.

O *republicano* (Campos Salles), attribuindo ao titular a autoria da alcunha *O chicotão*, relativa ao orgam dos liberaes, responsabilizava-o pelos golpes do latego symbolico. E, com a acrimonia das vaidades irritadas e irritantes, não tardou a analysar-lhe a conducta partidaria.

Para defesa de seu passado politico, de 40 annos, cuja maior actividade fôra de 1842 a 1863, a Polycarpo de Queiroz, que a sustentava galhardamente, subministrou o velho chefe espécimens de correspondencia epistolar, constituindo valiosos documentos auto-biographicos.

Quando ia já accesa a polemica, Campos Salles aggrediu physicamente a Alfredo de Almeida, ás 9 horas da manhã de 25 de Maio, na rua do Commercio, entre os escriptorios das duas folhas. Mas o facto desagradavel originou-se de uma *local* da ultima, em que lhe argüiam abuso da influencia de veneravel maçonico, para obtenção de causas forenses a outrem confiadas antes.

O pugilato não aggravou a linguagem dos debates, no correr dos quaes observámos dous armisticios, por motivo de sentimento superior, a morte de pessoas caras ao antagonista do visconde de Indayatuba e a este.

Via de regra, as campanhas da *Opinião* eram fatigantes, pela mira exhaustiva dos assumptos, bastando lembrar que ahi se discutiu, de Setembro a Outubro de 1881, em 32 artigos longos, *O progamma dos candidatos republicanos*...

Porém, como derivativo ao espirito, os leitores communs, ou menos interessados nos choques politico-partidarias, encontravam nella, além de curioso resumo dos jornaes e abundante noticiario, *Correspondencias do Rio*, de J.

de Salles Pinto, e *Chronicas santistas*, de *Raul de Cró* (Arthur Bastos), estudos literarios, linguisticos e historicos de E. Leão Brasil e J. de Paula Sousa.

Por decreto de 13 de Janeiro de 1883, o governo geral nomeou o major Luiz Antonio Rodrigues 1.º tabellião desta cidade, preterindo o funccionario interino, b.º Manuel José da Silva, indicado para effectivo pelo directorio local.

Os membros do mesmo, João Ataliba Nogueira, presidente, João Egydio de Sousa Aranha, secretario, Antonio Carlos de Moraes Salles, Joaquim Ferreira de Camargo e Antonio Egydio de Sousa Aranha, não se conformaram com o acto, segundo da especie no genero desattenção (quasi um anno antes nomeara-se para serventuario do cartorio de orphans Filinto de Oliveira Tourinho, preterindo-lhes o candidato Torlogo O'conor Paes de Camargo Dauntre).

Tres dias após, deliberaram assumir uma attitude de protesto em face do novo menosprezo, supprimindo a *Opinião liberal*, cujo derradeiro numero foi o da seguinte data, 17.

Assim aberta a dissidencia no seio do partido, na provincia de S. Paulo, representantes delle com assento na Assembléa legislativa, creadora de tabellionatos, propuzeram se extinguisse o primeiro de Campinas, o que não vingou, mas deu-lhes ensejo a largos desabafos.

Occupando a tribuna, em a sessão de 20, Augusto de Queiroz disse que o projecto apresentado, além de outras vantagens, tinha a conveniencia de demonstrar a necessidade da descentralização, infelizmente julgada inopportuna até aquella hora dolorosa.

O orador liberal, a certa altura, appellou para os inimigos do regimen então vigente:

« Attendendo a este acto e a outros, pede o apoio da patriotica deputação republicana, no sentido de, com o voto, manifestar seu desagrado ao governo ».

Respondeu Prudente de Moraes:

« Nesse ponto, conte comnosco (elle, Campos Salles e Rangel Pestana); mas, na questão de suppressão do tabellionato, aguardamos as competentes informações» (do juiz da comarca).

Momentos antes, o 1.º secretario da assembléa, Carlos Norberto de Sousa Aranha, redactor da recem-extincta *Opinião liberal*, havia-se declarado contrario á medida proposta, « porque Campinas precisava desse officio ».

O gesto dos republicanos, bem orientados, tornava insuspeito o desse adversario, cujo tio, commendador Joaquim Polycarpo Aranha, na vespera, fôra feito barão de Itapura, afim de aclamar os animos...

A 25, *O 7.º districto de S. Paulo*, edição unica, sommava os desgostos produzidos; do primeiro artigo trasladamos algumas linhas, bem significativas:

« Nas varias manifestações de seu desagrado á politica compadresca do gabinete Paranaguá, onde predomina o elemento nortista, com menoscabo dos brios da provincia, avultam o procedimento do directorio do partido liberal, de Campinas, suspendendo a publicação de seu orgam, a *Opinião liberal*, o acto da assembléa provincial apresentando o projecto de suppressão do 1.º cartorio daquella cidade, e este numero extraordinario, que fazemos distribuir na capital do Imperio, consubstanciando as razões de nossas justas queixas, e como um protesto ao predominio do elemento bahiano, no seio do ministerio presidido pelo maior áulico e favorito do Paço, o sr. visconde de Paranaguá.»

« Cedendo a empenhos inconfessaveis, quem sabe si a pressão d'aquelles que, ainda em outro reinado, o podem encher de honrarias, julgou que podia apagar uma affronta com o titulo de baronato, e abriu o cofre das graças.

Enganou-se! »

Dous liberaes de Campinas, pertencentes ao directorio desautorado e recalcitrante, Joaquim Ferreira de Camargo e João Ataliba Nogueira, receberam em outras situações, 1887 e 1888, os baronatos de Ibitinga e de Ataliba Nogueira.

IV

Parenthesis — Orgams de escandalo

O petiz-jornal

Por suggestão de *Le petit journal* parisiense, assim se chamou, em meia giria portuguesa, um de nossos periodicos, que desastrado termo fez celebre.

Fundaram-n'o Alfredo Gerard, Henrique de Barcellos, Theophilo de Oliveira e João Dias de Toledo, chefe das officinas, redactor e frequentadores do *Diario de Campinas*, em cuja typographia se imprimiu a principio. Por isto, suppuzeram muitos, erroneamente, que era um *filhote* clandestino da folha de Antonio Sarmento, extranho a similhante fundação.

O primeiro numero distribuiu-se a 5 de Maio de 1879, agitando vivamente a burguezia, á qual causou uma sensação nova.

E o seguinte trecho da chronica *Outros tempos!*, por Henrique de Barcellos firmada n*O dia*, quinze annos passados, deixa ver o que foi na estréa *O petiz-jornal :*

«Imitando o Mysterio da estrada de Cintra, nossas intelligencias desentranharam um romance, que, á guisa do que aconteceu em Lisboa, deu que *zeinar* á policia d'aqui. Gerard compareceu á policial presença da autoridade, que perguntou, de sobresenho carregado, que era aquillo. Sorrindo, respondeu Gerard que aquillo era mentira. A autoridade teve, então, uma replica esplendida: «Não admitto mentiras: ouviu?» E, d'ahi para cá, nunca mais houve mentiras neste mundo, por ordem da autoridade.

Mas, o romance continuou, e, como mexia com alguns rapazes daquelle tempo, rapazes endiabrados, capazes de fazer das suas, como os gatos pelos telhados, houve promessas ferozes de pancandaria retumbante no lombo dos illustrados autores.

Julio Ribeiro, muito cortês, que nessa época tratava toda a gente por *Sua senhoria*, foi á redacção dizer-nos:

Suas senhorias, já sabem o que corre; não? Dizem que os querem aggredir, por via das allusões do romance que publica *O petiz-jornal*.

Theophilo de Oliveira, que já estava exuberantemente informado, respondeu:

—Já sei, *seu* Julio, promettem-nos manifestação de *fogo de bengala*.

Com *b* minusculo, observou Julio Ribeiro.

—Sim, com *b* pequeno; mas com tremendos porretes.

E, agora, que tencionam fazer? inquiriu o philologo.

E' cascar-lhes fazenda grossa, sentenceiou João de Toledo, alto como um pinheiro e grave em suas suiças á Ramalho Ortigão.

A' noite, quando iamos ao *bife*, era olho atraz, olho adeante, á espera da manifestação. Mas, os tempos *correram de manso*, e o romance foi até o fim, o que fez desesperar algumas Carolinas das horas mortas e saia curta, que se viam retratadas e... quasi sem dinheiro para as despesas.»

Nem tão de manso correram os tempos... Si os redactores da gazetinha das segunda-feiras escaparam sempre a vindictas, amigos padeceram algumas vezes por elles. Haja vista ao que succedeu a Luiz de Campos, então funccionario postal e hoje do magisterio publico.

Porque João de Oliveira Fagundes, outr'ora professor normalista, que acabou major de policia reformado, inserisse no *Correio da tarde*, empresa sua, um folhetim ultra-romantico, descrevendo certa festa de nupcias; estampou *O petiz-jornal* uma parodia, retratando a noiva engrinaldada de flôres que das de laranjeira tinham só a côr, e calçada de botinas de duraque — 42, bico largo.

Propalou-se que tal obra era do *poeta* do correio, moço de *pastinhas* e çalças *bocca de sino*, e, como o debique não houvesse feito bom cabello ao recem-casado, resolveu este mettel-o em calças pardas...

Assim, a 10 de Março de 1880, quando o empregado da agencia, symbolicamente revestido de louros, buscava os caros penates, Francisco de Paula Machado fustigou-o, «a chicote, em plena rua Direita» (ora barão de Jaguara), segundo narrativa da victima, vinte e sete annos depois.

* * *

Com a substituição de taes arautos do realismo por Eugenio Lucio Ribeiro e Firmino Augusto de Godoy, *O petiz-jornal* passou a explorar francamente o escandalo, até sem o rebuço da fórma literaria.

Todavia, esses intellentes mancebos, desorientados pelo espirito ganancioso

de outrem, cuja bolça regorgitava agora, tinham aptidões para as letras e para o jornalismo.

Eugenio Lucio Ribeiro, português, que viera da Côrte, na qualidade de auxiliar de escriptorio da *Lidgerwood Manufacturing Company*, para ali regressou.

Em Julho de 1882 já estava na direcção d'*O phosphoro*, revista carióca de 16 paginas, abrilhantada por Adelino Fontoura, Valentim de Magalhães, L. G. Duque Estrada, Raymundo Corrêa, Raul Pompeia, Bernardino Lopes, Aluizio Azevedo, Randolpho Fabrino e Silvestre de Lima, dos quaes apenas este sobrevive. E, transcorridos mêses, entrava para a *Folha nova*, que o saudoso Manuel Carneiro lançou á circulação em 23 de Novembro.

Pereceu afogado a 27 de Setembro de 1883, com 24 annos de edade apenas, numa corrida de *cutter* entre o Caes dos mineiros e a Ilha das enxadas, dizendo flebilmente, ao cerrarem-se-lhe as palpebras: «Muito me custa o morrer!»

Firmino de Godoy, campinense, que de 1874 a 77 estudara humanidades, em S. Paulo, para a matricula no curso juridico, era inseparavel de Joaquim de Salles Pinto, magnanimo conterraneo, a quem a bohemia estiolaria as rosas da existencia no berço querido; foi seu collega na *Escola militar*, da Praia vermelha, alcançando postos no exercito, cujas fileiras abandonou. Chefe de secção na directoria geral dos correios de nosso Estado em 1900, pouco antes escrevera o drama O LEITO 27, em dous actos, o primeiro imitado de uma novella de Pierre Veron e o segundo original.

Na capital da Republica, teria elle encontrado com Alfredo Gerard, que, informam-nos, andava correndo lá seu fadario...

O petiz-jornal, em que Lucio e Firmino labutaram ingloriamente, acabou a 25 de Abril de 1881, com o n. 135, devido a um artigo anonymo, de resposta ao *Correio d'Italia*, e a uns versos sob o pseudonymo *Cicero*, tudo lavra do terrivel advogado dr. Balthazar da Silva Carneiro.

No primeiro lia-se, entre outras cousas crespas:

«Que exporta a Italia para a America, que carece de braços e de trabalho:
Barbeiros sem navalhas;
realejos e macacos africanos;
relojoeiros que nos collocam o ponteiro das horas do meio dia ás 6 da tarde;
creados que precisam de cem para vigiallos;» *etc.*

E, nos segundos, deparavam-se chascos não menos ferinos:

«Come Veneza mariscos
E Milão come polenta...
O francês rustiu a Italia
Na batalha de Magenta.»

Desde cêdo, os representantes da colonia melindrada cogitaram de um desforço, promovendo-o activamente Emilio Georgetti, professor de piano do *Collegio Florence*; para o fim, conferenciou elle muitas vezes, em Santa Cruz, com Prospero Bellinfanti, agente consular. Constituiram-se em commissão os dous, o conde Attilio Bucci, docente no *Culto á sciencia*, Samuel Malfatti, agrimensor, Francesco Donnice, estabelecido com barbearia, Ferdinando Carina, guarda-livros, Pietro Giambastiani, baixo, gordo, de *cavaignac* grisalho, relojoeiro e membro de varias associações patrioticas, e Elpinice Torrini, moço esvelto, loiro, de *pince-nez*, e a cujo pincel devemos os vitraes da Cathedral e devem os curytibanos a decoração da delles.

Desses, já falleceram: Prospero Bellinfanti, Samuel Malfatti e Pietro Giambastiani; vivem, ou viviam ha poucos annos atraz: no Rio, Elpinici Torrini, exercendo a antiga profissão; na Italia, Atilio Bucci, Francesco Donnice, Emilio Georgetti e Ferdinando Carina, o penultimo desfructando bons cabedaes em Florença e o ultimo como traductor official de português em Lucca.

A's 6 horas da tarde do memoravel dia, cerca de 1.000 compatricios de Victor Manuel, dispostos a comer até as tripas de Alfredo Gerard, em vez do *macarrão embrulhado no papel*, da trova popular, reuniram-se na praça do theatro.

Desse ponto, com uma bandeira de sua nação e a banda Luiz de Tulio precedida por dous tambores, marcharam em trom de guerra para casa do b.el Antonio Gonçalves Gomide, juiz de direito, á rua General Osorio, esquina da S. João (visconde do Rio Branco, posteriormente).

Tendo os cabeças do movimento reclamado a suspensão immediata d'*O petiz-jornal*, ou uma positiva retractação das injurias por parte do proprietario, o magistrado fez-lhes sentir a irregularidade da conducta e declarou altivamente desattendel-os.

Contrariados pela energia do futuro desembargador de Goyás, pae do engenheiro dr. Candido Gomide, que morreu chefe do escriptorio da *Companhia Mogyana*, dirigiram-se todos á GAZETA e ao DIARIO DE CAMPINAS, na rua do Commercio (actual dr. Quirino).

Saudadas as redacções por Attilio Bucci, *oratore ufficiale della commissione*, falaram Carlos Ferreira e dr. Candido Barata Ribeiro, agradecendo respectivamente.

Na ultima folha, comtudo, os manifestantes lembraram-se de exigir, em altos brados, a entrega de Alfredo Gerard, pelo que, assomou á uma janela Francisco Glycerio, protestando lá não estar o procurado e nada ter de commum o orgam do mesmo com aquelle.

Então, a densa columna furente, encaminhou-se lesta, a grandes rufos, para a rua do Portico (Ferreira Penteado), estacando ao canto da rua Boa Vista (Augusto Cesar), onde era a typographia d'*O petiz-jornal*.

O *sobradinho* de D. Angela Nicteroy, prédio da installação, estava bem fechado e Alfredo Gerard melhor occulto...

Attilio Bucci, após um discurso, — em que proclamou «il redattore codardo» e disse que o semanario não deveria reapparecer «anchi sotto altro nome e anchi sotto altri tipi», — queimou um exemplar da edição nefanda, á vista dos circumstantes...

Findo o curioso auto de fé, Malachias Ghirlanda, deposta a classica férula das horas de educacionista antigo, mas batendo no ouvido com o indicador recurvo, por inveterado cacoête, assegurou reprovarem os naturaes da terra ataques a extrangeiros laboriosos.

A procissão de desaggravo dissolveu-se logo, aos gritos de *Viva l'Italia! Viva la bella Italia!*

Muitos brasileiros resentiram-se, porém, da arrogancia observada. Censuraram uns que a força publica permanecesse aquartellada, tendo até o commendador Joaquim Polycarpo Aranha, mais tarde barão de Itapura, pensado em congregar paisanos para repellir possiveis affrontas novas. Outros verberaram a apathia das autoridades policiaes, em face do insolito acontecimento, e Raphael de Salles, jacobino da monarchia, o fez pessoalmente ao delegado, José Raggio Nobrega.

Mot de la fin:

Attilio Bucci, logar-tenente de Emilio Georgetti, principal instigador dos italianos, pouco depois metteu-se numa infeliz aventura amorosa...

Perdeu a cartola solenne e os oculos graves, ganhando umas ruidosas asas de pau, com que voôu para a Paulicéa, onde a 23 de Julho de 1882 creou L'ECO D'ITALIA, gazeta doutrinaria *(sic)*.

Ai delle, si *O petiz-jornal*, como a Phœnix da fabula, resurgisse então das proprias cinzas!

(Continúa)

Alberto Faria.

ADDENDO

Damos a seguir um resumo do processo crime instaurado a João Theodoro de Siqueira e Silva, e ao qual alludimos no fim da pag. 16:

A 9 de Janeiro de 1859, a *Aurora* trazia uma *Correspondencia* assignada *O estudante de latim*, destacando-se da mesma o trecho infra:

«Sr. Redactor. Uma boa lembrança não deve perder-se. Lembre Vmce. ao exmo. presidente da Provincia, ou ao da Assembléa provincial, que, assim como se sujeitam a um exame os professores de 1.as letras e de latim, para se conhecer sua aptidão ao magisterio,

deveriam sujeitar-se tambem a isso os inspectores das escolas, que estão acima dos professores; ou deveria exigirem-se delles, ao menos, documentos que justificassem ter estudado as materias cujo ensino têm de inspeccionar, afim de evitar-se o abuso que estamos vendo em Campinas, onde ha um inspector, que, nunca tendo estudado preparatorios em sua terra, não sabe latim, nem francês, nem elementos de grammatica geral, fala o português como um preto boçal e o escreve como fala».

O funccionario ahi alvejado, dr. Theodoro João Henrique Langgaard, chamou a juizo a firma Silva & Irmão, proprietaria da typographia, comparecendo o socio-gerente João Theodoro de Siqueira e Silva, que declarou não exhibir o autographo, visto responder em pessôa por todo o conteúdo do artigo, como editor da folha.

A audiencia effectuou-se a 21 do referido mês, presidida pelo supplente do delegado de policia, b.el Francisco Antonio Pinto, que a encerrou mandando lavrar o necessario termo de responsabilidade, no qual dava á parte contraria oito dias para apresentação da queixa, — termo subscripto pelos interessados e pelas testimunhas Antonio Monteiro de Carvalho e Silva e Isidoro Fernandes Cantinho.

Findo o prazo, o b.el Antonio Joaquim de Sampaio Peixoto, procurador do A., entrou com a queixa, dizendo o R. incurso (em gráu maximo) nos arts. 231 e 236, §§ 4. e 5., comb. com o art. 237, § 2., do Cod. Pen., e estimando em 4:000$000 o damno causado.

E a 3 de Fevereiro seguinte realizava-se a inquirição de testimunhas, ali arroladas, para apurar si aquelle numero da AURORA CAMPINEIRA fôra lido por mais de 15 pessoas, faltando só a de nome Joaquim Theodoro Alves, alferes. Estiveram presentes Jorge Guilherme Henrique Krug, Antonio Rodrigues de Almeida Junior, Fidelis Antonio Machado, Antonio Carlos Gomes, juramentadas, e Francisco Theodoro de Siqueira e Silva, informante.

Unicamente os depoimentos de duas têm interesse quanto á circulação do semanario.

Jorge Krug disse ser um de treze devolutores do periodico á data do editorial malsinado, sabendo que ainda continuavam a recebêl-o Antonio da Rocha Leite, Manuel de Araujo Roso Junior, Custodio Manuel Alves Junior, José Alves Cruz, Fidelis Antonio Machado, Francisco Soares de Abreu e Francisco de Assis Prado.

Si alguns dos assim denunciados ás iras ridiculas pelo irmão de Francisco Krug, — o promotor da devolução fatidica, — deixou de comprar na botica do denunciante, esse de certo não foi o *amigo Fidelis*, que até nos autos se jactou de persistir ledor pagante oppostamente ao que fez Almeida Junior, timido comparsa dos Krug. (Havia, ainda, os que se deliciavam, ou se aborreciam gratuitamente, «correndo os olhos» por exemplares alheios da AURORA CAMPINEIRA, v. g. Carlos Gomes, o embryonario musicista do GUARANY.)

Segundo Francisco Theodoro, os assignantes da terra e de fóra montavam a 120.

O R. que só averbou de suspeito ao primeiro depoente, interrogado dous dias após confirmou, todavia, o que o mesmo depuzera bem como outros, no tocante a accummular elle as funcções de impressor e as de entregador do unico orgam de publicidade ao tempo. De facto, João Theodoro era o *faz tudo*...

A 7, o delegado já o pronunciava pelos crimes de calumnia e injuria, consoante ao desejo manifesto do A., dizendo fazêl-o «em face da prova dos autos» *(sic)*.

E a 8, o juiz municipal, b.el Tito Augusto Pereira de Mattos, mais tarde desembargador e chefe de policia da Côrte, confirmava o despacho de pronuncia «em vista de seus fundamentos» *(ze-sic)*.

Da prova dos autos não resultava que João Theodoro houvesse calumniado ao dr. Theodoro Langgaard, nem a autoridade policial tinha fundamentado seu despacho...

Fantasmagorico! Myrabolante!

Em data de 9, num requerimento do punho do b.el Bernardino José de Campos, pedia o R. fosse admittido a prestar fiança; e, deferindo-lhe o pedido, o delegado nomeou os b.eis Francisco Antonio de Araujo e João Ataliba Nogueira para avaliarem-n'a, e, tambem, avaliarem as custas do processo até o ultimo julgado, e o damno.

A derradeira prescripção occasionou um incidente joco-sério, por isso que os nomeados nem á mão de Deus padre quizeram cumpril-a, limitando-se a arbitrar a fiança em 250$000 e as custas em egual quantia. Encafifado com a resistencia de ambos, — expressa por um trocista e por outro austeramente, a despeito da *citação do art. 109 do Cod. do Proc. Crim.* e da ameaça de *soffrerem as penas de desobediencia*, — de si proprio resolveu o b.el Francisco Antonio Pinto, legalmente escudado, que o R. depositasse nos cofres municipaes 1:000$000, verificando-se isto a 14, conforme recibo do procurador da camara, Ildefonso Antonio de Moraes.

Terminada dess'arte a pendencia, João Theodoro recorreu logo ao juiz de direito, b.el Affonso Cordeiro de Negreiros Sayão Lobato, da pronuncia e confirmação, assignando o termo nos autos com as testimunhas Americo Brasilio de Campos e Manuel de Castro Camargo.

O juiz de direito pensava *comme les autres*; o recurso não teve provimento.

Transcorrido um mês e um dia, em 18 de Março, o A. foi intimado a offerecer libello dentro de 24 horas.

Parecia impossivel que o b.el Antonio Joaquim de Sampaio Peixoto, habil embora, conseguisse descalçar uma das botas...

Era absurdo o processo intentado por calumnia, visto, como esta consiste em imputar-se a alguem um facto que a lei tenha qualificado criminoso e em cuja accusação caiba acção publica. Ora, dizer que um individuo não sabe latim, nem francês, nem

elementos de grammatica geral, etc., não é calumnia, porque o facto a elle imputado não é facto criminoso, a lei não o considerou tal.

O causidico desapertou-se perpetrando sophismas. Senão, vejamos os 3.º e 4.º *provados* do libello:

«P. que, attribuindo-se ao A. uma supina ignorancia ácerca das linguas latina e francesa e ácerca da grammatica geral, dizendo-se que o A. nunca estudou essas materias, se lhe attribue o facto de ineptidão notoria para exercer o cargo de inspector de escolas (e este é o sentido proprio daquella correspondencia, como evidentemente mostram outras expressões nella contidas): a ineptidão notoria é um crime definido no art. 166 do Cod. Pen., sob a epigraphe — Irregularidade de conducta, e tem por isso procedimento official de justiça. Inda mais.

P. que, exercendo o A. as profissões de medico e cirurgião, e, usando assignar-se com o titulo de doutor, aquellas expressões importam a asserção de que o A. faz uso de um titulo que não tem, pois que não podia obter essa formatura pela universidade de Copenhague sem estudar taes materiaes; e quem usa de titulo que não tem incorre na disposição do art. 301 do Cod. Pen., que, sendo crime policial, tem egualmente procedimento official de justiça — art. 37, § 1., do Cod. do Proc. Cr.»

Aliás, sabia o advogado, melhor do que ninguem, não *pegaviam as bichas:* as illações forçadas provavam de mais...

Si se tivesse demonstrado, opportunamente e em logar proprio, que as censuras d'*O estudante de latim* visavam realmente o dr. Theodoro Langgaard, e era certo, apenas teriam cabida talvez os 5.º e 6.º *provados*:

«P. que a correspondencia contem injuria na parte que diz que o A. fala a lingua portuguesa como um preto boçal e que a escreve como fala; por quanto

P. provará que aquellas expressões prejudicam a reputação medica do A., pois que tendem a fazer crêr que o A. é incapaz de receitar em lingua portuguesa, como determina o Reg. n. 828 de 29 de Setembro de 1851, art.s 40 e 41; além de que, o expõem ao desprezo publico, visto serem os pretos boçaes as pessoas havidas por menos intelligentes entre nós no conhecimento da lingua portuguesa.»

Em 30 de Março, appareceu um edito do juiz municipal supplente, b.el João Ataliba Nogueira, tornando publico que o juiz de direito marcára para daquella data a um mês a installação da 1.ª sessão annua do juri, e que estavam sorteados juizes de facto:

1) Antonio Januario Pinto Ferraz Junior, 2) cirurgião Bernardino de Sousa Motta, 3) Fidelis Antonio Machado, 4) Francisco de Assis Pupo de Moraes, 5) Francisco Borges de Sousa, 6) José Bueno da Silva, 7) José de Sousa Campos Junior, 8) José Pedro de Godoy Moreira, 9) João Bernardes da Silva, 10) Francisco Alves de Almeida Salles, 11) Joaquim Ferreira de Camargo Andrade, futuro barão de Ibitinga, 12) Amador Bueno Machado Florence, 13) José Innocencio de Godoy, 14) João Antonio Bierrenbach, 15) Antonio de Camargo Campos, 16) João Baptista Rodrigues da Silva Junior, 17) José Bueno de Camargo Leite, 18) Francisco de Paula Campos Sousa, 19) Antonio Egydio de Sousa Aranha, 20) Jesuino Antonio Corrêa da Silva, 21) Francisco Bueno Lacerda, 22) Pedro José dos Santos Camargo, 23) major Francisco Antonio de Andrade, 24) José Bento Pereira dos Santos, 25) tenente José Theodoro de Barros Cruz, 26) José Benedicto de Camargo Pedroso, 27) José Manuel Alves Cruz, 28) João Cancio do Amaral Sampaio, 29) Joaquim Anselmo do Nascimento, 30) tenente coronel Querubim Uriel de Camargo Castro, 31) Antonio Manuel Leopoldo de Camargo, 32) Joaquim Bonifacio do Amaral, futuro visconde de Indayatuba, 33) b.el Francisco Antonio Pinto, 34) b.el Antonio Joaquim de Sampaio Peixoto, 35) José Joaquim de Sousa Barreto, 36) Luiz Fernandes de Abreu, 37) tenente José Emygdio Ramos, 38) João Lopes da Silva, 39) Candido José de Camargo, 40) Antonio da Costa Machado, 41) José Fernandes de Abreu, 42) Reginaldo Xavier Balieiro, 44) Francisco Barreto de Sousa, 43) Luiz Henrique Pupo de Moraes, 45) Bernardo José de Sampaio, 46) Antonio José Martins Lascazas, 47) José Teixeira Nogueira e 48) Elias de Camargo Penteado.

João Theodoro apresentou-se á barra do juri em 10 de Maio, acompanhado dos b.eis Francisco Antonio de Araujo e Antonio Rodrigues do Prado.

Depois do porteiro, Antonio Ribas d'Avila, aprégoar o R., as testimunhas arroladas na queixa e mais duas arroladas no libello, Eduardo Montaigu e Antonio Joaquim de Vasconcellos Pinto Junior, o presidente do tribunal annunciou que se ia proceder á formação da casa e chamou o menor Julio Cesar de Mello para retirar da urna, uma a uma, as cedulas que continham os nomes dos jurados.

Não sairam os ns. 1 a 9, sendo que 4 delles deixaram de responder á chamada; a defesa recusou os de ns. 10 a 21; a accusação idem os de n.os 22 a 31; jurou suspeição o de n.º 32; ficaram impedidos (*inhibidos* era o termo) os de n.os 33 a 36, e foram acceitos (*approvados*, como se dizia) os de n.os 37 a 48.

Em seguida, o juiz de direito submetteu o o R. a largo interrogatorio, atormentando-o como um ministro do Santo Officio...

Queria elle, á fina força, arrancar-lhe o nome do autor da correspondencia da *Aurora campineira*, de 9 de Janeiro; porém não conseguiu saber mais de que tratar-se de um extrangeiro, razão pela qual o accusado, no goso de seus direitos politicos, assumira a responsabilidade do escripto posto em letra redonda.

Quando o magistrado, indo além da méta do procurador do queixoso, lhe perguntou em reposta a um trecho da correspondencia, *si achava urbano e civil lançar em rosto a um homem condecorado com um titulo scientifico as insinuações do epigramma do pae ao filho marinheiro feito juiz numa villinha do Brasil*, e o R. acudiu, com simulada ingenuidade, que *achava isso innocente*, houve risos abafados por toda a sala.

A promotoria publica, representada pelo b.el Antonio Gonçalves Gomide, não usou da palavra, que foi dada aos orgams da accusação particular, b.el Antonio Joaquim de Sampaio Peixoto e dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.

O primeiro disse que á vista do interrogatorio do R., desistia o A. de proseguir na causa, sujeitando-se como desistente ás despesas do processo. Tomando a mão ao collega, o segundo passou uma formidavel descompostura nos protectores do accusado.

Ergueu-se então o b.el Francisco Antonio de Araujo, e, desafiando-os para uma ampla discussão do processo, bradou que o queixoso, servindo-se de um recurso da lei, affectava generosidade, mas não fazia outra cousa senão evitar que lhe puzessem a *calva a mostra*.

Como se azedasse sobremaneira o debate, extemporaneo, pois já estava lavrada a sentença absolvendo o R. da accusação, por desistencia da parte, o juiz suspendeu a sessão, entre protestos energicos, comtudo.

As custas subiram a 1078940, cabendo as maiores parcellas, como sóe succeder sempre, aos escrivães, Joaquim Roberto Alves, da policia e do juizo municipal, e Joaquim Manuel Alves de Carvalho, interino do juri.

Pagou-as o cavalleiro da Imperial Ordem da Rosa e da de Christo, possuidor da medalha de merito da Dinamarca, a quem o peso das condecorações e dos 46 annos não impedira de exhibir-se em arrancada tão quixotesca...

E a AURORA CAMPINEIRA continuou a verberar os potentados e os mandões, que transviavam personagens illustres, como, em verdade, era essa!

—

Das 80 pessoas do resumo supra, apenas 2 vivem ainda, o c.el da antiga Guarda nacional José Teixeira Nogueira e o b.el João Ataliba Nogueira (barão de Ataliba Nogueira), fortes octagenarios, representados no *cliché* infra.

A. F.

Da direita para a esquerda: Joaquim Teixeira Nogueira de Almeida, José Teixeira Nogueira e João Ataliba Nogueira, irmãos, nascidos em Campinas, respectivamente em 5 de Dezembro de 1830, 21 de Janeiro de 1832 e 8 de Setembro de 1833. Residem e residiram sempre na terra natal.

O "Collegio Internacional"

E SEUS FUNDADORES

(PRIMORDIOS DO ENSINO NORTE-AMERICANO NO BRASIL.)

Ha uma particularidade que, de inicio, dá relevo historico á fundação do *Collegio Internacional*, em Campinas, no anno de 1869 — este foi a primeira das grandes escolas estabelecidas pelos missionarios evangelicos na America do Sul.

A *Escola Americana* de São Paulo e a *Escuela Popular* de Valparaiso, fundaram-se em 1870, o *Instituto Internacional* de Santiago, de Chile, em 1873, e as demais que existem, no Brasil e em varios paizes, são de data posterior.

Assim, o grande collegio americano de Campinas é, de facto, o marco historico do contacto intellectual e espiritual do elemento saxonio com o latino em nosso continente, no terreno da instrucção. E' uma das componentes do pan-americanismo em seu largo aspecto social, extreme de sentido politico.

Na historia da pedagogia, no Brasil, marca tambem o instituto campineiro a era em que as idéas fecundas de Mann e a disciplina e os methodos escolares norte-americanos começaram definitivamente a influir no ensino publico e particular na America Latina.

Deve-se ao dr. Robert L. Dabney, fallecido ha alguns annos, a vinda ao Brasil de George Nash Morton e Edward Lane, pioneiros da causa evangelica nesta zona.

O dr. Dabney foi conspicua figura da communidade evangelica nos Estados Unidos, professor de theologia em um dos mais reputados seminarios do sul, escreveu muitas obras didacticas, algumas das quaes são ainda hoje apreciados expositores de dogmatica e de rhetorica sagrada, na faculdade theologica protestante installada actualmente no *Collegio Internacional*.

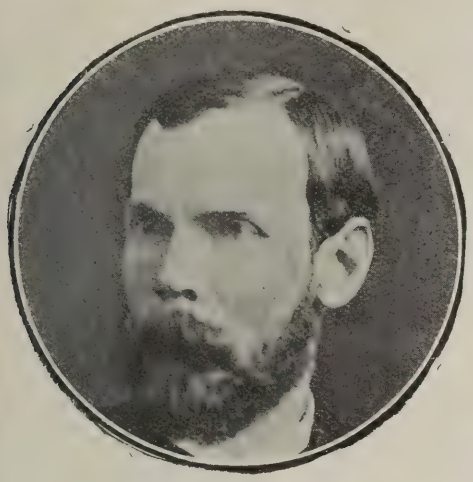
Quando rebentou a guerra civil nos Estados Unidos, o dr. Dabney incorporou-se ao exercito confederado e pertenceu, como capellão e chefe do estado-maior, á celebre brigada do general Jackson, que, por sua brilhante firmeza em uma batalha renhida, sustentando com tenacidade violenta carga do inimigo, passou á historia com o nome de *Stonewall* (muralha de pedra).

Terminada a guerra, uma colonia americana de sulistas emigrou para o Brasil, originando-se d'ahi o estabelecimento dos grupos de norte-americanos em Santa Barbara, bem como em outras localidades. Alguns ministros evangelicos, que serviam de pastores aos emigrados, vieram para aqui, afim de dar os soccorros da religião aos colonos acatholicos.

Encontra-se, na localização dos emigrados norte-americanos, no municipio de Campinas, o elemento de suggestão que determinou a escolha desta cidade para séde da nova missão da Egreja Presbyteriana dos Estados Unidos — sulista, quando em 67, ou 68, o dr. Roberto L. Dabney agitou no concilio superior (Assembléa Geral) a idéa de fazer sua egreja propaganda no Brasil.

Até o inicio da guerra civil as associações missionarias nos Estados Unidos tinham geralmente suas missões em commum. Mas o estado bellico impediu que por varios annos se reunissem os judicatorios ecclesiasticos, com representantes de ambos os elementos em armas, d'isso resultando que os concilios ecclesiasticos organizaram sua administração independentemente.

Assim, o orgam administrativo das missões, no sul dos Estados Unidos, o *Commettee of Foreign Missions* da Egreja Presbyteriana, recebeu a suggestão do dr. Robert L. Dabney para o effeito de enviarem-se missionarios ao Brasil, na zona em que a amenidade do clima tornava possivel o estabelecimento de uma escola, sob a protecção de leis liberaes e sob um regimen de tolerancia religiosa, como o que tornou illustre no extrangeiro o nome de D. Pedro II.



GEORGE N. MORTON

Primeiro foi enviado ao Brasil o rev. George Nash Morton, para estudar o paiz, regressando aos Estados Unidos em Novembro de 1868. A Morton deve-se a escolha definitiva de Campinas para séde da missão no sul do Brasil. A 22 de Junho de 1869, embarcou em Baltimore com destino a esta cidade Mr. Morton e Mr. Edward Lane, chegando em Setembro a Campinas.

George Nash Morton era oriundo de familia antiga e aristocratica do Estado de Virginia, onde se encontram as tradições mais cavalheirescas dos Estados Unidos. Isso explica satisfatoriamente, a par de uma cultura scientifica invejavel, como lhe assentavam qualidades fascinadoras e como um extrangeiro chegou a captar rapidamente o affecto e a confiança de quantos d'elle se aproximaram.

Edward Lane era irlandez de origem, e de predicados notaveis, força de vontade, perspicacia e virtudes que ainda hoje fazem suave a memoria de um dos homens mais emprehendedores que têm habitado esta cidade.

Tendo recursos proprios, elle aqui empregou os pequenos cabedaes de sua familia, radicando-se, assim, na terra onde veiu trabalhar.

E em sua vizinhança, não houve plano de melhoramentos, nem serviço publico que sollicitasse a boa vontade dos cidadãos, a que Edward Lane não prestasse logo concurso. O prolongamento da antiga linha de bonds para o Guanabara contou nelle um dos grandes propugnadores. Tinha Lane o condão de fazer-se apreciar e estimar pelos homens de maior representação e prestigio, em todos os logares que frequentava, tanto como nesta cidade onde residia.

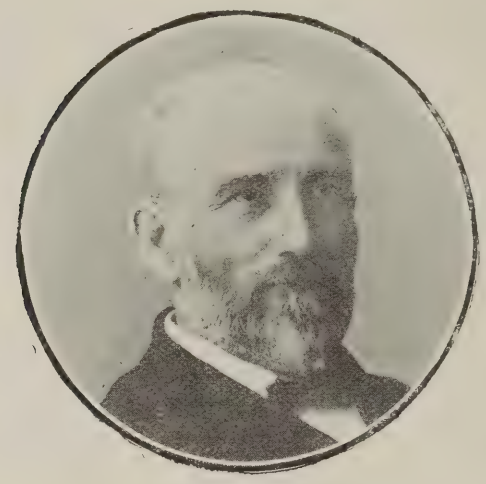
Sua figura conspicua, seu espirito energico e a posição que occupava, como decàno da missão de Campinas, concorreram para tornal-o muito mais conhecido e popular que outros seus companheiros.

Não tinha, porém, o *padre* Lane como programma especifico de seu trabalho a direcção do *Collegio Internacional*, nem parte no ensino, a não ser na regencia de aulas de theologia, em que se formaram alguns dos continuadores brasileiros de sua obra de propaganda evangelica. De seus discipulos, o mais notavel é indubitavelmente o revmo. Alvaro Emygdio Gonçalves dos Reis, actual pastor da principal egreja do Rio de Janeiro.

Em muitas localidades do interior do Estado, encontram-se os vestigios de Edward Lane, um dos grandes propagandistas do Evangelismo no interior do Brasil.

Em sua communidade, o dr. Edward Lane occupou saliente posição, sendo eleito *vice-moderador* (vice-presidente) do concilio superior em 1888, por occasião de organizar-se o Synodo Geral de sua egreja no Brasil. Cumpriu-lhe, por morte do dr. A. L. Blackford, abrir a segunda reunião do concilio em 1891.

Em fins de Março de 1892, em S. Paulo correu a noticia de que o dr. Edward Lane agonizava em Campinas. Veiu apressadamente visital-o seu homonymo o illustre educador e clinico dr. H. M. Lane, fundador do *Mackenzie College*, de S. Paulo. A 26 de Março de 1892, cessou Edward Lane seus labores, victimado por febre amarella.



EDWARD LANE

Foi no *Collegio Internacional* a terceira victima do morbo que devastou esta cidade.

Em 1889, o rev. G. W. Thompson, que aqui viera de Bagagem, para tratar dos que haviam enfermado, fallecera dentro de poucos dias. Em 1890, caíra o sobrinho do dr. Robert L. Dabney, rev. John W. Dabney, que em 1879 succedera a George N. Morton na direcção do collegio.

* * *

Entre as mais vividas e remotas recordações da infancia, resaltam em meu espirito a lembrança de uma recepção dada no *Collegio Morton* em S. Paulo, e de um serviço religioso profundamente emocionante em que o notavel mestre expoz os horrores da perseguição soffrida pelos hebreus na Russia.

Devia ser por volta de 1880, ou 81.

Era, para mim, uma delicia quando meu Pae, J. R. Carvalho Braga, então professor do *Collegio Morton*, me levava á chacara da Consolação onde, junto á antiga egreja, fôra magnificamente installada a notavel escola.

Como e por que George Nash Morton deixou a direcção do *Collegio Internacional*, em Campinas, é um ponto para mim obscuro. E' de suppor que divergencias, quanto aos planos de direcção escolar e quanto ao regimen religioso da escola, determinaram a exoneração de Morton. Da planta original do *Collegio*, que dava ao edificio tres vezes as dimensões actuaes, no mesmo estilo de architectura, desprehende-se que George Nash Morton havia «riscado largo». Isso mesmo se desprehende de certas publicações na *Provincia de S. Paulo*, em Novembro de 1879.

* * *

Abertas as aulas do *Collegio Internacional* em 1870, já em 1871 Edward Lane fazia rapida viagem aos Estados Unidos, regressando logo em companhia de sua esposa e deixando combinadas as nomeações de professoras que vieram estabelecer a escola de meninas, *misses* Nannie Henderson, de saudosa memoria, e Mary Videau Kirk, chegadas ao Brasil em 1872.

Dez annos depois, 1882 *miss* Charlotte Kemper, uma das professoras mais illustradas que têm trabalhado no Brasil, vinha estabelecer-se na secção feminina do *Collegio Internacional*. Ainda vive, em Lavras, a veneranda senhora.

Basta encontrar um dos antigos alumnos de Morton, e falar-lhe dos tempos aureos do grande estabelecimento campineiro, e ter-se-á a medida da influencia que aquelle homem exercia sobre o discipulos.

Em um curioso volume, em que se acham os trabalhos literarios de alumnos e professores do *Internacional*, entre 76 e 77, vê-se como, nas associações collegiaes, nas festas escolares, no convivio intimo de professores e alumnos, formava-se então aquelle espirito de escola, tão notavel em outras terras e quasi inteiramente desconhecido em nosso ambiente.

A apresentação dos *Ensaios Literarios*, do *Collegio Internacional*, foi feita em Janeiro de 1876 por F. Rangel Pestana, o grande jornalista republicano. Entre outros escriptos, em prosa e verso, destacam-se alguns com as assignaturas de Antonio Bittencourt, Alonso G. Fonseca, Orosimbo Amaral e Heliodoro Costa.

O que era a alma e o ambiente do *Collegio Internacional*, sob a direcção de Morton, dizia-o Rangel Pestana:

« Penso desassombrado no futuro da provincia de S. Paulo, todas as vezes que assisto a uma festa no *Collegio Internacional*, de Campinas; parece que minha alma rasga para si propria novos horizontes, e, d'ahi, eu meço o porte respeitavel dos homens que hão de succeder aos enfezados politicos do presente.»

Alguns nomes em evidencia, na vida social e politica do paiz e de S. Paulo, justificam, ao menos em parte, as sanguineas palavras do velho republicano. Na década de 70 a 80 foi consideravel o numero de estudantes paulistas, da zona do Oeste, que foram aos Estados Unidos, provavelmente mediante facilidades e estimulo dados pelo *Internacional*. As folhas de época registam a partida dos que saiam de Campinas para a America do Norte, com o intuito de lá completarem a educação.

Lendo-se as considerações introductorias aos prospectos do collegio, percebe-se que Morton manteve com o meio inerte e com a desorganização official do ensino, ou antes com o systema de exames então vigente, uma tenaz lucta. No de 1877, deparam-se-nos os seguintes paragraphos:

« Após quatro annos e meio de dura experiencia, convenceu-se o director de que é impossivel combinar um curso de estudos liberal, aprofundado e progressivo com o actual systema de exames. *Emquanto não houver modificação de tal systema, os collegios particulares ficam condemnados a ensinar unicamente as materias exigidas nas academias — e isso superficialmente* ».

O grande educador diagnosticou magistralmente o mal da espinha de nosso systema escolar. E ainda estamos, em principio, no mesmo em que estavamos ha 39 annos! Ainda os *clientes* da instrucção preparatoria preferem a uma educação liberal, o preparo superficial e minimo para os exames exigidos pelas academias, e o poder publico, em nome de economias forçadas, cerceia os beneficios do curso gymnasial.

Annos após, conversando com um brasileiro em New York, Morton, ao ouvir que no Brasil havia gymnasios e que os collegios particulares eram reconhecidos por lei, referia-se com pesar ás luctas que mantivera, em plano superior, com o governo central para a consecução desse privilegio.

O programma primitivo de Morton visava, graduando cuidadosamente os cursos e fazendo-os telescopicos, crear em Campinas o primeiro estabelecimento de typo universitario no Brasil. A cousa funccionou bem até o fim do curso secundario. A cupidez utilitaria, a carreira desesperada pelo ganha-pão e a pressa de ficar *doutor*, até o presente tão caracteristicas de nosso meio escolar, impossibitaram a Morton a realização de seu sonho.

Sua transferencia para S. Paulo foi um méro episodio no desenvolvimento desse programma. Mas o proprio exito de seu ensino produziu-lhe a mais amarga desillusão — os melhores alumnos, depois de obter distinctamente a *minima* exigida pelas academias officiaes, abandonavam-lhe o curso complementar de educação liberal e corriam em pós do ambicionado diploma de bacharel, sem desejar o beneficio melhor de um preparo fundamental, mais largo e mais solido.

Comparem os entendidos com os actuaes programmas de preparatorios e de ensino gymnasial o programma de Morton, que damos a seguir.

Os cursos elementar o intermediario estavam distribuidos em quatro escolas, admiravelmente graduadas e progressivas. A primeira subdividia-se em quatro *fórmas*, correspondendo á *grammar school* americana. As tres escolas seguintes comprehendiam o ensino das materias propedeuticas, incluindo o allemão, o grego e as mathematicas.

O curso superior seria de cinco annos, desenvolvendo o estudo de linguas

gradativamente no das varias literaturas, introduzindo o estudo de sciencias physicas e naturaes, philosophia, apologia do Christianismo, economia politica, chimica agricola, historia da philosophia e da civilisação, direito publico e hebraico (facultativo). As mathematicas superiores incluiam a geometria analytica, descriptiva, calculo e astronomia.

Morton, homem de admiravel cultura moral e intellectual, era um grande technico em pedagogia, mas idéalista. Por isso mesmo não era grande administrador.

Máus negocios, complicações com uma companhia, que entrou em crise entre 82 e 84, levaram-n'o a uma liquidação desastrosa de seu collegio em S. Paulo e consequente retirada para os Estados Unidos.

* * *

Transferido a capital, George Nash Morton encontrara na *Provincia de S. Paulo* um vehiculo para idéas favoritas.

Ali publicou elle, a 14 de Novembro de 1879, suas despedidas a Campinas, agradecendo o acolhimento que este povo hospitaleiro dera, havia dez annos, a um moço extrangeiro, propagandista de uma religião diversa da generalidade do povo. Então, retirava-se para S. Paulo: perdera a mocidade; em religião continuava o mesmo que sempre fôra, mas o extrangeiro consubstanciava-se com a terra amiga que o acolhera e o absorvera.

O *Collegio Morton* abriu as respectivas aulas em S. Paulo a 7 de Janeiro de 1880. Seu fundador sonhava transformal-o em uma escola superior de philosophia e letras. Em série de artigos brilhantes, a *Provincia*, de Rangel Pestana, expunha ao publico em termos encomiasticos os grandes planos do educador americano.

Em 2 de Fevereiro de 1880, num *communicado* á *Provincia*, Morton apresentava ao elemento culto de S. Paulo uma critica do *Positivismo*, que então attrahia e fascinava os intellectuaes. Logo, a 3, Americo de Campos respondia com um artigo pugnaz, e, dias depois, travou-se uma interessante polemica entre Morton e o dr. Luiz Pereira Barretto, o mais bravo campeão do *comtismo*.

A discussão interessou vivamente o elemento culto da sociedade paulistana.

Espirito delicado, Morton era respeitador das convicções alheias e tolerante; mas nunca deixou de manter, com franqueza e sem tergiversações, seus principios religiosos. Frequentava o pulpito da egreja, que então celebrava o culto na sala principal da *Escola Americana*, e não dissimulou jámais as côres de sua bandeira religiosa.

* * *

A ultima noticia certa de George Nash Morton, que ha, é a de uma carta do dr. J. C. Alves de Lima, escripta de New-York, a 2 de Junho de 1907, e publicada no *Diario Popular*, de S. Paulo, de 10 de Julho do mesmo anno.

Numa festa da sociedade academica *Zeta Psi*, no *Hotel Astor*, nosso patricio, ao banquete, sentou-se, por acaso, junto de um genro de Morton. Assim, descobriu elle a residencia do velho professor á 93 rd. W. St. n.º 44, onde vivia Morton, bem conservado e no pleno goso de suas faculdades mentaes, operoso, em companhia da esposa e duas filhas.

Ao dr. Alves de Lima pediu novas da familia do finado Antonio Augusto da Fonseca, da familia Ralston. Ignorava ainda o passamento de Rangel Pestana e de Americo Brasiliense. Disse que, em seu tempo, considerava a Campos Salles como o *homem mais forte* do grupo de republicanos de Campinas. Referiu-se a duas senhoras de destaque em S. Paulo, d. Veridiana Prado, em cuja chacara elle tivera collegio, e d. Maria Antonia, filha do barão de Antonina, a primeira dama da aristocracia paulistana que se filiou á egreja evangelica.

Na mesma carta, o dr. J. G. Alves de Lima contava que Morton havia, num discurso pronunciado no banquete offerecido ao almirante Bacellar, na agen-

cia do *Lloyd*, em New York, feito referencias a Prudente de Moraes, Campos Salles, Francisco Glycerio, José Maria Lisboa e outros.

Do Brasil e dos brasileiros guardava o velho pedagogo saudosas recordações, e suas filhas mostravam desejo de conhecer o paiz em que nasceram.

Posteriormente, houve noticia vaga de que, não obstante alquebrado, continuava em trabalho o propagandista da educação liberal no Brasil.

Ha cerca de dous annos, informes exactos davam conta do fallecimento da viuva Edward Lane, nos Estados Unidos, sobrevivendo-lhe seu filho Edward, que mantem ainda intenções de vir á cidade natal, e guardam-se na bibliotheca da Faculdade de Theologia volumes que pertenceram a seu venerando pae, esperando que o filho os reclame como preciosas reliquias.

Além de umas lapides funerarias, de umas personagens longinquas, que a distancia e o tempo circumdaram de nevoas, subsistem, como suaves e preciosas lembranças desses homens admiraveis, que aqui andaram labutando, o halo de seus caracteres, os idéaes que elles accenderam na alma de muitos discipulos.

E homenagem maior se lhes póde prestar que essas — como no livro de visitas escrevem, com os olhos envidraçados pelas saudades de uma adolescencia que não volta — os antigos alumnos do collegio que o revêm. Permitta-se uma piedosa indiscreção, e sobre a assignatura do senador José Pereira de Queiroz, lerá quem visitar o antigo prédio da escola tradicional, estas palavras significativas :

« Que emoção me causa esta visita ! Quanta saudade ella me evoca, de mais de quarenta annos ! Aqui comecei a cultura de meu espirito. D'aqui levei os alicerces de meu caracter. Para tudo tanto concorreu G. N. Morton, — protótypo do educador. »

ERASMO BRAGA.

ALVARES MACHADO

A inserção, ora feita, do retrato de Francisco Alvares Machado e Vasconcellos, reclama que a *Revista do « Centro »* accresça alguns informes ás noticias que, em seu numero de 31 de Março de 1913, deu relativamente a esse grande cirurgião e illustre parlamentar, que residiu nesta cidade e aqui deixou distincta prole. (1)

E' o que vamos a fazer, nas seguintes linhas.

O cirurgião-mór

Interessante, primeiramente, será vulgarizar o modo curioso pelo qual se tornou Alvares Machado um dos maiores cirurgiões-móres de seu tempo.

De ascendencia notavel, já referida nesta *Revista*, aos 17, ou 18 annos, diz um biographo, (2) Francisco Alvares assentou praça num dos corpos da guarnição de S. Paulo. Fosse por vocação, fosse por ser filho de um cirurgião-mór, Joaquim Theobaldo Machado e Vasconcellos, o joven soldado obteve um emprego na pharmacia e depois no hospital da milicia.

Achava-se em Santos, no exercicio de suas funcções de ajudante de cirurgião, quando se deu o caso do marinheiro britannico caído no convez de seu navio, e a immediata intervenção de Alvares Machado, que o operou pelo processo do *trepano*. Sabe-se que o commandante do barco quiz levar para a Europa o audacioso moço e que a isso se oppoz o governo da capitania (1809).

Ora, mais ou menos por essa época, tendo seu pae um chamado para a villa de Itú, onde se demorou muito tempo, Alvares Machado, autor de um delicto civil, ou militar, fugiu de S. Paulo, e foi homiziar-se ali, em casa de d. Josepha de Góes Pacheco, ancestral da illustre familia Fonseca, e hospedeira tambem de Joaquim Theobaldo.

O filho naturalmente auxiliava o pae no tratamento dos doentes, revelando-se intelligente e espirituoso. De

genio alegre, gracejava muito e era um fino *causeur*, ajunta o biographo.

Mas eis que se desenvolve em Itú uma grande epidemia de variola. E como o povo, ignorante, attribuisse sua propagação a interesses egoisticos de Joaquim Theobaldo, este desgostou-se e retirou-se para a séde da capitania.

Alvares Machado, que não podia seguil-o, por causa do delicto, ficou perplexo. Entretanto, um amigo seu e de seu pae, o tenente Manuel Pacheco Gato, veiu em auxilio do futuro cirurgião e levou-o para casa, a chamada chacara da *Piedade*, e ahi o abrigou por longos annos.

Tanto pela tendencia quanto pela pratica, já Francisco Alvares era um curão de renome. Os enfermos affluiam á chacara, e elle achava continuamente ensejo para exercitar-se. Sua clinica extendeu-se até a villa vizinha e a tal ponto, que o velho cirurgião de Itú, Thomé Jacyntho, vulgo *Zabumba*, teve ciumes de Alvares Machado, maximé quando este tentou ali a primeira operação cirurgica. O caso passou-se assim:

Uma escrava do dr. José Manuel da Fonseca, o futuro senador, queimara uma das pernas. Alvares Machado, que lhe fez os primeiros curativos, reconheceu a urgencia da amputação do orgam combalido, que apresentava os primeiros signaes de gangrena.

Disse então a Fonseca:

— Posso operar sua escrava, mas não tenho os ferros precisos. Si o senhor pedisse emprestados os do *Zabumba*, eu faria a operação.

Mas esse émulo seu, interrogado, respondeu furioso:

— Quem é cirurgião, tem os ferros do officio. Os que tenho são para meu uso. Não os empresto.

Alvares Machado não desanimou. Recorrendo a um compadre e amigo, que era Thomaz da Silva Dutra, (Thomaz *Ourives*, de alcunha, e bisavô do illustre poeta e jornalista Hippolyto da Silva, nosso conterraneo fallecido), o habil artifice, ajudado pelo cirurgião, no curto espaço de um dia, fez os instrumentos necessarios para operação, realizada na mesma noite. Infelizmente, era tarde, pois a demora de 8, ou 10 horas, dera tempo á gangrena para desenvolver-se, e a doente morreu.

Outro caso, porém, deparou-se a Alvares Machado para revelar pericia. Havia em Itú um moço, de nome Silva, cego e pobre. O cirurgião foi vêl-o e propoz-se a operal-o. Tendo feito, préviamente, com Thomaz *Ourives* um ferro em fórma de lamina de canivete, (que sempre conservou depois e mostrava com orgulho), extrahiu a cataracta ao enfermo, com grande exito. Silva morreu mais que nonagenario, enxergando bem e dispensando o uso de oculos.

Este evento fez espalhar-se a fama de Alvares Machado e as operações succederam-se.

Certo fazendeiro, chamado Ferraz, tambem de Itú, fôra desenganado pelos cirurgiões Brochado e Thomé Jacyntho.

Nosso homenageado procurou o agricultor e disse-lhe:

— Snr. Ferraz, seus medicos declararam-no incuravel. Pois eu atrevo-me a fazer-lhe uma operação, que talvez o salve. Póde o senhor morrer na occasião; mas ha probabilidades de exito, e tenho esperanças. Si quer arriscar-se...

— Pois si devo morrer amanhã, que importa morrer hoje? replicou estoicamente o enfermo. Si espera salvar-me, faça a operação.

Tratava-se nada menos que de uma ruptura inguinal. Operado, Ferraz della ficou livre, bem como de superveniente molestia aguda.

Isto valeu a Alvares Machado como si fosse a entrega de um diploma do proto-medicato. Ninguem mais poz-lhe em duvida sua competencia e habilidade.

A' pratica ia elle juntando a theoria em continuo estudo, e adquirindo por esforço proprio profundos conhecimentos que manifestou depois em sua vida parlamentar.

Transferiu-se de Itú para Porto Feliz, logo depois, contractado como medico de partido.

Alvares Machado

(Retrato a sépia, inédito de Hercules Florence).

De Porto Feliz veiu para Campinas com a familia (1828); aqui eleito deputado, foi para S. Paulo e para o Rio (1834), continuando a manter residencia em nosso meio. Em toda a parte procuravam-no doentes; dos sertões de Minas pediam-lhe curativos. E nos differentes logares onde elle exercitava sua profissão, era tido como facultativo de valia. Entretanto, o que mais o notabilizou foi a habilidade com que tratava e extinguia as affecções de olhos. Em seu tempo, ninguem teve maior fama de oculista.

O politico

Filiado ao partido liberal, Alvares Machado foi um de seus mais fortes campeões.

Na villa de S. Carlos, por occasião das luctas politicas dos fins do primeiro Imperio, deve-se-lhe a fundação da *Sociedade dos Defensores da Liberdade e da Independencia Nacional*, uma das muitas associações secretas do tempo, baseadas todas na dos *Patriarchas Invisiveis*.

E, a proposito, cabe-nos relatar um gesto, pouco sabido, de seu esforço em bem dos idéaes que afagava.

Logo após o 7 de Abril, e em vista dos motins que se deram no Rio, após a abdicação, Alvares Machado, como presidente da associação que havia fundado, officiou a nossa Camara, hypothecando-lhe o apoio de seus consocios e propondo-lhe a creação, mediante approvação do poder competente, de uma guarda municipal provisoria, que «devia zelar pela tranquillidade interior», da provincia. (3). Esse officio, datado de 16 de Junho de 1831, foi lido em sessão da mesma data, e a Camara, sem tardar, providenciou a respeito.

Mas, em resposta, do dia 22 do mês citado e apresentada em vereança de 5 de Julho seguinte, o presidente da provincia, coronel Manuel Theodoro Araujo e Azambuja, que exerceu o cargo de 20 de Junho a 16 de Novembro de 1831, declarou á Camara «não ser necessaria similhante medida», e terminava pedindo-lhe que, em seu nome, louvasse o patriotismo e os bons sentimentos do presidente e dos socios da liga dos *Defensores*, etc.

Não precisaremos repetir o quanto Alvares Machado fez pela Maioridade, sendo um dos fortes corypheus da grei que levou a effeito o celebre golpe de Estado de 23 de Julho de 1840.

Vem de molde, todavia, consignar que, não podendo ser indifferente aos grandes debates desse tempo, a Camara de Campinas se manifestou favoravel á Maioridade. E, para orgam de seu modo de sentir, escolheu exactamente ao illustre deputado, em quem depositava a maior confiança.

E' o que se comprova com a transcripção dos documentos abaixo publicados, do archivo de nossa Municipalidade. (4).

«A Camara Municipal da Villa de S. Carlos, apreciando os relevantes serviços prestados por V. S. a bem de nossa cara Patria, especialmente para a declaração da maioridade do Snr. D. Pedro 2.º, e assumir ao Governo do Imperio, se congratula com V. S. e envia a V. S. a felicitação inclusa, dirigida a S. M. I. e C. para que V. S. tenha a bondade de entregal-a ao mesmo Augusto Snr. — Deus guarde a V. S. — Paço da Camara de S. Carlos, 8 de Agosto de 1840. — Illmo. Snr. Deputado Francisco Alvares Machado e Vasconcellos. — Custodio Manuel Alves. Querubim Uriel Ribeiro de Camargo e Castro. Joaquim Pereira Barreto. João Albertino de Seixas, José de Campos Sousa.»

«Senhor!

Aqui xegou a fausta noticia de estar V. M. I e C. declarado maior, e empossado do Governo do Imperio.

Nós seriamos pouco fieis em exprimir os sentimentos dos abitantes deste Municipio, sinão declarassemos o prazer e entusiasmo que a todos envolveu á vista de tal acontecimento. Senhor, o Brasil está cansado de sofrer tanto; atribue a maior parte de suas desgraças á dilatada minoridade de V. M. I. e C. Os Céos, porém, que tão claramente tem olhado sobre nós, parece que com este Acto solenne da declaração da

maioridade de V. M. I. e C. quer ainda continuar a favorecer-nos.

Os mesmos Céos se tornem propicios para com a augusta pessoa de V. M. I. e C. para que xeio de intelligencia e rectidão promova nossa felicidade como desejamos.

Deus guarde a Sagrada Pessoa de V. M. I. e C. muitos annos.

Paço da Camara Municipal da Villa de São Carlos, da Provincia de S. Paulo, em sessão de 7 de Agosto de 1840.

De V. M. I e C. — Fieis Subditos — Custodio Manuel Alves, Querubim Uriel Ribeiro de Camargo e Castro, Joaquim Pereira Barreto, João Albertino de Seixas, José de Campos Sousa, Joaquim Quirino dos Santos, José Franco de Andrade.»

Entrementes, Alvares Machado nunca havia occultado suas sympathias pelos rebeldes, que, no Rio Grande do Sul, de 1835 a 1845, tanto trabalho deram á Regencia e ao Segundo Imperio, desde o inicio da entrada de d. Pedro II na posse de seus «direitos magestaticos», como então se dizia.

Na ascensão dos liberaes ao poder, com o primeiro ministerio da Maioridade (24 de Julho de 1840), tambem chamado gabinete de Antonio Carlos, julgou-se que uma amnistia bastava para extinguir a celebre Republica de Piratiny. Ninguem, pois, mais nas condições para tental-o, do que Alvares Machado, enthusiasta dos chamados *Estrelas do Sul.*

Foi, portanto, nomeado presidente do Rio Grande do Sul, e levou, dizem, carta branca para entabolar negociações com os rebeldes.

Estes, quando nosso biographando chegou a Porto Alegre, sendo empossado a 30 de Novembro 1840, achavam-se perto da cidade, em posição critica, cercados pelos legistas e num quasi «becco sem saída».

Alvares Machado, conta a tradição, dirigiu-se ao acampamento dos republicanos, que o receberam festivamente, e ahi conferenciou com o famoso caudilho Bento Gonçalves da Silva.

Banquetearam-se á farta, e o presidente da provincia, na mesma noite da *interview*, ou no dia seguinte, regressou á capital, convencido de que a paz estava feita.

E, procurando corresponder ao banquete que lhe haviam offerecido, apressou-se a comprar quanta marmellada havia em Porto Alegre, e, acompanhando-a de muitas caixas de vinhos finos, com ella presenteou os rebeldes.

Mas estes apenas haviam fingido acceitar-lhe as propostas para a pacificação: ganhando tempo, buscavam uma escapula, que se lhes deparou em breve. Achada esta, fugiram, de modo que Alvares Machado teve de interromper as negociações, furioso por ter sido ludibriado.

E com muita razão, tanto mais quanto as gazetas conservadoras da opposição, e principalmente o *Sete de Abril*, redigido por Bernardo Pereira de Vasconcellos, aproveitaram o ensejo para dar a Alvares Machado a alcunha de *Presidente Marmellada.*

Póde esse episodio ser uma invencionice. Mas é facto que se deu o rompimento dos preliminares de paz entabolados, e que Alvares Machado é que regeitou as propostas de Bento Gonçalves, como se vê de seu officio ao caudilho, em data de 8, e de sua proclamação aos rio-grandenses, em data de 11 de Dezembro de 1840. (5)

Seja como fôr, subido ao poder o gabinete conservador chamado Paranaguá (23 de Março de 1841), Alvares Machado, que num lapso muito pequeno de tempo havia prestado serviços na administração daquella provincia, pediu demissão e retirou-se do Rio Grande para S. Paulo. E talvez fossem os desgostos que teve nessa missão, diz o biographo citado (6), a causa de sua morte, cinco annos depois, visto como datam daquelle tempo os primeiros symptomas da molestia cardiaca que o victimou.

Dentre os muitos casos de sua vida parlamentar, não é sem interesse referir a lucta que sustentou com Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, aliás seu grande correligionario.

Em 1845, escolhido Antonio Carlos senador por Pernambuco, foi elle recebido cordialmente na camara alta por

Bernardo de Vasconcellos e outros próceres do partido conservador.

Alvares Machado, cheio de indignação pelo que julgava uma apostasia aos principios liberaes, e talvez açulado por « pescadores de aguas turvas », disse que:

—O primeiro cuidado do snr. Antonio Carlos, entrando no Senado, fôra ir beijar a mão ao *tinhoso*...

Esse nome do diabo, da giria popular, tinha sido applicado ao eminente chefe conservador acima mencionado.

Antonio Carlos, o tribuno fogoso de sempre, respondeu a Alvares Machado num discurso violento, declarando, entre outras cousas:

—« Foi elle nomeado presidente do Rio Grande pelo ministerio de que eu fazia parte, contra minha vontade. Eu bem o conhecia e estava convencido de sua incapacidade. Porém meus collegas, que não o conheciam, insistiram e condescendi, talvez pela sua qualidade de paulista. Finalmente, de hoje em diante, fica levantado, entre mim e elle, um muro de bronze.»

Curiosos destinos! Antonio Carlos falleceu no Rio a 5 de Dezembro de 1845 e foi inhumado no mosteiro de S. Bento; Alvares Machado morreu em Nicteroy, a 4 de Julho de 1846, sendo enterrado tambem no mosteiro, e o acaso, diz ainda o biographo, « fez com que ambos fossem sepultados no mesmo cemiterio, em dous carneiros unidos. Isto é, — conclue elle, — não separados por um muro de bronze, mas por um muro de tijolos! » (7).

O homem

Amigo de nossa terra, Alvares Machado convidou a fixar-se aqui o genro, Hercules Florence, protegendo ainda a Corrêa de Mello, residente de merito não menor.

Ha um curioso documento relativo ao consorcio que o illustre cirurgião contrahiu posteriormente ao nascimento de seus dous filhos, que foram, por ordem de edade: D. Maria Angelica de Vasconcellos Florence, esposa do scientista nomeado acima, e Joaquim Ignacio de Vasconcellos Machado, a quem elle legitimou, em testamento.

Trata-se da seguinte carta, sensata e discreta como todos os actos do digno cidadão: (8)

« Minha querida filha.

Hoje casei-me com vossa May, na egreja da Candelaria, onde somos Parochianos; no acto do casamento, declarámos que vós ereis nossa legitima filha, de que se tomou assento. Foram padrinhos — o Doutor Vergueiro e sua mulher, o Doutor Dias de Toledo, como procurador do Paula Sousa, e Joaquim Floriano de Toledo, como procurador de Raphael Tobias de Aguiar.

Minha filha, é mistér não fazer disto nem bulha, nem alarde; isto deve ser tratado como cousa muito natural, e mesmo como cousa já acontecida; e por isso nada de motins, de festa, etc. Si d'aqui ha alguma alegria, ella deve ser toda domestica, toda passada no seio da familia.

Abraçai meus netos, e vosso marido e recebei o coração de vossa May, que em lagrimas vôl-o manda, e todo o sentimento do fraternal amor que vos envia

Vosso Pay e amigo

Francisco Alvares Maxado e Vasconcellos.

Rio de Janeiro, 3 de Outubro de 1834. »

Outro documento interessante, do mesmo punho, é uma carta dirigida ao filho, que recebera um premio nas cavalhadas de 1846, feitas nesta cidade por occasião da visita de D. Pedro II, pela vez primeira, a Campinas. E' deste teôr: (9)

« Joaquim Ignacio.

Tenho estimado muito o terdes-vos saido tão bem nas cavalhadas.

Não vos desfaçaes do relogio que o Imperador vos deu: é uma prenda do soberano, e as prendas dos soberanos conservam-se toda a vida.

Eu vou indo sempre melhor, mas muito fraco ainda; pretendo sair para o Rio no dia 16 do corrente, e ver si lá convalesço como da vez passada.

Dai muitas lembranças a minha comadre, vossa mulher, minha bençam a minha neta e afilhada, e você receba o coração de vosso Pae

Francisco Alvares Maxado e Vasconcellos.

S. Paulo, 1 de Abril de 1846.»

Illustrado, a custa propria, como dissemos, Alvares Machado, compulsador dos classicos e grande estudioso, deixou composições poeticas varias, dentre as quaes um soneto que inserimos em artigo anterior.

Fecharemos estas linhas, transcrevendo outro trabalho seu, publicado em almanach (10):

ODE

O grato effuvio da paulista Musa,
Que dicta o coração, dicta a amizade,
Em ti demanda, desvellado amigo,
Asylo e sombra.

No sabio peito que a virtude anima
Meu baixo metro recolhei piedoso,
Que é terno filho da amizade pura,
Candida e bella.

Profira embora viperino zoilo:
Que incenso as aras da lisonja feia,
Que no sincero carme só respira
Adulação venal;

Eu calco ás plantas esse monstro fero,
Horrendo aborto do avernal Cocyto,
De cujo insano peito só respira
Tetrica chamma.

De ti não quero, não mendigo o luxo,
Ingente copia de metaes luzentes;
Teu coracão sincero é o que procura
Teu Vasconcellos.

B. O.

NOTAS

(1) *Revista do «Centro»*, n. 31, de 31 de Março de 1913, pg. 3 e segs.

(2-6-7) Typos ituanos, por Antonio A. da Fonseca, *Rev. «Inst. Historico de S. Paulo»*, vol. 2 pg. 286 e segs.

(3-4) Archivo da Camara. Actas do tempo e livro de correspondencia de 1839-49, fls. 173.

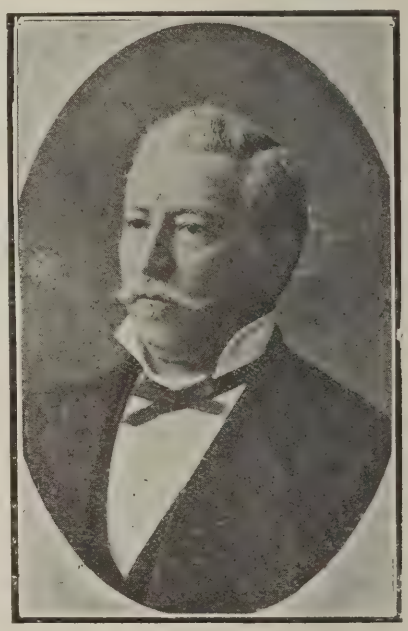
(5-8) Hercules Florence, por Estevam L. Bourroul, 1901, pgs. 502 e segs.

(9) Documento que nos foi gentilmente mostrado por seus descendentes.

(10) Almanach Literario de S. Paulo, para 1879, por J. Maria Lisboa.

Homens e aspectos

CORONEL JOAQUIM QUIRINO DOS SANTOS



I

O amigo, a quem pedi que me enviasse notas biographicas do saudoso coronel Joaquim Quirino, disse-me, dias depois do meu pedido, pouco mais ou menos o seguinte:

Joaquim Quirino dos Santos nasceu nesta nossa formosa cidade de Campinas, em 15 de Maio de 1820, e aqui morreu, em 28 de Fevereiro de 1889. Ardeu, pois, sessenta annos o lume daquella preciosa existencia. Era filho do major Joaquim Quirino dos Santos e de sua primeira esposa, exma. sra. d. Manuela Joaquina de Oliveira. Não nasceu rico e morreu pauperrimo. Entre o berço e o tumulo, abriu-se-lhe um largo periodo de franca prosperidade e até de relativa opulencia. Foi, por muitos annos, commerciante feliz nesta praça, em seguida lavrador abastado neste uberrimo municipio, capitalista e, finalmente, commissario em Santos. Trahiu-o a Fortuna fallaz á ultima hora, quasi pelas costas, porque, quando o

empobreceu, já elle estava com um pé na sepultura, a despedir-se deste mundo. Militou em politica, activamente, como todos, ou quasi todos os paulistas da sua épocha, de discussão e pleito. Pertenceu sempre ao partido conservador, do qual chegou a ser, por unanime acclamação dos amigos e dos contrarios, um dos proceres conspicuos. Os seus correligionarios confiaram-lhe, em duas, ou tres situações, a delegacia de policia, e, na Guarda Nacional, subiu, de promoção em promoção, em 1 de Março de 1873, ao posto culminante de commandante superior dos aguerridos batalhões e esquadrões da cavallaria, da infanteria e da artilheria da comarca. Em 1 de Agosto de 1872, a munificencia imperial, recompensando relevantes serviços á causa publica, tinha-lhe pendurado ao peito a venera da luzida ordem da Rosa.

Rezam chronicas antigas que, annos depois, quasi foi barão.

Do resto (accrescentou o meu amigo, entre dois cumprimentos triviaes, disfarçados e perfumados por duas phrases gentis) do resto, você é tão sabedor como eu.

* * *

E sou. Nunca me cheguei muito ao coronel Joaquim Quirino, de quem aliás meu Pae (meu Pae nunca se esqueceu do bem que lhe fizeram) me fallava, quasi todos os dias, com muita amizade e gratidão sincera. Quando pela primeira vez nos vimos, elle era um homem e eu uma criança. Mais tarde, ao repontarem-me os primeiros, tenues fios de bigode negro, o delle era já inteiramente branco na face gorda e purpurina, mas enrugada. Muitos moços do meu tempo iam frequentemente, em plena liberdade, conversar e rir, almoçar e jantar áquella conhecida casa da rua do Commercio, casa de solteirão jovial e generoso, cujas portas se escancaravam pela madrugada e só á noite se fechavam. Tambem vivi (um dos mais doces annos da minha vida) nesse quieto quarteirão, que ficava entre a rua do Caracol e a do Barreto Leme, e o fiel e inolvidavel socio dos brinquedos da minha infancia e das alegrias da minha mocidade, o André Couto (que tinha a pharmacia em frente da minha morada) muitas vezes instou commigo para irmos juntos almoçar, ou jantar, conversar e rir á mesa farta e hospedeira do nosso vizinho. Recusei, systematicamente, o convite. Tinha immensa vontade de ir, porque, além do mais, o André e os outros me diziam maravilhas da pericia do cozinheiro e, principalmente, da qualidade dos vinhos, que eram dos mais puros e saborosos que então se remettiam de Portugal e da França para o Brasil. Mas, quem quizesse attingir o goso de se installar definitivamente na intimidade do coronel, primeiro tinha de fechar os olhos e avançar depois, com resolução e coragem, através de uma verdadeira batega de asperezas de linguagem, que não magoavam, porque eram de intenção innocentissimas, mas que, em todo caso, não attraíam, não podiam attrair os timidos como eu, que nem siquer aos banhos frios até agóra consegui habituar-me. Ainda não lhes pude perdoar o terror, que me incutem antes, pelo bem que me sabem, ou me fazem depois. A minha timidez, portanto, venceu a minha deliberação, como no Hamlet; e eu mudei-me de Campinas para S. Paulo, e o coronel Quirino mudou-se de Campinas para o eterno paiz mysterioso donde um viajor siquer ha regressado — sem nos approximarmos. Eu passava (habitualmente do outro lado da rua) e comprimentava-o, com grande respeito. Elle da janella, correspondia, com egual delicadeza. Além disto, conservo recordação de termos estado na mesma roda, algumas vezes, em longas tardes calmosas de verão, no largo da Matriz Velha, á porta do Moraes, e lembro-me que, um dia, uma fresca manhã de domingo rumuroso e alegre, elle nos apanhou na rua Direita, a mim e ao Leopoldo, e nos levou de passeio, no seu luxuoso *landau* descoberto, pelos campos longinquos, á beira do matto humido de orvalho, sob o céo vasto e claro. Nada mais.

Todavia, o coronel Joaquim Quirino dos Santos nunca deixou de ser uma das minhas mais fervorosas e queridas

sympathias, e o seu nome é o que de preferencia costumo invocar, e a historia da sua vida é a que mais me apraz contar quando, entre gentes de outras terras, preciso pôr em realce bem vivo, bem nitido e bem forte as excellentes virtudes civicas da gente da minha terra.

* * *

Eis aqui, em resumo e com algum methodo, o que eu prolixa e amotinadamente conto aos que me ouvem, fingindo que não percebo o sorriso de remota e leve zombaria com que elles acolhem e acompanham a ingenua exuberancia do meu derramado enthusiasmo de campineiro.

Em primeiro logar, digo (e, insensivelmente, repito com emphase um conceito commum), aquillo que o coronel Joaquim Quirino dos Santos foi, a si mesmo e a si só o deveu. Seu pae era lavrador, e remediado; mas, como tivesse muitos filhos e não lhe fosse possivel assegurar na lavoura o futuro de todos, destinou alguns ao commercio. Ora, os senhores sabem que, por via de regra, no commercio, os vadios, os estupidos e até os desanimados não enriquecem. No commercio, não é hoje, e nunca o foi, como era na lavoura, antigamente. Antigamente, na lavoura, para que um homem (ou uma mulher) um moço (ou uma velha) enriquecesse, era necessario sómente que o negro trabalhasse e a terra produzisse. E nada mais certo, e mais facil, do que o trabalho do negro e a producção da terra: si o negro não trabalhasse espontaneamente, como lhe cumpria, o chicote do feitor attento obrigava-o a trabalhar, retalhando-lhe as carnes; quanto á terra, Campinas ainda é, para muitos entendidos, o torrão privilegiado desta zona privilegiada de S. Paulo, a mais prodigiosa e infatigavelmente fertil deste vasto e fertilissimo Brasil. O lavrador, por conseguinte, podia baloiçar-se e dormir tranquillo na molle rède, suspensa á sombra amena da varanda: que por um mysterio, ainda não desvendado, da sabedoria divina, infinitamente justa, lá fóra, no esbrazeamento inclemente do sol dos tropicos, o suor sanguineo e abundante dos escravos era como réga abençoada tombando, de instante a instante, nos sulcos fôfos, que, dia a dia, as enxadas iam rasgando nas mattas virgens derrubadas.

* * *

Depois (continúo), ainda não conheci maior, nem melhor coração. Pelos menos, ainda não me trouxeram noticia de ninguem tão constante e copiosamente dadivoso. Dar era mais do que uma espontaneidade, era uma necessidade, uma exigencia da sua natureza. Dava a parentes e a extranhos, aos que lhe pediam que désse e aos que não lh'o pediam, pessoal e collectivamente, ás occultas, como manda o Evangelho, ou ás claras, com alarde, com ostentação, como o quer a vaidade humana. Dava como um nababo perdulario e bom. Em 1875 (ainda não me sairam da lembrança aquelles dias tristes) desabou sobre a cidade um vento maldito de peste e assolação. Manifestou-se uma terrivel epidemia de bexigas. Quem pôde retirar-se retirou-se, immediatamente, para as fazendas dos arredores. Os pobres ficaram. Ao vento frio e constante (era no inverno) tremulavam aqui e alli, sinistramente, sobre as calçadas desertas, bandeirinhas de panno preto e branco. (Punham-se bandeirinhas ás portas das casas que o mal tinha invadido. As de panno branco indicavam bexigas mansas e as de panno preto bexigas bravas). Os medicos eram poucos, faltavam enfermeiros e os remedios, que a municipalidade comprava, não chegavam para os doentes, que eram muitos. O coronel Joaquim Quirino, que tinha ficado na cidade com os pobres, abriu um hospital á sua custa e levou para lá os miseraveis, cujas carnes apodrecidas caíam aos pedaços, ao abandono e á mingoa. Despendeu em poucos dias mais de vinte contos: mais de duzentos hoje.

Outra vez (como a memoria me vai auxiliando!) pouco após a morte de Joaquim Corrêa de Mello (o Joaquimzinho da Botica), fundou-se em Campinas uma associação (dr. Barata á frente), cujo fim era perpetuar a memoria

veneranda daquelle modesto, mas illustre sabio brasileiro, ao menos entre campineiros. A fim de cumprir o seu patriotico destino, a associação edificaria, numa praça, um predio escolar, gravaria, no topo da porta da entrada, em lettras de ouro, o nome festejado do operoso sabio, e manteria alli, por toda a eternidade, uma escola para meninos desvalidos. Ergueu-se o predio, gravou-se o nome, abriu-se a escola, mas ao cabo de alguns meses (si o dr. Barata fosse rico como era patriota!....) o dinheiro escasseava para se pagarem os professores contractados. Joaquim Quirino, que felizmente era da directoria da associação, declarou logo que não se aborrecessem os companheiros, nem se incommodassem, porque elle sósinho sustentaria a escola. Si bem o disse, melhor o fez, emquanto pôde.

Revolvam-se os archivos empoeirados do *Culto á Sciencia*, da *Santa Casa de Misericordia*, das outras instituições pias de Campinas, nacionaes e extrangeiras. Lá se achará o seu nome entre os dos maiores bemfeitores de todas.

Tinha sobrinhos e sobrinhas ás dezenas, orphans de pae. Ainda vivem. Perguntem-lhes si houve nunca pae mais amante e carinhoso.

Percorram-se os mais afastados e humildes bairros da cidade, e á porta das mais arruinadas choupanas olhe-se para o chão! Lá se verá ainda o vestigio quasi apagado das pégádas do bondoso coronel, cuja esmola nunca faltou aos necessitados.

E os leilões de prendas em beneficio dos hospitaes e das escolas, leilões que, outr'ora, na minha terra, se realizavam, um por mês, sem exageração?!. Si não existisse o coronel Joaquim Quiririno e si elle não gastasse, como gastava, contos e contos de réis em cada um, com certeza não se realizariam dois, de cinco em cinco annos! Os famosos leilões de prendas campineiros não foi elle quem os inventou, mas é certo que quem os inventou, inventou-os para elle, para sua inexgottavel caridade.

Podem replicar os senhores (dirijo-me aos extranhos, que me escutam sorrindo) que o melhor dos homens não é o que mais dá.

Aqui estamos nós, sem o esperarmos, a pique de nos enredarmos, lastimavelmente, na basta e complicadissima tessitura de um dos mais remontados e ponderosos problemas de Moral Social. Mas eu rompo-a e vou por deante. Noto sómente, emquanto passo, que o antipoda de um coronel Joaquim Quirino seria um usurario: um animal inferior e repugnante. No meio, é exacto, largo espaço se rasgaria para o homem equilibrado e economico; mas, a economia, que é uma qualidade pessoal de primeira ordem, e na collectividade uma força utilissima, não me commove.

II

Proseguindo:

Eu não quero dizer que o coronel Joaquim Quirino dos Santos foi simplesmente uma alma em extremo caridosa, e muito longe de mim a idéa mesquinha de o confundir com um desses bonacheirões simplorios, que o povo explora, ás vezes adula, mas, afinal, despreza. Não. O coronel soube ser tambem cidadão e patriota. Dava rios de dinheiro aos pobres, mas não se esquecia de auxiliar, sem pôr directamente as vistas no lucro provavel, os grandes commettimentos de que dependiam o progresso e o bem-estar dos seus patricios, mórmente os dos que tinham nascido na mesma cidade em que elle nasceu. Foi um dos fundadores do theatro *S. Carlos* e da *Companhia do Gaz*, tomou grande numero de acções da *Companhia de Agua e Exgottos* e empregou muitos capitaes na *Mogyana*, quando ainda nem sonhar-se podia com o espantoso desenvolvimento que, no correr dos tempos, veiu a ter essa feliz e poderosa empresa de vias-férreas: quando os ultimos cafezaes da provincia eram os de Mogy-Mirim; quando Casa Branca (alli mesmo, uma rapida viagem de recreio) era um sertão temeroso e invio, densas florestas povoadas de animaes bravios e campos extensos cheios de emas ariscas.

Bonacheirão, o coronel!

Simplorio, Joaquim Quirino!

Mas, para eu tal suppôr, seria ne-

cessario que o não tivesse conhecido, que não soubesse que sangue lhe corria pelas veias, ou que delle nem siquer tivesse ouvido fallar.

Seu pae foi o velho major Quirino, que é como quem diz um homem ás direitas, de antes quebrar que torcer, paulista inteiriço, typo completo e genuino da severa lealdade dos varões de outras éras. Este filho, de que lhes fallo, era capitão de um esquadrão de cavallaria, que elle commandava, e um dia, por molestia não participada, ou por esquecimento, ou propositalmente, faltou a uma revista. O pae, indignado com a falta, a seus olhos de redobrada gravidade, porque era commettida por um filho, ordenou que o procurassem pela cidade, que o prendessem e que o recolhessem preso ao quartel, por oito dias. Apesar de todos os pedidos e empenhos, a prisão se effectuou, pelo tempo determinado, hora a hora.

Talvez não lhes sejam desconhecidos os nomes dos drs. João Quirino do Nascimento e Francisco Quirino dos Santos: dois formosissimos talentos, dois advogados eminentes, dois prosadores correctissimos, dois poetas inspirados. O primeiro não o cheguei a conhecer bem. Voltando os olhos do espirito para as recordações quasi extinctas da minha primeira meninice, diviso apenas, vagamente, passando fugaz, o perfil loiro e suave de um moço esbelto e franzino, pallido, como um tuberculoso que era, e vejo, numa ennevoada manhã de outono, uma terça-feira, si me não engano, toda uma população, vestida de preto, caminhando devagar atraz de um caixão, que ia para o cemiterio... Choravam nas torres os sinos de todas as egrejas, e muitos dos que caminhavam atraz do caixão, vestidos de preto, choravam tambem. O segundo conheci-o muito, porque foi meu mestre e meu amigo intimo. Morreu ha treze annos, nesta capital, mas ainda agora, quando lhe ouço o nome, é como si viesse de volta do seu enterro e me estivessem gemendo aos ouvidos, agitadas pelos grandes ventos do alto, as casuarinas lamentosas do campo-santo da Consolação. Tambem tinha o corpo debil e a face meiga o poeta dolente do *Filho da escrava*. Saiba-se, porém, que eram dois leões estes dois irmãos do coronel Joaquim Quirino: dois caracteres de aço, dois luctadoros intrépidos, temerarios. Assim se esconde, sob o velludo finissimo e macio dos estojos de luxo, a lamina, que não verga, dos punhaes de Toledo...

Já lhes disse que, em duas, ou tres situações, os correligionarios do nosso homem lhe confiaram a delegacia de policia. Vou dizer-lhes agora, brevemente, que espécie de delegado elle foi. Foi, sem duvida alguma, a mais activa, a mais energica, a mais justiceira, a melhor autoridade, emfim, que nunca em Campinas empunhou a vara symbolica, Antes delle, Campinas era, com pouca differença, o que era Botucatú, quando a voz potente do actual senador federal, dr. Manuel de Moraes Barros, trovejava indignações republicanas no recinto monarchico da assembléa legislativa da provincia, contra a prepotencia apadrinhada do famigerado Tito Corrêa de Mello. Havia em cada esquina, um lupanar barato, donde á noite, á luz impudente dos lampeões vermelhos das salas, as Lais despejadas se debruçavam quasi núas, para os burguezes honestos e pacatos, que passavam já sufficientemente codilhados no voltarete do Teixeira. Elle, si não extinguiu, moderou o vicio atrevido. Jogava-se desbragadamente nos bilhares, nos hoteis, em casas particulares. Derretiam-se fortunas e fortunas, ao calor das velas, sobre o panno verde das mesas da batota. Elle acabou com o jogo, positivamente acabou, movendo-lhe tenaz perseguição, dentro e fóra da lei, invadindo bilhares, hoteis, destruindo roletas, baralhos e mobilias, dando assaltos inesperados a muitas casas particulares (algumas de amigos intimos) e prendendo os jogadores, fossem lá quem fossem. Annos depois de elle ter exercido a delegacia, ainda não se jogavam, em Campinas, jogos prohibidos. Além disto, perturbava-se todas as noites o socego das ruas, assaltavam-se e feriam-se os os transeuntes inermes—e tudo impunemente. Dizia-se baixinho que eram pessoas das melhores familias os mais sanhudos valentões, os mais teimosos

desordeiros — e tudo se esquecia. Mas, para aquelle rude plebeu, que o trabalho ennobrecera, a lei era egual para todos, e, ao esforço preseverante da sua actividade, da sua energia e da sua justiça, a ordem se estabeleceu e Campinas se civilizou, de uma vez para sempre!

Realizava-se, uma noite, um casamento, pelo qual se uniam duas das mais distinctas familias campineiras, e assistiam á solennidade, correctamente vestidos de casaca, gravata e luvas brancas, dois rapazes, irmãos da noiva gentil, que estavam pronunciados por crime inafiançavel — creio que tentativa de morte. Era, parece-me, naquella casa, pavorosamente celebre, em que se acha estabelecido o *Banco Mercantil de Santos* e na qual Victorino de Menezes foi assassinado, rua do Bom Jesus, esquina do Largo do Rosario. O coronel Quirino, que sempre teve ás suas ordens, e á sua custa, diligentissimos auxiliares, não tardou em saber que os criminosos viriam á festa, como aliás, alguns dias antes, se annunciara, com tal ou qual provocação. Foi immediatamente á cadêa, saiu com todas as praças do destacamento e, minutos depois, estava o quarteirão rigorosamente cercado. Lá dentro, na casa em que as auspiciosas bodas se realizavam, o baile deslumbrante *battait son plein*, attingia o seu maximo esplendor e a sua mais irradiante animação. Subitamente, no silencio momentaneo de um intervallo de quadrilha, sôam no corredor palmas estrepitosas e pausadas:

—Quem será?

Era o coronel Quirino.

—Oh, coronel, quanto gosto e quanta honra! Queira fazer o favor de entrar. Venha tomar comnosco uma taça de *champagne*.

—Não entro, nem vim para beber. O que eu quero, em poucas palavras, é arrancar d'ahi para a cadêa os criminosos, que ahi estão, dansando e folgando, com grave escandalo da lei.

—Pr'a cadêa?!

A noticia caiu e estalou como um raio no salão illuminado. Os homens protestaram, apopleticos; senhoras decotadas desmaiavam; as creanças, de susto, rompiam num largo chôro lancinante.

Certo tenente-coronel, que estivera no Paraguay e, em tempo, com bravura notoria, commandara a brigada policial da Côrte, deu dois passos á frente e, empertigado, machinalmente, objectou:

—Mas, além de ser um desrespeito ás senhoras e cavalheiros que aqui se reuniram hoje em festa de familia, é um grande desaforo. Deixe primeiro terminar o baile e depois...

E, depois, o coronel Joaquim Quirino, do corredor para a rua, com a maior placidez, como si aquillo não fosse com elle:

—Camaradas, preparar armas!

—Um grande desaforo, repito!

—Camaradas, apontar armas!

Prudentemente, o tenente-coronel deu dois passos á retaguarda e sumiu-se por entre os grupos de convidados, impertigando-se ainda mais, erguendo a cabeça encanecida ao fumo de mil combates, e bombeando o peito amplo, no qual tremiam duas, ou tres condecorações de guerra.

Senhoras aterradas e donzellas lacrimosas intervieram, supplices; mas, o coronel permaneceu inabalavel, como um rochedo. Surgiu então Joaquim Egydio (o futuro marquez de Trez-Rios) e, sob sua palavra de honra, prometteu que, dentro de meia hora, os criminosos seriam entregues á auctoridade, á porta da prisão. O coronel Quirino levantou o cerco e retirou-se com as praças do destacamento. Meia hora depois, minuto a minuto, contados em relogio, as pesadas portas do carcere humido e sombrio rangiam nos gonzos e fechavam-se sobre os dois criminosos, correctamente vestidos de casaca, gravata e luvas brancas.

—Ordinario! Canalha! Safado!

Que é isto? Eram os presos que, segundo a regra, em grita desenfreada protestavam contra aquella INQUALIFICAVEL VIOLENCIA.

O coronel Quirino que, de retirada,

já ia em meio largo da Matriz (mais ou menos nas alturas do cartorio do Juca de Pontes) dá serenamente meia volta á direita, torna a entrar na cadêa, torna a subir as escadas, torna a abrir as portas da prisão e, frente a frente com os presos encasacados e possessos, serenamente recommenda ao Brito, carcereiro :

— Si este barulho continuar, desça-os para a enxovia, lá onde estão os Dutras.

(Os Dutras eram uns facinoras celebres, que por muitos meses andaram foragidos e que na vespera, tinham sido apanhados numa matta proxima á cidade).

E si, ainda assim, não se aquietarem, ponha-lhes os pulsos e os pés no vira-mundo.

— No vira-mundo?!

— No vira-mundo: porque não?

Foi como agua na fervura. Dormiram a somno solto, toda a noite, os dois presos revoltados, os seus companheiros de prisão, e os vizinhos da cadêa.

Lá para deante, pela calada da noite, quem por acaso estivesse acordado só ouviria, de vez em quando, o brado de alerta, tremulo e prolongado, da sentinella fatigada e aborrecida...

III

Os deveres do seu cargo obrigaram-no, uma tarde, a ir á estação da *Paulista* com a sua ordenança, que era um caboclo alto, espadaúdo e reforçado. Sôava a hora tumultuosa da chegada e da partida dos trens. Muito movimento na platafórma. Homens, mulheres e creanças cruzavam-se, encontravam-se, acotovelavam-se na enorme confusão. Carregadores suados cortavam o espaço cimentado, em todos os sentidos, com malas ás costas. Rodavam por entre o povo, com difficuldade, as carretas de bagagens e encommendas. De repente, um grito de terror, saido a um tempo de mil boccas, atrôa os ares e, num instante, aquella compacta multidão primeiro biparte-se e depois começa a dispersar-se allucinada, trepando pelos *wagons*, saltando para a linha, precipitando-se cégamente para o saguão, para as salas de espera, para o botequim e para o largo!

Um soldado, um cabo de cavallaria de um regimento, que estava destacado em Campinas, dava então o seu hygienico passeio vespertino e lembrara-se de entrar pela estação, a galope, para escurraçar aquelle povo a golpes de espada e a pata de cavallo...

Saiu-lhe cara a lembrança. A ordenança do coronel Quirino atirou-se valentemente ás redeas do cavallo disparado, dominou-o, arrancou do sellim o cabo embriagado e, cumprindo á risca as ordens que recebia, alli mesmo, no logar do delicto, em face do povo ainda pallido de susto, pôz-lhe os ossos num feixe com o seu honesto sabre de policia!

Quatro, ou cinco dias depois, Campinas, ao que diziam os jornaes, teria de festejar o baronato do coronel Joaquim Quirino dos Santos, Barão de Campinas, ou do Barreiro: o nome pouco faz, barão em todo o caso.

O baronato não veiu e soube-se logo que não viria nunca. O duque de Caxias, presidente do conselho de então, era marechal do exercito, ao qual tambem pertencia o cabo bebado que o coronel Joaquim Quirino mandara castigar em publico, solennemente, por um simples soldado de policia. O decreto da esperada nomeação já estava assignado pelo imperador, mas, o duque rasgou-o, sem pedir, entretanto, ao presidente da provincia que demittisse o delegado.

Lá de si para si, o marechal, espirito recto, entendeu de certo que era preciso salvar a dignidade da farda, mas que as refladas da ordenança do coronel... não tinham caido no chão.

Tempos depois, ouvi alguem perguntar (foi á porta do Moraes) ao coronel Quirino si não se tinha arrependido de ter mandado applicar, em occasião tão impropria, tão tremenda sova no cabo do exercito.

E elle, naquella sua voz arrastada, dos ultimos annos, mas sem hesitar:

—Que os... lambeu! Nem que eu tivesse de ser nomeado principe. Tinha de apanhar!

Não me interrompam, senhores! Eu sei o que me vão dizer:

— Ha uma coisa sagrada, a que nas sociedades civilizadas se costuma dar o nome de Lei, e da qual esse coronel, que você tão enthusiasticamente louva, não era um escrupuloso observador.

Perfeitamente de accôrdo. Entretanto, perdemos o tempo da interrupção, porque eu tambem não me detenho a discutir questões politicas... A lei, a lei! Sublime palavra e idéa mais sublime ainda! Mas, já antes de Cesar, isto não era paradoxal: ás vezes, é preciso sacrificar a lei para salvar a lei.

* * *

O que lhes posso garantir é que não sei de ninguem que, sem o desejar, se tenha feito alvo, numa cidade, de tanta e tão firme veneração. Sem o desejar, e até trabalhando pelo contrario... Porque o coronel Quirino, fundamentalmente um santo, era na apparencia um antipathico, um violento, um aggressivo.

Como elle se divertia no entrudo! Como parecia grosseiro e brutal!

Começava um mês, pelo menos, antes dos tres dias da praxe; e, emquanto nós outros cá em cima, na rua Direita e no largo do Rosario, nos molhavamos, ou molhavamos as moças das janellas, e as que passavam, com delicadissimas laranjinhas de cêra amarella transparente, cheias de agua cheirosa, elle, na rua do Commercio, mergulhava as suas infelizes victimas numa immensa tina a transbordar de agua chilra do poço, ou punha-as a escorrer, ensopadas como pintos, a grossos e pesados jactos de uma bomba de extinguir incendios! Fôsse quem fosse; de uma, ou de outra maneira, tinha de tomar o desagradabilissimo banho. Nem o dr. Ricardo escapava!

(O dr. Ricardo, aquelle medico, muito alto e muito magro e muito exquisito, de grande saber em therapeutica e vastissima clinica. Brasileiro naturalizado, teve posição eminente na politica da Provincia. Foi, ha muitos annos, presidente da assembléa provincial).

Esse, si recebia, em dia de entrudo, algum chamado a que não podia deixar de acudir, vinha de casa até á esquina do major Azevedo e, depois, resguardando com a altissima golla da longa sobrecasaca preta os setenta Janeiros frageis, quebrava a esquina e passava pelo largo de Matriz Velha:

—Não se póde passar pela rua do Commercio, sr. Bento Quirino(*)... *Sinhá coronel* não quer, dizia elle, escondendo sob um amavel sorriso de resignado ancião irlandez, conservador e catholico, a sua ironia aguda e penetrante de feniano sempre joven e sempre rebelde.

Que scenas as dos leilões de prendas! Numa occasião (éra na época em que o café a seis mil réis por arroba fez as maiores fortunas da provincia; e o *Club Semanal*, como sempre em festas daquella natureza, regorgitava de cavalheiros, senhoras e donzellas da mais fina sociedade campineira), o Joaquim Roberto tira, da mesa das prendas, um mimoso par de sapatinhos de setim côr de rosa, caprichosamente bordados a fio de ouro pela formosa filha de um illustre titular, e exclama com a sua voz clara e vibrante de leiloeiro nato:

— Quanto me dão por este sumptuoso par de sapatinhos côr de rosa, sumptu-ó-sa-mente bordados a ouro pelas mãos fidalgas da exma. sra. d. Flavia de Almeida?

Houve um momento de silencio, em que o Joaquim Roberto sorriu para os assistentes, especialmente para d. Flavia, desvanecido, e, ao mesmo tempo, como que a implorar perdão de ter entre os seus dedos aquelle preciosissimo objecto.

— Quanto?...

(*) Bento Quirino, irmão do coronel, era respeitadissimo em toda a cidade.

Houve outro momento de silencio, em que o Joaquim Roberto continuou a sorrir, na mesma attitude.

— Cem mil réis, brada do meio da sala o sr. Lucio Fagundes, mas para serem offerecidos — esses mimosos sapatinhos de setim — ao meu respeitavel tio, o sr. major Manuel Fagundes, que se acha presente.

A familia Fagundes, que tambem era da sociedade fina, estava ligada, por laços de amizade intima, á familia de d. Flavia, e o sr. major Manuel Fagundes, a quem o seu sobrinho Lucio offerecera o par de sapatinhos côr de rosa, era um velho roceiro, muito alto e muito corpulento, que, provavelmente, nem nos aureos tempos idos da leve e lépida mocidade, sonhára prender os callos e os joanetes dos pés bojudos em tão exiguas e deliciosas prisões.

O caso, por conseguinte, não provocou escandalo. Algumas risadas apenas, com grande desapontamento do velho.

Mas, o coronel Quirino, do seu canto :

Duzentos mil réis pelos sapatinhos para serem offerecidos ao Simões !

Imagine-se. O Simões era então o que ainda hoje é, e hade sempre ser, si o Thomaz Alves der licença : um magnifico rapaz de barbas brancas, eternamente vestido de brim, meio bohemio, meio philosopho, com a sua rodinha especial, inteira e propositalmente arredado da brilhante sociedade dos salões elegantes. Noctambulo incorrigivel, por acaso passara pela porta do *Club Semanal*, por acaso entrara e por acaso se sentara ao lado do tio, o tio Quim, como elle lhe chamava.

— Trezentos mil réis, diz Lucio Fagundes, visivelmente magoado, para não serem offerecidos ao sr. Simões.

— Quatrocentos para o serem, responde o coronel, e accrescenta, em meio das mais estrondosas gargalhadas : «Esses sapatinhos, é evidente, não foram feitos para os pés do sr. Major Manuel Fagundes, ou, então, os pés do sr. Major Manuel Fagundes não foram feitos para esses sapatinhos. »

Encurtemos o conto : todos os membros da familia Fagundes, que assistiam á lucta, picaram-se e fizeram-se solidarios com o sr. Lucio ; mas, afinal, quem ficou com os sapatinhos (por dois contos de réis, si não me engano), mimosos sapatinhos de setim côr de rosa, caprichosamente bordados a fio de ouro pelas mãos fidalgas de d. Flavia de Almeida, foi o coronel Joaquim Quirino, que os offereceu ao sobrinho, o pachorrento Simões, que ainda hoje os possue e conserva, como uma ditosa recordação da mocidade, diria elle, si a sua mocidade já tivesse passado com a dos outros.

IV

Mas, de todas as do coronel (e eu, si palestrasse com campineiros, não lhes fallaria, enfadando-os, de coisas sabidas e resabidas), a melhor, inquestionavelmente, é a que, por ultimo, vou contar. E', pelo menos, a que define com mais exactidão a estima e o respeito que toda a gente em Campinas lhe dedicava. Foi, em 1878, quando o digno cidadão Floriano de Campos recebeu do seu partido a nomeação de commandante superior da Guarda nacional.

Ao inaugurar-se naquelle anno a situação liberal com o celebre gabinete Sinimbú, Floriano de Campos foi nomeado, mas Joaquim Quirino não foi exonerado !

O facto era realmente extranho e só jurisconsultos abalizados poderiam resolvel-o... Enche-se Joaquim Quirino de paciencia e vai a todos os jurisconsultos, de baixo ao alto, começando no João Boquinha (um meirinho muito lido) e terminando no mais considerado e consideravel causidico da cidade. Todos, á uma, lhe fizeram ver que a exoneração, si de direito não tinha vindo, de facto viera : era, para todos os effeitos, como si estivesse expressa em decreto á parte. Este decreto (até certo ponto o coronel tinha razão) era necessario ; mas (tão relaxados os governos da monarchia !) não era indispensavel. Subentendia-se.

O coronel não se deu por convencido e, para cortar terminantemente a subtilissima questão, deliberou confe-

renciar com Floriano de Campos em pessôa:

— O collega é que ha de pôr os pontos nos i i. E sem demora, porque estamos na Semana Santa. A solução é urgente.

(Todos os annos na sexta-feira da dolorosa semana da Condemnação, da Agonia e da Morte, o coronel Quirino, fardado em primeiro uniforme, acompanhava lentamente, ao lado do vigario, o corpo chagado e exangue do Justo sacrificado. E, na madrugada triumphal do domingo da Resurreição, quem se erguesse cedo lá o veria, ainda fardado, sob o pallio, á direita do sacerdote, que conduzia, com os olhos no céo crepuscular, o vaso da hostia consagrada).

Sexta-feira, ao meio dia, ainda não se sabia o que tinha sido resolvido entre os dois coroneis, e até se suppunha que o coronel Quirino, resignado, abandonára o campo ao emulo feliz, á espera de outra monção conservadora.

Puro engano — que os homens daquella tempera não conhecem o verbo desistir. Sexta-feira, ao meio dia, mais ou menos, estavamos oito, ou dez amigos á porta (respeitosamente cerrada) da padaria do Pimenta, ou da charutaria do Alfredo Pinheiro... Eis sinão quando, dobra o coronel a esquina da rua da Cadêa, *cahin-caha*, amparando-se na grossa bengala de castão de prata fôsca, arrastando a perna, pé aqui, pé acolá, rua Direita acima.

— Aonde se dirige a estas horas com este sól, sól de torrar? perguntou-lhe alguem do nosso grupo.

— Vou alli ao Floriano de Campos. Está exgottado o prazo que lhe marquei ante-hontem. Quero saber si é elle, ou sou eu o commandante superior da Guarda nacional de Campinas.

E rindo-se:

—Si fôr eu, já está o cavallo prompto. Estou velho, mas com este corpo desembaraçado, apesar do rheumatismo, ainda não faço má figura em cima do bucephalo. Agóra, si fôr elle...

E, sem concluir, riu-se ainda mais. O sr. Floriano de Campos (é necessario dizel-o) era muito baixo, mas excessivamente gordo e pesado.

Um de nós pegou na phrase:

— Si fôr elle...

— Si fôr elle, remedeia-se. Manda-se fazer um cavallo de páu, que os de carne e osso não o aguentam, e iça-se o commandante por uma carretilha!

E lá se foi, *caha-cahin*, rua Direita acima.

Ignora-se o que elle disse ao coronel Floriano de Campos e o que o coronel Floriano de Campos lhe disse. Jaz sepultado em profundo segredo o dialogo scintillante e arguto daquelle Talleyrand e daquelle Metternich. Sabe-se sómente que, uma hora depois, lá assomou ao longe, o coronel Quirino, *cahin-caha*, arrastando o seu rheumatismo, rua Direita abaixo.

Vinha radiante e tentava estugar o passo.

— Então, coronel?

— Tudo resolvido. Chegámos a um accordo. Elle fica com o commando da freguezia de cima, a de Nossa Senhora da Conceição, e eu com o da de baixo, de Santa Cruz.

E, piscando os olhos miudinhos e vivos:

— Passei-lhe a perna. Na freguezia de cima não ha Semana Santa.

A' noite, lá ia elle, semblante magoado, espada á cinta, chapeu armado na mão, compungido, medindo solennemente o passo, á melodia lenta e chorosa da marcha funebre da procissão do Enterro!

Mas, depois da procissão, é que era. Ninguem mais governava a cidade. Inspectores de quarteirão, commandante do destacamento, delegado de policia, juizes, vigarios e coadjuctores, e todas as autoridades, absolutamente todas, abdicavam e transferiam tacitamente para as mãos do coronel, os poderes divinos, ou humanos de que se achavam investidas. Era um tyranno, um despota, um prefeito municipal absoluto. De Campinas Velhas á Estação, e do Taquaral ao Tanquinho, pessôas e coisas, tudo lhe obedecia cegamente.

(Naquelle anno, o sr. Floriano de

Campos, dormindo a somno solto, não protestou contra aquella clarissima usurpação e, ao outro dia, achou-lhe graça. Pois, si até o padre Chico não se rebellava!)

A's 11 horas da noite, na Matriz Velha, logo depois do sermão da Soledade, um moço, que poucos dias antes havia chegado da Côrte e se estabelecera com uma loja de modas para damas, no largo do Rosario, estava brandamente recostado a uma porta lateral do vetusto templo, que mal podia conter a multidão de fieis, e deixava cair os olhos ternos e assucarados (os olhos classicos dos commerciantes de modas para damas) num grupo de moças que, depois de haverem beijado o Senhor Morto, balbuciavam, ajoelhadas, e effectivamente contrictas, o acto de contricção.

O padre Chico passou, fez um signal imperceptivel aos soldados que guardavam a porta, e, num instante, o moço da Côrte foi preso.

Que elle, o nosso rispido vigario, era assim: «Namoro é na rua, *seus* patifes!».

— Acudam-me, acudam-me, que me prendem, e eu não fiz nada!

Precisamente como si quizesse corresponder a um chamado, entrava erecto e firme, o coronel Quirino, arrastando a espada e sacudindo as plumas ondeantes do vistoso chapeu armado.

— Que é lá isso? Porque vai preso o senhor?

O padre Chico, desconfiado, apressou-se em explicar:

— Vai preso, porque namorou na egreja — este hereje, este sem vergonha.

— Mas, vamos ver, insistiu o coronel: namorou moças, ou velhas?

— Moças, atalhou vivamente a pobre victima do vigario, para quem luziu logo uma esperança, como um relampago.

— E... feias, ou bonitas?

— Bonitas, coronel, muitissimo bonitas. Pois, si eu sou da Côrte!...

— Soltem o preso, camaradas, sentenciou Joaquim Quirino, sem olhar siquer para o padre Chico. Namorar moças bonitas não é crime, nem peccado: é obrigação. Prendam, conduzam á cadêa, e, depois, por minha ordem, remettam ao hospicio de São Paulo, o idiota que cair na asneira de namorar velhas, ou feias.

Os soldados obedeceram immediatamente.

Quanto ao padre Chico, rijo e alentado transmontano nascido por acaso em Campinas, esse, pasmado, attonito, fez-se livido de colera recolhida e concentrada. Depois, extremeceu e vieram-lhe impetos rolistas de varrer aquillo tudo a rajadas de tocha como lá, do outro lado do oceano, em dia folgado de romaria, se varrem as feiras a ronco de pau. Mas (por serdes vós quem sois, sr. coronel!) conteve-se, e o moço da Côrte foi em paz, para a porta da outra banda do templo — continuar o namoro levemente interrompido, com os olhos cada vez mais ternos e mais assucarados.

Para desafogar-se, o padre Chico, bufando, fez-lhe uma... figa.

— Ora! objectam, ironicos, os meus pacientes ouvintes: nas cidades do interior (e Campinas, embóra você se magôe com esta declaração, não é uma capital) factos como esse são muito frequentes. Nós sabemos: quem tem dinheiro manda e quem não o tem é mandado. O coronel...

Mas, então, tenho perdido de todo o meu latim, porque não ouvem com a devida attenção o que minuciosamente lhes digo, ha mais de uma hora!

Já os informei de que isto se passou nos ultimos annos da vida de Joaquim Quirino dos Santos, e os senhores sabem que o meu patricio morreu pauperrimo.

Preciso contar-lhes agóra que elle, muito legitima e muito nobremente orgulhoso, ao sentir-se desapiedadamente ferido no fim do cruel combate da vida — não perdeu o aprumo. Como o Cid outr'ora, não cambaleou na sella nem sequer levou a mão ao arção. Foi como si o não tivera alcançado o golpe mortal que a fortuna fallaz lhe vibrou pelas costas, á ultima hora.

A galeria, os espectadores, forçoso é reconhecel-o, portaram-se bem. O golpe foi visivel, *mas ninguem o viu.* Raro, inverosimil, si quizerem, mas real. E' possivel que, dos antigos bajuladores do rico empobrecido, o seu mais apressado recadeiro, o seu mais afanoso cubiculario o tenha abandonado na occasião incerta. O João Couto, porém, (e no mundo não ha um João Couto só) amigo certo, foi até o fim seu dedicadissimo guarda-livros, sem remuneração, porque já não havia livros que guardar.

Vão lá offerecer-lhe quinhentas libras, ouro, ao cambio de 5, pelo relogio inglês de quarenta, cambio 27, com que o coronel o presenteou, ha muitos annos, ao regressar de um passeio á Europa!

Redondamente que não, está claro. A agencia do *Banco de São Paulo* dá pouco, mas dá para viver com honra, e a ingratidão, digam lá o que disserem, é quasi uma infamia.

* * *

Deponho agóra a penna de biographo que, a pedido de Antonio Sarmento, manejei, pela primeira, ou segunda vez na minha vida. Não sei si escrevi de menos, si escrevi de mais. Si de menos, melhor para quem me lê. Si de mais, perdôem-m'o, mas eu, decididamente, não me desdigo de uma só palavra, nem digo menos uma syllaba do que disse. O coronel Quirino é um dos vultos dilectos da minha admiração de campineiro e paulista, e eu, todas as manhãs, rendo graças a Deus, porque ainda não sou nem misanthropo, nem hypocondriaco, nem pessimista. O liquido azedo e caustico do figado doente destes contrariados infiltra-se-lhes pelas raizes mais profundas da alma e estióla-lhes as mais bellas faculdades. Tenho ainda em pleno viço a faculdade de admirar que, como se sabe e já se disse, é de todas a mais bella e a mais consoladora.

São Paulo, 16 — 3 — 99.

Julio Mesquita.

NOTICIARIO

Homenagem a um grande morto — No dia 15 de Agosto de 1916, septuagesimo anniversario natalicio do general Francisco Glycerio, fallecido a 12 de Abril, Campinas rendeu um preito de alta estima a esse filho altissimo, glorificando-lhe a memoria carinhosamente, mediante festas de saudade, cuja iniciativa e organisação couberam a legitimo orgam de sua cultura, o *Centro de sciencias, letras e artes*, que tanto se honrara em contar o patricio illustre entre os socios de maior benemerencia.

O que foram taes festas, não só como sincero tributo postumo de affecto pessoal, mas ainda como ardente licção de civismo, disseram-n'o as gazetas da seguinte data, descrevendo-as em largas paginas impressionistas, que das mesmas guardam varios aspectos esteriotipados.

A nós só cumpre agora summarial-as, registando aqui os nomes dos que, accorrendo ao appello de nosso gremio, lhes deram grande relevo, tornando-as assim dignas da propria terra do morto, cuja lembrança é motivo de justo orgulho commum a patriotas verdadeiros.

Constaram de uma romaria civica ao tumulo do conterraneo eminente e de uma sessão magna na sala nobre do *Centro*.

ROMARIA CIVICA

A's 8 horas da manhã, ordenado o prestito, que se compunha de milhares de pessoas, reunidas nas cercanias do edificio social, partiu em demanda do cemiterio, observando o itinerario prefixado (ruas Francisco Glycerio, Barreto Leme, Barão de Jaguara, Ferreira Penteado, José Paulino e Avenida do Fundão).

Abria-o uma secção da Banda da brigada policial do Estado, composta de 35 figuras, sob a regencia do alferes Salvador Chiarelli.

Seguiam-se logo, formando um grupo de destaque, pelas delegações politica e social, os srs.: dr. Julio Barbosa, secretario da presidencia do Senado federal, representando a mesa dessa corporação e o dr. Ur-

bano dos Santos, vice-presidente da Republica; dr. F. Araujo Mascarenhas, chefe do legislativo local, representando os drs. Altino Arantes e Cardoso de Almeida, presidente do Estado e titular da pasta da fazenda; dr. Antonio Rodrigues Alves Pereira, director do Gymnasio, dr. Arthaud Berthét, director do *Instituto agronomico*, e capitão Dantas Cortez, representando os drs. Oscar Rodrigues Alves, Candido Motta e Eloy Chaves, titulares das pastas do interior, agricultura, justiça e segurança publica; dr. Abeillard de Almeida Pires, juiz de direito da 1.ª vara, representando o dr. Xavier de Toledo, presidente do Tribunal de justiça do Estado; drs. Herculano de Freitas e Antonio de Padua Salles, senadores estaduaes, representando o ultimo a Commissão Directora do Partido Republicano de São Paulo; dr. Antonio Alvares Lobo, presidente da Camara dos deputados do Estado, representando a mesma assembléa, dr. Candido Rodrigues, vice-presidente do Estado, dr. Alfredo Ellis, senador federal, e a bancada paulista da Camara dos deputados federal, collectivamente; Antonio Villela Junior, director da Escola normal primaria, representando o dr. J. Chrysostomo Bueno dos Reis Junior, director geral da instrucção publica do Estado; dr. Sebastião Lobo, promotor publico de S. Paulo; Erasmo Braga, representando o *Instituto historico e geographico brasileiro*; monsenhor Manuel Ribas d'Avila, representando o conde d. João Nery, bispo da diocese; c.el Antonio Alvaro de Sousa Camargo, representando o directorio politico local, de que é presidente; dr. Heitor Teixeira Penteado, governador da cidade; dr. Julio Soares de Arruda, dr. Silvio de Moraes Salles, Justo Pereira da Silva, A. B. Castro Mendes e Alvaro Ribeiro, edís; dr. José Augusto Quirino dos Santos, secretario da Prefeitura; Benedicto Octavio, secretario da Camara municipal, Alberto Faria, inspector municipal da instrucção publica; dr. Antonio Bento Domingues de Castro, juiz de direito da 2.ª vara; dr. Antão de Moraes, promotor publico; dr. E. T. Bandeira de Mello, delegado de policia; Joaquim Ignacio de Abreu Valente, sub-delegado, dr. Tito Joaquim de Lemos, dr. Philippe Gonçalves e Pedro de Magalhães, juizes de paz; dr. Pelagio Lobo, representando o c.el Manuel de Moraes, presidente da *Companhia Mogyana* e provedor da Santa Casa de Misericordia daqui, e Francisco Escobar, prefeito de Poços de Caldas; c.el Julio Cesar de Cerqueira Leite e dr. Francisco Glycerio de Freitas, representando a familia do homenageado; dr. Arthur Luiz Lopes, ex-secretario particular do mesmo; dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo e c.el Antonio Carlos da Silva Telles, ambos do nucleo de seus mais velhos e devotados amigos; todos os membros da directoria do *Centro*, que levava a effeito a commemoração.

Vinham depois:

O batalhão de 65 alumnos do *Lyceu de N. S. Auxiliadora*, acompanhado pelo reitor do estabelecimento.

Grupo Escolar «Quirino dos Santos», director, professores e alumnos de ambos os sexos, com o respectivo estandarte.

Escola municipal do Fundão. — Professora e alumnos de ambos os sexos.

Gymnasio official — Professores e alumnos, dos seis annos do curso.

Escola normal primaria. — Professores e alumnos de ambos os sexos, dos quatro annos do curso.

Escola de commercio «Bento Quirino». — Vice-director, professores e alumnos de ambos os sexos.

Associação Salles de Oliveira. — Sr. Felix da Cunha.

Club Mogyana. — Directoria e socios.

S. Artistica Beneficente. — Directoria e estandarte.

Instituto «Cesario Motta». — Director, professores e uma commissão de alumnos.

Sociedade «Luiz de Camões». — Directoria e estandarte.

S. Portuguesa de Beneficencia. — Directores.

A. empregados do commercio. — Directoria e estandarte.

Club concordia — Directoria e estandarte.

Escola allemã. — Director e commissão de 40 alumnos.

Escola municipal de Guanabara. — Professora adjunta e alumnos de ambos os sexos.

3.º Grupo escolar. — Director, professores e uma commissão de alumnos de ambos os sexos.

Escola da S. Amiga dos pobres. — Professores e commissões de alumnos de ambos os sexos.

S. Española de instrucion. — Directoria e estandarte.

Circolo italiani uniti. — Directoria e estandarte.

Loja Independencia e Ordem. — Commissão.

Externato S. João. — Director, uma commissão de almmnos e estandarte.

Corporação musical *Guarany*, que executou, durante o percurso, marchas de seu repertorio.

Escola «Corrêa de Mello». — Professores e uma commissão de alumnos.

Gymnasio diocesano. — Corpos docente e dicente.

Seminario diocesano. — Corpos docente e dicente.

Escola allemã de instrucção e leitura. — Professores e uma commissão de alumnos.

Escolas «Francisco Glycerio» e *«Bento Quirino»*, mantidas pela Maçonaria, professor e alumnos.

Centro Português 5 de Outubro. — Directoria.

Collegio S. Benedicto. — Director e 80 alumnos.

Externato popular. — Director e 30 alumnos.

Federação dos homens de côr. — Commissão.

Associação dos antigos alumnos de D. Bosco. — Commissão.

Seminario theologico. — Professores e alumnos.

União S. Agostinho. — Commissão.

Instituto «Caetano de Campos». — Professor Jorge Nogueira e alumnos.

S. Portuguesa de soccorros mutuos. — Commissão.

Banda Italo Brasileira, que executou, durante o trajecto, marchas de seu repertorio.

Era calculada em mais de 8.000 pessoas, de todas as classes e nacionalidades, a massa popular que fechava o cortejo, achando-se engalados os predios das ruas por onde desfilou.

A's 9 ½ horas os romeiros chegaram ao campo santo, cuja principal via de accesso estava cheia de folhagens, até a campa do general Francisco Glycerio, coberta de rosas e lirios, cravos e violetas; collocado junto della, entre representantes do mundo official e das associações enumeradas, o dr. Heitor Teixeira Penteado, governador da cidade, leu, vibrante e commovidamente, seu discurso, acabando de fazel-o entre salvas de palmas.

O menino Araripe Rodrigues, do *Collegio S. Benedicto*, depondo uma bandeira nacional, envolta em crepe, sobre o tumulo do inclito republicano, fez uma allocução, rememorando-lhe os serviços á causa do abolicionismo e do ensino primario.

SESSÃO MAGNA

A's 8 horas da noite, na sala nobre do *Centro de sciencias, letras e artes*, realizou-se a sessão magna, a que compareceram numerosos cavalheiros e senhoras de escól.

No palco, em poltronas dispostas num semi-circulo, a meio do qual estava a mesa da directoria e oradores, sentaram-se os delegados das autoridades já referidas e mais o senador estadual dr. Luiz Piza.

O dr. Carlos Stevenson, presidente do *Centro*, abrindo a sessão em palavras repassadas de sentimento, recordou a figura do campinense extremecido, que tanto lustre dera a seu berço e a quem tanto deve a associação promotora das homenagens do dia.

Isso feito, convidou os drs. Julio Barbosa e F. Araujo Mascarenhas, representantes dos drs. Urbano dos Santos e Altino Arantes, vice-presidente da Republica e presidente do Estado, para descerrarem o retrato do do general Francisco Glycerio, que pertencera á galeria do antigo *Club republicano de Campinas*, retrato a oleo pelo sr. Alberto Faria doado ao *Centro* como uma reliquia da propaganda.

Corridas as bandeiras, que encortinavam a effigie do extincto batalhador, entre salvas de palmas enthusiasticas, teve a palavra o dr. Antonio Alvares Lobo, pre-

sidente da Camara dos deputados do Estado, para dizer á assistencia suas reminiscencias do morto querido.

Finda essa parte, o sr. Annibal Freitas, 1.º secretario, deu conhecimento á casa dos telegrammas, de solidariedade e felicitações, recebidos de homens publicos e associações patrioticas, entre os quaes dous do conselheiro F. de P. Rodrigues Alves, um pessoal e outro como presidente da Commissão Directora do Partido Republicano de S. Paulo.

Depois, o dr. Antão de Sousa Moraes, orador official, desempenhou-se de seu encargo, traçando o perfil do saudoso estadista.

Os drs. Antonio Alvares Lobo e Antão de Sousa Moraes viram-se calorosamente applaudidos, ao cabo dos respectivos discursos, peças de valia politica e literaria, que, com o dr. Heitor Teixeira Penteado, tambem precioso, serão publicados no proximo numero da revista do *Centro*.

O dr. Carlos Stevenson, encerrando a sessão magna, agradeceu o brilhante concurso que todos prestaram a este instituto na jornada inolvidavel.

Errata. — O autor do artigo *Imprensa em Campinas*, em cuja revisão escaparam diversos erros, quer que se corrijam os de maior importancia.

A' pag. 5, col. 1, per. 3, leia-se Amado Adriano Taunay, em vez de *Amadeu*, etc.

A' pag. 17, col. 1, *in fin.*, leia-se: Com a pobre calva em braza, em vez de Com a calva em braza (apenas).

A' pag. 19, col. 2, per. 5, leia-se desembargador José Tavares Bastos, em vez de *Aureliano Candido*, etc.

A' pag. 26, col. 1, per. 2, leia-se: Aureliano Candido Tavares Bastos, em vez de Tavares Bastos (apenas).

A' pag. 26, col. 2, per. ult.º, leia-se: Buscam na sombra o fojo, em vez de Buscam na sombra o *fogo*.

A' pag. 32, col. 1, per. 3, leia-se: Bourroul, em vez de *Boarroul*.

A' pag. 35, col. 2, per. 3, leia-se: acalmar, em vez de *aclamar*.

Os erros apontados argüem descuidos typographicos, excepto o terceiro, resultante de um lapso de penna. Da especie daquelles ali se encontram outros, mas facilmente perceptiveis e de prompta correcção mental por parte do leitor.

ANNO XV. CAMPINAS. — Est. de S. Paulo — Brasil. N. 45

REVISTA DO CENTRO DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

(ORGAM TRIMESTRAL)

O CENTRO não se responsabiliza pelas opiniões de seus collaboradores, concedendo-lhes toda a liberdade.

Esta revista, orgam do CENTRO DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES, é assignada na séde social, em **Campinas,** á rua da Conceição. Caixa Postal, 76.

DIRECTORIA

Presidente — **dr. Carlos Stevenson**
Vice-Presidente — **dr. Julio de Arruda**
Secretario Geral — **Erasmo Braga**
1.º Secretario — **Annibal Freitas**
2.º » — **Henrique Serra**
Thesoureiro — **João Nogueira Ferraz**
Orador — **dr. Antão de Moraes**

31 de Dezembro de 1916

Assignatura annual . . . 5$000
Numero avulso . . . . . 2$000

Annuncio de 1 pagina . . 8$000
,, ,, ½ ,, . . 5$000
,, ,, ¼ ,, . . 3$000

REDACTOR-GERENTE — ALBERTO FARIA

Commissões auxiliares

DE MATHEMATICA E ASTRONOMIA

Drs. José Augusto Quirino dos Santos, Antonio Rodrigues Alves Pereira e Mariano Montisanti.

DE ENGENHARIA

Drs. Francisco Paes Leme de Monlevade, Manoel da Rosa Martins e Horacio Antonio Costa.

DE PHYSICA E CHIMICA

Prof.or Annibal Freitas, Drs. Guilherme Bolliger e Eugenio Decourt.

DE ZOOLOGIA E BOTANICA

Prof.or Paulo Decourt, Adolpho Hempel e Dr. José Barbosa de Barros.

DE AGRICULTURA E ZOOTECHNIA

Dr. Candido Ferreira de Camargo, Joaquim Egydio de Sousa Aranha e João Franco de Andrade.

DE GEOGRAPHIA, HISTORIA E DEMOGRAPHIA

Prof.es Jorge Nogueira Ferraz, Floriano P. de Azevedo Marques e dr. Alfredo Monteiro de Carvalho e Silva.

DE SCIENCIAS MEDICAS

Drs. Francisco Betim Paes Leme, Celso da Silveira Rezende e Antonio de Arruda Camargo.

DE SCIENCIAS SOCIAES E ECONOMICAS

Drs. Heitor Teixeira Penteado, Everardo Toledo Bandeira de Mello e Victor Brenneisen.

DE SCIENCIAS JURIDICAS

Drs. Antonio Alvares Lobo, Servilio de Abreu Soares e Omar Simões Magro.

DE LITERATURA

Dr. Thomaz Alves Filho, Alberto Faria e Benedicto Octavio.

DE PHILOLOGIA

Alberto Faria e prof.es Basilio de Magalhães e dr. Ernesto Kuhlmann.

DE ARTE

Dr. Joaquim Alvaro de Sousa Camargo, Octavio Netto e Ruy Martins Ferreira.

DE BIBLIOTHECA E MUSEU

Dr. Salustiano Penteado, Erasmo Braga e Henrique Serra.

DE JUSTIÇA, LEGISLAÇÃO E CONTAS

Dr. Tito Joaquim de Lemos, Gustavo Robbe e Ernesto de Sousa Lima.

DE SYNDICANCIA

Comm. Jeronymo de Campos Freire, Antão de Paula Sousa e Paulo Decourt.

DE ESCRIPTURAÇÃO TECHNICA

Felix da Cunha, Oscar de Paula e Adalberto de Oliveira Maia.

PROGRAMME

Cette Société d'encouragement pour la culture des Sciences, des Belles Lettres et des Arts, fondée à Campinas, après avoir fait appel à tous les esprits éclairés du Brésil, a été inaugurée le 31 Octobre 1901.

Le programme qu'elle prétend suivre est le suivant:

I — Encourager, chez ses associés, l'étude et le développement des branches ci-dessus indiquées, en réservant ses soins spéciaux aux sciences naturelles.

II — Développer le goût de l'étude, de l'idiome portugais et de la littérature, traditions, *folklore* (légendes) et poésies nationales.

III — Étudier l'Art au Brésil, même chez les indiens, depuis sa découverte jusqu'à nos jours; accompagner l'évolution artistique nationale et étrangère.

IV — Inspirer le goût de ces études et de leurs applications, de façon qu'elles puissent contribuer, soit directement, soit indirectement, au progrès du Brésil.

V. — Stimuler les excursions scientifiques; en décrire les résultats et les recherches; élaborer des mémoires sur les études et observations faites.

VI. — Maintenir une Bibliothèque et un Musée à l'usage des membres de la Société.

VII. — Faire des conférences sur les matières ci-dessus indiquées, et s'occuper de tous les sujets qui aient pour but le développement économique et social du Brésil

VIII. — Publier tous les trimestres une Revue qui sera le fidèle rapporteur de la vie officielle du "Centre"

IX. — Tenir des réunions hebdomadaires, où il sera traité des intérêts de la Societé et de son développement.

X. — Entretenir des relations scientifiques suivies avec les Sociétés congénères, tant au Brésil qu'à l'étranger.

XI. — S'occuper de tout ce qui a rapport à la médecine en général, mais spécialement à celle qui se rattache à la région de cet Etat.

XII. — Vulgariser l'étude des maladies de plantes et d'animaux; répandre des conseils prophylatiques et des moyens de combattre ces maladies.

XIII. — Propager l'enseignement des sciences naturelles, afin qu'il devienne effectif dans toutes les écoles du Brésil.

XIV. — Employer tous les efforts pour obtenir la promulgation et la mise en exécution de lois rurales et forestières et de toutes mesures qui auraient trait à la protection et à la conservation de la Flore.

XV. — Tâcher d'obtenir toutes les mesures officielles, tendantes à la conservation de la Faune et à la réglementation de la chasse et de la pêche.

XVI. — Contribuer à la diffusion scientifique des richesses naturelles du Brésil et, en particulier, de celles de l'Etat de S. Paul.

XVII. — Donner des soirées artistiques et littéraires dont le but sera de propager et de maintenir le goût pour l'Art et la Littérature.

XVIII. — Permettre l'entrée libre de la Bibliothèque et du Musée à la jeunesse studieuse presentée par un associé.

XIX — S'occuper d'investigations historiques et géographiques en général, et spécialement des recherches de même nature se rapportant au Brésil.

XX. — Contribuer aux progrès de l'Agriculture et de l'Elevage au Brésil.

O Centro tem por fins:

1 — Promover entre os socios o estudo e o desenvolvimento de todos os ramos das Sciencias, das Letras e das Artes, com especialidade das Sciencias Naturaes.

2 — Procurar despertar o gosto pelos estudos da lingua vernacula, e egualmente pelas tradições, fabulario e poesias nacionaes.

3 — Estudar a arte no Brasil, inclusivé a indigena, desde os primeiros tempos historicos até os nossos dias, acompanhando de perto as evoluções no paiz e no extrangeiro.

4 — Desenvolver no Estado o interesse por taes estudos e suas applicações que, directa ou indirectamente, possam concorrer para o progresso patrio.

5 — Promover excursões scientificas, descrevendo seus resultados, e elaborando memorias dos estudos e observações feitas.

6 — Manter o museu e uma biblitheca para uso dos socios.

7 — Realizar conferencias, tornando publico o interesse pelas Sciencias, Letras e Artes, e debatendo questões que digam com o desenvolvimento economico e social do Brasil.

8 — Publicar, de tres em tres meses, esta Revista, servindo de repositorio de todos os actos do «Centro».

9 — Celebrar reuniões semanaes afim de manter constante a acção que constitue o programma social.

10 — Entreter assidua correspondencia com os institutos congeneres nacionaes e extrangeiros.

11 — Tratar de assumptos de medicina em geral, com especialidade daquelles que mais interessem ao Estado de S. Paulo

12 — Vulgarizar o estudo das molestias de animaes e plantas, indicando os meios de as debellar.

13 — Fazer propaganda para tornar effectivo o ensino das Sciencias Naturaes em todas as escolas do país.

14 — Esforçar-se pela adopção e execução de leis florestaes e ruraes attinentes á conservação do clima e da flora do país.

15 — Pugnar pela conservação da fauna e pela regulamentação da caça e pesca.

16 — Contribuir para tornar scientificamente conhecidas as riquezas naturaes do Brasil, particularmente as do Estado de S. Paulo.

17 — Realizar opportunamente saráus artistico-literarios, ou puramente artisticos, com o fim de manter o gosto pelas letras e pelas artes.

18 — Franquear a Bibliotheca e o Museu á mocidade estudiosa, mediante apresentação de um socio.

19 — Fazer estudos historicos e geographicos de caracter universal, e particularmente do Brasil.

20 — Trabalhar para o melhoramento da agricultura e da creação em geral no Brasil.

CAMPINAS EM 1870

(Panorama tirado do ponto onde se construiu depois a SANTA CASA)

"IN MEMORIAM"

DO

General Francisco Glycerio,

aos 15 de Agosto de 1916, septuagesimo anniversario de seu nascimento (*)

DISCURSO do dr. Heitor Teixeira Penteado, governador da cidade de Campinas, por occasião da romaria civica, organizada pelo «Centro»:

Meus senhores.

Guiados neste dia, que tantas recordações desperta aos campineiros, pelo *Centro de Sciencias, Letras e Artes*, associação a cujos fins, altamente nobres, se reune agora o de incentivar o patriotismo em nossa terra, eis-nos chegados ao termo desta nossa romaria.

Eis-nos diante da sepultura que resguarda os despojos de Francisco Glycerio, tendo de certo modo perturbado o silencio entristecedor da cidade dos mortos, para compungidos prestar ao Grande Morto mais um preito de homenagem e manifestar-lhe a immensa e imperecivel saudade que nos causa sua ausencia eterna.

Esta ceremonia, pois, tem alta e dupla significação. Ella traduz por um lado nossa dôr pelo desapparecimento de um amigo illustre, generoso e bom; e, por outro lado, affirma nossa solidariedade com o principio, o idéal que, em vida, o eminente campineiro hoje extincto, sempre encarnou. O homem, — diz Joaquim Nabuco, — é o nome postumo. A parte individual de nossa existencia, si é a que mais interessa e commove, não é por certo a maior.

Além desta, ha outra, que pertence á Patria, á sciencia, á arte, e que, si quasi sempre é uma dedicação obscura, é ás vezes uma projecção immortal. Os homens benemeritos, os famosos semeadores da idéa, — tambem observa notavel orador, — não morrem: eternizam-se.

Elles desprendem-se de uma geração que vae e abraçam-se logo a outra geração que vem.

«E emquanto a essencia dos corpos lhes fica, a fecundar a terra em alastramento de cinzas, a essencia dos espiritos lhes escôa, a fecundar a Historia em alastramentos de luz.»

Francisco Glycerio começou a viver para a eternidade; iniciou-se para elle a existencia subjectiva, na expressão positivista, e, ligado ao nome da Republica, o seu principiou a fecundar a Historia Patria, brilhando de par com os dos grandes vultos filhos do Brasil. E vejamos por que, meus senhores, pretraçando-lhe uma rapida synthese do viver cheio de trabalhos á causa publica.

* * *

Quando, em 1870, se realizou a memoravel Convenção de Itú, um grupo de republicanos já mantinha nesta cidade uma folha, a *Gazeta de Campinas*, e batia-se ardorosamente pelo idéal democratico.

Glycerio, que manifestara sempre, desde moço, enthusiasmo pela causa republicana, não era o de menos valor entre esses ardorosos luctadores.

Intelligente, perspicaz, insinuante e bom, desde logo se tornou insubstituivel na direcção do novo gremio e tambem se fez o chefe republicano mais popular e mais querido. Dotado de grande capa-

(*) V. *Noticiario: Homenagem a um grande morto.*

cidade para o trabalho, ao mesmo tempo que, no terreno das idéas, escrevia artigos enthusiasticos de propaganda, no terreno pratico, alistava eleitores, dirigia os pleitos, procurava captar as sympathias de todos e, principalmente, dos chefes das antigas familias campineiras. Assim, com extraordinario tino, abriu profunda brecha nos velhos partidos monarchicos de sua terra natal. E' por isso que delle dizia, em 1884, o dr. Julio de Mesquita, outro filho illustre de Campinas: « Tres homens de actividade commum succumbiram em meio de tal tarefa, e dez de tempera egual, espalhados por differentes pontos da provincia, dariam a nosso partido tamanha força, que nos tornariam invenciveis. »

De facto, mercê dessa actividade, o partido republicano em pouco tempo representava uma força respeitavel, e Campinas constituia-se o centro do grande movimento propagandista. Em 1872, após uma notavel campanha eleitoral, a primeira travada em nosso paiz entre monarchistas e republicanos, estes conseguiam enviar seu primeiro representante ao seio de nossa edilidade (1); em seguintes Camaras, o numero de seus representantes foi sempre augmentado, até que, em 1887, lhes coube eleger o presidente da Municipalidade (2). Aqui se reunia de continuo a commissão permanente do partido republicano de São Paulo; o *Club Republicano*, desta cidade, constituira-se o fóco do grande movimento, e, emquanto abria seus salões para ouvir a palavra doutrinaria dos vultos eminentes da idéa — destacava muitos de seus socios para fazer propaganda no interior da Provincia, escolhendo de preferencia as localidades onde os partidos monarchicos se achavam mais fortes e enraizados.

« A vida republicana de S. Paulo, — disse, em memoravel discurso, o dr. Campos Salles, — com suas nobres paixões, com seus enthusiasmos, com suas esperanças, foi, por esse tempo, quasi toda concentrada nesta terra heroica da democracia ».

Toda essa agitação, póde-se dizer, era dirigida por Glycerio, que a tudo superintendia, de tudo cuidava com singular dedicação. E os republicanos de Campinas, nada faziam sem lhe ouvir os conselhos, a palavra, sempre intelligente e autorizada. Neste posto de honra e de luctas, nesta situação « em busca do acariciado idéal, sem ao menos um raio de luz a mostrar, nas brumas do futuro, o marco derradeiro da jornada », o novo regimen veiu encontrar o partido republicano de Campinas e, com elle, seu chefe insigne.

Delegado pelos correligionarios, para represental-os na conspiração contra as instituições monarchicas, Glycerio teve o goso de assistir ao acto proclamatorio da Republica e auxiliou a feitura do Governo provisorio.

Estava, porém, reservado a nosso conterraneo desempenhar, no scenario politico do Brasil, outra elevada missão.

A regra de conducta, em moral politica, — assignala Spencer, — não é querer realizar um idéal absoluto; mas têl-o, diante de nós, como um ponto fixo, de modo que caminhemos sempre para elle.

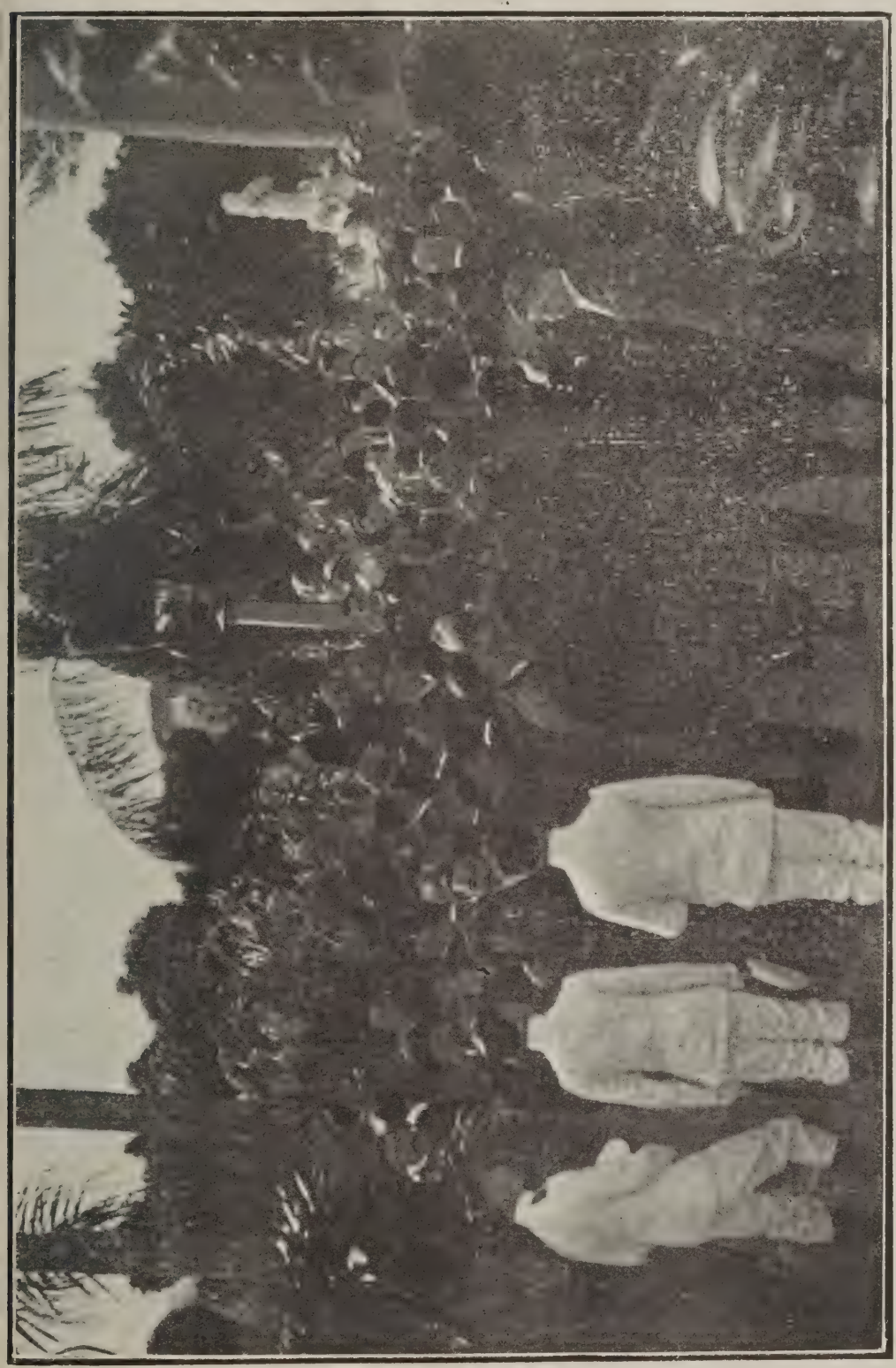
Glycerio sempre marchou em direcção de seu idéal, tanto assim que, tendo a principio luctado pela proclamação da Republica, batalhou depois por sua consolidação.

« Uma acrysolada experiencia demonstra o quanto é mais facil a fun-

(1) Dr. Manuel Ferraz de Campos Salles, eleito vereador em 1872, serviu até 1876.

(2) Serviram nas Camaras seguintes: de 1877 a 1880 — dr. Manuel Ferraz de Campos Salles, dr. Jorge Miranda e Antonio Pompeu de Camargo; de 1881 a 1884, dr. Salvador Leite de Camargo Penteado, Francisco Glycerio e Elias Augusto do Amaral Sousa; de 1883 a 1886, dr. Jorge Miranda, dr. José Maria Lamaneres, Amador Bueno Machado Florence e Manuel Francisco Mendes; de 1887 a 1890, dr. Salvador Leite de Camargo Penteado, dr. Julio Cesar Ferreira de Mesquita, Antonio Alvaro de Sousa Camargo e José Paulino Nogueira. Destes, o primeiro foi eleito presidente da corporação.

N. da R.



O dr. Heitor Teixeira Penteado, orando junto á sepultura do General Francisco Glycerio.

dação, que a consolidação das liberdades publicas. Para o primeiro caso, bastam força e audacia, o que é vulgar. Para o segundo, requer-se muita solidariedade, muita prudencia e tolerancia, o que é rarissimo. »

Este comprovado conceito social não passara despercebido ao espirito, profundamente observador e previdente, de Francisco Glycerio.

Proclamada a Republica, nosso eminente conterraneo tratou, sem demora, de organizar um partido politico, cujo fim principal era o de manter a Constituição de 24 de Fevereiro.

As origens dessa organização e o esforço desenvolvido a prol da mesma por Francisco Glycerio representam uma das paginas mais vibrantes de sua vida publica e de sua dedicação ao novo regimen.

Em plena Camara dos Deputados, a 22 de Junho de 1893, o dr. Cesar Zama pronunciava notavel discurso, concitando o povo a firmar, na Republica, o systema parlamentar.

« Entendo, — dizia elle, — que todos os brasileiros de coração, todos quantos se preoccupam com o futuro da Patria, devem reunir-se e congregar-se, formando, arregimentado um partido, cujo programma seja rever nossa carta constitucional, afim de estabelecer-se entre nós a republica parlamentar. E' o regimen que está em nossos habitos, em nossa indole, em nosso sangue. »

Pronunciadas estas palavras, *entre vivos e numerosos signaes de adhesão*, Francisco Glycerio interrompe o orador:

« Outro partido se formará para sustentar o regimen vigente! »

E, momentos depois, completava seu pensamento:

« O que posso affirmar ao illustre deputado pela Bahia é que, em breves dias, o partido a que pertenço se arregimentará, nesta capital e em toda a União, tomando o compromisso de manter a Constituição de 24 de Fevereiro. »

« Si me não engano, na observação de suas origens, de seus sentimentos e intuitos, elle vem a ser o partido conservador das instituições ».

E com o auxilio de elementos de valor, taes como Aristides Lobo, Quintino Bocayuva, Manuel Victorino, Pinheiro Machado e outros, Glycerio fundou e organizou o partido a que se referia, tomando-lhe a direcção.

Não precisarei relembrar os grandes serviços por elle então prestados na manutenção do regimen republicano.

Basta dizer que, em plena revolta, quando o paiz ainda se debatia numa crise revolucionaria, resultante da falta de reacção ao tempo do advento da nova fórma de governo, Glycerio com seu prestigio fez a eleição de Prudente de Moraes para presidente da Republica, o primeiro chefe do Estado civil que tivemos.

Infelizmente, a orientação politica do governo que se iniciava, mal inspirada por elementos que traziam o odio proprio dos vencidos, levou Glycerio e seu partido a romper com a suprema administração do paiz.

As razões de seu proceder estão assim expressas no memoravel manifesto dirigido á Nação, em 9 de Agosto de 1897:

« Todos quantos angustiados acompanhavam ha muito tempo as transformações por que passava o espirito do sr. Presidente da Republica, sentiram que elle estava inteiramente dominado por uma injusta prevenção contra todos os republicanos, que haviam mais ardentemente apoiado o Marechal Floriano Peixoto, sustentando a ordem legal e o principio da autoridade até com sacrificio de vidas preciosas.

. . . . . .

O partido republicano federal continua a ser o que foi sempre desde seu

inicio: partido conservador, partido de ordem e de paz.

. . . . . .

Os amigos do governo querem subverter tudo quanto fez a revolução, tudo quanto o Marechal Floriano defendeu e salvou.

A reacção contra os republicanos brasileiros está em franca e ostensiva actividade.

A revolta, como todos o sabem, chegou á restauração. Pois bem, é o espirito da revolta que está inspirando o sr. Presidente da Republica.»

Como sempre sóe acontecer, no decorrer dos tempos, a todos dirigentes de partidos politicos, então se voltou contra Francisco Glycerio a odiosidade da época.

Com seus dirigidos, foi elle considerado elemento perturbador da ordem. Proclamaram-no chefe dos jacobinos e envolveram-no em a responsabilidade pelo monstruoso attentado de 5 de Novembro.

Chegara-lhe a vez de pagar o tributo exigido pela paixão partidaria, tanto quanto outros grandes vultos da politica nacional.

O mesmo parlamento brasileiro, onde a lucta se travara com tanta intensidade e onde essa paixão partidaria havia chegado ao extremo, um dia reune-se afim de tomar conhecimento do pedido do Governo para processar a Glycerio.

Assim tambem, annos antes, em Tribunal constituido por *juizes que eram os vencedores e accusado era o vencido*, em 1843, o Senado Brasileiro congregava-se para julgar o padre Diogo Feijó, o ex-regente do Imperio, e um dos maiores estadistas de que se deve orgulhar o Brasil.

Em eras mais recentes o visconde do Rio Branco tambem foi denunciado, esse Rio Branco em torno de cujo nome volveu toda a politica exterior do Imperio, durante quasi meio seculo e na emergencia de sangrentos conflictos externos.

Da reunião da Camara em que se debateu a licença recusada para o processo de nosso conterraneo, disse alguem, que participou della, ter tido nesse dia a impressão de haver assistido a uma das tempestuosas reuniões da Convenção Francesa.

O resultado dessa sessão repercutiu em todos os recantos do paiz, levando a alegria a todos os corações dos verdadeiros republicanos de nossa patria.

Não! Não era possivel que Francisco Glycerio, que no phrazear de um seu biographo, sempre foi «brando no trato, suave na palavra, discreto no trabalho, avaro no exercicio da autoridade», mas «perdulario e prodigo de bondade», tivesse tido cooparticipação no odioso crime de 5 de Novembro.

* * *

Taes, senhores, os factos mais salientes desta vida, extincta com prejuizo para a patria e para os partidarios da democracia.

Desses factos conclue-se que Francisco Glycerio foi um incessante batalhador, um egrégio missionario de seu idéal, um devotado e intransigente republicano.

Que sua vida sirva de exemplo, de incentivo á geração actual; que sobre sua memoria caiam as bençans dulcissimas das gerações futuras.

Que um dia, entre hymnos de paz, de reconhecimento e de amor, neste mesmo lugar que Francisco Glycerio escolheu para dormir o derradeiro somno, na terra que tanto idolatrava, se levante um monumento commemorativo de tantas glorias passadas, de tanta abnegação pelas liberdades publicas, de tanta bondade para seus similhantes e de tanta dedicação pelo engrandecimento da Patria.

Que, emfim, senhores, sobre esta sepultura perdure a paz; e sobre a memoria de Francisco Glycerio se extenda a luz imparcial da Historia.

DISCURSO do dr. Antonio Alvares Lobo, presidente da Camara dos Deputados do Estado de S. Paulo, na sessão civica do «Centro»:

Quiz o *Centro de Sciencias, Letras e Artes* prestar uma homenagem civica á memoria de Francisco Glycerio, exactamente no dia em que completaria 70 annos, si a vida não lhe fosse tirada pela Providencia Divina, depois de uma existencia laboriosa e brilhante, na qual viu seu nome ligado aos fastos de maior lustre e mais remontada importancia na Historia do Brasil.

E, para conseguir esse *desideratum* civico, foi buscar dentre os que de mais perto viveram e conheceram o grande cidadão, um companheiro de trabalho profissional e de combates politicos, um homem que o *Centro* presumia pudesse, em breves instantes e em traços verdadeiros, contar por palavras as reminiscencias do homem generoso, de coração magnanimo e de espirito atilado, do famoso cabo politico, que foi a alma extraordinaria da propaganda republicana, aqui, em seu berço, irradiando-se pelo territorio de S. Paulo, aquelle a quem cabem, com certeza indisputada, os virentes louros pela implantação triumphal do novo regimen governativo, que domina e nortêa nossa Patria desde os albores de 15 de Novembro de 1889.

Bem haja essa feliz iniciativa do *Centro*, não porque me houvesse escolhido para contar, nesta commemoração, reminiscencias da vida publica de Francisco Glycerio, apenas sabidas de seus intimos, ou não divulgadas pela generalidade; mas, pelos intuitos nobilissimos, de puro patriotismo, que animaram os dirigentes desta nobre associação campineira, quando procurou honrar na tradição desta terra o vulto que maior lustre e fama emprestou as narrativas conterraneas que pertencem ao patrimonio da Princeza d'Oeste.

E' manifestação de civismo ennobrecer as benemerencias dos que pertencem, ou pertenceram, á terra em que vivemos. E' virtude social engrandecer os varões que influiram na formação do caracter do povo, que se constituiram guias de seus destinos, que se intrometteram em todas as iniciativas privadas, para organizar e dirigir as empresas que cuidam do bem-estar e do conforto dos lares, das familias e das cidades.

E' de alta significação moral apresentar á imitação, dos coévos e dos pósteros, os typos que nas communidades civis, por seus actos, pela pratica das virtudes privadas da familia, ou pela abnegação e desinteresse de sua vida, conduziram as collectividades, sonhando para ellas a melhoria de sua predestinação, propondo-lhes para isso soluções adequadas ao progresso das instituições politicas, ou cuidando de alterar as linhas da governação publica, em beneficio dos direitos de seus semilhantes e concidadãos.

Abri as paginas dos livros dessa Helladeo pulenta, e observai como elles cultuam os grandes homens. Em Homero, em Thucidides, em Herodoto e em Polybio, em todas as edades da Grecia, vêde como na terra do nascimento de cada um, esses homens, eminentes por seus feitos, vivem, vividamente, com animado fulgor e inextinguivel affecto. As sombras de sua imagem, revérbero de seu espirito, o encanto de sua seducção pessoal, desapparecida na voragem do tempo, mas perpetuada no conto, na historia, na narração dos coetaneos, pela tradição moral, ou escripta, que o passado vem confiando ao presente para servir á posteridade.

Em Roma, nas palavras de Salustio, nos escriptos de Tacito, nas Décadas de Tito Livio, desde o florescimento pagão até o dominio da diffusão do Christianismo, em seus memoraveis acontecimentos, sempre se reproduz o phenomeno multi-secular do engrandecimento de seus homens, da exaltação de seus heroes, da proclamação das virtudes familiares, de seus penates queridos, de seus numes immortaes, que a éra nova destruiu, para, sobre elles, erguer o templo infindavel á magestade do Deus Uno!

Como se sente vibrar de harmonia e de magnitude esse sentimento formoso do amor ás cousas da propria terra

em que nasceram, e da propria gente de que descendem, quando, abrindo Cicero se lêm, com elle, na alevantada concepção de seus pensamentos, e na altivez de seu orgulho romano, os grandes conceitos que profere sobre a tradição dos lares, cujos vestigios consagra em paginas immorredouras: «Verum dicimus hæc est mea et hujus patris mei germana patria: hic sacra, hic genus, hic majorum multa vestigia!... — (De Legibus, II — 1).

Bem haja a feliz iniciativa do *Centro*, que assim quiz, honrando as cousas da propria terra em que realiza o apostolado da sciencia, das letras e das artes, perpetuar, na memoria dos pósteros, a figura do filho extremecido de Campinas, do valoroso vulto nacional, que se extinguiu a 12 de Abril do anno que corre, em meio da maior consternação, e da mais profunda angustia de seus concidadãos em toda a Republica!...

* * *

Quem ha que, nesta escolhida assistencia, não tenha porventura conhecido, em pessoa, Francisco Glycerio?

Quem, vivendo em Campinas, desde o ultimo quartel do seculo findo, não deparou, uma vez ao menos, um dia siquer, com essa personagem de suggestiva, attracção e sympathia, em sua compostura cheia de simplicidade e em sua risonha e complacente bondade?

Nascido em 1846, neste dia de Agosto, teve por paes legitimos Antonio Benedicto de Cerqueira Leite e d. Maria Zelinda da Conceição Cerqueira, que lhe transmittiram a boa intelligencia, dote da natureza commum a ambos.

Realizados os primeiros estudos na terra natal, sob a direcção de Quirino do Amaral Campos, iniciou os secundarios no *Seminario Episcopal* de São Paulo, onde permaneceu até as férias de 1862. A morte de seu genitor, em ruinosas condições economicas, determinou, entretanto, sua volta ao lar materno, desistindo, por força das conjuncturas, da aspirada formatura em Direito.

Empregou-se, então na *Typographia Campineira*, dos irmãos Theodoro, João e Francisco Theodoro de Siqueira e Silva, fundadores da extincta *Aurora*, o mais remoto orgam do jornalismo local. Occupava-se, então, diuturnamente, no fabrico de rotulos para garrafas de licor, trabalho de escassa paga, nem siquer lhe bastando á subsistencia.

A esse tempo, época dos sonhos e e phantasias, dava-se ao entretenimento das *serenatas*, pelas noites de luar em fóra, em companhia de amigos da adolescencia, cuja memoria guardou com affecto até a velhice.

Nas horas amargas de um como exilio no proprio berço, revendo as paisagens caras de outr'ora, descrevia ainda aos intimos scenas do tempo saudoso e longiquo...

Em 1863, fez-se mestre de meninos, numa fazenda em Rio Claro, a do tenente-coronel Francisco de Paula Salles, pae de Manuel Ferraz de Campos Salles.

E' desse tempo o desconfortado soneto que passo a dizer:

Tantos sonhos de amor se evaporaram
No fumo dos prazeres não fruidos!
Como um éco de pallidos gemidos,
Na treva da descrença se myrrharam!

Imagens que minh'alma enfeitiçaram,
Nas roseas illusões dos coloridos!
Nas tintas do martyrio ennegrecidos...
Só sombras os pinceis, alfim, traçaram.

No sudario da morte socegado,
Me envolverei, sem deixar falaz saudade
Daquelles que na terra me hão amado!

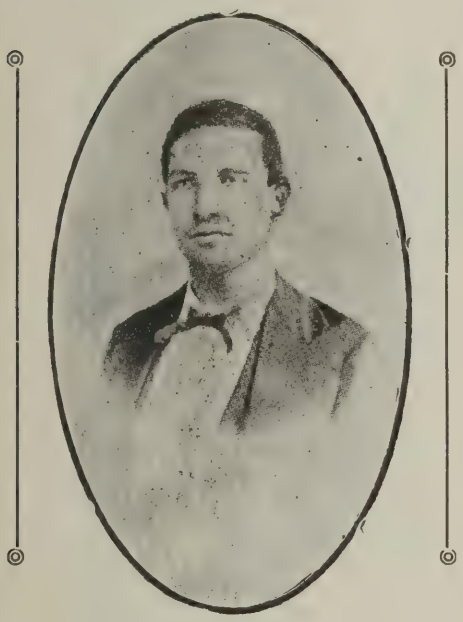
Possam écos de ironica amizade,
Nest'alma se apagar, quando, extasiado,
No abysmo despertar da Eternidade!

Versos dos 18 annos, accusando a feição lamurienta do romantismo patrio, traduziam o sentir do bardo orpham. Na madureza, ria-se elle das «roseas illusões dos *coloridos*, prenunciantes do nephelibatismo literario.

Como referiu algures Rangel Pestana, Francisco Glycerio, quando ia passar de *formigão* a *cascabulho*, designações applicadas ao seminarista e ao estudante do extincto *Curso Annexo* á *Faculdade de Direito*, frequentára a *republica* do mano Jorge de Miranda e mais conterraneos — Manuel Ferraz de Campos Salles, Francisco Quirino

dos Santos e João Quirino do Nascimento. E, com o ultimo, aprendera elle a metrificar, pois a ambos encantava a poesia, de preferencia á politica, querida dos outros, desde então.

No Rio Claro, para servir ao fazendeiro em cuja casa leccionava, accumulou as funcções de ledor de jornaes, o que lhe despertaria interesse e gosto pelas cousas e homens publicos, accordemente com as inclinações de sua natureza e o pendor de seu espirito.



FRANCISCO GLYCERIO,
ao entrar na maioridade.

Em 1867 estréava no fôro de Campinas, como sollicitador, grangeando credito na profissão que ennobreceu, graças em parte a seu talento combativo, em parte aos conselhos experimentados daquelles camaradas da *republica* paulistana. Pouco depois, no mesmo anno, constituia familia, mediante nupcias contrahidas com d. Adelina Masson, distincta senhora de origem francesa, filha da notavel educadora que foi madame Masson, tão conhecida e respeitada em nosso meio.

E assim, por accrescimo de encargos sociaes, teve que desenvolver grande actividade; as multiplas iniciativas do decennio immediato, ás quaes ligou o nome, tornaram-n'o devéras sympathico e querido.

Francisco Glycerio ficou sendo o typo do perfeito cidadão, cercado da estima popular, com larga esphera de influencia e de acção. Não só advogava nos auditorios a causa dos fracos, como tambem na imprensa pleiteava, com desusado calor, a melhor e mais perfeita organização politica.

Desde 1875 collaborou na *Gazeta de Campinas*, creada em 1869 por Francisco Quirino dos Santos, do qual Campos Salles e Jorge de Miranda eram já valiosos auxiliares.

Essa collaboração, com ligeiras intermittencias, extende-se até 1889, quando naquelle orgam republicano tinham acção Carlos Ferreira, Leopoldo Amaral e alguns jovens que preparavam suas esporas de cavalleiros para os prélios do jornalismo provinciano.

Entenderam, talvez, alguns, que sua maior e mais fructifera acção se verificava nos comicios e nas reuniões populares de propaganda eleitoral, em que, figura altamente seductora, a todos convencia pela bondade sorridente, pela finura de seu esforço politico e pela dedicação illimitada aos correligionarios que nelle descansavam . . .

O Propagandista, nessa época de lutas intemeratas, integrou-se em sua completa individualidade, erguendo o facho de guião e o estandarte de frente, que a todos arrastava com inteira confiança e fé absoluta para os combates das urnas.

Nesse tempo, é elle o arregimentador eleitoral por excellencia, e a alma dos movimentos e das combinações politicas.

A obra do manifesto de 3 de Dezembro de 1870, e da memoravel Convenção de Itú, havia amadurecido na opinião livre e liberal da então Provincia e vinha congregando proselytos e defensores estrenuos.

Francisco Glycerio multiplicava-se mysteriosamente, desdobrava sua acção com um milagroso dom de ubiquidade, formando o *pivot* de todas as mais delicadas concentrações e irradiações do espirito republicano paulista.

Em pé: Jorge Tibiriçá, Campos Salles e Quintino Bocayuva.
Sentados: Jorge Miranda, Francisco Glycerio e Rangel Pestana.

(Photographia de 31 de Outubro de 1886, quando o terceiro veiu fazer uma conferencia no *Club Republicano*).

O *Club Republicano*, de Campinas, agia como aríete demolidor, e, de cada investida de sua tribuna popular, onde se fizeram ouvir, nos debates mais accesos da politica os mais autorizados representantes da idéa republicana, — Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, José do Patrocinio, Gabriel Piza, Ubaldino do Amaral e tantos outros próceres, — surgiam os incidentes mais graves e as *arrelias* mais disparatadas dos partidos monarchicos, fuzionados para uma intervenção homogenea, uma vez que a acção isolada de cada qual, de per si só, já não bastava para enfrentar o adversario commum na lucta tremenda.

Francisco Glycerio, nem por ser o mais vivo athleta do republicanismo activo, deixava de revelar-se o mais cuidadoso e intelligente procurador de causas forenses, e o mais methodico dentre quantos, trabalhadores do pensamento, exercendo profissões liberaes, tem visto e observado o amplo scenario desta terra.

Por isso se lhe ajustam primazias indispensaveis: *a)* a da organização do partido em pról da abolição e da Republica; *b)* a da irradiação da acção politica e da formação partidaria pela Provincia de S. Paulo, e, desta, pelas demais circumscripções do Imperio; *c)* da propulsão de numerosas sociedades para fins industriaes, ou de utilidade social, entre as quaes o *Club Republicano*, de que fui presidente na ultima phase, a qual terminou com a proclamação da Republica; *d)* a de conductor de homens livres, primeiro para a realização de um idéal formoso, e depois para a organização politico-juridica das instituições nascentes.

Chegamos, por estreita e limitada synthese de sua existencia, aos dias precursores da magna transformação politica que se ia operar no Brasil.

Francisco Glycerio, caprichoso e methodico em seus negocios e em suas relações privadas, como em sua existencia publica, tinha dous livros *Caixa*, para lançar suas receita e despesa commerciaes, e seus gastos politicos. No *Caixa* commercial, que se acha ainda em meu poder, vê-se que a 7 de Novembro de 1889, — quando partia elle para o Rio de Janeiro, a reclamo da conjura revolucionaria, guiada por Benjamin Constant Botelho de Magalhães, dizendo á familia e a mim, seu companheiro de escriptorio, que fôra chamado para liquidar um serviço forense em Vassouras, por incumbencia do *Banco do Brasil*, — deixava, por sua letra escripto, o seguinte lançamento: «Meu seguro, pago na *New York Life Insurance Company*, 582$500».

O patriota não recusava sua interferencia numa conspiração militar, de caracter revolucionario da qual lhe podia resultar o sacrificio da vida; mas o chefe de familia velava, ao mesmo tempo, pela sorte da esposa e dos filhos, querendo garantir-lhes, com um seguro de vida, elementos que seus haveres pessoaes, nessa occasião não comportavam.

E Francisco Glycerio não mais deu noticias de sua pessoa até que, no dia 15 de Novembro, á tardinha, morando eu em modesto prédio do largo Santa Cruz, quando afagava risonho meu filho Pelagio, de menos de 2 annos, e minha filha Elisa, que marcava 40 dias de seu viver incipiente, Pedro de Magalhães, tão conhecido de nossa sociedade e já naquella época enthusiasta dos mais nobres idéaes, irrompia-me pela casa a dentro, bradando que a Republica fôra proclamada na Capital do Imperio, e exigindo que o presidente do *Club Republicano* fosse tomar seu posto de honra e de combate...

E novas desencontradas começaram a ser recebidas... Novas de levante militar estalavam em cada canto da cidade, considerada o baluarte republicano; alguns exaltados queriam «já sair com a procissão á rua», emquanto outros, mais ponderados, tendo Bento Quirino á frente, reclamavam calma, e que se aguardasse uma confirmação decisiva do memoravel acontecimento, receiosos de perturbações da ordem, barulhos e talvez desacatos a velhos elementos monarchicos aqui radicados. E foram horas crueis de espectativa e surdas agitações.

Mas, a 20 de Novembro do anno historico, volta a sua terra como um

triumphador glorioso, no meio de uma apotheose singular do sentimento publico, como ainda depois não houve exemplo, á figura extraordinaria do mais querido e esforçado e conspicuo batalhador da Republica.

Veiu descansar o espirito e coordenar as idéas para a execução de novos projectos, porquanto aspirava ver a Republica nascente brilhar aos olhos da America e dos outros continentes, em revérberos offuscantes, formada uma organização politica livre e respeitada, qual o modelo do idéal concebido e acariciado, por tantos annos, nas locubrações de seu cerebro e nas luctas asperrimas de sua indefessa actividade.

Dois meses apenas ficou no seio de sua familia. A 28 de Janeiro parte para o Rio, chamado a occupar a pasta de ministro da agricultura, unico cargo administrativo que exercitou, afóra o de vereador na terra natal.

Estuda, então, largas horas dentro da noite... Aprende o inglês. Lê e medita Macauley. O desmedido afan de propagandista não lhe permittira illustrar-se bastante. Vale-lhe o methodo de vida exemplar para render o trabalho proveitoso.

—

Francisco Glycerio foi havido innumeras vezes como tendo ganho grossas sommas nas posições publicas, mórmente na de ministro. Um prestigioso orgam da imprensa brasileira, o *Jornal do Commercio*, chegou até a abrir contra elle uma campanha feroz, porque estava cedendo as terras publicas de todo nosso vasto territorio, atiçando a cobiça dos particulares nos inuteis burgos agricolas. Glycerio, porém, não se affligia e, de continuo, sentenciava: — «O homem publico faz o papel de petéca: quanto mais se lhe bate, tanto mais sóbe; a injuria é um prégão, e a calumnia constitue-se em escada para sua mais rapida ascenção».

Elle realizava assim o pensamento do grande philosopho Boecio — «Não desejar, nem temer uma alma cousa alguma, é desarmar os inimigos», seguríssimo do conceito de Seneca, que o homem nasce tributario da paciencia — *patientiae tributarius nascitur homo.*

Mas as atoardas constantemente espalhadas desse ganho illicito, attribuido a Glycerio, eram a obra exclusiva da adversão politica, de que se vira alvo e mira por sua acção infatigavel na obra da remodelação constitucional do Brasil.

Quem teve, como elle, larguissima e opulenta clientela forense, comprovada pelos autos nos cartorios desta comarca, dotado de poderosa capacidade de trabalho, não precisava deixar os caminhos rectos para procurar os atalhos e os atravessadouros.

Elle, — que sempre venceu fartos honorarios, nunca menos de 30 a 40 contos annuaes, resultado de seu trabalho na banca de advogado, conforme se vê dos repectivos livros, tendo assim ganho, em um periodo de quasi meio seculo, milhares de contos (notar bem!), — morreu pobre, apenas legando á familia o nome honradissimo, com que pelejou neste mundo ingrato a todos!

E provas dessa honradez posso darvos innumeras, sem offender-lhe a modestia da vida, e muito menos a paz do tumulo, onde todos podemos ir pedir inspirações ao mais ardente patriotismo, e ensinamentos perennes para a orientação de nosso destino.

Escutae agora. Glycerio estava ministro, seu escriptorio de advocacia a mim entregue: as causas continuavam o percurso processual no tempo, obedecendo aos ritos formularios. Mas, eis senão quando, começam a apparecer, em alluvião, responsabilidades de sua firma, pedidos de conta de seu debito particular. Eram *acceites*, ou *endossos* dados a amigos e a correligionarios para o giro de negocios delles; eram contas de mercadorias tiradas em casas commerciaes, especialmente pharmacias, e na mór parte consumidas por pessoas extranhas a sua familia.

Peço permissão á modestia e á memoria de meu saudoso amigo para lér uma carta de sua propria letra, a mim endereçada, e que ainda lhe documenta o melindre e o escrupulo da vida.

GABINETE DO MINISTRO DA AGRICULTURA

S. Paulo, ~~Rio de Janeiro~~, 17 de Julho de 1890

Lobo

Venho referir-te circumstancias de minha vida neste momento, bem tristes p.a mim e bem superiores á contingencia humana. Pede ao Deus dos catholicos que me auxilie, que eu só vejo em torno de mim a dever de ser forte, a necessidade de ser puro, e o perigo de minha situação. Quando parti, disse-te que te mandaria 30$000 para pagares aquelles tres compromissos que envolvem a minha honra e o meu nome — no supposto de que tinha receber essa somma de meu irmão pela venda de meu quinhão na fazenda do Pahu

fil suppunha poder liquidar por
menos 40 contos. Deram me
20 contos — sendo 12 já e 8 de-
pois! Que pancada teria
na cabeça com essa bruta
moral, deve imaginar. E que
libra me o Nº que pude gran-
jear com cahir fulminado, com
dei siquer a perceber que
eu assim ficava exposto a
um desastre moral que
me póde arruinar.
Disse ao Jorge que te mandasse
os 12 contos — Você pague com
elle a Rafael Lampaio Ter
8.602$670, pela liquidação D.
Gertrudes de Andrade Campos e
o excesso entre 1º e 2º e 2º

letra enviada pelo Actuario
no Domo Provincial. Quanto
ao saldo da proratação D. Ga-
bel Dorn da Costa Pitta,
serão pagos do seguinte modo:
com a 8 Conto que pedirá
o Jorge com a possible cayor
com o producto de a venda
de minha Casa q.ª o prata
mandarei pelo com minha
e de M.ª M.ª Brito do Jan.º
Arranja me isso, pelo amor
de Deus, de modo que mem
me seja salvo do naufragio.
Alem disso tinha outras dei-
vidas, sendo a que mais me
tortura, a de Santos Fernandes
Nogueira a quem não posso

não devo prejudicar-vol pona
de ser um falso amigo?
Calculo que o mesmo devo, ao
do escriptorio, perder-dar me,
no mínimo 40 annos, sem
melhor Pirita & Paulo,
mas isso é de liquidação
demorada — Portanto, tudo
depende das tua deliberação,
da tua dedicação á Minha

Si eu, meus filhos, tenho
que a minha honra será a
pasto apetecido dos meus cruéis
inimigos, e a m.ª retirada do
governo e da politica, uma ance-
phenia forçada do desastre
Então, a m.ª vinda á Campinas,
passará a ser uma eterna ausen-

perdida se me em meus companheiros, no theatro das minhas glorias. Bem vêe quanto isto é horrivel — mais para mim, do que para mim a salvação e a resurgimento de minha terra.

Não sei o que eu desconfiava quanto á custo desprendi-me de vossês — e entretanto eu nada suspeitava. Alguns irmãos apresentaram-me um cálculo exacto, contra o qual nada tinha que reclamar. Mas a questão é que eu devia afirmar a p.te de meu capital que eu retiraria aos poucos, e a sociedade tem não pequeno passivo. Se eu pudesse espera-

a colheita de 91, então estaria salvo — mas não posso, pelas circumstancias que estou expondo.

Existo — tão quanto me a-ontea, depois que cheguei ao fim da minha jornada politica. Aqui estou, sem poder me abrir com essa alma.

Muito chamante, mas-se-ridiculo que eu não poderia entter-me sem despertar um mi indiscreto desabafo — Esse momento seria até um oxa-me para mim — que preciso manter calma, reflexão, e firmeza inabalavel. Não posso chamar-me um infeliz, porque culpado fui eu.

Sou apenas um patriota sem dinheiro, com a responsabilidade do governo do futuro de S. Paulo.

Ha uma cousa que me tortura o coração e a consciencia. Fiz a Republica, á custa do dinheiro alheio, prejudicando meus credores. Este espinho hade levar-me ao tumulo, se eu não puder salvar-me no momento actual, afim de trabalhar e pagar as minhas dividas.

Veja quanto deve fazer por mim

Confio a direcção dos meus negocios á vossê e parto para alli..... para aquelle inferno

levamos a alma em pedaços.
Olha: salva-me, e fica desde
já pago do teu serviço, re-
cebendo este conselho: mune-
ser dos chefes politicos.
Esta carta começada em
Setembro, está sendo concluida a-
gora, as 5 horas da tarde de
48, e d'aqui pouco vou aos
banquetes politicos que me
dão! E vou mostrar-me
risonho, e com fazer discur-
sos! Adeus.
Dá-me um abraço
que isto me anima.
Teu
Glicerio

Um dia, um homem generosissimo, de coração largo como a bondade de sua alma, devotadissimo a Francisco Glycerio desde a mocidade até os ultimos instantes do campineiro illustre, chamou-me a Santos e narrou-me o seguinte facto: Vindo eu embarcado, (era em Abril, ou Maio de 1890), um passageiro accusava o Glycerio de estar devendo-lhe a somma de 4 contos de réis, provenientes de *saques* de favor, autorizados por amizade sem o *saccador* ter fundos na mão do *saccado* e *acceitante*. O *saque* occorrera pouco antes da quéda do Imperio; e aquelle amigo de Glycerio perguntava-me da verdade da queixa, e si era realmente certo que o ministro da agricultura, como encargos de sua vida de patriota, havia deixado contas por pagar em Campinas.

Um tanto confuso, senão vacillante, mas vencido pela insistencia do inquiridor, respondi que, em verdade, assim era, porquanto suspensa desde Novembro de 1889 sua actividade profissional, haviam-se estancado, ou diminuido pelo menos, as fontes de proventos do egregio patriota, necessitando de tempo para reapparecer a actividade productiva dos feitos forenses.

Esse homem bondoso, essa alma grande, disse-me, então: «Pois, eu não desejo que se fale do Glycerio: quero que seu nome continue tão limpo e respeitado, como é e tem sido até hoje. Você liquide esses debitos, sem contar de quem recebe os supprimentos; nem mesmo ao Glycerio informará da procedencia de taes recursos».

Recusei-me, a principio, e continuei a recusar; mas tamanha foi a insistencia desse amigo sem par, que, afinal, tive que ceder. Na data subsequente, na Capital, em o *Banco União de São Paulo*, era-me entregue somma superior a trinta e seis contos, para eu saldar as contas da praça, e resgatar o *saque* alludido de 4 contos.

E, dando parte a Glycerio das contas pagas, e do titulo resgatado a H. P. F., escreveu-me elle perguntando com que recursos haviam sido satisfeitos esses compromissos, não tendo nosso escriptorio recebimentos na occasião, pelo andar das cousas e negocios da profissão em Campinas.

Nada lhe respondi, nesse momento, e só alguns meses após, quando o ministro visitava pela primeira vez seu torrão natal, fui forçado a referir-lhe que aquella somma me fôra dada por um seu amigo . . .

— Porque não declarar-lhe o nome, hoje, deixando-o ligado a estas reminiscencias do grande e honrado patriota? Esse nome é muito e merecidamente acatado e venerado em Campinas, e eu o pronuncio com estima e veneração: é o do coronel Antonio Carlos da Silva Telles.

De outra feita, um cidadão residente no Rio, o coronel Carlos Napoleão Poeta, que, por ligações politicas de Santa Catharina, fizera estreita amizade com Francisco Glycerio, sabendo que este possuia, em Campinas, um optimo terreno, occupando uma quadra inteira, com face para o Largo São Benedicto, escreveu-me, dizendo que um grupo de amigos e admiradores pretendia, não só exonerar de hypotheca o terreno, pagando a divida que elle garantia, como ainda construir no mesmo um palacete para a familia do ministro da agricultura do Governo provisorio. Respondi, sem demora, que muito prazer teria em collaborar nesse generoso *desideratum*, mas não me era dado assentir, sem prévia audiencia do interessado.

Consultei, então, Francisco Glycerio sobre o caso, e elle respondeu-me, com sua proverbial bonhomia, que não acceitasse o offerecimento, porque a opinião popular não acreditaria nesse rasgo de amizade, e todos diriam que elle, ministro, tendo feito concessões valiosas aos doadores para servir interesses da Nação, recebia em troca essa dadiva de riqueza, ou antes o ministro seria tido e havido como socio dos concessionarios, desnaturando-se o objecto das concessões e o fim dellas, que era o de crear a prosperidade do Estado com o incremento da producção e a regularidade facil dos transportes de mercadorias.

E outras muitas provas de egual jaez eu poderia trazer-vos.

Entretanto, os acontecimentos his-

toricos da Republica cada vez mais as signalavam postos de destaque ao propagandista intemerato.

Vemos depois o parlamentar, deputado e *leader* da Camara, chefe de partido commandando suas *21 brigadas*, senador, membro da commissão de finanças, etc.

Estála a revolta da armada, a 6 de Setembro de 1893. Emquanto outros se põem a bom abrigo, desfructando o ocio nesse tormentoso periodo, fóra do centro dos perigos — Francisco Glycerio promove e encaminha a installação do Governo civil, que se deve em grande parte a sua habilidade e fino tacto junto de Floriano Peixoto.

Entretanto, os fermentos da guerra civil dominada, começam a irromper, os embates no Parlamento Brasileiro saem fóra de certas orbitas; junto do governo installam-se, infiltram-se ambições, e o grande patriota, que foi por justiça Prudente de Moraes, é arrastado nas correntes do torvelinho. Uma tão longa preparação de revolta, tantos principios dissolventes da harmonia e da direcção governamental, semeados por todo o ambito do Brasil procurando desunir os próceres republicanos, fazem surgir a scisão do Partido Republicano Federal.

Francisco Glycerio, contra as tendencias conservadoras de seu espirito transigente, cordato e harmonizador, é atirado para a opposição.

Surge o attentado de 5 de Novembro de 1897, contra o presidente da Republica. Prudente de Moraes sae illeso dessa aggressão, mas a morte de seu ministro da guerra, o honrado e destemido marechal Carlos Machado Bittencourt, e o ferimento do chefe de sua casa militar, general Luiz Mendes de Moraes, conturbam os espiritos e desorientam os mais equilibrados homens publicos.

Começam as perseguições; são presos a 12, a bordo do *Orellana*, a partir para Montevidéo, Barbosa Lima e Alcindo Guanabara; no dia seguinte, o major Thomaz Cavalcanti, o capitão Carlos Accioly, o deputado Thimoteo Costa e Nicanor do Nascimento têm sorte identica. Tambem foi preso o general Pinheiro Machado. Ficam sob vigilancia da policia o ex-ministro Bibiano Sergio da Fontoura Costallat, o general Francisco Antonio de Moura, Thomaz Delphino e outros vultos politicos. A Nação encontra-se em pleno estado de sitio.

Dada essa ordem de cousas, num ambiente ameaçador e asphyxiante, Francisco Glycerio vem para Campinas, aonde chega a 18 de Novembro de 1897, sendo recebido na estação pelo Directorio politico, correligionarios, presidente da Camara municipal e representantes da imprensa.

No Rio continuam as agitações e o desmonte da machina politica. Levam á Camara dos Deputados, depois de ultimado o inquerito de policia militar, o pedido de licença para processar, como um dos agentes do attentado, o chefe supremo do Partido Republicano Federal, partido já então esboroado e desfeito aos golpes da tremenda violencia.

Alguns orgams da imprensa brasileira, ao noticiarem o fallecimento de Francisco Glycerio, disseram que por motivo da morte do marechal Bittencourt e tentativa frustrada contra Prudente de Moraes, fôra elle preso e absolvido pelo juri. O *Jornal do Commercio* e *O Paiz* assim o disseram e affirmaram. Convém corrigir o engano. A Camara dos Deputados, sem embargo da mais tremenda pressão governamental, de que foram victimas seus membros, recusou, a licença pedida, mandando archivar o inquerito, classificado na época como monstruosa obra de dissolução da Justiça.

Francisco Glycerio, entretanto, continuava em Campinas, na vida ordinaria de sempre, mantendo uma linha de varonil superioridade, que causava assombro a seus mais intimos amigos. E' exacto que aqui mesmo, nesta terra, houve quem se promptificasse a vigial-o, e a prendel-o, afim de ser conduzido ao Rio... como um assassino vulgar!

Mas — ouvi, e quero revelal-o neste momento, que a attitude do vice-presidente do Estado, em exercicio então, dr. Francisco de Assis Peixoto Gomide, velho e mallogrado republicano, foi,

naquella conjunctura, de superior descortino: disse elle, para que o soubessem todos, que «não autorizaria em S. Paulo a prisão de Francisco Glycerio em nenhumas circumstancias de seu governo». E praticou obra de justiça a um adversario leal, cuja serenidade de animo, no meio dos acontecimentos, era de molde a demonstrar sua innocencia completa e sua não cooparticipação nos successos do attentado de 5 de Novembro.

Todos os politicos graduados o consultavam. Aqui, em meio de suas angustias, assistindo á deserção de amigos de outr'ora, em beneficio das instituições que ajudára a crear prepara as linhas geraes da concentração politica, que, uma vez organizada, deixa á margem do caminho seu autor.

Nem por isso se lhe ouve uma queixa, ou a revolta da alma lhe abre os labios. Ao contrario, sua resignação, no largo ostracismo, é ainda mais forte e superior ás fraquezas e ás contingencias humanas.

Entretanto, quando maiores foram os rumores de perseguições contra sua pessoa, e quando aqui, em seu proprio berço, appareceram os boatos de sua projectada prisão, e o desejo de lançal-o nas mãos de implacaveis inimigos, houve um grupo de amigos — Antonio Carlos da Silva Telles, Bento Quirino dos Santos e José Paulino Nogueira, que quiz encaminhar Francisco Glycerio para o Rio da Prata, no intuito de forral-o á perseguição do governo e á tentativa de sua captura, que se dizia imminente. Recursos fartos para sua viagem, elementos seguros para a sua manutenção na Republica Argentina, e de sua familia aqui, — tudo lhe foi offerecido pela amizade.

Mas Francisco Glycerio recusou sempre, insistindo que a fuga seria um indicio de culpalidade, que elle não tinha em sua consciencia, innocente como estava pelo negregoso attentado de 5 de Novembro.

E aqui persistiu, no convivio dos intimos, os que nunca o abandonaram, seguros das injustiças com que o estavam ferindo, por motivos e razões que a politica, implacavelmente, algumas vezes pratica, sob o imperio de paixões momentaneas que só o tempo destróe e a verdade faz brilhar.

Em 1898, Francisco Glycerio permanece no torrão natal. Collabora assiduamente na *Cidade de Campinas*, escrevendo, de mão commum com Alberto Faria, umas pseudo *Cartas do Rio*, sob o cryptonymo de *João Carlos*, as quaes se celebrizaram porque nellas se commentavam occorrencias, da Capital da Republica, com raro senso e visão prophetica. Traça editoriaes magnificos, não assignados, sobre questões importantes, entre as quaes a do arrendamento da *Central*, problema que suscitou debates accesos na época incriminada.

O correspondente telegraphico da folha no Rio era o commendador Baldomero Carqueja de Fuentes, reporter *Jornal do Commercio*. O redactor da *Cidade* limita-lhe as funcções a transmissor de méras noticias de *faits divers*, avisando-o de que contractara especial informante dos eventos politicos. Assim, Glycerio collabora então na factura de simulados despachos, curiosos e interessantes, nos quaes se adiantavam providencias governamentaes e administrativas, que, em estudo e preparo, ainda viriam a ser publicadas officialmente com demora.

Esse serviço desnortea por completo os mais sagazes, desconcerta os dirigentes da acção politica e administrativa dos governos da União e do Estado. Guiava-o um conhecimento perfeito dos homens e das cousas e um descortino raro de vidente dos acontecimentos, que se deviam desenrolar e apparecer á luz, no tempo e no espaço.

O *Estado de S. Paulo*, observando os *furos* constantes em seu serviço de informação, recommenda ao correspondente no Rio mais esforço, apontando a secção telegraphica da folha sertaneja que chamava todas as vistas.

Alguns figurões de nomes egrégios, entre elles o do actual chanceller do Brasil, chegaram a contestar pontos que lhes diziam respeito, em cartas reclamatorias ao redactor da *Cidade*, documentos preciosos que Alberto Faria guarda com carinho em seu archivo jornalistico do passado.

Assim era que Francisco Glycerio *conspirava* em Campinas: jogando com a faina dos assediadores do poder.

Mais tarde, quando o julgamento da posteridade começou a fazer-se claro e exacto nas trevas densas dos successos politicos, os proprios adversarios, em *amende honorable*, procuraram o inimitavel homem publico, o insubstituivel cabeça de partido, para ajudal-os a carregar o peso da cruz republicana, que necessitava de outro famoso Simão Cyreneu, para aligeirar seu percurso e attingir o ponto culminante de seu destino.

Não vos exponho a acção ulterior de Francisco Glycerio, passados esses acontecimentos, quando voltou á actividade parlamentar no Senado e recebeu o bastão de marechal pela sua elevada cortezia, pelo apuro de sua correcção tribunicia, pelo esmerado feitio de seu pensamento, esclarecendo pontos de reformas, suggerindo iniciativas novas e felizes, criticando com circumspecta sisudez e altissimo senso pratico os acontecimentos da época, que variavam, com imprevistos violentos, o kaleidoscopio da politica nacional.

São tão recentes esse factos, que devem conservar-se ainda brilhantes e nitidos nas vossas retinas de observadores, dispensando a reproducção, ou a suggestão de minha memoria, no relembral-os diante desta assistencia, que recebe as minhas palavras com tanta paciencia e tão accentuada resignação.

* * *

Todos os povos do universo têm seus dias de fausto, escriptos os eventos *albo lapillo*, como experimentam seus dias de crise e de aberrações, similhantes ás que assistimos agora, de longe, no mappa da velha Europa conflagrada.

Comtudo, si observades, com apurado senso e cuidadoso enlevo, os acontecimentos que se desenrolam nas sociedades policiadas, acompanhando a evolução dos factos e o progresso incessante das instituições creadas, — haveis de notar que o destino das communidades é conduzido pelos espiritos que acalentam um idéal, e procuram attingir sua méta por força de conquistas persistentes, serenas, infatigaveis e pacificas.

O famoso William Pitt, e seu rival, filho de Lord Holland, foram caracteres de rija tempera, porque formaram ambos um escopo, e batalharam para corporizal-o nas instituições economicas e nos apparelhos com que dotaram o Reino Unido da Grã Bretanha, para seu incremento e sua grandeza no futuro.

Léon Gambetta, na terceira Republica, teve sorte egual: uma profunda convicção de servir seu paiz conduziu-o até a formação de um idéal avantajado, a que elle prestou com maxima dedicação e insopitaveis anseios o concurso de sua intelligencia e a segurança de sua mão forte.

Bismark diminuindo por um lado a pequena Dinamarca, e illudindo por outro a actual comparsa da Allemanha, a Austria, quando a venceu em torneios diplomaticos e guerreiros, em Sadowa, em 1866, levando pela falsa fé do capcioso telegramma de Ems a guerra ao paiz gaulez, para lhe arrancar com a solennidade dos preliminares de Versailles e do tratado de Franckfort, duas provincias — a Alsacia e a Lorena — e annexal-as aos dominios germanicos, em 1870 — teve em sua suprema aspiração um ponto de vista idéal, qual foi o de engrandecer a Prussia, e confiar-lhe, com a hegemonia da Europa, a direcção e o commando dos Estados Confederados da Allemanha.

Na Italia hodierna, para a obra da unificação de todos os Estados, sardo, veneto e napolitano, sujeitos ao sceptro da casa de Saboya, com a eliminação dos dominios pontificios — um pensamento unico, uma só idéa dominante imperou nos centros intellectuaes da peninsula, agitando seus patriotas, suggestionando Cavour, jogando Mazzini contra o sentimento conservador da velha sociedade italica, e montando a guarda dos reformadores exaltados junto ao edificio reconstruido da éra romana, pelo poderio restaurado.

Senhores: têm-se visto que os pensadores e estadistas que assim agem com um escopo proprio, sacudidos pe-

las inspirações de um idéal alevantado, são os que constróem essa «inviolavel impolluta, sagrada e mystica torre eburnea, em que habita a aspiração immortal do espirito humano», e realizam as mais afamadas conquistas no gremio das sociedades, para o beneficio commum da civilisação geral dos povos.

Reconheçamos, por justiça, que Francisco Glycerio foi um desses creadores: — o idéal que o animou na mocidade e o seguiu até os ultimos anseios de vida – fixou-lhe as nobres iniciativas no trabalho gigantesco de fazer a Republica, e de organizal-a em moldes superiores, acima das contingencias do tempo para felicidade do povo brasileiro.

O' mocidade generosa, que estaes de espreita ao edificio do nosso presente, com as vistas dilatadas para os horizontes maximos de nossa destinação historica — aprendei do velho batalhador o gosto delicado pelo idéal, e o goso fino, supremo por, sua realização pratica. E, quando vos assaltarem deliquios e desmaios, apavorados pela immensa conquista debuxada em linhas de superior formação em vosso espirito, prendei vossos olhos á figura de Francisco Glycerio: elle foi o sonhador do 15 de Novembro, e o mais affectuoso e desinteressado guia; elle vos servirá de fanal luminoso nos bons como nos máus dias de nossa nacionalidade.

«Tão quieto e consolado no lugar infimo, como no primeiro, tão satisfeito com ser desprezado e abatido, sem nome algum nem fama, como outros com serem os maiores do mundo e mais honrados», segundo a expressão de João Gersen, na IMITAÇÃO DE CHRISTO, — escolhei esse patriota como vosso modelo, e deixai-vos guiar pela visão de seu espirito na grandiosa trajectoria de fazerdes querido e amado nosso amado e querido Brasil e as instituições politicas que se lhe adaptaram á corpulenta estructura, como em vossa alma se estamparam as primeiras e bemfazejas licções colhidas no regaço materno.

E, assim cumprindo, realizareis o idéal commum, de uma Patria engrandecida e gloriosa em seus destinos!

DISCURSO do dr. Antão de Sousa Moraes, orador official do «Centro», na sessão civica deste instituto:

Minhas senhoras,

Meus senhores.

O *Centro de Sciencias, Letras e Artes* tinha uma divida sagrada para com a memoria do morto illustre, cuja proficua, luminosa e indelevel passagem pela vida vimos hoje cultuar nesta reunião, a que preside o mais elevado e o mais puro dos intuitos.

Francisco Glycerio estava irmanado a esta casa por actos de assignalada e effectiva benemerencia; era natural, pois, que o baque do seu corpo, rolando no seio da eternidade, solevantasse em nós o confrangente espasmo de dôr e de saudade, que ainda nos perdura no coração.

Esta homenagem não é obra de uma convenção, não representa um pacto de hypocrisia social; é, pelo contrario, a emanação suave e perfeita de um dever, que se cumpre sem esforço, com alegria e com amor.

Vida que deixou do seu rastro pelo mundo sulcos tão nitidos e tão profundos; coração, que era uma amphora de ouro entretecida de grandes e nobres virtudes affectivas; alma sempre aberta a todas as seducções do idéal; caracter que só não era de aço, porque o temperava a liga, nelle jámais apagada, de uma bondade a todo o instante sollicita em se sobreexceder na correspondencia aos reclamos da amizade, deusa de cuja devoção foi religionario devotissimo, porque da sua lealdade nunca descreu esse homem forte cuja tormentosa vida publica esbarrou, no emtanto, vezes sem conta, com os colmilhos da inveja e da calumnia, com os botes da felonia e da ingratidão, — tributo fatal dos homens publicos ás paixões contemporaneas e a cujo pestifero contacto não podia esquivar-se quem, como elle, viveu para os seus similhantes, para a sociedade, para a politica, para a patria desde os primeiros albores da sua adolescencia até os seus ultimos alentos; abolicionista,

propagandista da Republica, membro do governo, chefe de partido, parlamentar e, durante tantos annos dos mais ouvidos, acatados e influentes orientadores da politica nacional; tendo sido tudo isso, com raro talento e elevação, com excellentes predicativos moraes e intellectuaes, com invicta superioridade, com perspicuo descortino do horizonte dos partidos, parece que o seu desapparecimento devia commover e emocionar, mais do que se me figura emocionou e commoveu, volvidos os primeiros momentos do seu occaso, a alma brasileira. Certo, foi com insophismavel pesar, com sincera dôr, com intimo sentimento que todas as classes, das mais altas ás menos elevadas camadas sociaes, se lhe reuniram ao traspasse, apertando-se no afan de o não abandonar até o seu derradeiro abrigo na terra; certo, foi com real e pungente magua que innumeras faces emperladas de lagrimas se lhe dobraram religiosamente sobre a campa bemdicta.

Mas, não se viu, não se sentiu ainda, afóra essas primeiras homenagens suscitadas pelo lancinante choque moral que a sua morte produziu, a consagração nacional e extraordinaria que esse vulto singular e raro merecia.

O facto prende-se á extranha apathia moral que nos enerva, nas tristes horas que correm, as fibras do organismo social. Atravessamos um periodo de tal descaso pelos homens de merecimento, que ainda elles se não offuscaram nos longes do nosso alcance visual e já se lhes vae embastecendo em torno da memoria a densa escuridade do esquecimento.

Com a individualidade possante e suggestiva e a tantos titulos radiosa de Francisco Glycerio não é licito supportar-se a affronta do olvido. Ella ha de fulgir para o pantheon da nossa historia, tão esplendente e tão gloriosa, como os raios do sol espancando victoriosamente as camadas de sombras que se lhe interpõem á trajectoria desde as suas origens luminosas até o termo do seu curso na terra.

Glycerio, bem pesadas as circumstancias, não foi apenas um dos prégadores da Republica, porque foi tambem, e principalmente, dos seus maximos factores. Outros fizeram discursos mais brilhantes; estes, travaram polemicas mais accesas; aquelles occuparam posições de maior lustre. Nenhum, porém, exerceu, como elle o verdadeiro e real e definitivo trabalho da formação republicana. Dotado como nenhum outro de irresistiveis dons de seducção pessoal; de uma maleabilidade felicissima no contornar difficuldades, no vencer resistencias, no evitar irritações perigosas, no dissipar contradictas renitentes; habilissimo no lobrigar o ponto vulneravel de quem visava attrahir para o seu gremio, o prestigioso conductor de homens penetrou no seio do povo e foi ahi, em intimo contacto com a alma popular, que exerceu a prégação do seu evangelho republicano. Possuido de seu idéal, envolto em uma onda do mais nobre e exaltado sentimento de patriotismo, tendo a lucilar-lhe na fronte illuminada a estrela de uma vocação irresistivel, o heroico vexillario da nova cruzada dispendeu nella as melhores energias da sua ardente mocidade. Não as dispendeu, porém, ao acaso de uma propaganda desenvolta e sem norteio pratico. O temperamento politico repassava-se-lhe na convicção incontrastavel da premente necessidade da extirpação do regimen monarchico. Não era seu intuito proferir palavras que o vento carreasse. Seu fim era lançar em terra uberrima a semente bemfazeja. Graças á firmeza e segurança do seu proposito, e á sua perfeita execução, a idéa sacrosanta vingou, cresceu e triumphou.

Nada ha tão admiravel no espectaculo de uma propaganda, — qualquer que seja, scientifica, religiosa, literaria ou politica, — como a habilidade, o talento, a felicidade com que essas almas de eleição, desbordantes de enthusiasmo e de vida, conseguem a fructificação do seu idéal. Uma idéa bem lançada, por esses incomparaveis jardineiros sociaes, culminando na obtenção definitiva do seu fim, traz-me á lembrança a obra da

GENERAL FRANCISCO GLYCERIO,

dos ultimos annos.

natureza fecunda e abençoada convertendo a simples semente, deitada em torrão propicio, na matta magestosa,— victoria soberba da creação que o escopro de um fino cinzelador do nosso idioma, Latino Coelho, traduziu nesta pagina de tão exquisita e tão fulgida belleza:

« A idéa é como os gazes, que, dilatando-se tendem a occupar mais e mais um novo espaço. E' como os germens, que vão fecundar as paragens mais distantes. Uma semente conduzida pelos ventos, transportada pelas aves emigrantes, impellida nas correntes oceanicas, veiu a cair em terra alheia e remota do seu berço, onde o clima lhe consentiu que germinasse. Dentro em breve será plantula. Cresceu e já é arvore. Alteou-se, é frondosissimo gigante. Multiplicou-se, é arvoredo. Adensou-se e fez-se impenetravel aos raios do sol, e emmaranhou-se de cipós e trepadeiras, que se lhes enroscam nos troncos, nos estipes, nas vergonteas, e se lhe penduram e baloiçam em festões. E é agora floresta virgem, millenaria. E os que vierem depois, dirão que está ali um centro primitivo, incontestavel de creação autochtona, primigenia. E, todavia, em eras affastadas aquelles vegetaes foram exoticos, e agora só parecem nativos e especiaes á flora da região, porque a natureza cancella muitas vezes o assento do baptismo, e esconde o costado genealogico ás suas mais patentes creações».

Si neste painel arrebatador se revê, no emtanto, perfeitamente, a plena expansão da idéa republicana, disseminando-se pelas extremas do paiz e avassalando a alma nacional, não sei si a comparação resurte egualmente verdadeira e adequada no assignalar a adaptação da flóra recemvinda ás necessidades do meio ambiente.

Quer-me parecer que Glycerio mesmo levou para o tumulo resaibos amargos, sinão de descrença, pelo menos de acerbas desillusões sobre o papel da democracia nesta parte do mundo.

Quando se proclamou em França a segunda Republica, Chateaubriand, o genio incomparavel das MEMORIAS DE ALÉM-TUMULO, tocava ao termo da sua gloriosa peregrinação pelo universo. Béranger, o inspirado vate das mais bellas canções da sua patria, que era republicano convicto, indo visitar o mestre venerando, cuja velhice sempre acariciou com os ardores da sua juvenil e dedicada Amizade, foi acolhido com esta phrase:

« Então, disse-lhe Chateaubriand, tendes a vossa Republica! »

« Sim, eu a tenho, retorquiu-lhe Béranger; mas gostaria mais ainda de sonhal-a do que vêl-a! »

Gostaria mais ainda de sonhal-a do que vêl-a!

Aposto em como dentre os propagandistas da Republica não ha um siquer que não sinta brotar-lhe do fundo da consciencia, na hora solenne das introspecções meditativas, dos intimos recolhimentos, identica confissão.

O sonho tem o condão de envolver em um nimbo de anil as taras e malformações da realidade.

Quando os ardorosos prégoeiros da democracia investiam contra o edificio das velhas instituições monarchicas, dava-se com elles o que se dá com todos os propagandistas: o desejo de fazer vingar as proprias idéas determina-lhes naturalmente duas especies de exageros, — o exagero das qualidades do regimen que se quer implantar e o exagero dos defeitos do que se visa derruir.

A monarchia, com todos os seus vicios e erros é incontestavel que prestou innumeros e inolvidaveis serviços ao Brasil: em materia eleitoral, por exemplo, uma das chagas incuraveis da Republica — é como se costuma appelidar esse mal — viram-se, sob o regimen decaído, ministros da Corôa derrotados em prélios renhidissimos. Na actual fórma de governo, similhante facto seria absurdo ante a insaciavel omnipo-

tencia usurpadora e arrogante ostentação de meios fraudulentos do mandonismo politico.

Glycerio, nas suas horas de concentração e de revolta contra os deturpadores do regimen, em cuja fundação teve tamanha parte, não se detinha na sua sinceridade em invocar os exemplos do passado. E' que elle, homem de superior educação politica, não tinha a superstição da fórma republicana. Prégou-a, convencido de trazer com ella maior contingente de felicidade para a Patria. Não era, porém, desses adoradores do nume republicano, aos quaes a minima censura aos erros da governação democratica se afigura um sacrilégio. Elle teve, talvez mais do que nenhum outro, palavras de irremessivel condemnação contra os males da Republica.

Não se envergonhava dessas confissões, porque era apenas um crente e não um fanatico da democracia.

A sua alma, educada nas mais vivas fontes de um liberalismo esclarecidissimo, supportava os contrastes da critica sincera na apreciação das excellencias, ou dos vicios da fórma de governo que contribuiu tão poderosamente para ser implantada entre nós.

Uma occasião — e isto prova a tolerancia da primorosa educação do seu espirito — apontou-me como dos mais bellos trechos de moral politica esta pagina coruscante do celebre discurso de Ruy Barbosa contra Cesar Zama:

« O amor de idolatria é falso, e conduz ao aviltamento do objecto amado. De todos os inimigos de um regimen, o peor é o fetichista, que, a poder de lhe admirar a fórma, que não é nada, cada vez mais lhe perderá de vista a substancia, que é tudo. E' pela critica das imperfeições da realidade que se fortalecem as creações duraveis do homem. Mas dessa lucidez na devoção é incapaz o religionario cego, que, deslumbrado pela illusão do culto exterior, perdeu o criterio, cujo toque discerne a apparencia da realidade. A estima das instituições, como a das pessoas, se enraiza pela liberdade da censura e pela franqueza da contradicção, que as idolatrias não toleram. Para consolidar uma constituição, é necessario enxergar-lhe as maculas, que o fanatico não vê, e prever-lhe os perigos, de que o optimista não cura. Dessa negligencia e dessa intolerancia vivem os adoradores de systemas de governo. Toda a ordem politica estabelecida tem devotos, que se cevam na exploração dos seus defeitos. Esses são os apologistas das virtudes da idolatria, que é apenas o parasita feroz dos abusos organizados. O regimen, portanto, que só tiver idolatras, é um regimen que não tem amigos. »

Quem tem essa elevada comprehensão da politica, não póde dissimular abusos e disfarçar crimes, quaesquer que sejam os rotulos com que se anteparem.

Glycerio, por isso mesmo, que amava enternecidamente o regimen, não o poupou na profligação dos seus desmandos; e si o seu merecimento é enorme, por haver sido dos mais denodados legionarios da bandeira republicana, na época da prégação do novo credo, não é menor, é por ventura muito mais alevantado e relevante, por não ter descansado após o triumpho do seu idéal e ter-se mantido na estacada em lucta continua e destemida pela sua consolidação definitiva.

Penso que nunca a democracia esteve tão desmoralizada como nos tempos que correm.

O formidavel libello de Émile Faguet, o profundo sociologo, já hoje pertencente ao dominio da posteridade, sobre o Culto da Incompetencia e o Horror das Responsabilidades, traduz com implacavel serenidade, com justa e irretorquivel apreciação dos factos, a fatalidade de certos defeitos originarios e, por assim dizer, inextirpaveis do regimen republicano.

E' interessante notar-se que foi precisamente Alexis de Tocqueville, o autor da Democracia na America, um dos escriptores que mais influencia exerci-

taram no espirito das gerações republicanas de todos os paizes, nos ultimos decennios do seculo XIX, o primeiro que assignalou a predilecção das democracias pelas incompetencias guindadas á categoria de guieiras do Estado.

Muito ao envez do que ensinou Montesquieu, que «o povo é admiravel para escolher os seus magistrados», foi o que Tocqueville, já em meiados do seculo passado, observou nos Estados Unidos, nestas palavras textuaes:

«Fui tomado de surpreza descobrindo a que ponto o merito era commum entre os governados e quanto era escasso entre os governantes».

Décadas mais tarde, em nossos dias, um escriptor da envergadura e da clarissima percepção sociologica de Faguet vem encontrar nas democracias a mesma mazella inveterada.

Parece que certas condições essenciaes para a vitalidade de um paiz são incompativeis com o systema de governo do povo pelo povo, ou pelo menos de muito mais difficil realização.

Nunca, por exemplo, os povos se convenceram tanto da necessidade de se armarem, como agora. O serviço militar obrigatorio implanta-se em todo o mundo e, aqui no Brasil, até os poetas abandonam momentaneamente a sua lyra, para prégar a organização militar da nacionalidade.

A actual conflagração européa, porém, si por um lado veiu demonstrar, como observou o nosso eminente embaixador ás festas de Tucuman, no seu monumental discurso proferido em Buenos Aires, na Faculdade de Direito, que as democracias colhidas de surpresa pela guerra, em completo despreparo, encontram no patriotismo dos seus filhos o milagroso esforço da arregimentação durante a refrega, veiu por outro lado, e este precisamente é o aspecto mais grave para o ponto que temos em vista, patentear-lhes a incapacidade para se organizarem militarmente (haja vista a França), com tempo e sem precipitações, com previdencia e com vagar, nas horas de socego e de paz.

Ao passo que as grandes monarchias centraes da Europa ostentavam, no inicio da conflagração, uma estupenda constituição militar, as democracias estavam completamente desprevenidas.

Não foram circumstancias de varia ordem, e que não vem agora ao caso relembrar, e as democracias estariam esmagadas pela previdencia, pela disciplina e pela organização dos governos monarchicos.

A este proposito, lembra-me haver lido que uma das maiores preoccupações de Bismarck, quando discutia as preliminares da paz, na guerra de 1870, era a extincção do regimen monarchico em França e o estabelecimento da Republica, pois, dizia o grande chanceller, — olhos de estadista genial fitados na futura *revanche*, — os governos democraticos são incapazes de uma boa organização militar para o paiz.

Mas não é com certeza agora a occasião opportuna para o estudo dessas questões, as mais complicadas da sciencia politica.

O que é inconcusso, é que a felicidade dos povos é perfeitamente realizavel com qualquer fórma de governo constitucional. Tudo repousa, em ultima analyse, na moralidade, competencia e patriotismo dos dirigentes, na boa comprehensão e applicação das instituições.

Não devemos, portanto, desesperar da Republica, pois o bem estar, o progresso e a civilização do Brasil é inteiramente possivel com esse systema de governo. Por maiores que se nos antolhem os desenganos da hora presente, o futuro é bastante vasto para comportar o anseio das nossas esperanças alvoroçadas.

Glycerio, com a agudissima visão dos phenomenos sociaes, que o caracterizava, com o seguro descortino dos aspectos praticos da sciencia da administração, sempre foi e nunca deixou de o ser um convencido da impossibilidade do estabelecimento de uma outra fórma de governo entre nós.

Os seus momentos de amargura, que elle os teve, e cruciantes, não representavam pois, o esconjuro das suas idéas republicanas, o repudio das convicções que lhe constellaram a primavera da existencia. Representavam, sim, a revolta do seu temperamento democratico, a indignação da sua alma de patriota devotadissimo, continuamente debruçado ante o altar da patria, contra as depredações dos vendilhões que lhe polluiam o templo das mais caras conquistas da sua vida.

Reagia para melhorar e construir, não para peiorar e acabar. Quaesquer que hajam sido os erros e excessos da Republica, esse republicano sincero jámais relegou a sua intima e inseparavel ligação com a fé que lhe alimentou a juventude, pois nunca perdeu a confiança na regeneração dos nossos costumes politicos.

Eis a licção que irradia dessa nobre e grande vida: madrugou e viveu para o idéal. Os annos mais bellos da sua mocidade, os mais proficuos da sua madureza e da sua velhice, consagrou-os á Republica e á patria, a quem prestou dedicados e inolvidaveis serviços.

Todos os que extremecem pelo reerguimento da Republica e felicidade do Brasil, não têm melhor estimulo para incentivar-lhes o patriotismo do que a imagem da vida do queridissimo chefe republicano.

E' para ahi que se devem voltar as vistas dos que intentam a renascença das sans virtudes da democracia, dos que propugnam espertar no coração dos coévos a fé nacionalistica: para as emanações de patriotismo immaculado, de incontrastavel convicção republicana que dimanam em correntes inexhauriveis dessas existencias superiores.

Em todos os paizes civilizados a religião do passado, o transumpto da vida das grandes personalidades que se foram, é o espelho onde se remiram de continuo os homens de fé e de consciencia.

No Brasil, infelizmente, essa devoção sacrosanta da memoria dos pro-homens da raça, precisa educar-se muito ainda para attingir á intensidade necessaria. Um dos nossos maiores males, não é demais repetil-o, é a insensibilidade, a indifferença por essas enormes catastrophes moraes que representam para a vida de um povo o desapparecimento de entidades valorosas e tão entrelaçadas á vida nacional como o illustre republico, a cuja individualidade vimos hoje render o mais sentido, o mais sincero e o mais extreme dos nossos preitos de saudade e admiração.

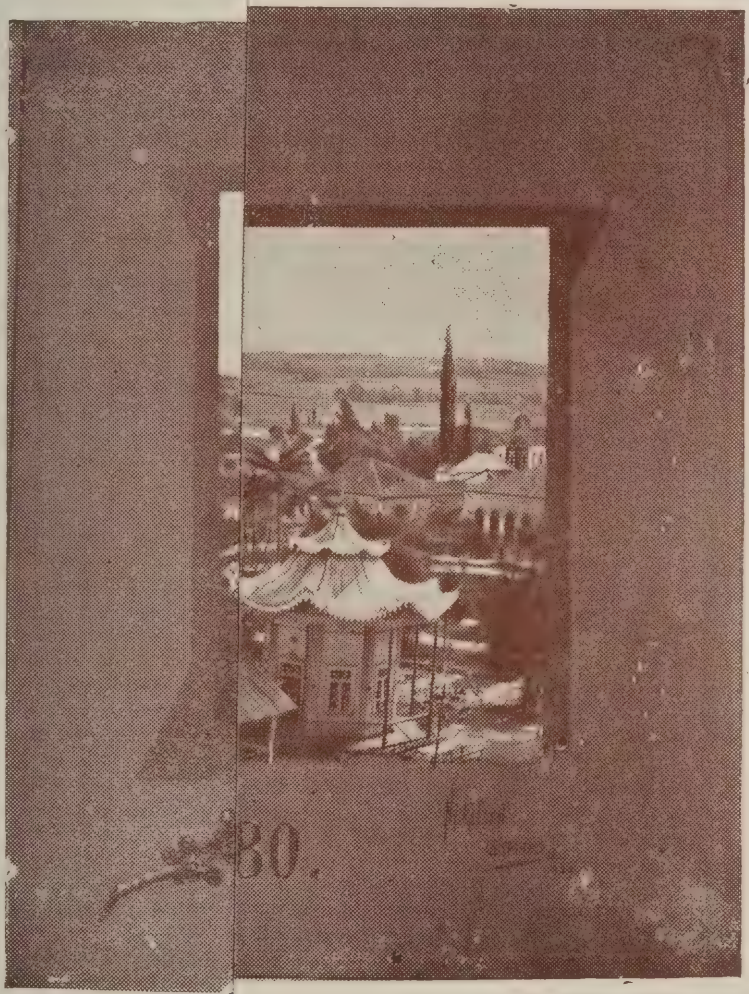
O *Centro de Sciencias, Letras e Artes*, vindo neste dia, com enlevado carinho, enramar derredor a memoria de Francisco Glycerio, em votivas oblações, os faustosos laureis, que o seu insigne merecimento conquistou no mundo, não vem cumprir apenas o piedoso dever de homenagear as cinzas venerandas de um dos seus mais generosos bemfeitores; vem, principalmente, recordar á geração coetanea a indeclinavel obrigação de se antecipar á indefectivel justiça do futuro inscrevendo o fulgurante nome de um dos benemeritos da civilização brasileira na cepa immarcessivel das virentes glorias nacionaes.

E' maravilhosa de incitamento civico e exaltação moral a licção que deflue da vida de Francisco Glycerio: ella, em que pese á multiplicidade das suas variadas manifestações em tantas e tão distinctas espheras de actividade, póde concentrar-se em duas palavras — Trabalho e Patria.

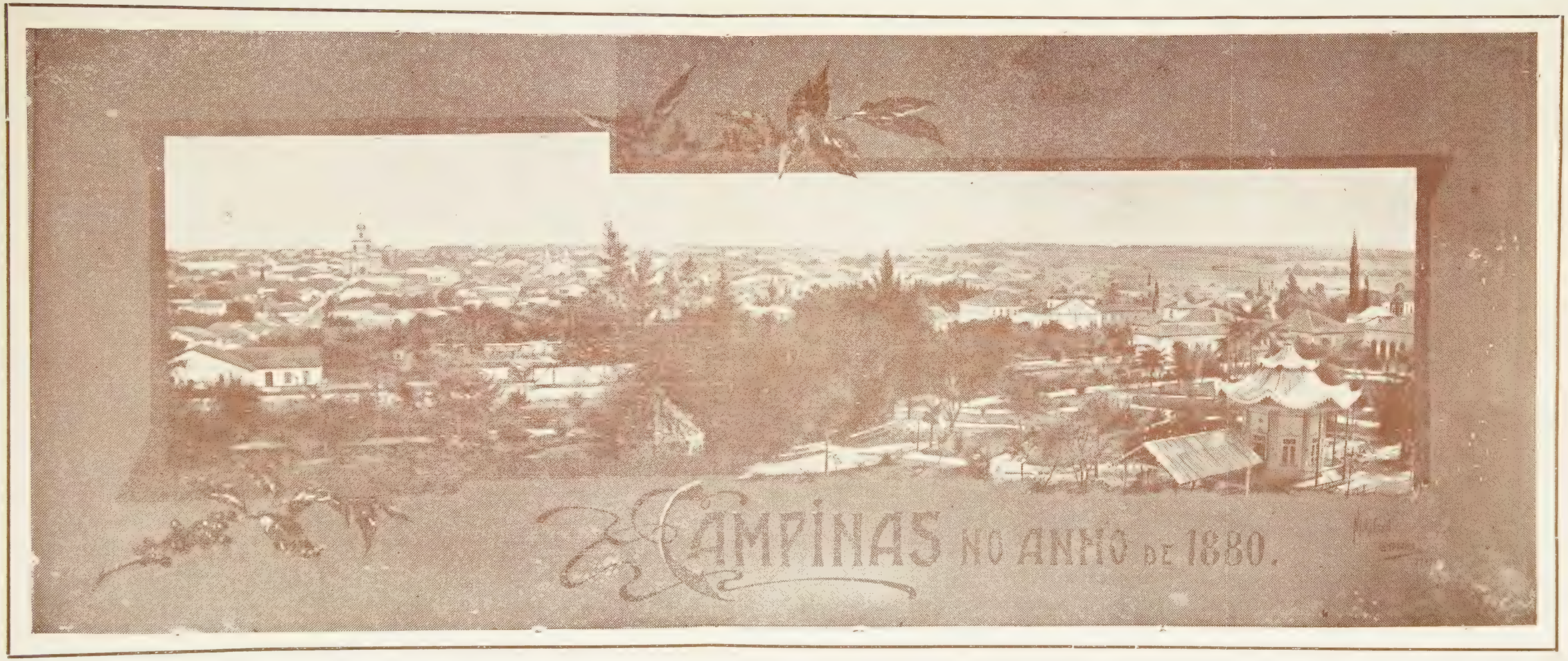
Ao Trabalho, dedicou, incessantemente, sem treguas, sem desfallecimentos, as maximas energias do seu corpo; á Patria, as maiores, as mais limpidas, as mais quentes vibrações da sua alma.

Feliz o homem ao cabo de cuja existencia se puder dizer com tanta verdade e com tanta justiça, como de Francisco Glycerio, ao balancear-se-lhe o emprego que deu ás faculdades com que o dotou a natureza, que foi um infatigavel trabalhador e um grande patriota.

Esse não deixa na terra, entenebrecendo-lhe a memoria, o negrume de uma vasia e damninha esterilidade, sinão a floração esplendorosa das bôas acções que cumpriu e das santas virtudes que praticou.



30.


CAMPINAS NO ANNO DE 1880.

ANTONIO CARLOS GOMES

(NOTAS PARA UM ESTUDO BIOGRAPHICO)

Completaram-se, a 16 de Setembro ultimo, vinte annos que, em Belém, a hospitaleira capital do Estado do Pará, morreu Antonio Carlos Gomes, nosso glorioso conterraneo, inspirado compositor musical, merecendo, *ipso facto*, a apotheose do paiz inteiro e a memoria eterna no bronze da praça publica em seu berço natal.

Disseram delle, a esse tempo, como se havia falado anteriormente, nas phases diversas de sua vida mesclada de sombra e luz, as mais elegantes pennas, os estilos mais flóridos.

A obra do grande *maestro* está julgada. O «maior genio musical das Americas» passou á historia da Arte, como um dos nomes que mais refulgem, na pleiada dos cultores de Euterpe. Não será, pois, nossa incompetencia que da mesma trate agora.

Mas essa obra, producto de um cerebro humano, revela a contingencia de um humano ser. Porque não tentar o estudo do homem, explicando pelo viver deste o surto daquelle?

A' critica moderna interessa tanto o artista-creador, quanto o artista-individuo. E talvez mais ainda o segundo.

Depois, os que discorreram de Carlos Gomes de tal maneira o incensaram, de tal modo o endeusaram, que, através da auréola em que o envolveram, pouco se desvenda o individuo, a pessoa, o homem. Carlos Gomes é um mytho; figura circumdada dos ouropeis do encomio e das lentejoulas da lenda.

Procurar estudal-o vivo e palpitante, retiral-o do meio dessa atmosphera de elogios desmarcados: eis o fim destas linhas.

E, antes do mais, rebatendo já possiveis ataques do sentimentalismo piégas, que se vae escandalizar com o nosso trabalho, affirmemos positivamente, ao limiar, que ninguem acima de nós admira o genio deste conterraneo e venera-lhe a memoria.

I

Conquistada a invejavel posição a que tinha direito no mundo das artes, Antonio Carlos Gomes viu-se presa da lisonja, embora muita vez essa lisonja cedesse o passo á injuria.

Um biographo, Antonio de Cerqueira Cesar (1), escrevendo em sua propria terra, achou bello dignificar a ascendencia do glorioso *Tonico* de Campinas.

Seu pae, Manuel José Gomes, — diz elle, — nasceu na villa de Parnahyba, em 1792. Era de familia de posição e foi enviado para S. Paulo, onde aprendeu musica com o provecto mestre André da Silva, que até lhe ensinou harmonia e contraponto.

Devemos ampliar esta succinta noticia.

André da Silva Gomes de Castro foi, de facto, um grande musico do tempo (2). Natural de Lisboa, veiu para S. Paulo com o 3.º bispo da diocese, D. frei Manuel da Resurreição (1774), para crear e reger o côro de musica da Cathedral. Fêl-o desde principios de 1774 e dirigiu-o como mestre de capella, distribuindo o pequeno ordenado e os emolumentos do cargo entre os musicos. Só tinha em vista o esplendor do culto divino.

Casado com Maria Gracia, senhora paulista, André da Silva teve uma filha que ficou solteira. Possuia 10 escravos e residia no largo de S. Gonçalo n.º 7 (S. Paulo), em prédio terreo mais tarde demolido (1910), quando se deliberou fazer ali o paço municipal da cidade.

A praça hoje se chama João Mendes, e a casa ficava á esquina da antiga rua Esperança.

Além de musica, André da Silva leccionava grammatica latina, gratuitamente a mininos pobres.

Bondoso em extremo, creara creanças enjeitadas, ou confiadas a sua guarda. Das primeiras, algumas ordenaram-se mais tarde, fazendo figura saliente no clero paulistano.

André da Silva foi tambem tenente-coronel de milicias, e fez parte do governo provisorio de S. Paulo (1821),

como deputado pela instrucção publica, juntamente com o padre Francisco de Paula Oliveira.

Após a celebre *Bernada* de Francisco Ignacio, foi deportado para a Cotia (1822).

E, finalmente, mestre régio de latim e mestre de capella da Sé, veiu a fallecer em S. Paulo em 1844, nonagenario, pois havia nascido em 1753.

Prestada esta homenagem ao provecto professor ora esquecido, falemos de seu discipulo que nos interessa.

Manuel José Gomes aprendeu com André da Silva, diz o biographo citado, piano, orgam, violino e canto.

De sua competencia não ha provas em contrario.

Mas, continúa o biographo, tempos depois, um tio de Gomes querendo mandar recrutal-o, incorreu nas iras do sobrinho, que o esperou na ponte sobre o Tieté, em Parnahyba, e espancou-o brutalmente.

Receiando o castigo, Gomes fugiu de canôa para S. Paulo, e de S. Paulo veiu para Campinas, onde creou familia, escola e discipulos.

Em 1814, diz o dr. Luiz Guimarães Junior (3), era professor de musica em nossa terra.

Documentos ha, porém, que contradizem algumas dessas asserções.

Anteriormente áquella data já elle aqui se achava, e a importancia social de sua familia é contestavel, pelo menos officialmente.

Prova: lê-se no livro de casamentos da parochia de S. Carlos, do tempo:

> «Manuel José Gomes, natural de Parnahyba, filho de pae incognito e de Antonia Maria, casou-se ás 8 horas da manhã de 11 de Novembro de 1809, com Maria Innocencia, natural de S. João de El-rei, filha de pae incognito e de Domiciana da Matta. Testimunhas — Padre Joaquim José Gomes e o alferes Carlos Galvão de França.» (4).

Destruida uma ascendencia illustre, que lhe não accresceria, por certo, valia artistica, devemos referir que os citados biographos affirmam que Manuel José Gomes foi casado quatro vezes.

De tres consorcios seus existem documentos. Mas verdade é que Antonio Carlos Gomes proveiu de uma ligação extra-legal, embora mais tarde sanccionada pela Egreja.

Vejamos o caso.

O livro CAMPINAS EM 1900, de Leopoldo Amaral, transcreve á pag. 166, o seguinte documento:

> «Aos 19 de Julho de 1836, nesta matriz baptizou e poz os Santos Oleos o revmo. Vigario Collado Joaquim Anselmo de Oliveira, a *Antonio, nascido a 11 do mesmo mês*, filho legitimo de Manuel José Gomes e Fabiana Maria Cardoso. Padrinhos — Bento da Rocha Camargo e Maria da Candelaria, mulher de José Custodio, todos desta parochia.» (Liv. 11, fls. 4 v.)

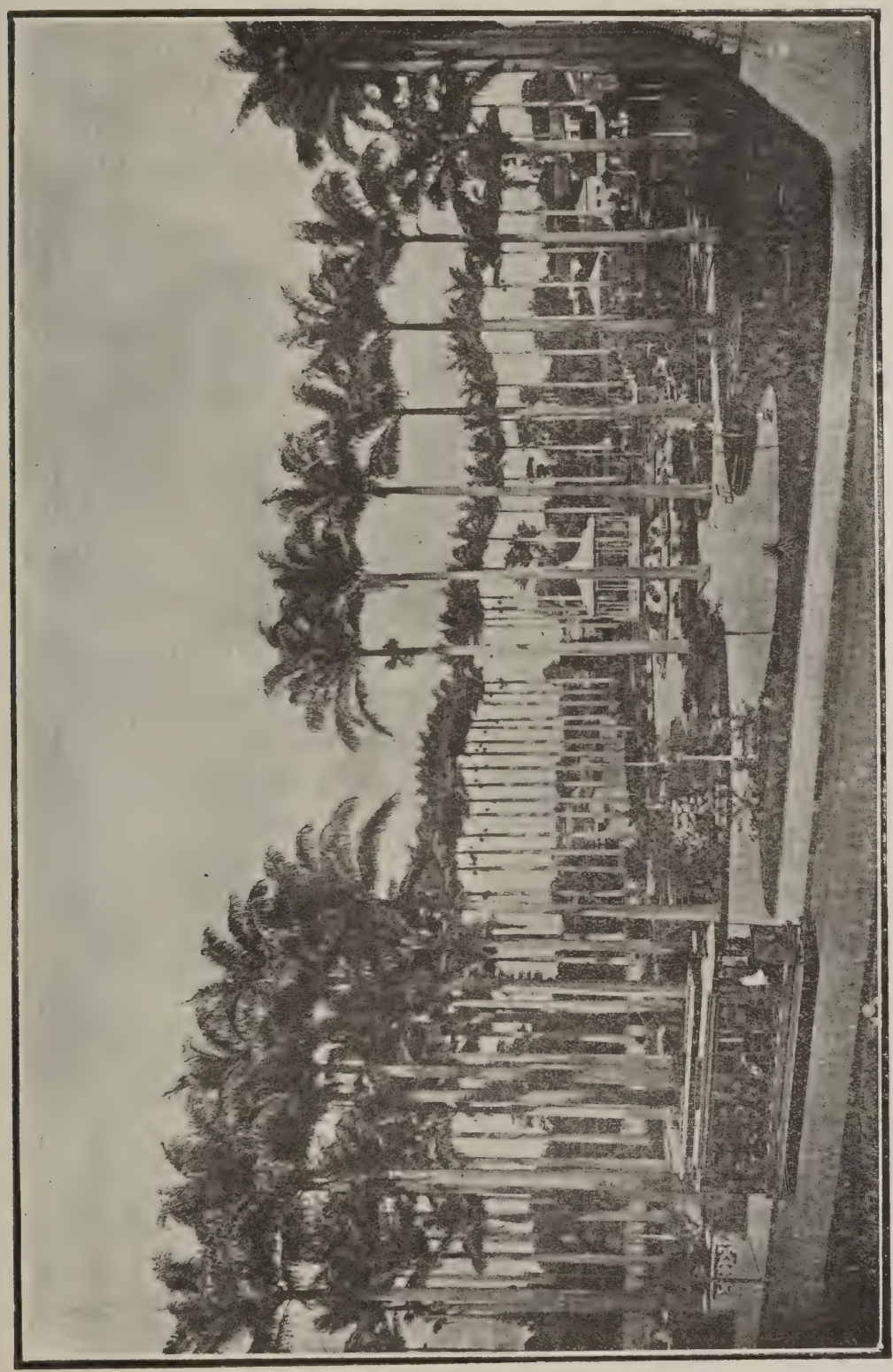
Realmente, este assento, fiel, encontra-se no logar mencionado. Mas é um registo feito posteriormente, muitos annos depois do nascimento de Carlos Gomes, pois o primeiro assento de seu baptismo está á fl. 140 v. do livro 5.º respectivo da Cathedral de Campinas e reza pelo teôr seguinte:

> «Aos 18 de Julho de 1836, nesta matriz, baptizei e puz os Santos Oleos a Antonio, filho de pae incognito e de Fabiana Maria.»

Padrinhos foram os nomeados no registo primeiro citado.

E' verdade que o ultimo transcripto foi mais tarde inutilizado, mal, a tinta roxa, que não o encobriu de todo, pelo então vigario da parochia, padre Sousa e Oliveira, declarando fazêl-o com licença do Ordinario da diocese e lançar o registo no livro 11.

Comprehende-se o motivo. Ao glorioso *maestro*, ou a seus louvaminheiros, não convinha uma filiação irregular para o autor do GUARANY. Por isso a falsificação da Historia.



PRAÇA CARLOS GOMES

Mas essa falsificação deixou vestigios, como todas. E' assim que, não só se percebe perfeitamente o registo inutilizado, como ainda o curioso póde ler, no livro de registos de casamentos da mesma egreja, da data a que se refere, este assentamento que invalida o do livro 11:

> «A 1 de Junho de 1840 casam-se Manuel José Gomes, viuvo por obito de Maria Innocencia, e Fabiana Maria, natural de Jundiahy, filha de Manuel José Cardoso e Francisca Maria de Jesus. Testimunhas — Padre Amaro Antunes da Conceição e Francisco Borges da Cunha.» (5).

E segue-se a nota de que houve dispensa do primeiro gráu de affinidade, proveniente de causa que o respeito ás conveniencias nos impede de escrever aqui.

Resumindo: Carlos Gomes nasceu antes de legitimar-se a união dos respectivos paes. O assento do livro 11 foi feito depois da morte de seus progenitores, e, por isso, não tem valia juridica.

E' falso e desnecessario, visto como nada lhe accrescenta á gloria.

Consideravam os fanaticos do *maestro* a bastardia cousa pejorativa só para os bastardos?

Mas, na Historia, ha uma lista enorme de filhos naturaes illustres, dos quaes mencionaremos alguns, dentre muitos citados numa edição da *Chronica medica*, de Paris, de par com outros de nossa terra.

Poetas e escriptores — Aristophanes, Erasmo, Boccacio, Aretino, Paulo Luiz Courier, Chamfort, Baif, Hégésippe Moreau, Delille, De Girardin, Alexandre Dumas Filho, Gerard de Nerval, Luiz Gama.

Guerreiros — Sforza, Thimotheo, Berwick, Vendôme, Dunois, Championnet, Lowendal, Monmouth, D. João de Austria, Mauricio de Saxe, Pizarro, Lespinasse.

Politicos — Jugurtha, Borgia, Morny, Charles Martel, padre Feijó.

Artista — Leonardo da Vinci.

Mulheres celebres — Heloïsa, Madeleine e Augustine Brohan, Mlle. Mars, Luisa Michel.

Sabios — Galileu, Cardan, D'Alembert, Demade, Bion.

E, por fim, sabe-se que a divina ascendencia de Venus, dada a Cesar, nada adiantou ao vencedor das Gallias; que as linhagens bombasticas attribuidas a Napoleão nada influiram no genio do homem das batalhas.

II

Nascido e creado nesta cidade, o pequeno *Tonico* aprendeu os rudimentos da divina arte com seu pae, velho e inflexivel mestre, que formou escola de musicos de renome.

Seria a infancia de Carlos Gomes a de todas as creanças de seu meio e estado, a não ser uma horrivel tragedia domestica que veiu ennodoar o lar de Manuel José Gomes.

Disto pouco se tem falado. Pudor, ou respeito, ninguem se referiu a este facto da vida do futuro *maestro*. Entretanto, parece-nos que elle veiu a influir na existencia de nosso biographando.

E é mesmo isso o que nos leva, a contragosto, a debuxar aqui a historia de um crime passional que lhe tocou de perto, e até a revolver as cinzas de um tumulo.

No anno de 1844, a Campinas do tempo, reduzida como era natural, contava em meio das ruas hoje Regente Feijó (onde morava *Manéco Musico*), e Marechal Deodoro, um brejo povoado de jurumbevas, o que deu ao actual largo Corrêa de Mello o nome de Jurumbeval.

Ora, no logar onde fica a rua José Paulino (antiga das Flores), entre as vias publicas nomeadas, havia enorme quantidade de rosas brancas, rosas silvestres, o que justificou a denominação dada a essa rua, aberta ao transito publico, nesse ponto, de 1854 a 1855.

Em parte desse brejo, a passagem de transeuntes abrira diversos trilhos.

Foi num delles que, na manhã de 26 de Julho de 1844, passantes raros acharam o corpo inanimado e ensanguentado

de Fabiana Maria Cardoso, mulher de Manuel José Gomes e mãe de Antonio Carlos Gomes. Fôra cosida a facadas, recebendo ainda tiros.

E' o que se vê do registo de obitos, no livro respectivo do archivo da Conceição, de 1819 a 1849, na data correspondente:

> « *Fabiana Maria* — Aos 25 de Julho de 1844 falleceu assassinada com tiro e punhalada, e por isso sem Sacramento, Fabiana Maria, de 28 annos de edade, casada com Manuel José Gomes. Encommendada solennemente, jaz no cemiterio. » (6).

O facto causou, de certo, grande impressão no espirito publico. A policia poz-se em campo, tanto assim que, num jornal coevo, o *Governista*, de S. Paulo, se encontra o seguinte:

> « Delegacia de Campinas — Sub-delegacia da cidade, 28 de Julho de 1844. — Procedeu-se a corpo de delicto no cadaver de Fabiana Maria, achado em uma das ruas da cidade, com varias facadas. » (7).

Qual o movel do delicto? Quem seu autor?

Aqui os documentos falham e só podemos achar, a respeito, informes da tradição, aliás divergentes, sobre o triste assumpto.

Certo é que o caso foi commentado *urbi* e *orbi*; teve repercussão por toda parte, e a piedade popular ergueu uma cruz no logar do assassinato, mais ou menos, dizem-nos, á esquina da rua General Osorio, á entrada do largo Carlos Gomes.

Fabiana Maria fôra infiel ao esposo, concerta a maioria das opiniões. E seu tragico trespasse era a resultante da vingança conjugal.

Houve pessoa que affirmava ter visto Manuel José Gomes, na manhã do crime, entrar em casa e lavar as mãos manchadas de sangue.

Outros affirmam que uma senhora da alta sociedade, sabendo seu marido apaixonado pela victima, da noite de 25 de Julho mandara exercer nella vindicta, mercê de um escravo.

E até se apontam os nomes dessa matrona, de seu esposo e desse famulo. Como, porém, outros se referem a nome de differente seductor, o ponto não é liquido.

Parente de *Manéco Musico*, certa vez, garantiu-nos que este era innocente do attentado, a cuja autoria refugira mediante um *alibi*, chamando á responsabilidade quem o denunciara como autor da morte. (8)

Tal juizo é suspeito, por sem duvida. Mas não é o crime o que nos guia, e sim suas consequencias para o estudo do caracter de Carlos Gomes e de sua obra futura.

Têm ellas origem na anecdota que passamos a referir, e é rigorosamente historica:

A madrinha de Carlos Gomes, Maria da Candelaria, pobre velhinha, que falleceu aos 94 annos de edade, em nossos dias, residia ao tempo na rua hoje denominada Padre Vieira, aberta para o campo logo após a rua das Campinas Velhas, depois S. Carlos e agora Moraes Salles.

O pequeno *Tonico*, ainda na infancia, costumava frequentar-lhe a casa, ahi permanecendo dias e dias.

E até se conta que, tendo apparecido em Campinas, por essa época, as primeiras botinas de elastico, o futuro artista, arrancando esse elastico, com elle fazia pequenas violas, que dedilhava prazenteiro. (Ainda não ha muito dito brinquedo era conhecido dos mininos). E é curioso fixar esse primeiro surto da lyra, que havia de pulsar tão forte annos mais tarde. E' o vôo de ensaio do futuro autor da symphonia do GUARANY e do 3.º acto do CONDOR.

Ora, um dia, *Tonico* tinha ido para o campo, nas proximidades da casa da madrinha, e a logar onde se erguiam barrancos altos. Por lá se demorara horas e horas.

De repente, asssustado, torna a casa e entra ás pressas, com os cacheados cabellos revoltos, a gritar.

— Eu vi *Nha Biana! Eu vi Nha Biana!* dizia, estropiando o nome ma-

GRUTA DA PRAÇA CARLOS GOMES

terno, com um diminutivo peculiar ás creanças. E ella me disse que foi meu pae quem a matou!

E dava informes: vira o espectro da desventurada mulher e particularizava suas feições, de fórma perfeitamente exacta.

D. Maria da Candelaria objectou-lhe que elle talvez tivesse adormecido num dos barrancos, e, assim sendo, a visão não passaria de um sonho.

Disso se convenceu o minino, mas nunca olvidou a occorrencia.

Trinta, ou quarenta annos passados, em Campinas, no meio dos seus, elle repetia a historia extraordinaria dessa visão, attribuindo-a muito naturalmente a uma allucinação que o impressionava ainda, affirmava, e que devia provir da emoção causada em seu espirito infantil pela tragedia do largo Jurumbeval.

O que elle não dizia era a influencia desse sonho, visão ou allucinação em sua vida artistica.

Nós a diremos adeante.

III

Lancemos agora rapida vista pela existencia do joven *Tonico* ainda em sua terra natal, no acanhado do meio em que nasceu.

Feitos os estudos primarios e rudimentares, discipulo de musica de seu pae, de quem era o predilecto, não tardou a figurar desde cedo na corporação musical de *Manéco Musico*, e nella, muitas vezes depois o substituiu como regente. Cantava nas egrejas.

A principio tocara triangulo (ferrinhos) e flautim, como diz o dr. Quirino dos Santos, em trabalho acerca do *maestro*. Já crescido, ia dar licções de piano pelas fazendas, o que o tornou estimado no seio das melhores familias campineiras da época. (9). De volta, devorava *partituras* de *operas*, lia e relia os classicos, — continua o grande poeta das ESTRELAS ERRANTES — e compunha quadrilhas, tangos e *modinhas*, das quaes algumas chegaram até nós.

Quando a banda saía para tocar em festas do interior, Carlos Gomes a acompanhava, e isto tambem lhe deu nomeada em varias cidades da então provincia de S. Paulo.

Conta o dr. Luiz Guimarães (BIOGR., pag. 20) como, aos 15 annos, compoz Carlos Gomes uma bonita marcha sobre motivos do TROVADOR, de Verdi, *spartito* recentemente apparecido (10).

O TROVADOR, é sabido, foi representado pela primeira vez em Roma, aos 17 de Janeiro de 1853. Portanto, o *maestrino* tinha mais de 15 annos. Não importa. Era esse seu trabalho de maior vulto até então, a julgar pelo que diz e ouviu do proprio biographado.

O digno de nota é a impressão recebida pelo compositor, em embryão, ao conhecer a *partitura* com que Verdi musicou o *libretto* de Cammarano sobre um drama hespanhol de Antonio Garcia Gutierrez.

Tempos felizes, da mininice e adolescencia até a juventude, nesse periodo que vae dos oito aos vinte e tres annos de edade, elles os passou como passam os rapazes amimados, cheios de vontades.

E Carlos Gomes, desses dias nada esquece. Veja-se, para exemplo, sua carta de 1894, a seu grande amigo José Emygdio Junior (o *Emygdinho*), missiva transcripta por outro biographo, dr. José de Campos Novaes, num perfil do *maestro*. (11).

Como se lê na *Aurora Campineira*, n. 48, de 9 de Janeiro de 1859 (12), nosso conterraneo illustre, de sociedade com Ernest Maneille, havia aberto uma aula de piano, canto e musica, que começara a funccionar na segunda-feira, 22 de Dezembro transacto, em casa de Antonio Ferreira Cesarino, aos preços, pagos adiantadamente, de 5$000 por licções de canto, 6$000 por licções de piano e 10$000 de piano e canto.

A sociedade foi logo dissolvida, conforme annuncio em outro logar do jornal, mesma edição, continuando Gomes a ensinar sósinho.

Mas, ainda nesse anno de 1859, devia decidir-se o destino do grande musico.

Sabe-se que, ao tempo, Sant'Anna Gomes e Carlos Gomes, haviam resol-

vido dar um concerto publico, e o annuncio dessa festa artistica, a realizar-se no theatro *S. Carlos* vem inserto na *Aurora*, n. 51, de domingo, 17 de Abril de 1859. (13).

Vamos resumir-lhe o programma, da maneira seguinte:

Esse *Concerto instrumental*, — «grande concerto de rabeca e clarineta com acompanhamento de piano, por José Pedro de Sant'Anna Gomes, Antonio Carlos e o Snr. Henrique Luiz, por obsequio», — era composto de duas partes, com intervallo de 15 minutos. Cada uma dellas compunha-se de tres numeros.

Na primeira seriam executadas as peças: 1) *Introducção e thema*, de A. Lamelli, em clarineta, por Henrique Luiz; 2) *Fantasia sobre as arias negras*, de L. Helena, em violino, por Sant'Anna Gomes; 3) *Fantasia sobre a alta noite*, de Carlos Gomes, por Henrique Luiz.

Na segunda: 1) *Variações sobre motivo da opera* NORMA, de D. Allard, violino, Sant'Anna Gomes; 2) *Fantasia sobre motivo da opera* ERNANI, de Domenico Mirko, clarineta, Henrique Luiz; 3) *Souvenir de Haydn*, de C. Leonard, violino, Sant'Anna Gomes.

O concerto devia ser no sabbado de Alleluia, que caiu a 23 de Abril daquelle anno.

Ora, por esse tempo, em que era grande o predominio da classe academica de S. Paulo, conta-nos o dr. Almeida Nogueira (14), costumavam os estudantes campineiros, entre os quaes se notavam os futuros bachareis João Gabriel de Moraes Navarro e João Ataliba Nogueira (o venerando barão de Ataliba Nogueira), trazer para Campinas os collegas de turma, a de 1855-59, a passar as férias e os dias santos.

Entre outros, aqui vieram Antonio Dias Novaes, que, chegado num dia 6 de Setembro, casou-se a 9 com D. Maria Thereza de Paula, filha do tenente-coronel José Francisco de Paula, importante fazendeiro local, e regressou a 10 para S. Paulo (15), e Francisco Azarias de Queiroz Botelho, mineiro, bom estudante e bom musico, que foi um dos adivinhadores do genio de Carlos Gomes.

Conhecera-o por occasião da Semana Santa de 1858, ou 1859, segundo o dr. Almeida Nogueira.

E' mais provavel que fosse em 1859, quando se effectuou o sarau artistico de que acima transcrevemos o prospecto.

Relacionado com o futuro *maestro* — continua o saudoso chronista, — e tomado logo de apaixonada admiração pelo talento musical de Carlos Gomes, Azarias convidou-o insistentemente para ir dar concertos em S. Paulo.

Desse convite derivou-se a ida dos dous irmãos Gomes para a capital, onde Azarias Botelho se fez o braço direito de ambos, facilitando-lhes o aposentamento, arranjando local para o concerto, passando os bilhetes e fazendo a precisa *réclame*.

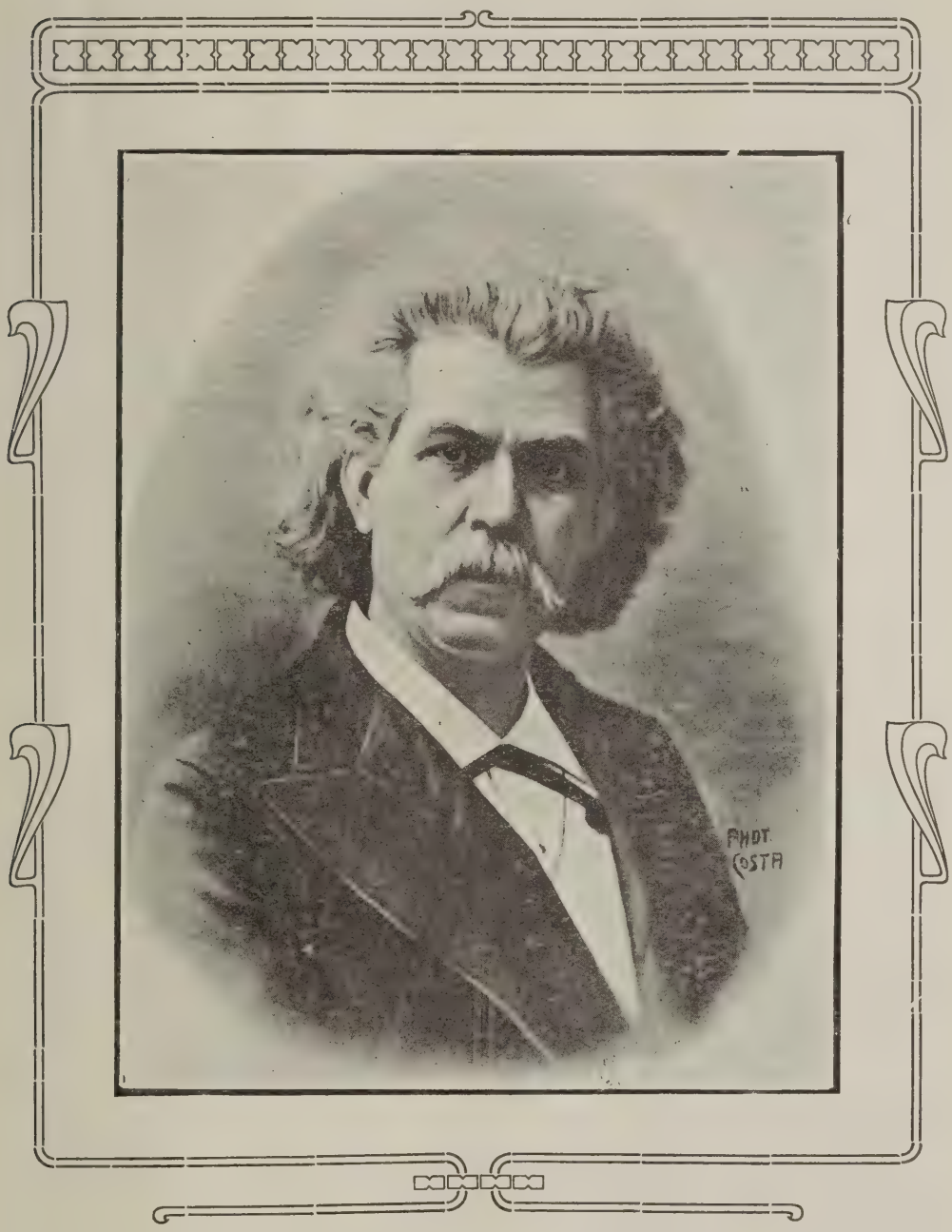
Diz o dr. Luiz Guimarães (BIOGR. pag. 24), que o «primeiro concerto foi no theatro classico de S. Paulo», que seria o velho e historico theatrinho da *Opera*, no pateo do Collegio, onde hoje se ergue a Secretaria da Fazenda, pois o *S. José* foi começado em 1858 e só concluido em 1864, embora nelle já se representasse quatro annos antes d'isto. (16).

Mas o dr. Almeida Nogueira, escrevendo em S. Paulo e com audiencia de contemporaneos, assegura que o certamen se havia effectuado no salão do *Hotel da Italia*, recentemente fundado por José Maragliano, e que passou a ser o *Hotel de França* de nossos dias (rua Direita, n. 49).

Esta versão deve ser acceita como a exacta.

Exactos da mesma fórma, aliás, são os demais pormenores que se encontram no livro do dr. Luiz Guimarães, em relação ao enthusiasmo que Carlos Gomes despertou entre os estudantes de uma turma que contou, além dos referidos, Couto de Magalhães, Martins Pereira, Bittencourt Sampaio, autor da letra do *Hymno academico*, e outros intelligentes moços, que se notabilizaram nas sciencias e nas letras.

Não menos verdadeiras são as paginas vibrantes de emoção com que o



CARLOS GOMES,

na velhice.

grande poeta relata a ida do grande campineiro para o Rio, e do Rio para a Europa, onde a gloria esperava o filho de recanto desconhecido de um paiz remoto.

Não é nosso fito acompanhar-lhe a gloriosa carreira artistica. Só deixaremos aqui consignado que a partida de Carlos Gomes para a então capital do Imperio, via Santos, se deu a 20 de Junho de 1859, data pouco sabida mas importante para a historia do *Tonico* de Campinas.

IV

Carlos Gomes foi. Fez-se grande, tornou-se immortal com o GUARANY.

Todas as trombetas da Fama clangoraram em seu louvor. Seu estro viu-se unanimemente acclamado.

Saudemos, pois, o genio que se revela, e continuemos a tratar do homem, que pouco se estudou.

Seus ultimos biographos, pelo menos os que conhecemos, tiveram por norma endeusar o venerando monarcha D. Pedro II, que protegeu o *maestro*, e os homens do regimen extincto, e atirar anathemas sobre a Republica, que o desamparou, e os corypheus da actual fórma de governo.

Despeito de viuvos do systema politico decaido, ou rhetorica indigena em acção, seus assertos passaram em julgado e talvez a Historia os acolhesse.

Não é, certamente gloriosa tarefa atacar a Monarchia, que se não defende, ou apotheosar a Republica, que tem tantos erros.

Mas, como não é razoavel tambem acceitar tantos doestos sem critica, devemos passar em revista o que ha de verdade nos louvores e nas censuras, pése isto a quem pesar.

Restabelecer essa verdade é um dever, maximé depois que alguns trechos das memorias de um illustre brasileiro, transcriptas na *Revista do «Centro»*, vieram lançar luz sobre factos desconhecidos talvez dos biographos a que acima alludimos (17).

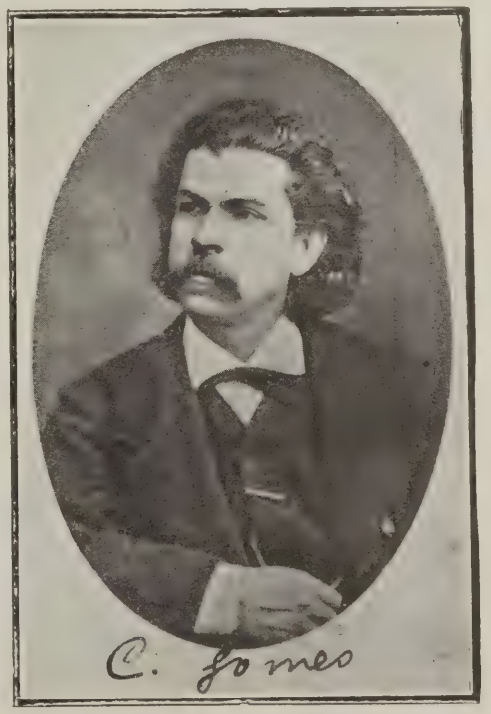
Esse homem notavel, competente, insuspeito, foi o dr. André Rebouças, um dos maiores affeiçoados ao monarcha e á monarchia, a ponto de morrer de morte mysteriosa, após o 15 de Novembro, num exilio voluntario, longe da Patria que amara, quiçá deslembrado pelos antigos companheiros.

D. Pedro II, resalta dos documentos, estimou e admirou Carlos Gomes; deu-lhe meios de patentear o genio extraordinario. Mas não foi o unico. Carlos Gomes, diz o dr. Luiz Guimarães, viveu no Rio com uma pensão paterna, 30$000 mensaes (18). Para entrar no *Conservatorio* valeu-se da recommendação do conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira (BIOGR., pags. 29-34).

Só mais tarde, para ir a Europa, é que obtém uma pensão do governo imperial, pensão temporaria. E esse governo, politiqueiro tanto quanto o republicano, nada mais fez pelo autor do GUARANY.

Não nos desmente, a nós, quem o negar. Desmente, sim, ao eminente engenheiro cujo nome declinamos.

Vejam-se suas memorias.



(quando veiu a Campinas, sendo já autor do GUARANY).

Em 1870, logo após seu regresso, Gomes triumphante e glorioso lucta com difficuldades financeiras.

Para pôr em scena sua primeira opera, teve que recorrer a emprestimos.

O imperador contribue com 10.000 francos (então cerca de Rs. 5:000$000), que depois lhe perdôa. Mas tambem particulares concorrem com auxilios, principalmente pessoas de Campinas. E entre elles é dever relembrar Joaquim Polycarpo Aranha (barão de Itapura), Francisco Teixeira Villela e, mais do que todos, o irmão do *maestro*, José Pedro de Sant'Anna Gomes.

Continuemos a ouvir o dr. André Rebouças.

Com esse patricio illustre, em vão Carlos Gomes sollicita do governo imperial uma nova pensão de 1.000 francos, para segunda viagem á Europa

Faltam-lhe 7:000$000 ainda para pagar a Sant'Anna Gomes despesas feitas com a montagem do GUARANY em Milão.

O ministro, conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, não póde conceder-lhe o dinheiro. E o *maestro*, ao partir para o Velho Mundo, declara dever a Sant'Anna Gomes as maiores demonstrações de amizade,—além do avultado emprestimo para a representação da opera, mais 360 libras com que embarcava.

E Gomes, prosegue o dr. André Rebouças, passou no Rio de Janeiro, nessa occasião, vida modesta, em quarto emprestado e economizando até no vestuario.

O imperador, como dissemos, perdôa-lhe os 10.000 francos; com o producto de um beneficio saldou Carlos Gomes outras dividas.

E, citemos textualmente: «Sem as 360 libras de seu irmão, teria de ser condemnado a vegetar nesta terra de Botocudos e de Aymorés, sem generosidade, sem nobreza, só capaz de villania e de inveja».

O trecho é de 23 de Janeiro de 1871, escripto, portanto, 18 annos antes da proclamação da Republica, que *abandonou Carlos Gomes*.

Ouçamos, agora, o dr. Silio Boccanera Junior, distincto polygrapho bahiano e grande admirador de nosso conterraneo (19).

Em 1883, diz elle, Alfredo d'Escragnolle Taunay, o estimavel visconde de Taunay, fundamenta na Camara dos Deputados um projecto de lei que concede a Carlos Gomes, durante cinco annos, a pensão de 400$000 mensaes.

Graças á boa vontade do imperador, que apoiou a idéa, affirma o biographo, o projecto passou, e S. M. disse ao visconde de Rio Branco, ao assignar o decreto:

—Eis uma lei que assigno com a mais viva satisfação!

Mas, logo, declara dr. Silio Boccanera: «Ignoramos si a referida lei teve effectividade, apesar de sanccionada», e termina allegando que tambem não a teve o decreto do governo que autorizara a despesa de 80:000$000 para enscenação do GUARANY na exposição de Chicago, naturalmente a de 1893.

Não é tudo. O mesmo escriptor narra que na subscripção aberta pelo *Jornal do Commercio*, em 9 de Outubro de 1889, para creação de um patrimonio destinado aos filhos de Carlos Gomes, D. Pedro II assignara 1:000$000.

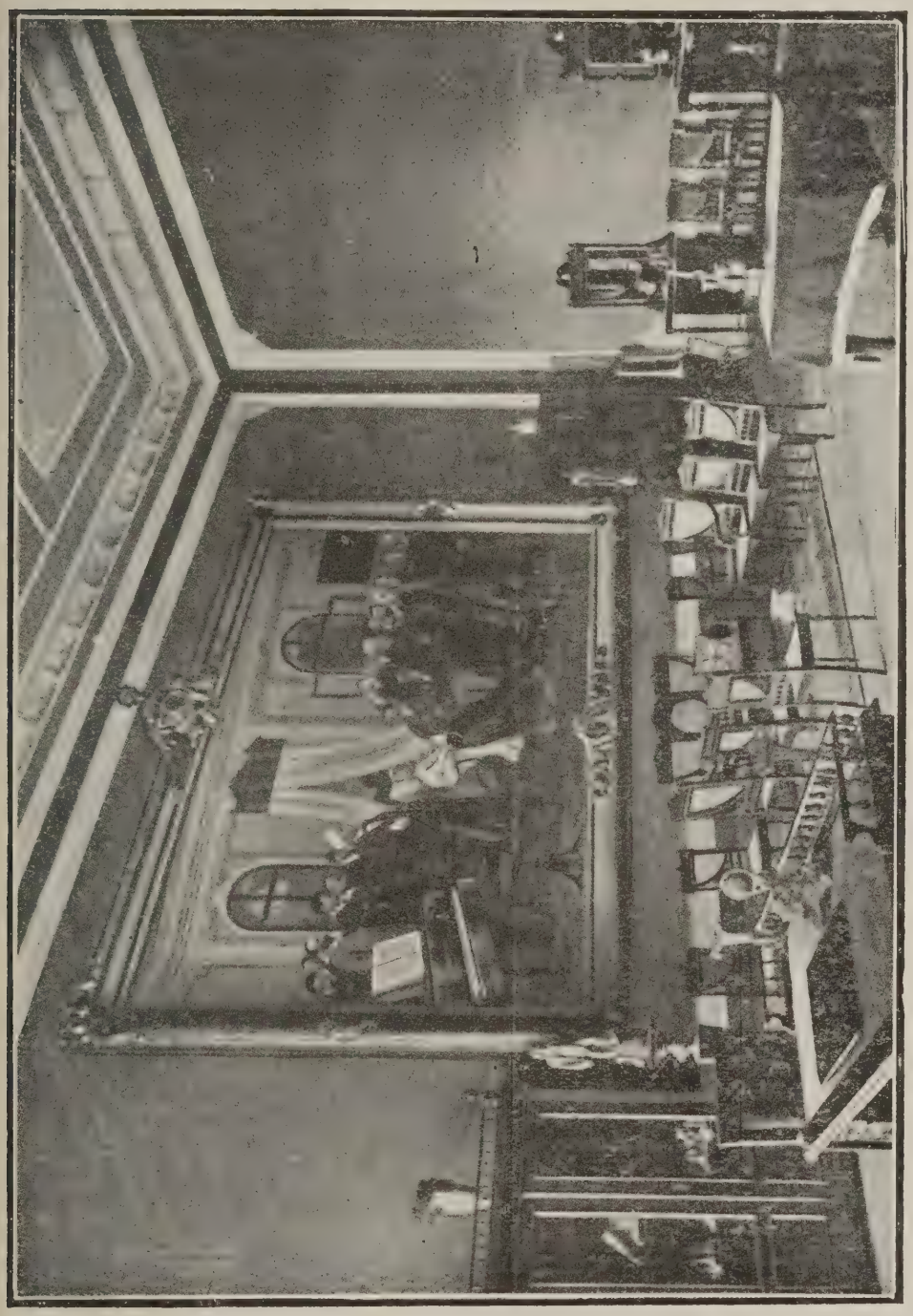
Accede, porém, não saber o resultado e applicação da quantia.

Leiamos outro. E' o extincto Carlos Ferreira, jornalista e poeta (20):

«Um unico recurso lhe restava, além dos extraordinarios, que particularmente lhe prestava seu bom e dedicado irmão Sant'Anna Gomes: era pedir ao governo a *renovação* de sua mesada, de maneira a livral-o de sérios apuros e garantir-lhe a tranquillidade de animo para o trabalho, de que tanto carecia.

Deu-se isto de 1887 a 1888, periodo em que começou para o autor do ESCRAVO a infernal crise aguda de suas finanças.»

«Isto causou arruido, prosegue o autor das ROSAS LOUCAS. Mas veiu a sedição militar que deu em resultado a Republica (1889), e com ella a suspensão dos auxilios imperiaes prestados ao grande *maestro*.»



ULTIMOS MOMENTOS DE CARLOS GOMES.

quadro do pintor De Angelis, no gabinete da Intendencia de Belém do Pará.

Esse auxilio, o biographo o faz entender paginas adiante, era de 150$000 mensaes.

Ora, discutamos um pouco. Essa quantia era a da primeira pensão dada a Carlos Gomes para estudar na Europa durante quatro annos (1863). Já em 1870 elle arca com difficuldades, que o governo não supera.

Taunay (1873) propõe que se lhe dêm 400$000 mensaes, durante cinco annos, mas não se sabe si a lei respectiva teve execução.

De 1887 a 1888, vem o *maestro* pedir *renovação* de sua mesada, em virtude de crise financeira, o que prova que essa pensão já não existia. Não se sabe si foi renovada, mas tem-se certeza de que o governo republicano a cortou, depois do dia 15 de Novembro.

Muito bem. Gomes merecia, ou não, essa mesada? Si a merecia, como é que o governo imperial, protector das artes, a supprimiu? Si não a supprimiu, como se explicam as crises do *maestro* em 1870-71 e 1887-88? Si a protecção desse mesmo governo o amparava, para que a subscripção de 1889, além de outras anteriores?

E' facil atirar pedras ao regimen republicano. Mas os que o fazem esquecem-se de que o monarchico (está visto que falamos em relação a cousas de arte) tambem não conta menos culpas.

Ao tempo dos embaraços pecuniarios de nosso grande *maestro*, a monarchia não foi em auxilio de José Lino Fleming, esforçado compositor mineiro, cujo nome desappareceu; não protegia Julio Cesar Ribeiro, paráense esforçado e authentico inventor dos primeiros dirigiveis; e deixara no olvido ha muito Henrique Alves de Mesquita, musico de renome, autor do VAGABUNDO e do ALI-BABÁ, pensionado em Paris e abandonado, aliás com razão, após um processo escandaloso, o que não justifica, entretanto, sua acintosa exclusão de uma lista de professores agraciados, na *Escola de Bellas Artes* e no *Conservatorio* do Rio, em 1879.

Pois, si esse governo, insistamos, era um dedicado cultor das bellas artes, porque deixou morrer a *Opera nacional*, que tinha creado? porque não instituiu o theatro brasileiro?

Elogial-o e deprimir seu successor, é facil, repetimos. Mas não é justo.

Palavras, palavras, palavras, conforme a Shakespeare pela bocca de Hamlet.

V

Não é, porém, razoavel tambem occultar que a Republica deixou de fazer pelo nosso biographando o que podia e devia fazer.

Pelo que verifica quem estuda desapaixonadamente os documentos, as relações de Carlos Gomes com o novo governo não foram amigaveis, de inicio.

Diremos porque.

Carlos Gomes não era politico. Tinha uma veneração justificada pela pessoa de D. Pedro II, «cuja protecção generosa se gloriava de haver recebido», confessa-o elle na dedicatoria do SCHIAVO á princeza D. Isabel.

E essa veneração era tão grande que, contava o dr. Cesar Bierrenbach, quando D. Pedro se achou enfermo na Europa em Milão (1888), Carlos Gomes, que ali organisou um grande concerto em homenagem ao monarcha, não saía do hotel onde S. M. era hospedado.

Isto, continúa o eloquente orador campineiro, desagradava aos áulicos, que trataram de afastal-o do leito do soberano.

Carlos Gomes não desanimou; ia por noticias do augusto combalido, e, certa vez, passou a noite em claro, no vestibulo do hotel, quando o estado de D. Pedro se aggravou, em Maio.

Mais ainda. Ao saber, num banquete que lhe davam em Campinas, numa casa de familia distincta, da proclamação da Republica, entristeceu e exclamou, referindo-se ao imperador:

— Pobre velho!

Não admira, pois, que ao convite do Governo provisorio, para escrever o hymno da Republica, respondesse laconicamente — *Não posso*, consoante affirma Paulino de Brito, citado pelo dr. Silio Boccanera Junior.

D'ahi a dizer-se que, por esse facto, o governo republicano lhe votasse odio e o guerreasse, contrapondo-lhe Leopoldo Miguez, vae uma grande distancia, que só o despeito póde preencher.

O Provisorio, encarregando Gomes da composição do hymno cumpria um dever em relação ao maior musico do paiz e do continente. Gomes, recusando o convite, cumpria, a seu turno, um dever de gratidão.

Que poderiam fazer os dirigentes do Brasil? Obrigar o *maestro* a escrever o hymno seria um absurdo. Abriu um concurso, e por isso não póde merecer censuras.

Resta a pensão. O governo imperial, como vimos, mais de uma vez lh'a recusou. Não se condemna esse governo. O governo republicano não lh'a concede. Os biographos aggridem a Republica.

«Os outros (companheiros de Deodoro), diz Carlos Ferreira (pgs. 185-86), ministros do chamado Governo provisorio, com excepção de dous sómente, o dr. Benjamin Constant e o sr. Quintino Bocayuva, não tinham orientação alguma literaria e artistica, nenhum preparo que os habilitasse a comprehender a necessidade, como prova de amor ao progresso e á civilisação, de concorrer para o desenvolvimento da intellectualidade e do espirito publico, logo no começo da Republica.»

Causa pasmo esta injusta apreciação a quem sabe que faziam parte desse governo, além dos cidadãos citados, Demetrio Ribeiro, formado, diplomata, musico, pianista emerito, substituido por Francisco Glycerio, companheiro de luctas do autor das Rosas Loucas; Campos Salles, formado, jornalista, publicista, tambem companheiro de Carlos Ferreira; e Ruy Barbosa, o maior expoente da mentalidade brasileira!

E foi assim que se fez a biographia do glorioso *maestro*.

Entretanto, na Republica, é o governo federal que o nomêa membro da commissão brasileira na exposição de Chicago (1892-93); é o governo de S. Paulo que lhe vota uma pensão de Rs. 200$000 mensaes, revertida em 500$000 mensaes, para cada um de seus dous filhos: ao primeiro (Carletto) até completar 25 annos; e ao segundo (Itala) até seu casamento, em que receberia o dote de 30:000$000 (21); é o do Pará que o chama para seu *Conservatorio*.

Ainda esses governos fazem pomposos funeraes a Carlos Gomes, dispendendo o de S. Paulo, para isso, cremos, cerca de Rs. 200:000$000.

Resumindo ainda e recapitulando, diremos que não nos sorri a gloria de atacar a monarchia extincta, nem temos a obrigação de defender a Republica vigente.

Mas, como nos revolta a injustiça da critica, o *parti-pris* dos biographos apaixonados, mantemos, até prova documental em contrario, o que foi dito: ou Carlos Gomes não merecia os auxilios que lhe foram negados no Imperio e na Republica (e contra isso protestam seus admiradores), ou os merecia, e, nesse caso, de egual censura são passiveis os governos imperial e republicano, que não o soccorreram.

Mas haverá, realmente, culpa nesses governos?

Não, por certo. Além de uma razão que expenderemos de seguida, a culpa do desastre de Gomes provém de nossa anarchia mental, de nossa falta de cultura artistica, de nosso exaggero em crear e desfazer meritos, de nosso desprezo pelos homens e cousas da terra, em favor de tudo quanto é forasteiro.

Erro de latinos, erro de sentimentalismo, falta, principalmente, de nativismo, que abandona o que é nosso e prestigía o que é extranho, como se póde verificar contemporaneamente com o culto prestado aos que vinham *fazer a America*...

VI

Liquidada essa irritante questão de dinheiro na vida de um homem do idéal, falaremos das calumnias que foram assacadas a Carlos Gomes durante sua attribulada existencia.

Essas accusações nôl-o mostraram como jogador, perdulario e até falto de patriotismo.

PRAÇA BENTO QUIRINO,

a cuja entrada se acha a estatua do *maestro* campineiro.

Certo é que todas ellas foram rebatidas, com mais ou menos vigor e efficacia, e, si nos detemos neste passo, é apenas para desfazer enganos de outros biographos.

Dá a perceber o dr. José de Campos Novaes (22) que, ao tornar Gomes para o Brasil, em 1889, «por uma fatal coincidencia, a revolução sobreveiu justamente quando elle se achava entre nós.

«A atmosphera de malevolencia que o envolveu desde sua chegada, explodiu aqui em Campinas, e nessa mesma occasião.»

E continúa dizendo que o alcunharam de *renegado*, enviaram-lhe uma carta anonyma, tudo isso argüindo a «alma brasileira» que escrevera o GUARANY (1870) e o SCHIAVO (1888).

Gomes saíu da cidade a cavallo, inesperadamente; foi embarcar em Vallinhos, «como si fosse um criminoso que necessitasse de uma justificação publica.»

Essa repulsa á calumnia elle a deu, não só pelo consulado de Genova, como declinando da honra de acceitar uma cadeira no *Conservatorio* de Pesaro.

Pois bem. O facto das censuras é perfeitamente exacto, bem como sua partida de Campinas e a defesa com que desfez a calumnia.

O que, porém, merece corrigenda é a data dos acontecimentos.

Garlos Gomes (e desafiamos qualquer contestação neste sentido) foi accusado de haver-se naturalizado italiano, mas em 1880, quando em Campinas.

A carta anonyma foi posta na residencia de Sant'Anna Gomes, onde elle então se hospedava, á rua de S. Carlos (Moraes Salles), esquina da rua Lusitana (General Carneiro).

Sua retirada de Campinas deu-se, parece-nos, em Setembro.

Nem podia ser de outro modo, pois a certidão do consulado de Genova a que se allude, é datada de 15 de Maio de 1882 e assignada pelo dr. Cesar Persiani, que occupava o cargo de consul.

E outra prova de que em 1889 ninguem o guerreava é que, na celebre passeata das senhoras de Campinas a S. Paulo, após a proclamacão da Republica, foi Carlos Gomes grandemente acclamado pelos campineiros, que, do prestito, o viram á janella de um hotel da capital. E o affirma quem estas linhas escreve, e ia com os manifestantes, *quorum pars minima fecit*.

Carlos Gomes não foi um jogador, no sentido lato da palavra. Não foi um profissional; e si, o fosse, não teria deixado a obra que deixou, pois o jogador é geralmente esteril.

Entretanto, ha noticias de grandes perdas que teve ao jogo, vicio hereditario, na massa de sangue que o formou.

Sem precisar mais factos contemporaneos a respeito, por assás conhecidos, destacaremos um apenas, mas caracteristico.

Quando Manuel José Gomes, para livrar-se da imputação de uxoricidio, invocou em seu favor um *alibi*, como dissemos, esta defesa se constituiu de sua declaração de que «passara a noite do crime numa casa de tavolagem.»

E, por isso, faz-nos sorrir a asseveração de Lessa Paranhos, amigo de Gomes, citado pelo dr. Silio Boccanera (pg. 63), de que o *maestro* nunca tocara numa carta de jogo.

E mais ainda a phrase digna de um campeão mediévo:

«Chi questa voce sparse ha mentito per la gola!»

Quanto a ser perdulario, haveria muito que dizer, si nos sobrasse espaço.

Faremos, pois, em synthese, nossa apreciação em referencia ao argüido.

Carlos Gomes, homem genial, foi sempre despido de senso pratico.

Na *première* do GUARANY (19 de Março de 1870), entre bastidores, céde os direitos de autor sobre a opera por 6.000 liras, o mesmo valor em francos, pelo qual Victor Hugo (outro homem genial, mas pratico, tanto que morreu quatro vezes millionario) cedera os do HERNANI (23) na distancia de quarenta annos, 28 de Fevereiro de 1830.

«Elle proprio costumava dizer que *não sabia contar* (Silio Boccanera, pgs. 60-61); sua incapacidade como financeiro era proverbial.

Chegou a empenhar joias para poder emprestar dinheiro a compatriotas, que dessa generosidade abusaram até! »

Porém, ainda fez mais. Construiu, perto do lago de Còmo, uma vivenda, a *Villa Gomes*, ahi dispendendo muito. Tambem não houve brasileiro em viagem pela Italia, a quem não hospedasse fidalgamente, de maneira a tornar sua casa numa hospedaria.

Assim havia feito em França, annos antes, outro mestiço genial, Alexandre Dumas, estabelecendo a famosa *Villa Monte-Christo*, de nababesca memoria. (24)

Mas *Villa Gomes* e *Villa Monte-Christo* dissolveram-se do mesmo modo, em formidavel *crack*.

Comprehende-se, pois, que para Gomes, tanto quanto para Dumas, não haveria Creso que valesse, dinheiro que fartasse...

Está ahi a razão, a que acima nos referimos, do supposto abandono em que os governos do Imperio e da Republica deixaram Carlos Gomes.

Pobre *maestro!* Não nascera para especulações financeiras. Fôra despido do senso pratico, que revestiu Shakespeare, no seculo XVII, e Victor Hugo e Verdi, no seculo XIX.

Os biographos, não querendo descobrir-lhe esta falha, voltaram-se contra os menos culpados da catastrophe.

E' verdade que Carlos Gomes, não desejando, ou não sabendo achar em si mesmo os germens de seu desastre, procurava longe o que estava perto.

Disso lhe provêm as queixas, as amarguras; e estas phrases suas, numa carta que escreveu a Taunay, em data de 19 de Outubro de 1890, e que formam a melhor defesa daquelles a quem accusa :

« No tempo do Imperio nada obtive do governo; muito menos espero do governo actual. » (Silio Boccanera, pag. 29.)

D'isso provém-lhe, finalmente, o azedume contra patricios, empresarios e editores, do que ha noticia que farte.

VII

Vamos, por ultimo, estudar o homem em suas relações affectivas.

Não ha tradição de amores seus na terra que bem cedo deixou. Voltado para a arte, talvez pouco tempo lhe sobrasse para tanto.

Na Italia, em Milão, onde era popularissimo, conta o dr. Cesar Bierrenbach, que as moças o admiravam, exclamando ao vêl-o passar para o *Consertorio :*

— *Che bello indiano* !

Por sua vez, o dr. Silio Boccanera (pg. 263), narra que Carlos Gomes ao ver, na Bahia, o proprio retrato na *partitura do* GUARANY, edição de 1870, dissera :

— Vejam que rapaz de gosto, que rapaz de truz está aqui!

Foi causa de muitas moças bonitas ficarem de cabeça tonta!

Mas tudo isso não passaria de simples *flirt*.

O decisivo de sua vida foi o casamento com Adelina Peri Gomes, casamento infeliz, dizem Carlos Ferreira e Silio Boccanera; casamento que o imperador, parece, reprovou, diz o dr. André Rebouças.

Porque S. M. era contrario ao consorcio dos artistas, como observou a Almeida Junior, *si vera est fama*. Mas, tendo razão no que respeita ao cantor do GUARANY, não a teria em relação ao autor dos *Caipiras negaçeando*, celibatario tragicamente desapparecido.

De maneira singular começara o amor de Gomes áquella que devia ser-lhe esposa, condiscipula sua no *Conservatorio*, diz o dr. André Rebouças.

Adelina era filha de Francisco Peri, negociante de Bolonha, arruinado com as guerras para a libertação da Italia, e de sua mulher Gertrudes Rosa Peri.

O casamento do *maestro* foi realizado na egreja de S. Carlos, em Milão, a 16 de Dezembro de 1871, e desse consorcio houve tres filhos : Carlota, fallecida em tenra edade de (1872); Andréa Carlos Gomes (*Carletto*), nascido em 1873; e Itala Maria Anna Gomes, nascido em 1879, hoje casada e residente no Rio.

MONUMENTO A CARLOS GOMES,

pelo esculptor Bernardelli, inaugurado em 2 de Julho de 1905, na Praça Bento Quirino.

Quanto á esposa do *maestro*, assim se expressa o dr. André Rebouças, em 1873 (25):

«Figura ter de 25 a 28 annos de edade; muita intelligencia, uma irradiação geral de bondade e de amor infinito a Carlos Gomes; cabellos negros, olhos pretos, com fundo azul, á brasileira, dentes de rara belleza, cutis alva, estatura média, voz dulcissima, italiana.

Ao vêl-a ao lado do caboclo Gomes, sempre impaciente e de mau humor, dir-se-ia uma ovelha ao lado de um leão! Raras vezes Carlos Gomes tem um accesso de jovialidade: é, então, muito franco e expansivo.

A Adelina tem sempre o sorriso nos labios e lagrimas promptas ao menor sentimento terno.»

Recitava bem, como se deprehende de outra informação do notavel engenheiro. Era uma senhora distincta, excellente pianista, depõe Adda Bonner, illustre cantora citada por Silio Boccanera.

Porque, pois, esse casamento se tornou infeliz?

Remontemos ao crime passional de que foi victima Fabiana Maria; ao sonho, visão, ou allucinação do minino *Tonico* de Campinas, e está encontrada a chave do mysterio.

Carlos Gomes, — conforme fala o dr. André Rebouças (26), tendo desprezo pelo sexo feminino e por idéal o sultanismo do Oriente, era ciumento sem amor, isto é, tinha o peor dos ciumes, o ciume dos mestiços, ciume ainda augmentado pelo que, na infancia, conhecera da vida de seu pae.

Isso explica seu referido mau humor, augmentado ainda pelas difficuldades de dinheiro.

Depois, por um phenomeno verificado nos ciumentos desta especie, começou a abandonar a esposa, encerrando-se a trabalhar dias e noites seguidas, em compartimento separado do resto da familia, consoante nôl-o referem pessoas de sua intimidade.

O horror de ser trahido, disse-nos o dr. Cesar Bierrenbach, levou-o a desconfiar injustamente da esposa.

Mais tarde, conta-nos Lafayette Egydio, serenada a tempestade, o proprio Gomes redicularizava-se, em Milão, comparando-se a um animal cuja cabeça figurava num trophéo de caça que avistara.

Teria sido victima da sorte que receava? Recentemente, um antigo companheiro de Carlos Gomes, na Italia, conhecedor de sua vida domestica, a Alberto Faria affirmou que sim. Faltanos, porém, documento para decidir. Nem nos importa ao caso a averiguação de mais uma infelicidade a pesar no destino deste homem extraordinario.

E' comprovado que houve separação do casal, cabendo a Gomes a guarda dos filhos, e outrosim que Adelina Peri Gomes falleceu logo depois, ou de tuberculose, ou de angustia, senão de ambas.

Entretanto, o *maestro* era um affectivo. Não teria tambem nascido para chefe de familia, como não havia nascido para homem pratico.

E' que sua alma deu sempre guarida a dous amores unicos, á arte e á Patria, sentimentos que nunca lhe faltaram, e sempre se revelaram, nas paginas magistraes da musica que compoz, nas cartas que escreveu, nos feitos que praticou, finalizando tudo nesse testamento assignado por «Antonio Carlos Gomes, *brasileiro* e *patriota*».

Seu desastre domestico justifica o lapso de cerca de dez annos de sua vida de compositor de obras de folego (Maria Tudor, 1878 — Schiavo, 1888) e tambem grande parte dos soffrimentos que pungiram uma alma jovial e expansiva, que varias vezes se manifesta na correspondencia epistolar.

E esse desastre, e esses desfallecimentos, e essa confissão sua de não haver conseguido corresponder a uma prophecia de Verdi a seu respeito, tudo encontra razão de ser no facto de ter elle julgado ver, na infancia, a figura de um ente querido que em certa manhã de Julho apparecera ferido a tiros e cosido a facadas, no trilho de um brejal, entre festões de rosas brancas, de rosas silvestres...

VIII

Tal o homem que foi Antonio Carlos Gomes, desapparecido na noite de 16 de Setembro de 1896, em Belem do Pará, e apotheozado nesta cidade, para onde o trouxeram a 24 de Outubro do mesmo anno.

Teve uma vida de doze lustros, repartida entre alegrias e dores, ovações e affrontas, só encontrando no culto da Arte abrigo contra as injustiças dos homens.

Mestiço, reconhecido pelo physico, pelo intellectual e pelo moral, caracterizavam-no muitas das qualidades e alguns dos defeitos da sub-raça.

Não tendo cumprido inteiramente, por motivos superiores a suas forças, a grande missão que delle se esperava, deixou, comtudo, uma obra difficilmente egualavel, nunca excedida, uma obra immortal,

Artista de genio, compositor inspirado, escreveu paginas que se tornaram assombro até dos mestres da arte da musica.

Espirito fraco para as especulações da vida, possuira fortaleza para aperfeiçoar-se na carreira que escolheu, seguiu e nobilitou.

Teve na alma, incontestavelmente, essa divina scentelha que faz alguns homens predestinados superiores a outros, no tempo e no espaço.

Até seus defeitos são qualidades: prodigo de ouro, como era prodigo de talento, seu dinheiro foi malbaratado quasi sempre com louvavel intenção.

Injusto ás vezes, com os dirigentes, não fala contra elles se não pelo facto de não poder trabalhar, á mingua de recursos, pela gloria da *cara cittá natia*.

Si lhe faltam as qualidades proprias do chefe de familia (e já dissemos por que) sobram-lhe os affectos ardentes que citamos: a sua terra e a sua arte.

Em Carlos Gomes, pois, o genio é glorioso e o homem é desventurado.

Após citar as molestias agudas e pouco sabidas, que torturavam o grande monarcha de França, Luiz XIV, o *Rei Sol*, que deu nome a um cyclo aureo da literatura de sua patria, dizia certo eminente medico francês e espirituoso chronista, com ironica piedade:

— Pobre rei! Eu o lamento!

A nós outros, que admiramos, veneramos e temos orgulho deste conterraneo, que se chamou Antonio Carlos Gomes, compete o dever de, sem ironia, mas com piedade, nelle glorificar o genio e lamentar o homem.

B. OCTAVIO.

Out.—Nov. 1916.

---

(1) *Biogzaphia de Manuel J. Gomeś, Diazio de Campinaś*, n. 6872, de 11 de Fevereiro de 1899.

(2—16) *Rev. "Instituto Hist."* S. Paulo, vol. V. pg. 16; vol. VII, pg. 2 — S. Paulo antigo, por Antonio E. Martins, vol. I, pgs. 101, 137; vol. II, pgs. 31, 165.

(3—10—18) Antonio Carlos Gomes (biographia), 1970, 1 folheto.

(4—5—6) Archivos do curato da cathedral de Campinas, livros do tempo.

(7) *O Goveznista*, n. 232 de 13 de Agosto de 1844, partes policiaes.

(8) Severiano Borges Martins da Cunha, amigo e parente da familia Gomes, hoje fallecido.

(9) Almanach Lit. de S. Paulo *pazа 1881*, por J. M. Lisboa.

(12—13) Numeros da *Auzoza*, que nos foram mostrados pelo illustre amigo e confrade Alberto Faria.

(13) A Academia de S. Paulo, (Tradições e reminiscencias) 5.ª serie, pgs. 139 e segs; 6.ª serie, pgs. 177—178.

(14) O caso curioso deste casamento *yankee* é pouco sabido. O dr. Antonio Dias Novaes mais tarde residiu em Campinas.

(16—24—25) *Rev. do "Centzo de Sciencias Letzaś e Aztes"*— Memorias do dr. André Rebouças, transcripção de Leopoldo Amaral, pag. 99 e segs.

(19—21) A Bahia a Carlos Gomes (biographia, glorificações, apotheoses), 1 vol. Bahia, 1904.

(20) Feituras e feições, 1 vol. pgs. 167 e segs. — Campinas 1905.

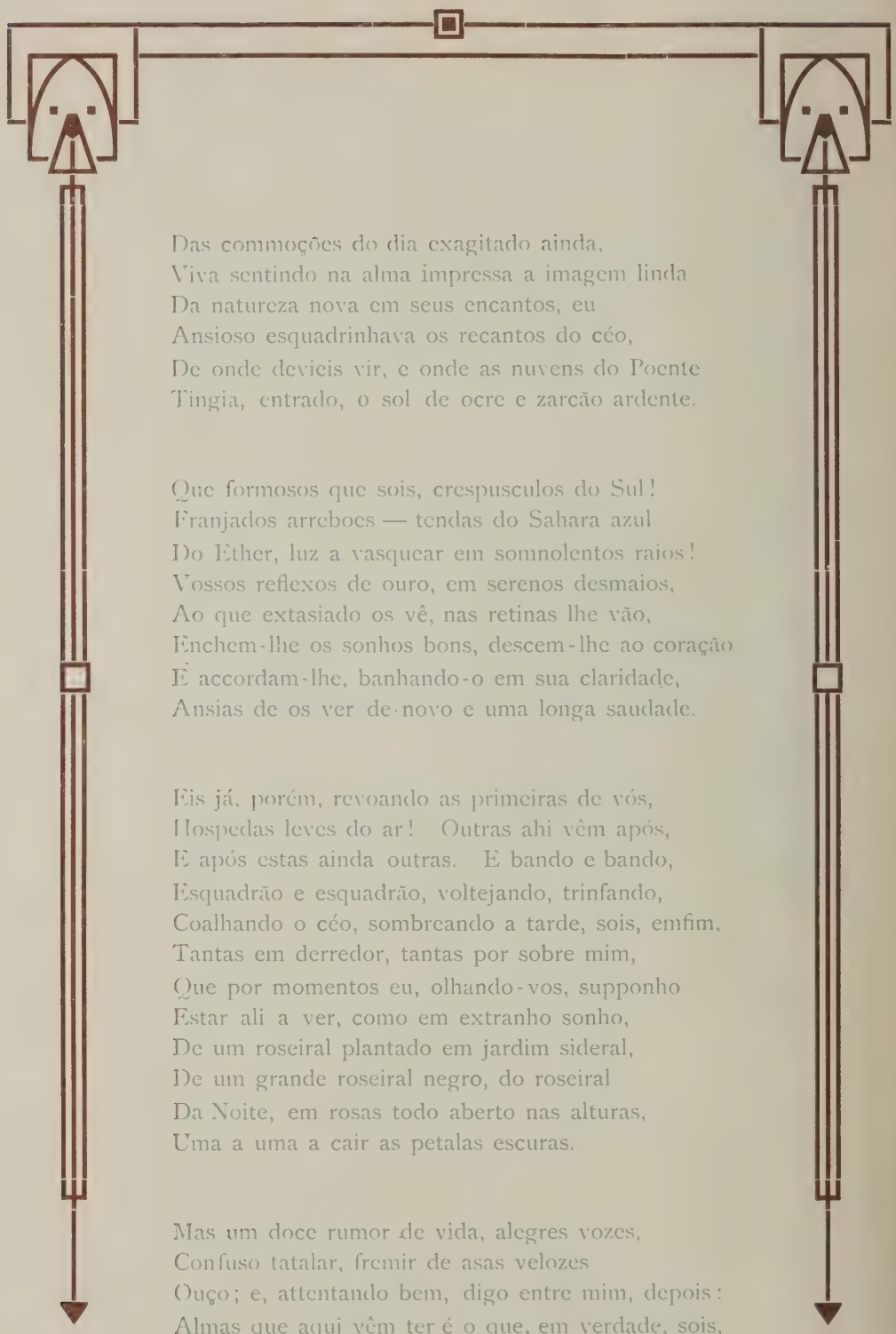
(11, 17, 21—22,) *Biogzaphia de Cazlos Gomeś, Diazio de Campinaś*, n. 6847, de 1 de Janeiro de 1899 — *Rev. do "Centzo"*, n. 8 pgs. 31 e segs.

(23) Victor Hugo raconté, vol. II, pg. 125.

(24) Dict. univer. des litteratures, *Vazpezeau, pg. 637*.

Ás andorinhas de Campinas

Andorinhas do céo de Campinas, viageiras
Dos descampados do ar, na terra em que as palmeiras
São mais verdes e o azul mais diaphano, jamais
A tarde esquecerei, em que, a vôar festivaes
Sobre a vossa cidade e as arvores vizinhas,
Vi buscardes o pouso, ó leves andorinhas!



Das commoções do dia exagitado ainda,
Viva sentindo na alma impressa a imagem linda
Da natureza nova em seus encantos, eu
Ansioso esquadrinhava os recantos do céo,
De onde devieis vir, e onde as nuvens do Poente
Tingia, entrado, o sol de ocre e zarcão ardente.

Que formosos que sois, crespusculos do Sul!
Franjados arreboes — tendas do Sahara azul
Do Ether, luz a vasquear em somnolentos raios!
Vossos reflexos de ouro, em serenos desmaios,
Ao que extasiado os vê, nas retinas lhe vão,
Enchem-lhe os sonhos bons, descem-lhe ao coração
E accordam-lhe, banhando-o em sua claridade,
Ansias de os ver de-novo e uma longa saudade.

Eis já, porém, revoando as primeiras de vós,
Hospedas leves do ar! Outras ahi vêm após,
E após estas ainda outras. E bando e bando,
Esquadrão e esquadrão, voltejando, trinfando,
Coalhando o céo, sombreando a tarde, sois, emfim,
Tantas em derredor, tantas por sobre mim,
Que por momentos eu, olhando-vos, supponho
Estar ali a ver, como em extranho sonho,
De um roseiral plantado em jardim sideral,
De um grande roseiral negro, do roseiral
Da Noite, em rosas todo aberto nas alturas,
Uma a uma a cair as petalas escuras.

Mas um doce rumor de vida, alegres vozes,
Confuso tatalar, fremir de asas velozes
Ouço; e, attentando bem, digo entre mim, depois:
Almas que aqui vêm ter é o que, em verdade, sois,

Andorinhas do céo! almas dos que nasceram
Na cidade querida e exulados morreram
Longe della. Quem póde, olhos abrindo á luz,
Na terra onde, do sol á flôr, tudo seduz,
Vendo-te e aos teus jardins, arrelvadas collinas
E valles, esquecer-te, ó formosa Campinas?!

Tambem de alguns, a quem, hospedes, receber
Em teu seio quizeste, e afflicção em prazer
Lhes trocaste e em sorriso a lagrima, ou gemido,
Nestas aves talvez torna reconhecido
O espirito, a lembrar a ventura fugaz
De horas, que todas viu se lhe escoarem em paz,
Repouso, lhano achego e serena alegria.
Possa eu como estes ser! possa minh'alma, em dia
Que o coração me diz não vir longe talvez,
Tambem aqui tornar e ver-vos outra vez,
Andorinhas do céo de Campinas! Vestida
De pennas, como vós, os momentos de vida
Aqui vividos, possa acaso recordar;
Doudeje, como vós, na pureza deste ar,
Sobre a cidade e sobre as arvores vizinhas
Comvosco paire, á tarde, ó leves andorinhas!
E no pouso comvosco, á hora em que a noite vem,
Durma e sonhe feliz, — andorinha tambem.

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 058868057